



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – *CAMPUS DE*
UNIÃO DA VITÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO



VANESSA GOMES DA SILVA

**O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO
FILOSÓFICA**

UNIÃO DA VITÓRIA – PR
2020

VANESSA GOMES DA SILVA

**O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO
FILOSÓFICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Filosofia na Universidade Estadual do Paraná – *Campus* de União da Vitória, no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO.

Professor orientador: Dr. Antônio Charles Santiago Almeida

UNIÃO DA VITÓRIA – PR

2020

Catlogação na publicação elaborada por Mauro Cândia dos Santos – CRB 9ª/1416.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586c Silva, Vanessa Gomes da.

O conceito de suicídio para além do estigma: uma reflexão sócio filosófica /
Vanessa Gomes da Silva - União da Vitória, 2020.

164 f. : il. : color.

Orientador: Prof.^o Dr.^a Antônio Charles Santiago Almeida.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Estadual do
Paraná – Campus União da Vitória, Programa de Pós-Graduação – Mestrado
Profissional em Filosofia – PROF – FILO. União da Vitória, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Filosofia - ensino. 2. Suicídio. 3. Durkheim. I. Universidade Estadual do Paraná.
Programa de Pós - Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia – PROF – FILO. II.
Almeida, Antônio Charles Santiago. III. Título

CDD: 107
CDU: 1:37.02

Ata da defesa de dissertação de mestrado

Aos 15 dias do mês de dezembro do ano de 2020, às 14h:00min, via Plataforma online Google Meet, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos professores: Dr. Antonio Charles Santiago Almeida (Orientador), Dr Thiago David Stadler (Membro do Programa), Dr. Fabio Mansano de Mello (Membro Externo), a fim de arguirm a mestrand **VANESSA GOMES DA SILVA** sobre a apresentação da dissertação intitulada: **“O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA”**. A sessão foi aberta pelo presidente e orientador, sendo que coube a candidata expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Ao final da apresentação, a candidata foi arguida pelos examinadores que, em seguida, consideraram o trabalho de pesquisa: (A) Aprovado. () Reprovado.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às __h__, dela sendo lavrado a presente ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. A candidata está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do programa.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Antonio Charles Santiago Almeida (Orientador)



Prof. Dr Thiago David Stadler - Membro do Programa (UNESPAR)



Prof. Dr. Fabio Mansano de Mello - Membro Externo (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)



Candidata: _____

União da Vitória, 15 de dezembro de 2020.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



Recomendações/observações da Banca:

A banca aprovou o trabalho dissertativo e recomendou que fizesse ajustes no interior da pesquisa, considerando, sobretudo, aspectos linguísticos e gramaticais.

Dedico aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço imensamente ao meu orientador e amigo, professor Charles, um homem muito paciente (hehe). Foram muitas as contribuições!

A Hélio Tomal, pela parceria, paciência, incentivo e constantes revisões do texto.

Aos meus pais Velocindo e Maria Madalena e meu irmão Tiago, pelo devotado apoio e ombro amigo nos momentos de desespero.

Aos professores Thiago David Stadler e Fábio Mansano pela disponibilidade e contribuições prestadas na avaliação deste trabalho. Professor Thiago nos dois momentos, qualificação e defesa.

Aos professores do Prof-Filo.

Ao professor Daniel Santos pelas contribuições durante o processo de qualificação.

Ao professor Emerson Iskierski pela revisão ortográfica.

Aos voluntários do projeto União Pró-Vida, pela disponibilidade e palestras aos alunos.

Aos alunos e alunas participantes do desenvolvimento desta atividade.

A Capes.

*O homem se mata depois de matar
aquele a quem acusa de ter
envenenado sua vida.*

Émile Durkheim

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo propor um debate sócio-filosófico acerca do suicídio dentro do espaço escolar a partir de uma experiência didática de ensino de filosofia. Deste modo, ao me reportar aos alunos do ensino médio na região sul do Estado do Paraná, procurei entender em que medida o suicídio é pensado pelos estudantes dentro do espaço escolar, e, através de uma análise teórica, filosófica, sociológica, interpretativa e dialógica, apresentar caminhos de análise e de práticas menos instrumentalizadas e mais humanizadas no tocante a este problema. Como fundamento teórico e metodológico nesta pesquisa, utilizei dos escritos do sociólogo francês Émile Durkheim. Para esse autor, o suicídio é um fato social passível de análise objetiva e científica. Nestes termos, a sua audaciosa obra buscou retirar deste fenômeno as interpretações que advinham de pressupostos subjetivos. Esta premissa implicou redimensionar o suicídio para além de explicações apuradas e individualizadas, e isto só se tornou possível mediante a uma análise metodológica rigorosa que dispndia sobre o suicídio as características imanentes a todos os demais fatos sociais, a saber, fenômenos exteriores as vontades dos indivíduos, ligados a manifestações de ordem social, e, que exercem coerção sobre os indivíduos. Deste modo, estas precondições levaram esta pesquisa de cunho profissional, a debater através de uma atividade de prática de ensino em filosofia, como a escola se relaciona com tais premissas. Neste sentido, nos espaços escolares reportados, utilizei da metodologia da pesquisa-ação como fundamento de aplicação e análise dos resultados coletados. Pode-se perceber com esta atividade, e à luz dos conceitos durkheiminianos, que o suicídio é um fenômeno intrinsecamente ligado a estrutura social, e que, portanto, se materializa em termos sociais e na escola com diferentes interpretações. Na medida em que a escola não está separada das relações sociais a sua volta, ela permeia o debate e os preconceitos diante deste tema de maneira explícita. Pode-se compreender que, se por um lado, o tema suicídio se mostrou extremamente atraente aos estudantes, por outro, aumentou ainda mais a complexidade de discuti-lo dentro das aulas de filosofia, visto o sem número de possibilidades interpretativas que este contexto gerou. Durkheim aferiu que o suicídio não é um fenômeno isolado desta ou daquela organização social, mas, que se manifesta em todas as estruturas sociais. Esta perspectiva pode ser constatada através da atividade desenvolvida, e com ela, também a constatação de que para algumas lacunas filosóficas esta perspectiva científica não pareceu suficiente. Dentre as mais importantes destaca-se a distância entre o discurso científico explicativo do suicídio, e as marcas reais deixadas nos sujeitos próximos aos suicidas e ou, nas tentativas frustradas de suicídio. Deste modo, esta pesquisa, antes de aferir conclusões apressadas acerca deste complexo tema de ordem humana, manifesta a urgência da escola, e da filosofia, em debater de maneira mais próxima aos estudantes este tema que corriqueiramente é parte da vida deles, e da nossa.

Palavras-chave: Suicídio; Durkheim; Ensino de filosofia.

ABSTRACT

This work aims to propose a socio-philosophical debate about suicide within the school space from a didactic experience of teaching philosophy. Thus, when referring to high school students in the União da Vitória-PR region, I tried to understand to what extent suicide is thought by students within the school space, and, through a theoretical, philosophical, sociological, interpretative and dialogical, present paths of analysis and practices that are less instrumentalized and more humanized in relation to this problem. As a theoretical and methodological foundation in this research, I used the writings of the French sociologist Émile Durkheim. For this author, suicide is a social fact subject to objective and scientific analysis. In these terms, his audacious work sought to remove from this phenomenon the interpretations that came from subjective assumptions. This premise implied resizing suicide in addition to accurate and individualized explanations, and this was only made possible by means of a rigorous methodological analysis that expended on the suicide the characteristics inherent to all other social facts, namely, phenomena outside the will of others. individuals, linked to social manifestations, and who exercise coercion over individuals. Thus, these preconditions led this research of a professional nature, to debate through an activity of teaching practice in philosophy, how the school relates to such premises. In this sense, in the reported school spaces, I used the action research methodology as a basis for application and analysis of the collected results. It can be seen, with this activity and in the light of Durkheimian concepts, that suicide is a phenomenon intrinsically linked to social structure, and that, therefore, materializes in social terms and in school with different interpretations. As the school is not separated from the social relations around it, it permeates the debate and prejudices regarding this theme in an explicit way. It can be understood that, if, on the one hand, the topic of suicide proved to be extremely attractive to students, on the other, it increased the complexity of discussing it even more in philosophy classes, given the innumerable interpretive possibilities that this context generated. Durkheim stated that suicide is not an isolated phenomenon of this or that social organization, but that it manifests itself in all social structures. This perspective can be seen through the activity developed, and with it, also the observation that for some philosophical gaps this scientific perspective did not seem sufficient. Among the most important, the distance between the explanatory scientific discourse of suicide and the real marks left on the subjects close to the suicides and or, in the unsuccessful attempts of suicide, stands out. Thus, this research, before assessing hasty conclusions about this complex human issue, shows the urgency of the school, and of philosophy, to debate in a closer way to students this theme that is currently part of their lives, and ours.

Keywords: Suicide; Durkheim; Philosophy teaching.

LISTA DE SIGLAS

BR – Brasil

IML – Instituto Médico Legal

OMS - Organização Mundial de Saúde

PR – Paraná

PROF-FILO – Profissional em Filosofia

VVale – Verde Vale

WHO - World Health Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	21
2.1	O suicídio e as estatísticas contemporâneas.....	21
2.1.1	A magnitude dos números e as estratégias de enfrentamento	25
2.2	Uma breve passagem histórica sobre o suicídio	31
2.3	Sobre o conceito de suicídio.....	33
2.4	O suicida e a norma: notas sobre o estigma social acerca do suicídio	36
2.5	Entre o conceito de sociedade e de sociologia	40
2.6	Da filosofia a sociologia: Émile Durkheim.....	45
2.6.1	O fato social: objeto de estudo da sociologia.....	52
2.6.2	Sobre a constituição do ser social e sua implicação na sociedade	54
2.6.2.1	Dos processos de coalizão social.....	59
2.6.2.1.1	Solidariedade orgânica e o fundamento social da norma	68
2.6.3	O suicídio como um problema social de ordem metodológica	74
2.6.3.1	O suicídio em Durkheim: um fato social em evidência.....	84
2.6.3.2	Das categorias do suicídio: um estudo sobre o suicídio egoísta.....	87
2.6.3.3	Das categorias do suicídio: um estudo sobre o suicídio altruísta	92
2.6.3.4	Das categorias do suicídio: um estudo sobre o suicídio anômico	94
2.6.3.5	Um olhar sobre as formas individuais dos diferentes tipos de suicídios... ..	98
3	METODOLOGIA	103
3.1	Lócus e população da pesquisa.....	105
3.2	Intervenção pedagógica	106
3.2.1	<i>Aula inaugural</i> com os participantes da pesquisa	106
3.2.2	Aplicação de questionário	107
3.2.3	Roteiro para aplicação das atividades	107
3.2.3.1	Etapa 1.....	107

3.2.3.2	Etapa 2.....	108
3.2.3.3	Etapa 3.....	109
3.2.3.4	Etapa 4.....	110
4	RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	112
4.1	Debatendo o suicídio com estudantes do ensino médio em aulas de filosofia	112
4.1.1	Das percepções dos estudantes acerca do suicídio	116
4.1.2	Quanto ao posicionamento dos alunos frente ao suicídio	118
4.2	Direcionando o debate: construção e análise do questionário sobre o suicídio.....	123
4.3	Das percepções dos estudantes sobre a análise técnica e científica sobre o suicídio.....	132
4.4	O contato com o <i>projeto União Pró-vida</i>	137
4.5	Análise conceitual – um debate com Durkheim.....	137
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
	REFERÊNCIAS.....	150
	ANEXO 1 – REGISTRO GERAL DE OCORRÊNCIAS. PMPR/CCB/2ºGB/3ºSGB/3ªSB	154
	ANEXO 2 – RELAÇÃO DE ÓBITOS DA DATA DE 01/06/2013 A 01/06/2018 – IML.....	155
	ANEXO 3 – LAUDO DO EXAME DE NECROPSIA	156
	APÊNDICE A – Questionário com o radialista.....	157

APÊNDICE B – Produções dissertativas dos alunos.....	158
APÊNDICE C – Questionário com o bombeiro	159
APÊNDICE D – Questionário	160
APÊNDICE E – Questionários dos alunos	161
APÊNDICE F – Análise do laudo de necropsia.....	162
APÊNDICE G – Debate sobre as entrevistas	163
APÊNDICE H – Questionário de aluna que tentou suicídio.....	164

1 INTRODUÇÃO

O mestrado profissional em filosofia prevê a realização de uma atividade que conecte teoria e prática docente. Diante disso, o desafio de pensar uma pesquisa dentro destes pressupostos está inscrito na necessidade de ponderar sobre um tema e um problema com real emergência na realidade escolar. Neste horizonte é que me proponho a pesquisar o suicídio como uma questão sócio filosófica. Questões relativas às razões de se discutir o suicídio e, principalmente, por que debater essa temática em sala de aula são partes inexoráveis deste trabalho de pesquisa. Tendo em vista estas questões, seu problema central é compreender como os estudantes do ensino médio percebem o suicídio. Conseqüentemente, o seu objetivo foi propiciar um debate sócio filosófico com os alunos do ensino médio acerca do suicídio a partir dos pressupostos de Émile Durkheim.

Nesse sentido, a partir deste objetivo geral, desdobraram-se outros específicos: 1) Compreender como o suicídio foi aprendido pelos estudantes (se estigmatizado ou não). 2) Elaborar uma leitura sistematizada acerca de casos suicidas ocorridos na região afim de elucidar os processos de estigmatização social. 3) Realizar uma atividade didático-pedagógica em que o suicídio pudesse ser tratado de maneira científica (a partir dos pressupostos sociológicos de Émile Durkheim).

Em minha trajetória como professora de filosofia e sociologia, com contato diário com adolescentes de várias faixas etárias e com diversas especificidades, percebi que seus posicionamentos frente ao suicídio são proferidos constantemente, seja pessoalmente, em grupos de alunos ou pelas redes sociais. Destes relatos, muitos expressam certa dose de preconceito, receio, e também de negação. Deste modo, inaugurei minha hipótese inicial que se fundamentou no fato de que, devido a concepção de suicídio ter sido construída histórica e socialmente de maneira estigmatizada e atrelada a presunção de determinadas verdades sobre os sujeitos que se suicidam, ele se reproduz no discurso dos estudantes de modo paradigmático, ou seja, se materializa enquanto estigma social, o que gerou a necessidade de desenvolver um debate filosófico e sociológico mais amplo, inclusive quando se pensa e se efetiva atividades preventivas em relação ao suicídio dentro da escola.

Se Albert Camus (2018, p.17) estava certo quando disse que: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”, me pareceu plausível desenvolver nas aulas de filosofia e sociologia um processo de diálogo e de escuta condizentes a realidade em que atuo, no intuito de fazer da atividade docente um exercício de investigação e de reflexão filosófica.

Nesse sentido, a atividade didática proposta por mim, foi executada em duas turmas, uma com 18 e outra com 16 alunos, ambas escolas do campo. A primeira aplicação aconteceu no 2º semestre do ano de 2018 com alunos o 3º ano A do ensino médio de um colégio estadual localizado em um município no interior do estado do Paraná – Brasil. Já a segunda aplicação, se desenvolveu no 2º semestre do ano de 2019, com alunos do 3º ano A de outro colégio estadual, também localizado em um município no interior do Estado do Paraná – Brasil.

Dentre as questões que se desdobraram neste processo, a importância de se discutir o suicídio nas aulas de filosofia e sociologia ganhou folego ao longo da pesquisa. De pressuposto epistemológico positivista, a abordagem inicial nas turmas em que este projeto foi desenvolvido se deu pela produção de textos dissertativos não direcionados e aplicação de um questionário com questões específicas, trabalhados com alunos e alunas entre 14 e 24 anos, de instituições públicas e privadas em três cidades do interior do Paraná¹, cujo resultado foi no mínimo atemorizante. Foram aplicados 105 questionários, onde pude constatar que 63% dos participantes já pensaram em tirar a própria vida. Do percentual total, 43% dos partícipes alegaram ter pensado em cometer o suicídio duas ou mais vezes e, 20% uma única vez.

Nesse ponto de vista, esta pesquisa confirmou que, embora seja recorrente se ouvir e falar em suicídio na escola e haja a constatação de que ele faz parte do universo escolar, existe um lapso no debate sobre ele dentro deste espaço institucional, pois a maioria dos alunos apontou a necessidade de se trabalhar o assunto com os jovens, principalmente no espaço escolar. Poder-se-ia dizer que lapso é decorrente de um longo processo de estigmatização que, entre o silêncio e a aversão se choca corriqueiramente com o alto número de notícias que adentram a

¹ Sendo 5 instituições públicas e uma privada na modalidade de ensino superior, especificamente do primeiro semestre de um de seus cursos.

escola invariavelmente. Devido ao número considerável de casos suicidas² e também do indicativo percebido no questionário, quando 67,3% dos participantes afirmaram

² ***A cada 40 segundos, há um suicídio no mundo** (10 de setembro de 2018 – Agência Brasil – Postado por: Ricardo Silveira). Obtido em: <http://www.vvale.com.br/geral/cada-40-segundos-ha-um-suicidio-no-mundo/> - Acesso em 12/09/2018.

***PAULA FONTENELLE | ESCRITORA, JORNALISTA E PSICANALISTA – “Quem quer se matar não quer terminar com a vida; quer acabar com a dor” – Autora de um livro sobre o suicídio sob o ponto de vista de quem fica, a jornalista explica que a pessoa apresenta uma série de sinais antes de se matar** [Por:] Marina Rossi, 1 maio 2017. Obtido em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/24/politica/1493060585_262958.html - Acesso em 12/09/2018.

***Tentei me matar porque não via saída, mas hoje percebo que ela sempre existiu” – Uma adolescente de 16 anos fala sobre os motivos que a levaram a tentar tirar a própria vida aos 14 anos e conta como conseguiu superar a angústia que vivia – São Paulo, 30 de abril de 2017.** Obtido em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/politica/1493331782_812680.html - Acesso em 12/09/2018.

***Robin Williams deixou bilhetes que anunciavam sua morte – “É hora de ir embora” e “acabei com tudo” são algumas das mensagens – Rocío Ayuso – Los Angeles 27 MAI 2015.** Obtido em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/27/cultura/1432737665_875595.html - Acesso em 12/09/2018.

***Setembro amarelo – Refletir sobre o suicídio é refletir sobre a vida.** Sáb, 08/09/2018 – Flávia Andrade. Obtido em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/04/sociedad/1409826684_450206.html?rel=mas - Acesso em 12/09/2018.

***Idoso comete suicídio em Paulo Frontin – Sexta-feira, 30 de agosto de 2013.** Por INTERVALO DE NOTÍCIAS, Texto Rádio Najuá. Obtido em: <http://intervalodanoticias.blogspot.com/2013/08/idoso-comete-suicidio-em-paulo-frontin.html> - Acesso em 12/09/2018.

***Homem comete suicídio em Paula Freitas – 15 de março de 2013.** Por Ricardo Silveira. Obtido em: <http://www.vvale.com.br/seguranca/homem-comete-suicidio-em-paula-freitas/> - Acesso em 12/09/2018

***Jovem comete suicídio em Paula Freitas – Corpo foi encontrado em uma mata nas proximidades da residência da mãe do rapaz. Da redação, com informações do Portal VVale - 26/12/16.** Obtido em: <http://radionajua.com.br/noticia/noticias/policial/jovem-comete-suicidio-em-paula-freitas/36309/> - Acesso em 12/09/2018.

***Italiana se mata após assédio nas redes por causa de vídeo sexual espalhado por ex-namorado – Jovem havia conseguido que os vídeos fossem retirados, mas a sentença a obrigava a pagar 20.000 euros. Por Jaime Rubio Hancock, 6 de setembro de 2016.** Obtido em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/15/internacional/1473924999_823409.html - Acesso em 12/09/2018.

***Suicídio, o grande tabu – Não provoca discussões na televisão, mas o suicídio tira a vida de uma pessoa a cada 40 segundos, Suas famílias carregaram por séculos um estigma que as obrigava a se esconderem. Xosé Hermida, Madri, 16 de julho de 2016.** Obtido em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/12/eps/1468357386_190283.html - Acesso em 12/09/2018

***Baleia Azul: o misterioso jogo que escancarou o tabu do suicídio juvenil. A morte autoprovocada de jovens tem crescido em todo mundo, mas ainda é pouco discutida. No Brasil, onde o desafio irrompeu neste mês, a taxa de jovens que se matam aumentou 26% desde 1980.** Talita Bedinelli / María Martín. São Paulo/Rio de Janeiro – 2 de maio de 2017. Obtido em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/politica/1493305523_711865.html - Acesso em 12/09/2018

***Um suicida está condenado?** Prof. Felipe Aquino. Obtido em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/um-suicida-esta-condenado/> - Acesso em 12/09/2018

***O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído. Por que, neste século, mais adolescentes têm respondido ao desespero deletando a própria vida?** Eliane Brum – 19 de junho de 2018. Obtido em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/opinion/1529328111_109277.html?id_externo_rsoc=FB_CC - Acesso em 12/09/2018

***O que acontece com o espírito do suicida.** Por Gerson Monteiro em 29/04/2016. Obtido em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/gerson-monteiro/o-que-acontece-com-espírito-do-suicida-19194081.html> - Acesso em 12/09/2018

que a opção de pôr fim a vida, justificou em grande medida a necessidade e a urgência de um debate sistematizado sobre o suicídio dentro da sala de aula.

Para fundamentar esta discussão, fui buscar em Émile Durkheim, sociólogo francês, elementos que subsidiassem este debate. Para este autor, ainda no século XIX, o suicídio precisava ser analisado para além das opiniões apressadas difundidas socialmente. Ele foi um pensador que migrou da filosofia para as ciências sociais. Se tornou uma referência importante nesse debate, uma vez que, em sua pesquisa buscou sistematizar cientificamente o suicídio, enquadrando-o como *fato social* e, ao *cientificizá-lo*, destoa-o de seu caráter individual e impeliu-lhe a questões sociais, ou seja, segundo sua teoria, o ato em si é individual, mas suas causas são sociais.

Durkheim ensinou que para melhor compreender as dimensões reais do suicídio não se deve olhar para ele como um fenômeno isolado. É preciso pensar os índices, mas isso exige correlacioná-los ao contexto histórico e social que os produziu. Por outro lado, este processo se torna ainda mais complexo devido ao fato de que o suicídio representou e, ainda representa um *tabu* social relevante. A existência de diversas discussões em torno do assunto exacerba certo aspecto ou estigma de “problema já resolvido” no que se refere a refletir o *suicídio* (ou *morte voluntária*), presentes nos discursos de várias áreas do conhecimento.

***Jovem coloca frases positivas em ponte para combater suicídios.** *Redação – O Estado de São Paulo.* 26/07/2018 – Obtido em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,jovem-coloca-frases-positivas-em-ponte-para-combater-suicidios,70002416983> - Acesso em 12/09/2018

***Suicídio é frequentemente tratado como piada nas redes sociais, aponta estudo.** *Levantamento mostra que 34,2% das publicações analisadas não levaram o tema a sério.* Luiza Pollo – *O Estado de S.Paulo* – 24/09/2017. Obtido em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,suicidio-e-frequentemente-tratado-como-piada-nas-redes-sociais-aponta-estudo,70002012264> - Acesso em 27/09/2018

***Empresário se suicida na frente do governador de Sergipe e do ministro de Minas e Energia.** *Sadi Gitz, dono de fábrica de cerâmica em recuperação judicial, se matou com tiro na cabeça depois de fala do governador em evento em Aracaju nesta quinta-feira.* Fernanda Nunes e Antônio Carlos Garcia, especial para o Estado, *O Estado de S.Paulo.* 04 de julho de 2019. Obtido em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,empresario-falido-se-suicida-na-frente-do-governador-de-sergipe-e-do-ministro-de-minas-e-energia,70002904526> – Acesso em: 04/07/2019.

***Índice de suicídio entre adolescentes cresce 24% em nove anos – Pesquisa indica que, entre 2006 e 2015, índice teve aumento de 24% entre jovens; OMS trabalha em escala global para redução das taxas.** Por Alex Bessas – 28/04/2019. Obtido em: <https://www.otempo.com.br/interessa/indice-de-suicidio-entre-adolescentes-cresce-24-em-nove-anos-1.2173731> - Acesso em: 06/07/2019.

***A cada 10 dias um PM comete suicídio em SP, aponta ouvidoria.** *Dados mostram que em 2018 houve 35 casos de suicídio entre policiais militares, número 84% maior do que em 2017. Ouvidor considera ‘alarmante’.* São Paulo, Kaique Dalapola, do R7 – 22/02/2019. Obtido em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/a-cada-10-dias-um-pm-comete-suicidio-em-sp-aponta-ouvidoria-22022019> - Acesso em: 06/07/2019.

Diante deste cenário, optei metodologicamente por um trabalho que pudesse problematizar estas questões da maneira mais coerente possível. Deste modo, ele está organizado da seguinte forma: em elementos pré-textuais; introdução; revisão de literatura (compreende uma apresentação de dados estatísticos concernentes ao suicídio e do conceito de estigmatização. Posteriormente, debruço-me sobre Émile Durkheim e sua teoria, enquanto uma discussão mais radicalizada e metodológica sobre o suicídio); metodologia (se trata de uma pesquisa bibliográfica com inserção no campo, no entanto, adota uma abordagem qualitativa; quanto aos seus objetivos, consiste em uma pesquisa exploratória); resultados: análise e discussão (efetivada com base nos materiais coletados); considerações finais e referências.

Como professora e pedagoga da Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná, atuante na equipe pedagógica, e na disciplina de Filosofia em instituições escolares de diferentes municípios anexos ao Núcleo Regional de Educação de União da Vitória, pude acompanhar vários casos de jovens com ideação suicida. Esses casos me causaram certo desconforto, pois ao tomar conhecimento deles percebia a iminência e desencontros de informações e das assertivas pedagógicas adotadas.

Das motivações pessoais³ que me despertaram o interesse de explorar mais sobre o suicídio, enquadram-se, desde minimizar minhas inquietações e angústias a preparar-me para melhor atuar com os alunos que, cotidianamente tomam contato com pensamentos suicidas, seus ou de colegas. Concordo com Pinheiro (2015) quando diz que, para o profissional da área de educação detectar o risco de

³ O despreparo do ser humano em pensar a morte é incalculável, me deparei de forma ainda mais certa disso quando, em agosto do ano de dois mil e dezesseis, meu avô, com 72 anos de idade comete suicídio. Muitos “mitos” acerca da temática foram destruídos nesse instante. Pois meu avô a muito já proferia que iria praticar o suicídio, principalmente após a morte da sua esposa ocorrida também no mês de agosto do ano anterior, mas o discurso de meus familiares sempre foi de que “quem muito diz não faz”, pois bem, ele fez. Muitas perguntas aborreceram meu consciente, ele queria mesmo morrer naquele momento? Tempos depois ouvi o relato de alguém que conversou com ele minutos antes do acontecido, próximo ao local onde ele cometera o suicídio, um terreno ao lado do cemitério da cidade de Paulo Frontin – PR. Segundo o relator, ele estava bastante nervoso, chorava muito e pedia desculpas a minha avó em frente ao seu túmulo. Essa pessoa tentou acalmá-lo e direcionou-se a sua residência que ficava nas proximidades deste cemitério. Meu avô retornou para o carro e ali disparou contra o seu coração. Foi encontrado pela minha mãe, minutos depois que ela recebeu uma ligação de sua cunhada, que morava com ele e relatou que ele saiu bastante nervoso de casa dizendo que iria para a casa do meu pai e, ao sair no portão da chácara, mostrou sua arma para a sua filha e disse “Aqui eu não volto mais, estou indo para o cemitério”. Ocorreu uma discussão familiar com o genro nesse dia. Meu avô era depressivo (após a morte da minha avó) e alcoólatra. São muitas insinuações acerca do acontecido e discursos infundados e hipócritas por parte dos meus familiares.

suicídio entre os seus discentes, se faz necessário buscar, fundamentalmente, conhecimento acerca do assunto em diferentes materiais disponíveis e que se encontram de fácil acesso, propendendo a não deixar passar despercebido nenhum caso. A autora esclarece ainda, que o papel do funcionário da escola não é o de fazer diagnósticos clínicos, mas ser capaz de reconhecer o risco, em um primeiro momento, tomar as medidas cabíveis sem aumentá-lo, mesmo que despercebidamente e, fornecer, a criança ou adolescente, canais de comunicação com ela, com a família e com outros profissionais que julgar preciso.

A adolescência é uma fase avaliada pelos jovens como *difícil*, devido às *cobranças* a que são expostos por consequência da passagem criança/adulto. Muitas mudanças de percepções são notadas, muitas verdades deixam de existir. Tomados por angústias ocasionadas por numerosos fatores, da dinâmica familiar a decepções amorosas, entre outras condições que lhe são impostas, os tornam mais vulneráveis a crises suicidas, quão mais se, no espaço escolar, lugar onde passam uma quantidade considerável de horas no seu dia a dia, não lhe for dada a devida atenção. Muitas vezes esse sujeito já é marginalizado pela sociedade e já apresenta um *sofrimento*, que segundo ele é inadmissível e insuperável. Por isso a importância de saber como atuar diante dessas situações e não se tornar divergente, intolerante e preconceituoso.

Diante do exposto, percebe-se que os alunos tanto demonstram atitudes de risco como podem praticar o suicídio na própria escola. Os comportamentos assumem características diferentes, que dependerão de diversos fatores. Por isso que se torna fundamental uma equipe preparada para identificar e intervir em tais casos. (PINHEIRO, 2015, p.54).

Considerando esse panorama e buscando melhorar a minha atuação enquanto profissional da educação, quis, de antemão, “ouvir” os alunos. Declarei a eles o interesse pela pesquisa sobre suicídio e, sob essa justificativa e sem ofertar-lhes subsídios sobre o tema, pedi que escrevessem textos anônimos se pronunciando acerca dessa temática. A carta apresentada a seguir me foi bastante eloquente:

Bom, pra começar tenho que confessar que faz semanas que estou me enrolando pra escrever isto. Primeiro que não é um assunto "fácil" particularmente falando. Segundo que o tema é SUICÍDIO, um tema que por

si só já é polêmico e extremamente delicado. Mas pq toda está problemática envolta do suicídio, sendo ele uma "prática "que sempre existiu?"

Creio que a principal resposta seria porque estamos falando de VIDA, ou no caso a perda dela, sendo ela sempre zelada e protegida. Afinal quem não é Deus, não é digno de "destruir " aquilo que ele criou, não é mesmo? (risos) Mas agora, acredito que posso ser um pouco mais íntima neste "relato". Até porquê falar sobre a decisão do outro, não me parece nem se quer ético. É horrível precisar escutar, "julgamentos" de terceiras pessoas, que direito eu tenho de fazer isto? É impossível sentir a dor do outro! Seja qual for o seu motivo, o motivo era DELE!

Não temos como generalizar também, suicidas não criam padrão (na sua grande maioria). Digo isto por experiência própria, já ouvi de meus mais próximos afetos "ah, suicídio é apenas pra chamar atenção, depressão é frescura!" Ah, quem me dera fosse mesmo... Essas pessoas ao dizer isto se quer imaginavam que EU, estaria passando por SÉRIOS problemas mentais.

Sim! Eu, aquela que sempre foi olhada como "exemplo", como perfeição, como "cabeça no lugar". Ao atingir este assunto, prefiro aqui me conter em alguns detalhes, pois ao contrário do que já ouvi, não eu não quero chamar atenção! E fiz isso de forma esplendida a vida toda, a minha depressão não começou na adolescência, ela me acompanha desde a minha péssima infância. Hoje, eu consigo falar sobre isto, alguns de meus amigos já sabem, porém minha família NUNCA acompanhou tal doença. Foi sempre o meu segredo, a minha dor, as minhas tentativas de tirar a vida. Quero afirmar aqui que Depressão não tem cura! Sinto muito em informar, mas é a mais pura verdade, muitos já disseram "agora me curei da depressão", mas não, você apenas superou uma mera fase do jogo. Fases estas que já passei por muitas, dentre elas: anorexia, bulimia, arrancar os cabelos, cortar o corpo, isolamento, negação, remédios ... a lista é enorme.

Hoje meus paradigmas mudaram e a morte não me parece mais uma opção, e tortura se limita ao psicológico. Mas posso me contar sem dúvidas muito melhor, aceitei quem sou, aceitei a depressão e aceitei viver! Sei que parece muito vago, falar que tenho depressão, sei pra quem estou escrevendo isto e a sua imagem sobre a minha pessoa kkk mas eu sempre fui doente. E não escolhi isto, infelizmente além de tudo, hoje tenho que aguentar dores físicas. Tenho fibromialgia decorrente da depressão. Oque sempre me faz lembrar de tudo que ocasionou esta maldita dor.

As experiências que tenho me fazem pensar de tal forma, com o paradigma que tenho hoje, a morte não se apresenta como uma solução ou alternativa. Isso acaba influenciando muito na decisão de qualquer pessoa, entre viver ou morrer, a questão é o que te motiva. Muitos se apegam na fé e isso lhes motiva a continuar tentando, para outros a vida é apenas o que podemos ver e quando morrer acaba tudo. Oque sem sombra de dúvidas é um "conforto" ao suicida, pois acabado tudo acaba-se ali também a dor.

Acabei de ler este último parágrafo e me parece palavras de alguém religioso... Mas olha que infelicidade, eu não fui agraciada com a fé, nunca tive tal privilégio. Sim! Ter fé é um privilégio, ela deixa tudo mais "simples", é uma alternativa mais fácil. Este é outro ponto que gostaria de comentar, desde criança eu já sabia que era ateia, as catequeses nunca me convenceram, e acabei sendo taxada como ovelha negra da família. Este foi mais um ponto de solidão, era muito mais fácil acreditar em Deus e em toda a sua bondade, porém isto nunca fez sentido pra mim. A sua bondade nunca me atingiu. Estou triste comigo mesma no momento por este texto estar sendo escrito já faz três dias e sem coerência alguma. Então me desculpe por isso ...

... a minha ideia é tentar apresentar-lhe talvez uma outra visão sobre o "porque" morrer. O mais irônico é que estou pela primeira vez escrevendo e relatando, para alguém que realmente existe. Digo isto porque durante Toda

a minha vida, escrevi desabafos ou simplesmente tentativas de me explicar. Pensei em enviar elas junto com este texto, porém só achei duas e não sei ainda se será necessário. Mas voltando ao suicídio em si, eu penso nas consequências que ele deixa, penso na família, nas pessoas próximas, é exatamente isto que muitas vezes nos segura vivos. Se formos de observar o suicídio está se tornando uma situação de doença pública, com números de mortes crescendo a um ritmo alarmante. Isso não pode ser tratado como normal, a sociedade está cada vez mais doente. Mas porque?

Bom, eu não sei responder e não aguento mais "tentar" escrever sobre. Só te peço desculpas pelos erros, e pelo "formato" de texto. Estou decepcionada comigo mesma. Mas foi tudo que consegui ... Boa sorte! Espero que consiga tirar coisas BOAS desse mestrado, e que todas essas experiências lhe ajudem de alguma forma... aliás pare de assistir a série lkkk isso não vai lhe ajudar.

Beijos se cuida. (CARMEM, APÊNDICE B)

Enfatizo a seguinte frase: “Sei pra quem estou escrevendo isto e a sua imagem sobre a minha pessoa, kkk”. Para um leitor desatento o real significado desta expressão pode passar despercebido. Portanto, é preciso deixar clara a consonância entre a frase e o objetivo do mestrado profissional em filosofia, de propiciar uma atividade prática no contexto escolar que favoreça uma discussão enraizada em algum propósito.

A filosofia na sala de aula abre espaço ao debate de assuntos emblemáticos, contudo, por vezes, no intuito de *cumprir* a matriz curricular, a opção por este ou aquele conteúdo os relativiza, o que se evidencia quando o assunto é o suicídio. Nesse sentido, o PROF-FILO coopera para uma acepção de assuntos que contribuíam de fato para a formação dos estudantes do ensino médio. E o pontapé inicial para discutir o suicídio na escola é saber se o educador é capaz de abordá-lo convenientemente. Entendo que, o modo como for realizada essa aproximação acarretará em pensar o problema, agravá-lo ou até mesmo desconsiderá-lo.

Na ânsia de pensar alternativas mais coerentes é que uso do meu exemplo em não perceber que a aluna citada acima estava buscando ajuda constantemente. Ainda referente ao já considerado, ela não apresentava isso de forma escancarada, e era vista, sob os olhos dos seus professores, inclusive por mim, como a menina dos “olhos de ouro,” dedicada, ótima aluna, etc., para pensar outras práticas docentes. Entendo que, ao ser-lhes atribuídos rótulos como esses no espaço escolar, descartam-se as possibilidades de que alunos assim caracterizados pudessem ter pensamento suicida, limitando os discentes de um espaço sadio de conversa e autodescoberta e, pensando o suicídio apenas dentro dos limites estigmatizados que

se proliferam socialmente. E é nesse sentido que enfatizo a importância do professor em aprimorar-se teoricamente a fim de conseguir fazer um estudo observacional e, por meio dele refletir o problema, não meramente descartá-lo ao atribuir significações ancoradas em hipóteses subjetivas.

É nítido que o olhar fixado sobre o assunto não é atual. Historicamente, pensadores de diversas áreas se dedicaram ao debate sobre a morte, alguns destes observando também a morte voluntária, outros meramente ignorando sua existência. Observada, ora como misteriosa, outrora, agourenta, mas sempre problemática, dentre todas as possibilidades sugeridas aos seres humanos a única que, definitivamente, não possível escapar é a morte, ou seja, é o *destino* do homem. Então, por que o ressaio com relação a ela? Se a morte em si é vista com desconfiança, ao suicídio impregna-se alguns agravantes como o fato de ser causado, ligado a um ato de *liberdade* e que, fere com a moral estabelecida, por exemplo com o princípio cristianizado de valorização a vida que, dentre outros reportam ao suicídio, o caráter de *tabu*.

De acordo com o *Boletim Informativo* divulgado em agosto de 2018 pela Organização Pan Americana de Suicídio, dentre os principais desafios e obstáculos enfrentados na prevenção do suicídio, encontram-se o *estigma* e o *tabu*.

O estigma, particularmente em torno de transtornos mentais e suicídio, faz com que muitas pessoas que estão pensando em tirar suas próprias vidas ou que já tentaram suicídio não procurem ajuda e, por isso, não recebam o auxílio que necessitam. A prevenção não tem sido tratada de forma adequada devido à falta de consciência do suicídio como um grave problema de saúde pública. Em diversas sociedades, o tema é um tabu e, por isso, não é discutido abertamente. Até o momento, apenas alguns países incluíram a prevenção ao suicídio entre suas prioridades de saúde e só 38 países relatam possuir uma estratégia nacional para isso.

Sensibilizar a comunidade e quebrar o tabu são ações importantes aos países para alcançar progressos na prevenção do suicídio⁴.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde ocorre um suicídio a cada 40 segundos no mundo, somando cerca de 800 mil vítimas todos os anos. No Brasil essa taxa não é tão expressa segundo a OMS, contudo, ela aumenta

⁴ Disponível em: OPAS, Folha informativa – Suicídio. Obtido em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839 Acesso em: 26 de julho de 2019.

consideravelmente todos os anos. A região de União da Vitória – PR, por sua vez, tem convivido com um número significativo de casos de suicidas nos últimos anos. Conforme dados repassados pelo IML (Instituto Médico Legal) situado no município de União da Vitória, foram atendidos por esse instituto⁵ nos cinco anos antecedentes ao início da pesquisa (de 01 de junho de 2013 a 01 de junho de 2018), 290 casos considerados suicídios. 197 casos no município de União da Vitória, 4 em Paula Freitas, 1 em Paulo Frontin, 7 em General Carneiro, 22 em Bituruna, 27 em São Mateus do Sul, 5 em Antônio Olinto, 18 em Cruz Machado, 9 em Mallet, todos no estado do Paraná. Além do mais, o Corpo de Bombeiros também situado no município de União da Vitória – PR⁶ nos informou que responderam a 47 chamamentos nos últimos três anos e meio (de janeiro de 2015 a junho de 2018), dos quais se depararam com 8 óbitos confirmados no local. Dos outros 39 casos, algumas vítimas foram encaminhadas para o hospital (com ferimento leves ou graves), outras foram encontradas ilesas e outras não foram localizadas. Vale acrescentar que, somam-se a isso os casos não identificados, ou seja, que dão entrada nos hospitais e não fazem parte da estatística, exceto quando vem a óbito (quando contabilizados).

Emoções. Sentimentalismo. Sensações. Essas são questões que por muito tempo foram negadas por profissionais da educação. Elas parecem repletas de senso comum para uma pesquisa científica, e neste caso foram relegadas ao longo do tempo a marginalidade acadêmica. Entretanto, neste estudo, pretendo destacá-las a fim de compreender o suicídio para além do estigma. A docência para além da racionalidade. E com isso, quiçá, o estudante para além do objeto. É preciso compreender o porquê de tantas estigmatizações em torno de um tema que é objeto de estudo de várias áreas e acirra discussões calorosas e, muitas vezes, sob a envergadura da exiguidade.

⁵ O Instituto Médico Legal de União da Vitória – PR é responsável por atender dez municípios da região, sendo: União da Vitória, Paula Freitas, Paulo Frontin, General Carneiro, Bituruna, São Mateus, Antônio Olinto, Cruz Machado e Mallet.

⁶ O Corpo de Bombeiros de União da Vitória – PR é responsável por atender cinco municípios da região, sendo: União da Vitória, Paula Freitas, General Carneiro, Bituruna e Cruz Machado.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O suicídio e as estatísticas contemporâneas

Parece-me que hoje o suicídio pode ser explanado de uma maneira menos preconceituosa que outrora, e podemos contribuir para que os adolescentes o compreendam de maneira mais coerente, evitando interpretações carregadas de preconceitos e estigmatizações. Embora ele ainda seja tratado com ressalvas, é nítido que os espaços de diálogo e as ferramentas disponíveis podem se tornar mais amplos quanto a sua conceituação.

Em 2014, em seu primeiro relatório elaborado sobre o suicídio, *Preventing Suicide: A Global Imperative*, a WHO (2014, p.11) declarou o suicídio como um problema de saúde pública e que deveria ser tratado com mais atenção em todos os países visando minimizar o número exorbitante de casos.

Cada suicídio é uma tragédia pessoal que tira prematuramente a vida de um indivíduo e tem um efeito cascata contínuo, afetando dramaticamente a vida de famílias, amigos e comunidades. Todos os anos, mais de 800 000 pessoas morrem por suicídio - uma pessoa a cada 40 segundos. É uma questão de saúde pública que afeta comunidades, províncias e países inteiros⁷.

O relatório chama a atenção para a magnitude do problema, descrevendo-o com base em dados disponíveis sobre tentativas e consumações. Apresenta também seções específicas com conselhos práticos sobre abordagens de saúde pública que os países podem adotar para prevenir o suicídio e que possam ser adaptadas a diferentes configurações. As estimativas da organização entendem que, se tomadas adequadamente essas abordagens, o número de casos reduza significativamente (WHO, 2014).

Contudo, os dados sobre o suicídio apresentaram tantas incongruências que, até a própria OMS trabalha atualmente com algumas variáveis que apontam para

⁷ *Each suicide is a personal tragedy that prematurely takes the life of an individual and has a continuing ripple effect, dramatically affecting the lives of families, friends and communities. Every year, more than 800 000 people die by suicide – one person every 40 seconds. It is a public health issue that affects communities, provinces and entire countries.*

avaliações mais pessimistas em relação ao número de casos computados. Indubitavelmente, os números são assustadores, e eles abrangem todas as classes sociais, não se limitando a idades ou sexo. A grande questão é: por que estas estimativas não se tornam estatísticas?

Com base na coleta de dados realizada para esta pesquisa, essa disparidade entre a estimativa e a estatística se evidencia constantemente, o que me permite arguir que a regra global se aplica no contexto regional. Há discrepâncias entre dados. A Organização Mundial de Saúde aponta para números já categorizados acrescentados de taxas probabilísticas sobre quantas tentativas mais advieram a cada suicídio consumado.

Para exemplificar o desencontro de informações, na região de União da Vitória - PR, constei, por meio do relatório⁸ fornecido pelo Corpo de Bombeiros deste município, que mais de 20% das vítimas de suicídio não foram localizadas quando do deslocamento para atendimento do chamado⁹. Além disso, de acordo com essa corporação, os dados por eles fornecidos,

[...] podem conter algumas divergências com a realidade, pois nem todas as tentativas de suicídio entram como tal, algumas podem ficar registradas como ferimentos por armas, quedas de altura e intoxicações por veneno e/ou medicamentos, não sendo computadas para esse levantamento". (CORPO DE BOMBEIROS, 2018).

Em conversa¹⁰ com os servidores públicos do IML de União da Vitória, e responsáveis pelo repasse dos dados obtidos junto a esse instituto, essas constatações são observadas também quando se tratam de óbito consumado. Segundo informações sumárias, muitas ocorrências são registradas no IML, como homicídios ou outros tipos de violência, mas não de suicídios ou vice-versa. Essa contradição pode ser exemplificada, quando, no ano de 2016, ocorreu, na região de

⁸ **ANEXO 1 – REGISTRO GERAL DE OCORRÊNCIAS. PMPR/CCB/2ºGB/3ºSGB/3ªSB**

⁹ Um exemplo: a cidade de União da Vitória – PR possui, no momento, três pontes, e muitos são os chamados para atender a possíveis vítimas que almejam, por vistas de quem está passando, jogar-se de uma delas, contudo nem sempre o ato se consuma e, muitas vezes, os sujeitos que estariam efetuando a tentativa evadem-se do local antes mesmo da chegada do Corpo de Bombeiros e, por isso são declaradas por eles como “não localizadas”.

¹⁰ Essa conversa não fora sistematizada em forma de entrevista, já que ela aconteceu, informalmente, quando solicitei materiais via essa instituição e fui questionada sobre os motivos pelos quais desejava obtê-los.

Paula Freitas – PR, o suicídio de um jovem de 16 anos ocorrido por enforcamento, conforme descrito na notícia a seguir:

Jovem comete suicídio em Paula Freitas¹¹

Corpo foi encontrado em uma mata nas proximidades da residência da mãe do rapaz

Da redação, com informações do Portal VVale - 26/12/16

Um jovem de 18 anos foi encontrado enforcado na madrugada de domingo, 25, na localidade de Colônia Santa Luzia, município de Paula Freitas.

De acordo com informações do portal Verde Vale, o rapaz já havia comentado com alguns familiares que tinha a intenção de se suicidar. O jovem desapareceu ainda na tarde de sábado.

Preocupados, familiares acionaram a Polícia Militar para auxiliar nas buscas. O

corpo do rapaz foi encontrado por volta das 03 horas da manhã de domingo. Ele estava pendurado em uma árvore, na propriedade onde sua mãe residia.

O corpo do rapaz foi recolhido pelo IML de União da Vitória para perícia e depois foi liberado para os familiares, que entraram em estado de choque. O levantamento pericial foi feito pelo próprio funcionário do IML, que fez os registros da documentação fotográfica.

Até o fechamento desta reportagem, a vítima não havia sido identificada.



Figura 1: Jovem de 18 anos teria cometido suicídio na propriedade de sua mãe, em Paula Freitas

Fonte: Portal VVale

Vejam, para além de ser notada a incompatibilidade dos fatos quando, ao analisar o relatório que me foi fornecido pelo IML¹², percebi que não existem casos de suicídios por enforcamento computados para essa cidade. A linguagem, na transcrição da notícia, é um instrumento que tenta, de algum modo, não falar em suicídio e camuflar a real situação envolta ao fato ocorrido. Este é um exemplo que pode mostrar a discrepância entre os números de casos de suicídios e suas respectivas contabilizações.

¹¹ PORTAL VVALE. **Jovem comete suicídio em Paula Freitas – *Corpo foi encontrado em uma mata nas proximidades da residência da mãe do rapaz*** – Obtido em: <http://radionajua.com.br/noticia/noticias/policial/jovem-comete-suicidio-em-paula-freitas/36309/> - Acesso em 12/09/2018

¹² ANEXO 2 – RELAÇÃO DE ÓBITOS DA DATA DE 01/06/2013 A 01/06/2018 – IML

O Laudo do Exame de Necropsia de meu avô contribui para perceber essa aversão quando se observa a ausência do termo suicídio. Sendo assim, quais são as garantias de que essa morte seja contabilizada como suicídio quando a conclusão apontada pelo médico legista (IML, 2013) em questão foi que: “Diante dos dados colhidos durante o exame de necropsia, conclui o(a) legista que a morte de [...] foi produzida por choque hemorrágico resultante de ferimento perfuro-contuso no ventrículo esquerdo do coração”¹³. Facilmente poder-se-ia comparar a um homicídio.

Esses apontamentos me direcionam, novamente, a questionar *os porquês* envolvidos a essa temática. Em pleno século XXI, entendo que sejam comuns determinadas averiguações fundamentadas em senso comum quando se faz referência ao suicídio. Entretanto se deparar com um texto de caráter científico que sequer faz menção ao termo suicídio confirma que, muitos dados a esse respeito são camuflados e o entusiasmo atribuído ao assunto é quase que imperceptível ou meramente desconhecido.

Em entrevista a um radialista da cidade, ao questioná-lo sobre a existência ou não de um código de ética que regulamente as publicações sobre suicídio o mesmo declarou que não existe e que, “Vale o bom senso no Portal VVale, FM Verde Vale e Jornal O Comércio. No caso da Rádio CBN ao qual eu trabalho há o manual de conduta que veda o uso da palavra suicídio, ou a divulgação explícita sobre esses fatos. Esse manual é nacional e vale para todas as emissoras da rede”¹⁴.

O receio presente nas comunidades de que, expor o tema pode incentivar suicídios, o atrelamento a questões religiosas (visto que estas interferem muito na conduta dos seres humanos e, quando o assunto é suicídio, o estigma recai sobre os que ficam [parentes] e não necessariamente ao suicida), o mistério concernente a morte, o fato inegável que a *liberdade* implícita nos sujeitos que escolhem morrer desmoralizam atributos relacionados a vida ou a morte, entre outros fatores são caracterizadores do suicídio enquanto *tabu* na sociedade, atual e passadas. Por consequência, a mídia noticia vagamente o assunto e deixa de cultivar um debate

¹³ **ANEXO 3 – INSTITUTO MÉDICO LEGAL – Secretaria de Estado de Segurança Pública – Polícia Científica. Laudo do Exame de Necropsia.** União da Vitória – PR, 2013.

¹⁴ Uma observação aqui relevante é que o respondente, hoje *in memoriam*, optou por se identificar ao responder o questionário. Ao me devolver afirmou que eu poderia usar suas falas desde que não as modificasse.

mais aprofundado sobre o suicídio, relegando-o ao eterno ciclo não reflexivo advindo do senso comum.

A mídia, assim como a religião, ou a escola exercem grande influência na conduta humana, e é preciso que, para além de noticiar com informações vagas e apressadas, se expunha com fundamentação o assunto a fim de desmistificá-lo e quiçá contribuir para diminuir a taxa suicidógena. Para Cassorla (2017, p.10) “a pessoa que pensa em suicídio ou tenta se matar está, evidentemente, sofrendo [15]. Quando ela não encontra formas de diminuir ou compreender esse sofrimento, que se torna insuportável, o suicídio parece ser a única saída. [...]”¹⁶. Portanto, desmistificar o suicídio e construir meios para abordá-lo na escola, nas famílias e na própria imprensa, apresenta-se como um desafio inadiável.

2.1.1 A magnitude dos números e as estratégias de enfrentamento

Como relatado anteriormente, segundo a Organização Mundial da Saúde, (WHO, 2014) são mais de 800.000 casos de suicídio anualmente em todo o mundo, isso indica a ocorrência de um suicídio a cada 40 segundos e, estima-se de acordo com essa instituição que, para cada suicídio consumado ocorram pelos menos outras 20 tentativas não consumadas.

Em publicação intitulada *Prevención de la conducta suicida*, lançada com a finalidade de difundir estratégias que cooperem para a prevenção do suicídio nas Américas, a Organização Pan Americana de Saúde (2016, p.3-4), salienta que:

Em 2012, foram registradas aproximadamente 804.000 mortes por suicídio no mundo, o que representa uma taxa global anual padronizada de acordo com a idade de 11,4 por 100.000 habitantes (15, entre homens e 8, entre mulheres). No entanto, como o suicídio provoca estigma, é considerado ilegal em alguns países, é muito provável que haja subnotificação. Globalmente, representa 50% de todas as mortes violentas relatadas em homens e 71% em mulheres. Todos os anos, para cada suicídio cometido, há muito mais

¹⁵ Uma parte significativa dos alunos também citaram isso em seus textos no início da aplicação.

¹⁶ CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução**. São Paulo: Blucher, 2017. P.10.

tentativas de suicídio. Note-se que uma tentativa anterior é o fator de risco mais importante para suicídio na população em geral.

Com relação à idade, as taxas de suicídio são maiores em pessoas com 70 anos ou mais, em ambos os sexos e em quase todas as regiões do mundo. Em alguns países, as taxas são mais altas entre os jovens; em todo o mundo, é a segunda principal causa de morte na faixa etária de 15 a 29 anos. Os números diferem de acordo com os países, mas são os de baixa e média renda que suportam a maior parte do ônus global do suicídio. Eles registram 75% do total de vítimas¹⁷.

De acordo com os autores Machado e Santos (2012), desde 1960 o Brasil tem os óbitos por causas externas aumentando, tornando-se substitutivo às doenças infecciosas e parasitárias. A elevação na taxa suicidógena coloca o suicídio como terceiro no *ranking* de óbitos por fatores externos, após homicídios, e óbitos relacionados ao trânsito. Porém, como já mencionado, devido as subnotificações, resultado do estigma social, o número de mortes relacionadas ao suicídio pode ser ainda maior. Não obstante, registraram-se 158.952 óbitos por suicídio no país entre 1980 e 2006, 30% a mais na taxa de suicídio, passando de 4,4 para 5,7 óbitos por 100.000 habitantes nesse mesmo período. As subnotificações omitem dados e contribuem para a preservação do tabu enraizado nessa temática.

Preocupados com o crescente número de registros, a OMS juntamente com outras organizações, buscam táticas a serem desenvolvidas objetivando minimizar os casos de mortes voluntárias, assegurando que “Suicídios são evitáveis. Para que as respostas nacionais sejam eficazes, é necessária uma estratégia multissetorial abrangente de prevenção ao suicídio” (WHO,2014, p.73)¹⁸. Para a OMS, no mínimo 90% dos suicídios poderiam ser evitados, desde que fossem tomadas medidas adequadas, ou seja, que fossem de encontro as orientações por ela preparadas e, conjuntamente validadas. Para essa instituição, o suicídio não é previsível, mas pode

¹⁷ *En el año 2012, se registraron en el mundo aproximadamente 804.000 muertes por suicidio, lo cual representa una tasa anual mundial normalizada según la edad de 11,4 por 100.000 habitantes (15, entre hombres y 8, entre mujeres). Sin embargo, como el suicidio despierta estigma, incluso está considerado ilegal en algunos países, es muy probable que haya subregistro. A nivel mundial, representa el 50% de todas las muertes violentas notificadas en los hombres, y el 71% en las mujeres. Cada año, por cada suicidio cometido, hay muchos más intentos de suicidio. Cabe notar que un intento previo es el factor de riesgo más importante de suicidio en la población general.*

Con respecto a la edad, las tasas de suicidio son más elevadas en las personas de 70 años o más, en ambos sexos y en casi todas las regiones del mundo. En algunos países las tasas son más elevadas en los jóvenes, a nivel mundial es la segunda causa principal de muerte en el grupo de 15 a 29 años. Las cifras difieren según los países, pero son los de ingresos bajos y medianos los que sobrellevan la mayor parte de la carga mundial del suicidio. En ellos se registra el 75% del total de las víctimas.

¹⁸ *Suicides are preventable. For national responses to be effective, a comprehensive multisectoral suicide prevention strategy is needed.*

ser evitado¹⁹, quando percebido e abordado com respeito e com as proporções que lhe cabem.

Talvez a maior dificuldade em falar do suicídio diz respeito a infinidade de discursos existentes sobre a temática, dentre os quais os infundados e difundidos com certa credibilidade. Muitos casos de suicídio são associados a determinados estados de saúde mental, contudo, não cabe generalizar, pois se não se conhece todos os casos, como confiar nestas estatísticas? Devido as muitas generalizações disseminadas e no intento de transformar essa realidade é que várias organizações, dentre as quais a OMS, vêm elaborando documentos que contribuam para esclarecimentos acerca do suicídio e, conseqüentemente, auxiliem na sua prevenção.

Nesse contexto, de um lado se encontra a defesa sobre *falar* do suicídio, a fim de levar informações e contribuir para que as pessoas que venham sofrendo com crises suicidas possam entender que não estão sozinhos e ainda desmistificar os interditos historicamente construídos. De outro, perspectivas que entendem que *falar* em suicídio pode instigar novos casos. Em meio a tudo isso, muitas falácias. De acordo com a OMS (2014) para se obter sucesso na *marcha de prevenção do suicídio*, os países devem valer-se de uma abordagem multissetorial, de modo abarcar diferentes setores, públicos ou privados, envolvendo os interesses mais relevantes para cada instância, afirmando ainda que as estratégias devem ser adaptadas ao contexto cultural e social de cada país visando as melhores práticas e intervenções, avaliando e reformulando-as regularmente.

Percebo que as estigmatizações volventes do suicídio tem se tornado empecilhos para real compreensão e trabalho efetivo na sua prevenção, uma vez que até o próprio suicida se torna vítima do estigma, percebendo como a única saída que lhe resta, ou seja, cada qual infere o seu discurso de valor e de verdade sobre a temática. Tais acontecimentos acabam acarretando em falta de consenso e reafirmação de estigmatizações e preconceitos relacionados a essa prática. As verdades e inverdades estabelecidas permitem a recusa de algumas teorias e aceites de outras. Nesse caso, classificações indispensáveis podem ser abortadas e

¹⁹ Cabe aqui salientar que essa é uma observação notada pela OMS que, se comparada a teoria durkheimiana apresentada posteriormente, exhibe discrepâncias, já que para Durkheim, o suicídio é inerente as sociedades. Então entendo que devemos falar aqui que, as medidas adotadas pela OMS diminuiriam a taxa suicidógena, mas jamais extinguiria o *problema* na perspectiva durkheimiana.

apreciações inúteis supervalorizadas, resultando em novos discursos que podem colocar *em cheque* contribuições já estruturadas.

Ainda de acordo com a OMS (2014), tanto para suicídios quanto para tentativas, a disponibilidade e qualidade dos dados podem contribuir para uma melhor eficiência do trabalho de prevenção, por isso se faz necessário investigar todas as fontes de dados de registros. Sendo assim, entendo que se a disponibilidade de dados é importante, deve-se então divulgá-los e, divulgar o número de suicídio induz falar sobre a temática como um todo, e esta é uma das principais polêmicas que o envolvem. De um lado, são realizadas defesas em prol do debate sobre o suicídio, objetivando prevenir assim, a morte voluntária. De outro, a *preocupação* sobre o impacto que essas informações podem acarretar, temendo inspirar novos casos. É possível posicionar-se de um ou outro lado? Existe um *lado* apropriado para se manifestar?

O ano de 2017 presenciou dois fenômenos que contribuíram significativamente na midiática do suicídio: o crime virtual *baleia azul* e a exibição da série *13 Reasons Why*²⁰. Não se sabe ao certo a origem do *jogo baleia azul*. Algumas ponderações indicam ter aparecido primeiramente na Rússia, e estar atrelada a questão de as baleias encalharem na areia. O jogo, considerado uma notícia falsa, possuía regras e desafios e fora transmitido rapidamente no mundo online, fazendo vítimas no mundo todo. A série, por sua vez, aborda, além da temática principal, o suicídio, outras alusivas a bullying, intolerância, machismo, estupro, entre outros, sendo tratados inclusive como fatores que contribuíram para a efetivação do suicídio da personagem principal, propiciando uma reflexão crítica acerca da realidade por meio de comparativo entre ficção e realidade. Toda a abordagem realizada pela série provoca críticas quanto o modo pelo qual foi exibido, pois várias cenas de violência são exibidas explicitamente.

Os dois fatores despertaram menções prós e contras, mas uma coisa é certa, conseguiram despertar no grande público o interesse pelo tema. Isso foi visível quando, no espaço escolar me deparei com muitos alunos assistindo a série ou

²⁰ Apresentada desde 2017, hoje na terceira temporada, a série americana *13 Reasons Why*, dirigida por Brian Yorkey é apresentada pelo Netflix. Trata da história de uma estudante que recém cometera suicídio, a personagem Hannah Becker. Hannah deixa uma caixa com treze fitas com 13 motivos que a induziram ao suicídio. Ela continha também instruções para que fosse repassada a cada um dos nomes citados nas fitas.

buscando informações acerca do jogo, e eles mesmos apontando prós e contras e reclamando o silêncio a que sempre fora acometido o tema.

Voltando-me especificamente a série, uma das críticas enunciadas refere-se ao fato de ela *ignorar* alertas delineados pelas cartilhas de prevenção ao suicídio, elaboradas por instituições que vêm, a tempo, travando debates sobre o assunto, como por exemplo, o de divulgar fotos ou vídeos do exato momento, como explícito pela série, quando a personagem Hannah comete o suicídio, como sendo a única alternativa que lhes restou após inúmeras tentativas de *saídas*. Outro fator bastante criticado no seriado foi a culpabilização atrelada ao suicídio de Hannah. Contudo, se um de seus objetivos eram exibir os motivos que forneceram a personagem principal o cume para o suicídio, ele também foi alcançado e muitas pessoas passaram a conscientizar-se e avaliar com olhos diferentes os casos que se apresentavam no seu dia a dia, ao mesmo tempo que contribui para aflorar o sentimento de culpa por parte de quem perdeu parentes ou amigos próximos. Para as instituições de saúde a conscientização deve acontecer, mas de forma que não avilte *quem fica*, pois, o sentimento de culpa já é proeminente. De acordo com a OMS:

O suicídio de um membro da família ou da comunidade pode ser uma influência particularmente perturbadora na vida de uma pessoa. Perder alguém próximo a você é devastador para a maioria das pessoas; Além da tristeza, a natureza da morte pode causar estresse, culpa, vergonha, raiva, ansiedade e angústia aos familiares e entes queridos. A dinâmica familiar pode mudar, as fontes usuais de apoio podem ser interrompidas e o estigma pode impedir a procura de ajuda e inibir outras pessoas de oferecer apoio [...]. O suicídio de um membro da família ou ente querido pode diminuir o limiar de suicídio de alguém que está sofrendo [...]. Por todas essas razões, aqueles que são afetados ou enlutados pelo suicídio têm um risco aumentado de suicídio ou transtorno mental [...]. (WHO, 2014, p.40)²¹.

Muitos sentimentos permeiam a mente do familiar do suicida. Questões como: *“E se eu tivesse feito isso ou aquilo? Como não percebi?”*, entre outras atormentam seus pensamentos. É devida essa dificuldade de *superação* que a OMS

²¹ *Suicide by a family or community member can be a particularly disruptive influence on a person's life. Losing someone close to you is devastating for most people; in addition to grief, the nature of the death can cause stress, guilt, shame, anger, anxiety and distress to family members and loved ones. Family dynamics may change, usual sources of support may be disrupted, and stigma can hinder help-seeking and inhibit others from offering support [...]. Suicide of a family member or loved one may lower the threshold of suicide for someone grieving [...]. For all these reasons, those who are affected or bereaved by suicide have themselves an increased risk of suicide or mental disorder [...].*

e outras instituições visam não buscar um culpado. “Não existem culpados”, o que parece contraditório, já que ao mesmo tempo em que não *existe um culpado*, tem alguém enfatizando que *não percebeu*. A omissão diante das possibilidades de um caso não compreende *porquês*? E de acordo com a teoria durkheimiana, o sujeito em si não é o responsável pela sua morte, pois que as causas que o fizeram efetivar tal ato são sociais.

As indagações atreladas ao suicídio o entendem como uma *morte violenta*, mas são questionamentos que não aparecem quando a *morte é natural*, e isso se deve a inúmeros fatores, desde a forma utilizada para cometer o suicídio ao preparo dos indivíduos *suicidas* em lidar com suas múltiplas faces, porém, esses mesmos críticos, não avaliam as mortes por assassinato, por exemplo, com os mesmos critérios, atribuindo a esta última, inclusive um caráter de naturalidade.

Na maioria das vezes, não se espera que ocorra um suicídio, uma morte sempre violenta e chocante, que não é vista como uma forma socialmente aceitável de se morrer. A realidade da perda, gradualmente, irá penetrar na vida das pessoas enlutadas, com sentimentos que podem variar de tristeza e vazio a raiva, confusão e rejeição.

O suicídio, em geral, não é visto como uma forma aceitável de se morrer. Às vezes, esconde-se o fato de a morte ter sido por suicídio, e, em outras vezes, são negados os sentimentos mais dolorosos. O dia a dia de quem perde um ente querido por suicídio costuma ser de silêncio e de isolamento. (BOTEGA, 2015, p.227.

Botega (2015) também se posiciona com relação ao sentimento de culpa, afirmando que ela pode ser ainda maior se o familiar ou amigo de um suicida entender que ficaram pendências entre eles, ou mesmo um apego exagerado a vítima que os impede de continuar vivos e suportar a dor dessa perda.

Por isso uma das principais precauções que a OMS alerta é sobre o cuidado que deve ser observado no momento de divulgar informações, desde a detecção de uma situação de risco até a *pósvenção* do suicídio, a fim de evitar que pessoas próximas as vítimas ou então que, pessoas com tendência a depressão viessem cometer também o suicídio por conta do contato direto com os suicidas ou, então, pelo modo como viessem a ser divulgados esses casos.

Levando em consideração a afirmação da OMS de que muitos suicídios poderiam ser evitados, desde que abordados e pensados como deveriam, cabe

desmistificar alguns *mitos*²² que estão engendrados nesse conceito. A morte autoprovocada está envolta numa junção de significados que *não permitem* que se fale nela, mas o crescente número de suicídios está provando seu contrário, falar é necessário. Se não falar está contribuindo para o aumento dos índices, é preciso falar. Nesse intuito, a OMS (2006) destacou alguns alertas em uma cartilha para conselheiros, enfatizando a necessidade de rompimento com alguns *mitos* que podem tornar-se empecilhos no momento de falar sobre o suicida, ou seja, não perceber o comportamento suicida atrelado aos indivíduos.

Dentre os *mitos* apontados: as pessoas que falam sobre o suicídio não farão mal a si próprias, pois querem apenas chamar a atenção; o suicídio é sempre impulsivo e acontece sem aviso; os indivíduos suicidas querem mesmo morrer ou estão decididos a matar-se; quando um indivíduo mostra sinais de melhora ou sobrevive a uma tentativa de suicídio, está fora de perigo; o suicídio é sempre hereditário; os indivíduos que tentam ou cometem suicídio têm sempre alguma perturbação mental entre outros. Nesse sentido, os alertas emitidos pelas OMS visam romper com as concepções errôneas acerca do suicídio. Disto, percebe-se a necessidade de formação e informação acerca da temática para lidar com o assunto de forma coesa e satisfatória. Ignorar o assunto não é o caminho, percebê-lo como um evento inerente a sociedade já reduz as chances de ideação suicida e a consumação de casos.

2.2 Uma breve passagem histórica sobre o suicídio

A morte ou o *medo* de morrer, invariavelmente causam temor e estranhamento nas pessoas, caracterizando-se por um combinado de mistério, angústia e silenciamento. Para Bastos e Petraglia (2009, p.22), se recorrer a história da filosofia “percebe-se que o tema da morte está presente nos principais sistemas filosóficos, na tentativa de responder a crise de sentido e a angústia do homem frente ao destino final e, também, para oferecer uma compreensão da vida”. Contudo,

²² Vale ressaltar que o termo mito aqui não é utilizado no sentido filosófico, e sim de uma terminologia adotada pela OMS para se referir a presunções pouco averiguadas acerca do suicídio.

quando se tratava da morte voluntária, o número de pesquisas e debates diminuía consideravelmente, uma vez que fora tratada com mais reprovação e estigmatizações, um tabu.

De acordo com Minois (2018), essa lacuna é representada inclusive em registros documentais, uma vez que, as fontes que referenciavam as mortes voluntárias eram diferentes das que relatam as mortes naturais. Além disso, os icônicos registros paroquiais de óbito também não têm proficuidade, pois os suicidas não tinham direito nem ao registro nem ao sepultamento religioso. Os historiadores necessitaram abrir mão dos documentos religiosos assim como os judiciais para entendê-la, uma vez que o suicídio era enquadrado como crime. Com a incompletude de arquivos e dados, portanto, os estudiosos deste tema controverso recorreram a fontes variadas, heterogêneas, muitas vezes insuficientes, talvez abstratas para desenvolver seus respectivos trabalhos, assim, recordações, crônicas, jornais, literatura, foram fontes alternativas para o desenvolvimento de tais trabalhos. Salvas as raras situações em que o suicídio foi considerado um ato de heroísmo, ele esteve ajustado como objeto de reprovação social por tratar-se de uma ofensa a Deus, ou a sempre presente defesa da vida a qualquer custo. Isso significaria então, segundo Minois, que diante da existência humana, seus objetivos seriam, única e exclusivamente glorificar Deus e sermos úteis à sociedade. Essa postura que predominou na Europa até o final da Idade Média só começou a ser alterada no renascimento no final do século XV. Com o renascimento a morte o suicídio precisou ser ressignificado e estes novos arranjos estiveram marcados pela conjuntura política, estética e ética inerentes a este período histórico de reformulação.

Por outro lado, suicídios ocorrem desde o surgimento da humanidade e são relacionadas aos mais diversos motivos e julgadas de acordo com a moral constituída em cada época e comunidade. Contudo, a dificuldade de compreendê-lo dentro de contextos históricos mais remotos reside no significativo déficit das fontes e dos dados, pois o preconceito atrelado ao suicídio contribui para camuflar os dados e ocasionam a aparente estatística de um baixo índice de casos. Sendo assim, é notório então que, o suicídio não foi tratado pelas estatísticas demográficas de modo similar as outras formas de mortes, mas com o enredo estereotipado de valores e significados filosóficos, religiosos, morais e culturais. De acordo com Minois (2018, p.2) “o silêncio e a dissimulação que a rodearam durante muito tempo instauraram um clima de mal-

estar em torno dela” [morte voluntária]. Diante desse cenário, o fato de as instituições de saúde concordarem, atualmente, que o suicídio possa ser evitado constitui um exame crítico, já que o suicídio é um fator atrelado a momentos e contextos diversificados. Minois (2018, p.3) enfatiza:

[...] “A humanidade existe porque, até o momento, o homem encontrou motivos suficientes para permanecer vivo. Alguns deles, porém, decidiram que não valia mais a pena viver esta vida e preferiram partir por vontade própria, antes de ser tragados pela doença, a velhice ou a guerra. Há quem os chame de loucos. [...]

Portanto, se de fato se quer compreender o suicídio enquanto prática humana de maneira alheia a tabus e preconceitos, a primeira premissa que precisamos considerar é que ele faz parte da condição humana, e isso, remete a compreender por quais caminhos o meio social impera ou mesmo instiga os sujeitos a cometerem tal prática.

2.3 Sobre o conceito de suicídio

Não é muito comum tratar do limite da existência humana, sobretudo numa sociedade em que o ideal é uma vida produtiva e cheia de ocupações “úteis” e “importantes”. Além dos limites que acompanham a condição física, psíquica, espiritual e social do ser humano, que se manifestam no decorrer dos anos da existência, há o limite do fim, a morte. Tratar da morte, signo da finitude, não é simplesmente ocupar-se com um tema qualquer, ele é normalmente considerado assustador e desnecessário. Na verdade, pode ser que todo nosso esforço intelectual e técnico seja simplesmente uma tentativa de nos desviar e afastar da condição humana fundamental. [...]. (SEIBT, 2009, p.371).

Quando revisitamos Sêneca podemos perceber que morte voluntária ganhou contornos na clássica história do pensamento. Tratar da morte, portanto, embora presente na filosofia, não se tornou algo corriqueiro no âmbito social, menos ainda sobre a *espantosa* morte voluntária, cujas acepções socialmente estabelecidas sobre a temática contemplam no imaginário popular diversas elucubrações.

Segundo Minois (2018), a origem do termo 'suicídio', remonta pouco antes de 1700 e substitui a expressão, até então utilizada, 'morte de si mesmo'. Tal palavra pressupõe mudanças importantes diante da dimensionalidade e das imputações que o termo exige. Para o autor haviam diversas resistências por parte das autoridades em adotar o novo termo, suicídio, resistências estas, que obviamente não desapareceram instantaneamente, mas vagarosamente entre os séculos XVI e XVII.

Segundo Pinheiro (2015, p.16), “a palavra suicídio (etimologicamente *sui = si mesmo; - caedes = ação de matar*) [...] significa morte intencional autoinfligida, isto é, quando a pessoa, por desejo de escapar de uma situação de sofrimento intenso, decide tirar a própria vida”.

Nesse contexto, nota-se que o termo suicídio é fruto de um contexto histórico longo e não pode ser dissociado das querelas sociais em que foi gestado. Logo, é preciso considerar que com o advento da modernidade, a ciência, especialmente aquela pautada pelos valores positivistas, trouxe para si o objetivo de produzir conhecimento e método de verificabilidade. Nessa visão, nada poderia escapar ao olhar totalizante da nova forma de compreensão do mundo e da sociedade, inclusive o suicídio.

Para Émile Durkheim o suicídio se tornou um tema de comprovação da eficácia da visão positivista que se apresentava. E para o sociólogo “chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (Durkheim, 2011, p.14). Com Durkheim este termo começou a ganhar a alcunha de objeto de estudo científico, passível de um método e de comprovação sistemática, onde a sociedade passa a ser pensada de maneira controlada e organizada segundo preceitos inscritos nos *Fatos Sociais*.

Entretanto, as diversas abordagens científicas sobre o suicídio também carregam suas especificidades e suas controversas. Roosevelt Moises Smeke Cassorla, por exemplo, é um médico e psicanalista nascido no Chile e naturalizado brasileiro já aos oito anos de idade. O autor aborda o suicídio com o objetivo de atender as necessidades de cada indivíduo, desde apresentar atitudes preventivas ao sujeito que pensa em tirar sua vida, até auxiliar quem perdeu um amigo ou parente próximo. Para ele:

O termo “suicídio” significa “morte de si mesmo”. Essa definição parece suficiente num primeiro momento, mas, quando refletimos sobre os fatores envolvidos nos comportamentos suicidas e sobre as formas como eles podem manifestar, percebemos que se trata de uma conceituação muito ampla, podendo incluir atos e comportamentos que normalmente não são associados a suicídios, mas que, de alguma maneira se relacionam com eles. (CASSORLA, 2017, p.10).

Neste contexto, o sentido estritamente biológico atrelado ao suicídio não é suficiente para compreendê-lo na sua extensão social e filosófica. As dimensões éticas, políticas, religiosas, culturais e morais, quando deslocadas para discutir o suicídio, carregam esta prática com precondições que de maneira alguma conseguem limitá-lo a quaisquer tipos de definições.

Para Gammone et al:

O suicídio atesta a vontade de interromper o próprio percurso existencial. Quase sempre há uma dor considerada insustentável, a vida perde o sentido e futuro torna-se uma ameaça, dissemina-se preocupações e angústias insuperáveis, não é mais o tempo da oportunidade e torna-se o tempo de um sofrimento sem fim. (GAMMONE, 2016, p.258).

A vida é colocada sob diversas interpretações por pensadores de diversas áreas, e muitas vezes vista como expressão máxima da angústia. Na visão existencialista essa angústia indicaria a presença que o sujeito tem diante dela, contrariado pela posição positivista durkheimiana de que o sujeito é formado, não por ele, mas pela sociedade. Em linhas gerais, seria um último ato individual manifestamente social. Nesse sentido, Gammone et al (2016, p.258) cita também o posicionamento freudiano com relação a temática:

Freud conclui que a vida é o triunfo momentâneo do orgânico antes que tudo retorne ao estado natural, isto é, ao inorgânico. Postulou a existência de duas pulsões: *Eros e Thanatos*, pulsão de vida e pulsão de morte. *Thanatos* expressa-se através de comportamentos destrutivos, auto ou heterodirigidos, o suicídio é a total imposição de *Thanatos*.

Portanto, a inferência que se desenvolveu até aqui, se constitui como uma tentativa de pensar o suicídio como um fato social condizente e condicionado as amarras de ordem social, porém, que mantem em sua essência uma dimensão da

escolha do sujeito que o comete, ou seja, quando se atribui ao suicídio as verdades impostas pelas diversas áreas de conhecimento que se submetem a debatê-lo, não se constrói, necessariamente, um debate sobre a vontade e a liberdade do indivíduo estritamente responsável pela decisão de se matar. Ora, se a filosofia desde a sua gênese se propôs a refletir sobre a vida dos sujeitos na polis e, em maior ou menor grau, discutiu os limites entre as esferas do indivíduo e as esferas da sociedade, pensar o suicídio numa perspectiva filosófica e também sociológica me parece um desafio digno e profícuo para tal empreitada.

2.4 O suicida e a norma: notas sobre o estigma social acerca do suicídio

Querida senhorita Lonelyhearts

Tenho 16 anos e não sei como agir. Gostaria muito que a senhora me aconselhasse. Quando eu era criança não era muito ruim porque me acostumei com os meninos do quarteirão que caçoavam de mim, mas agora gostaria de ter namorados como as outras meninas e sair nas noites de sábado, mas nenhum rapaz sairá comigo porque nasci sem nariz – embora eu dance bem, tenha um tipo bonito e meu pai me compre lindas roupas.

Passo o dia inteiro sentado, me olhando e chorando. Tem um grande buraco no meio do meu rosto que amedronta as pessoas e a mim mesma, e não posso, portanto, culpar os rapazes por não quererem sair comigo. Minha mãe me ama muito, mas chora muito quando olha para mim.

Que fiz eu para merecer um destino tão terrível? Mesmo que eu tivesse feito algumas coisas ruins, não as fiz antes de ter um ano de idade, e eu nasci assim. Perguntei a papai e ele disse que não sabe, mas que pode ser que o tenha feito algo no outro mundo, antes de nascer, o que eu esteja sendo punida pelos pecados dele. Não acredito nisto porque ele é um homem muito bom. Devo me suicidar?

*Sinceramente,
Desesperada*

Para iniciar a discussão, atento para a epígrafe apresentada acima, extraída de *Miss Lonelyhearts*, de Nathanael West e explicitada por Erving Goffman (2017, p.9) logo nas primeiras páginas do seu livro *Estigma: notas sobre a*

manipulação da Identidade Deteriorada. Entendo que esta epígrafe problematiza a contento como o suicídio pode ser pensado sob uma perspectiva filosófica. Ela chama atenção para certa condição de padronização de comportamento e concepção estética aprovada ao longo do processo histórico podendo ser comparadas a um “selo de qualidade” ajustado a seres humanos *do tipo* desejados e admitidos socialmente. Erving Goffman conceitua este processo como *estigmatização*. O autor afirma ainda que o termo estigma, na maioria dos trabalhos, está associado à situação de indivíduos inabilitados para uma aceitação social integral. Porém, na sua perspectiva, essa definição é incongruente e necessita alguns acréscimos.

De início, Goffman (2017) lembra que se deve atribuir aos gregos a origem do termo *estigma*, utilizado para designar sinais corporais que representavam nos sujeitos alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *seu status* moral. Sinais realizados com cortes ou fogo no corpo que demonstravam que o portador era um escravo, um criminoso ou um traidor. Tratava-se então de alguém ritualmente poluído, a ser evitado, principalmente em lugares públicos. Posteriormente, na era cristã, essa perspectiva granjeia mais duas significações: a primeira diz respeito a sinais corporais de graça divina, que assumiam esteticamente o uso e a configuração de flores em erupção sobre a pele²³, a segunda refere-se a uma alusão médica contrária a religiosa afirmando que esses sinais corporais representam apenas um distúrbio físico.

É verdade que o pensamento cristão tem resposta para tudo: os Patriarcas, os concílios e os teólogos da Idade Média forneceram, de maneira cada vez mais precisa, as regras do saber e as normas de conduta. A esfera da moral constitui o conjunto mais sólido: os Dez Mandamentos representam o fundamento sagrado das obrigações e proibições impostas pelas autoridades e interiorizadas pelos fiéis. Objeto de reprovação unânime, as condutas desviantes são reprimidas de comum acordo pelas autoridades civis e religiosas, com plena aprovação da sociedade. [...]. (MINOIS, 2018, p.52).

Por que as coisas acontecem dessa ou daquela maneira? Por que nos comportamos deste ou daquele modo? Por que o meu ideal de certo ou errado não é meu? Perguntas como essas comumente não causam mais danos a mente humana, pois existem discursos de verdades implantados em cada aparelho social que as anulam, uma vez que são validados quando encontram aceitação daqueles que são

²³ Entendo que as *flores em erupção* assumem, nesse sentido, a aparência de feridas, de impetigos.

sujeitados a dominação desse discurso. Então, cabe observar “[...] que nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para determinado tipo de indivíduo” afirma Goffman (2017, p.13).

Nessa lógica, a ação de estigmatizar não depende da vontade dos sujeitos, nem do estigmatizado nem do estigmatizador, mas unicamente e, de comum aceite do discurso estereotipado e persuasivo difundido nos diversos espaços e épocas. Deste modo, os discursos de verdade predominantes a cada época somente o são, porque quando impostos são aceitos por determinados grupos sociais por conta de uma identificação dos sujeitos com os mesmos, os quais acatam e reproduzem-no. A história da humanidade apresentou vários exemplos de barbarismos que aconteceram como resultado disso, a citar, quando soldados, vestidos com a farda nazista alemã e sob ordens militares, executaram judeus simplesmente por serem judeus, assimilando-os a empecilhos para o desenvolvimento daquela sociedade.

Nesse interim, é nítido que, nos diversos sistemas implantados estabeleceram-se *padrões* normativos (morais, físicos, etc.) sobre a ideia de ser humano, conseqüentemente, sobre o julgamento moral e social do suicida. Tão logo, as pessoas que não se encaixassem nesses padrões eram classificadas como *anormais*, sendo excluídas do convívio social e submetidas aos mais variados *tratamentos* em diferentes instituições, cujo papel seria de reeducar esse indivíduo para o convívio social, caso fosse possível, ou então isolá-lo definitivamente, configurando-o como *anormal* e, por consequência, como um perigo para a sociedade. Enfim, “*ideais*” de *ser humano* foram *construídos*, histórico e socialmente sob o estigma da norma.

O modelo de mundo proposto pelo capitalismo tardio *apontou* para vários caminhos, o fato de não saber qual é o melhor não gera nos sujeitos que dele compartilham um eterno desespero tentando encontrar um sentido para a sua existência? O *sólido*, o *estático* é substituído pelo *maleável*, simulando então uma realidade instável que percorre várias direções e perturba os sujeitos que se encontram indecisos, pois não sabem qual caminho percorrer, ou percorrem vários deles e nenhum parece coerente. Visando minimizar essa especulação, o sujeito suicida-se. Por outro lado, essa ordem pode ser invertida e, talvez, o sujeito que

suicida, sabia exatamente qual caminho deveria percorrer, porém se nega a tal caminho, da mesma forma suicidando-se.

Em outro contexto, mas enfocando o processo de mudança a qual a humanidade é submetida, Michel Foucault, pensador francês e reconhecido por trabalhar com os temas marginais da academia (como a loucura, a homossexualidade, os criminosos, entre outros) em sua obra *História da Loucura*, realça o que fora destacado anteriormente:

Desaparecida a lepra, apagado (ou quase) o leproso da memória, essas estruturas permanecerão. Frequentemente nos mesmos locais, os jogos da exclusão serão retomados, estranhamente semelhante aos primeiros, dois ou três séculos mais tarde. Pobres, vagabundos, presidiários e “cabeças alienadas” assumirão o papel abandonado pelo lazarento, e veremos que a salvação se espera dessa exclusão, para eles e para aqueles que os excluem. Com um sentido inteiramente novo, e numa cultura bem diferente, as formas subsistirão – essencialmente, essa forma maior de uma partilha rigorosa que é a exclusão social, mas reintegração espiritual. (FOUCAULT, 2017, p.6).

Ao fazer suas considerações sobre a história da loucura, Foucault apontou que as características que irão de encontro com as demais *anormalidades* ou *patologias sociais* foram e são estruturantes da conjuntura social e do processo civilizatório desenvolvido no Ocidente. Para este autor, o pensamento versado historicamente sobre tais estigmatizações visava à exclusão social do sujeito por meio de um saber-poder. O processo decorrente do *internamento* se dava sob a perspectiva da salvação do sujeito (física e espiritualmente). Desse processo de reintegração acontecia para o *bem* do próprio sujeito e de toda a comunidade *normal* mediante a institucionalização do sujeito a lógica do poder.

Nesse sentido, quando Goffmann (2017, p.12) afirma que “enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo até, de uma espécie menos desejável [...]”, está uma indicação de como as estigmatizações imperam como estopins das práticas suicidas.

A ideia de *normalidade* é predominante nas sociedades modernas. Cada sociedade, em seu tempo, estabeleceu critérios adequados ao período impondo esse caráter, ou seja, definindo o indivíduo que ela buscava, entretanto, com a

modernidade essa imposição ganhou contornos específicos atrelados aos valores normativos do trabalho e da utilidade. Aos sujeitos que não se encaixam nesse ideal de *normalidade* é atribuído um descrédito, adjetivando-o como fraco, estragado, diminuído. É este processo que Goffman intitula *estigma*.

O processo de aceitação ou não do sujeito, se dá, por sua vez, de acordo com os estereótipos implantados e os discursos de verdade sobre o sujeito. A literatura médica e psiquiátrica, por sua vez, aponta para uma série de fatores diagnósticos que indicam que o suicídio tem se tornado uma questão cada vez mais abstrusa no mundo todo. O problema aqui encontrado é que, mesmo nos discursos científicos as estigmatizações estão presentes. A esse respeito, me utilizo da afirmação de Rubens Adorno (2018, p.9-10):

[...], se fossemos mais honestos em relação à chamada “ciência”, deveríamos admitir que seus achados e conhecimentos são sempre transversos, porque constantemente analisam seus objetos procurando elucidá-los, notadamente quando se trata de um objeto complexo como a vida, que nas vias biológicas ou da biomedicina é sempre reduzida a um estado do corpo, e não do sujeito, este que, por outro lado, digamos, não é simplesmente um portador da vida, mas antes de tudo está na vida. Esta, por sua vez, é um fenômeno imensamente mais complexo, porque é dado por uma condição que se relaciona a um lugar extremamente recortado e definido para além daquilo que supomos ser, mas somos sempre recortados por estados de vida como classe social, gênero, etnia, território, geração etc. Assim sendo, temos um corpo que não é vivo ou morto, mas biopolítico.

Nesse sentido, debater o suicídio requer bastante atenção e sensatez para não recair, novamente, em conclusões apressadas e depreciativas, a iniciar pelos convencionalismos que asseguram que não se deve discutir o suicídio para evitar o *contágio* que resultaria no aumento do número de casos. O suicídio existe e aumenta significativamente em todo o mundo, então é preciso falar sobre.

2.5 Entre o conceito de sociedade e de sociologia

Pensar a sociedade é algo complexo, porém, não é novo. Desta forma, diante do problema da definição para o que é *sociedade*, é corriqueiro ouvir, por

exemplo, que ela é formada por um grupo de indivíduos, os quais compartilham de um mesmo espaço, de crenças, afazeres ou quaisquer interesses em comum, ou seja, fala-se em um agrupamento caracterizado por reunir indivíduos que articulam um emaranhado de questões particulares que são compartilhadas conjuntamente com os afins. No entanto, essa esfera não é exclusivamente humana, pois vários agrupamentos de animais demonstram diversas formas de organização em grupo, modelos de convivência e preservação da espécie, etc., mas, somente o homem consegue, por meio das relações sociais se apropriar do conhecimento e repassá-lo aos seus semelhantes. O animal sobrevive instintivamente, o ser humano precisa aprender. Nas palavras de Kant (1999, p.11) o “homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado da sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Consequentemente, o homem é infante, educando e discípulo”.

É próprio do homem a busca pelo conhecimento, por vias de sobrevivência ou satisfação intelectual. Porém, isso não pertence ao ser biológico, ao material corpóreo do qual é composto, e sim social. O aprendizado que o faz capaz de criar e recriar coisas, de simbolizar etc., se dá pelo aprendizado que lhes é passado por meio do contato com seus antecessores. Contudo, a forma com que se dá esse repasse muda no tempo e espaço, o que antes fora passado meramente por meio da tradição e de contatos com pessoas próximas tomou outro rumo.

Outhwaite e Bottomore (1996) admitem uma vasta diversidade de usos e atributos que foram conferidos ao conceito de sociedade. Segundo eles, a palavra é, hoje, usada com maior frequência para reportar a totalidade de seres humanos na terra em conjunto com suas culturas, instituições, capacidades, ideias e valores. Porém, com o desenvolver da trajetória histórica não é possível se limitar a isso, já que a significação atribuída ao termo foi adequada ao momento referente, tão logo, na modernidade, a luz do capitalismo, essa definição necessitou de mudanças ou, no mínimo, de acréscimos. Para estes autores, embora o termo sociedade tenha sido visto como oposição entre indivíduos e sociedade, na atualidade este conceito não tem validade, já que, o indivíduo é visto, na modernidade, com tão grande complexidade quanto a sociedade.

O indivíduo está na sociedade, e a adaptação dele nesse processo chama-se *socialização*, ou seja, “o processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um

membro da sociedade [...]. O mesmo revela uma série de facetas. [...]. Vista sob esse ângulo, a socialização é a imposição de padrões sociais à conduta individual. [...]” enfatizam Berger e Berger (2016, p.173). Esses autores se aproximam de Durkheim quanto a defesa de que o processo de socialização define o sujeito em um processo de humanização. Historicamente se construíram padrões, direitos, deveres, crenças, especulações etc., que devem ser repassados aos novos sujeitos. E para Durkheim (2014, p.52), cabe a educação “[...] fixá-las nas consciências” nas. Nesse contexto, esse autor define a educação como sendo

[...] a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos pelo conjunto tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada a participar. (DURKHEIM, 2014, P.54)

Numa perspectiva diferenciada, o filósofo alemão Marx também pensa o indivíduo como um ser social, porque se diferencia dos outros animais “[...] a partir do momento que começa a *produzir* seus meios de vida, passo este condicionado pela sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material” afirmam Castro e Dias (1976, p.165). E esse processo se dá, para Marx, com base nos meios de vida já existentes, do qual o homem passa a atuar, produzir sua vida e concepções, inclusive ideológicas. Enfim, falamos em herança cultural e produção de conhecimento, necessários na configuração indivíduo/sociedade.

Desse modo, é possível entender que dentre as inúmeras percepções adotadas, o termo sociedade não é usado para coisas inanimadas. Ela se refere a associação, animal ou humana que por excelência carrega a vida e o dinamismo; para ilustrar, fala-se com frequência em sociedade de amebas, por exemplo, mas não de sociedade de pedras. Outhwaite e Bottomore (1996) também ressaltam que há dois pontos que foram concebidos com a modernidade em relação à sociedade: um deles, visto até com depreciação, contrastando sociedade a comunidade; o outro, laudatório, porque ela é contraposta ao poder soberano do estado político. É como se o primeiro atributo reduzisse a envergadura social a laços familiares e de tradição. No segundo, por sua vez, enfatiza a liberdade, tanto individual quanto do grupo. Neste existe a

demonstração das potencialidades da democracia²⁴ popular, que determinam a absorção, por parte do Estado²⁵ que engloba em termos sociais as suas formas tradicionais. Enfim, o Estado poderia, nesses termos, ser compreendido analogamente às autoridades sociais.

Pensando nesse modelo, cabe menção a um dos expoentes da ciência social contemporânea alemã (século XIX e início do XX), que trabalhou essa configuração sociedade/comunidade, pensando a sociabilidade nas sociedades modernas: Ferdinand Tönnies. No tom apresentado anteriormente sobre os conceitos indivíduo e sociedade, Tönnies as estabelecia como comunidade/sociedade e as diferenciava em extensão e grau, referindo-se, em seus escritos ao processo continuado de *inter-ações* humanas por meio do vocábulo *vontade*. Para ele, os sujeitos consistem vontades estabelecidas em muitas funções, agindo de acordo com suas vontades (em prol de sua conservação ou destruição) desenvolveriam uma união. Destes termos ele define outros dois: a *vontade natural* e *vontade arbitrária*. A primeira caracterizada como comunidade, atrelada aos determinantes do “orgânico”, familiares etc., a segunda denominada sociedade, acende de representações ideais e artificiais sobre o homem, assumindo um caráter deliberativo. Enquanto aquela se refere a relações com valores intrínsecas, independente de fatores exteriores, a arbitrária seria seu contrário, sendo racional e motivada justamente por finalidades exteriores as relações estabelecidas socialmente. O tipo de vontade predominante tem, por sua vez, um papel simbólico e imaginário precioso na construção das

²⁴ Democracia – “Da forma aplicada à política, uma democracia (do grego, significando “governo do povo”) é um sistema social no qual todos dispõem de parcela igual de poder. Embora existam muitos sistemas sociais relativamente pequenos e simples (um grupo de amigos, por exemplo) que são organizados como democracias puras, no nível de organizações, comunidades e sociedades inteiras complexas, a democracia pura é muito rara. Em parte isso se deve ao fato de que a definição de “todos” quase sempre exclui algumas partes da população – tais como mulheres, crianças ou minorias. Além do mais, quase todas as sociedades que descrevem a si mesmas como democracias políticas são na verdade democracias representativas, nas quais cidadãos elegem representantes que, na prática, detêm e exercem a autoridade política”. (JOHNSON, 1997, p.66).

²⁵ Estado – “Da forma definida por Max Weber, o Estado é instituição social que mantém o monopólio sobre o uso da força. Nesse sentido, o Estado é definido por sua autoridade para gerar e aplicar PODER coletivo. Como acontece com todas as instituições sociais, o Estado é organizado em torno de um conjunto de funções sociais, incluindo manter a lei, a ordem e a estabilidade, resolver vários tipos de litígios através do sistema judiciário, encarregar-se da defesa comum e cuidar do bem-estar da população de maneiras que estão além dos meios do indivíduo, tal como implementar medidas de saúde pública, prover educação de massa e financiar pesquisa médica dispendiosa. De uma PERSPECTIVA DE CONFLITO, no entanto, o Estado opera também no interesse dos vários grupos dominantes, como as classes econômicas e grupos raciais e étnicos. Estado não é a mesma coisa que *governo*, embora os termos sejam muitas vezes usados um pelo outro fora da sociologia e da ciência política. [...]”. (JOHNSON, 1997, p.91).

representações coletivas do grupo. Quando orientado pelo primeiro tipo de vontade, o grupo social (a união) seria concebido pelos agentes em interação como entidade natural e durável. Quando pela segunda, como entidade artificial e mutável, submetida aos interesses individuais. (BRANCALEONE, 2008).

Enfim, são exposições diferenciadas sobre o mesmo assunto: a constituição da sociedade e o processo de socialização dos seus membros. As exposições dos autores conferem matrizes diferenciadas, porém concordam que existe essa dualidade é que ela se comunica, o diferencial está em como se dá esse processo. A organização grupal existe indiferentemente da tipologia animal, mas diferente dos outros animais, os seres humanos são os únicos capazes de pensar essa organização, de melhorá-la ou até piorá-la, são capazes de modificar e ajustar conforme as necessidades. Trata-se de um constante processo de adaptação. “[...]. Um animal é por seu próprio instinto tudo aquilo que pode ser; [...]. A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade. [...] nas palavras de Kant (1999, p.12)”. Desse modo, a visão durkheimiana se aproxima de Kant quando enfatiza que, a racionalidade humana só existe por consequência de sua sociabilidade, ou seja, a distinção entre o agir instintivo das outras espécies animais e a ação pensada dos humanos, advém da capacidade de socialização entre eles.

Nesse contexto, a modernidade, por sua vez, exigiu novas formas de conhecimento, para além daquelas baseadas na tradição/senso comum. Essa percepção vincula-se também nos modos de interpretação e explicação do mundo. “O efeito mais notável e característico dessas transformações consiste no alargamento do âmbito da percepção social além dos limites do que era sancionado pela tradição, pela Religião ou pela Metafísica”, enfatiza Florestan Fernandes (2016, p.11). Desse modo, o debate apresentado nesse capítulo, lança-se no período histórico fomentado pelo surgimento da sociologia, considerada como a ciência que pensa as sociedades, não mais por intermédio da tradição ou concepções religiosas, mas sim por meio da ciência e da razão.

O século XVIII foi precursor na tentativa de aliar a ciência com a realidade social. As explicações contidas até então sobre a realidade, baseadas predominantemente nos elementos religiosos, já não davam mais conta. Era preciso

mudar. A ciência natural e seu método tomava forma e auferia poder, eis a sacralização da ciência, contribuindo assim, para criação de uma ciência social.

Em linhas gerais, é eminente na modernidade o debate sobre o que se entende por *sociedade* e como organizá-la de maneira racional. O olhar positivista²⁶ de Durkheim, que foi herdado de August Comte, caminhou na esteira de conceitos atrelados ao desenvolvimento dos diversos ramos da ciência e procurou estabelecer socialmente o método e os resultados que se tinham desenvolvidos nas ciências naturais. Se, corriqueiramente, este mesmo debate poderia soar obsoleto ao considerar que, se todos vivemos em sociedade, obviamente, todos saberíamos o que ela é, no debate filosófico e científico, compreende-se que não o seja. Desde o século XIX e a partir dos apontamentos de Durkheim, se tornou possível afirmar que não é tão simples assim estabelecer respostas universalizantes ou generalizantes para tais questões. Portanto, apontamentos apressados pouco colaboram a esse debate, visto que, compreender como se dá o funcionamento de uma sociedade é demasiadamente amplo.

2.6 Da filosofia a sociologia: Émile Durkheim

Durkheim é considerado o pai da sociologia moderna e líder da chamada Escola Sociológica Francesa. Nasceu em Epinal, região de Lorena, na França, no dia 15 de abril de 1858 e faleceu em Paris no dia 15 de novembro de 1917. Estudou no

²⁶ Segundo Outhwaite & Bottomore (1996), o positivismo, em um sentido mais amplo, talvez vago, designa várias doutrinas filosóficas do século XIX, que aproximavam a valorização do método empirista e quantitativo. Assim como outros conceitos emblemáticos, ostenta uma controversa e irônica trajetória, pois a origem do termo foi se descaracterizando, culminando, em um desprezo pelo termo na atualidade, ou seja, poucos sociólogos reivindicam ou se agradam ao rótulo de positivista. E, tal como a ideologia, assumiu uma multiplicidade de significados, de modo que existem quase tantas definições de positivismo quantas as críticas de que é alvo. Em seu mais amplo sentido filosófico, o positivismo refere-se à teoria do conhecimento proposta por Francis Bacon, John Locke e Isaac Newton, a qual afirma a primazia da observação e a busca da explicação causal por meio da generalização indutiva. Nas Ciências sociais, ficou associado a três princípios afins: o princípio ontológico do fenomenalismo, de acordo com o qual o conhecimento só pode fundamentar-se na experiência; o princípio metodológico da unidade do método científico, o qual proclama que os procedimentos da ciência natural são diretamente aplicáveis ao mundo social com o objetivo de estabelecer leis invariantes ou generalizações semelhantes a leis sobre fenômenos sociais; e o princípio axiológico da neutralidade, que se recusa a conceder aos enunciados normativos status de conhecimento e mantém uma rígida separação entre fatos e valores.

Colégio d'Epinal e no Liceu, em Paris. Estudou filosofia na Escola Normal Superior de Paris. Em 1897 fundou a revista *L'Année Sociologique* na qual reuniu um eminente grupo de estudiosos. Émile Durkheim foi nomeado professor de ciências sociais em curso criado especialmente para ele, e de pedagogia, na universidade de Bordeaux. Em 1902, foi nomeado para a primeira cadeira de sociologia na França, e para a cadeira de pedagogia, ambas na Sorbonne. Suas principais obras foram: *Da Divisão do Trabalho Social* (1893); *As Regras do Método Sociológico* (1895); *O Suicídio* (1897) e *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912).

O autor iniciou seus trabalhos na filosofia, mas transferiu seu interesse para a sociologia e se tornou figura renomada nessa área. Por conta da ênfase atribuída a alguns conceitos em sua teoria, Aron (2008) o definia como um conceitualista, uma ramificação da filosofia, já que ele aplica, categoricamente, conceitos na sociologia, pois, *definições* e *classificações* ocupam lugar de destaque em seu trabalho. O contato com as teorias de Auguste Comte e Herbert Spencer contribuiu para que ele estabelecesse uma matriz científica ao seu trabalho, resultando, consecutivamente em uma teoria sociológica que influenciou decisivamente no desenvolvimento da sociologia enquanto ciência.

O positivismo contribuiu significativamente na fase inicial do pensamento social. Arquitetado por Auguste Comte, essa corrente derivou do cientificismo que se fortalecia, isto é, na *crença* de que a razão humana seria capaz de conhecer e sistematizar a realidade por meio do método científico. Assim, poder-se-ia validar como o princípio original “dessa escola a tentativa de constituir seu objeto, pautar seus métodos e elaborar seus conceitos à luz das ciências naturais, procurando dessa maneira chegar à mesma objetividade e ao mesmo êxito nas formas de controle sobre os fenômenos estudados” (COSTA, 1987, p.43). Nesse sentido, para Costa (2008) foi no Renascimento que o homem volta a antiguidade, no quesito investigação, buscando o conhecimento com valor em si mesmo independente de implicações religiosas.

A concepção positivista propôs o estabelecimento de critérios rígidos para a ciência, exigindo que ela se fundasse na observação dos fatos. Por meio dessa observação seria possível descobrir as leis gerais que permitiriam compreender o funcionamento das sociedades e, assim, prever o seu estado futuro. Da mesma forma que o químico poderia prever como se dariam as reações entre elementos químicos depois de descobrir as leis de

funcionamento dessas reações, o sociólogo seria capaz de identificar leis invariáveis de funcionamento da coletividade e prever os acontecimentos com base no entendimento dessas leis. (PAIXÃO, 2012, p.49).

O pensamento de Comte e, posteriormente de Durkheim, refletiam os eventos agitados da sua época, a constar, a industrialização, responsável por alterar o modo de condução da sociedade francesa na época e, pontapé inicial para suas defesas acerca dos procedimentos científicos submetidos a ciência social, acreditando ser este o método apropriado para produzir conhecimento sobre a sociedade, com base em evidências empíricas, resultadas de observação, comparação e experimentação. Somente assim a sociedade moderna poderia ser reorganizada. Sob a inspiração comtiana se deu a teoria durkheimiana, porém, insatisfeito, Durkheim foi além de seu predecessor, uma vez que a obra de Comte soava ainda, nos termos de Florestan Fernandes como uma filosofia social e não propriamente uma ciência da sociedade, aquém das sistematizações metodológicas almejadas por Durkheim. “[...] Ela se torna uma Filosofia Social, quando pretende evidenciar as funções “civilizadoras” da vida em sociedade, estabelecendo as primeiras vinculações dinâmicas, de sentido universal, da natureza humana com as situações de convivência social. [...]”, argumenta Fernandes (2016, p.13).

Com o propósito de esclarecer os impasses até então registrados sobre a performance assumida pela sociedade, ansiando justificar os padrões burgueses e industriais que apregoavam a época forçavam a sociologia a criar métodos de análise que pudessem reorganizá-la. Ainda segundo Fernandes (2016, p.12) “[...]. Conservadores, liberais ou socialistas, todos se interessavam pelas descobertas das ciências e suas aplicações nas indústrias, nos serviços públicos e nas relações humanas”.

Quintaneiro, Barbosa e Oliveira (2002, p.67-68), na apresentação de obra dedicada a Durkheim enfatiza que, “[...] Entre os pressupostos constitutivos da atmosfera intelectual da qual se impregnaria a teoria sociológica durkheimiana, cabe salientar a crença de que a humanidade avança no sentido de seu gradual aperfeiçoamento, governada por uma força inexorável: a lei do progresso”. Neste sentido, era possível perceber nos pressupostos do francês para além de uma teoria sociológica explicativa das relações sociais, uma teoria que pudesse conter e

organizar possíveis erros e devaneios sociais alheios ao processo de evolução da sociedade capitalista e industrial que se estabelecia em escala macro.

A sociedade industrial que se desenvolvia, entretanto, não obedecia socialmente aos padrões de maneira harmoniosa, vislumbrados teoricamente. Nem mesmo os mais ávidos positivistas atribuíam-lhe um caráter evoluído adventício as contradições sociais, pois, o processo de desenvolvimento social escancarava uma série de conflitos sociais até então desconhecidos que podiam ruir com os fundamentos teóricos e cientificamente defendidos pelo positivismo. Por um lado, os empobrecidos e explorados lutavam por direitos, e por outro, a burguesia estabelecia diversos mecanismos para manter seu status e privilégios.

Durkheim compreendia que as duas grandes revoluções burguesas que assolaram a Europa nos séculos XVIII e XIX, eram processos de consolidação e reorganização social. Estas duas revoluções foram referências para a consolidação do ideal de sociedade, evoluída e industrializada. Do ponto de vista científico, tratava-se de um período em que estavam, ainda, se firmando os alicerces constitutivos da ciência, cuja perspectiva de cientifização era abalizada pelo pensamento iluminista²⁷ que rompia com paradigmas religiosos situados como verdadeiros e inquestionáveis e que garantiam explicações *necessárias* às questões sociais. Para a compreensão dessa nova sociedade que se fundamentava era imperativo, na perspectiva durkheimiana “[...] criar um novo sistema científico e moral que se harmonizasse com a ordem industrial emergente. O industrialismo, com sua incontida força de transformação, impunha-se como a marca decisiva da sociedade moderna”, afirmam Quintaneiro, Barbosa e Oliveira (2002, p.68).

Com o advento do capitalismo moderno a sociedade não poderia ser notada do mesmo modo que as chamadas sociedades primitivas ou arcaicas, já que neste período, a lógica predominantemente individualista gerou o estado de “quem pode mais” exerce a soberania do poder sobre quem “pode menos”, ou seja, fala-se então em vida econômica predeterminando as escolhas individuais. A economia se tornou o cerne da modernidade e a modernidade a justificativa para os desmandos da

²⁷ O Iluminismo, também conhecido como Esclarecimento, Ilustração ou Século das luzes, caracteriza-se como um movimento filosófico que defendia a ciência e a racionalidade crítica contra a fé, a superstição e o dogma religioso. (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006).

economia. Neste lócus, se a economia entra em desarmonia, o progresso da sociedade estará immanentemente ameaçado.

Temos então, a vida econômica sobressaindo-se aos desígnios individuais. Por outro lado, e na mesma medida de imposição, surge o efeito da coerção social que retira dos sujeitos a percepção exata do que estavam sendo submetidos. O sujeito passa a pertencer a essa vida econômica e entende que o seu desenvolvimento individual depende única e exclusivamente dela, ou seja, é o poder econômico (instalado sobre o coletivo) agindo sobre o indivíduo sem que o mesmo esteja consciente e, isso gerará no ser humano a constante busca pela satisfação de seus desejos pessoais, econômicos etc., sujeitando-se a diversas situações para concretizá-los sustentando a ideia de que a posse de bens, materiais ou não, atribuem ao sujeito maior poder ou domínio sobre os demais. O conceito durkheimiano de *solidariedade* destaca-se aqui de acordo com Steiner (2016), enquanto a solidariedade mecânica preza a similitude dos elementos constitutivos da sociedade, a solidariedade orgânica o seu contrário, prezando a diferenciação de tarefas e de indivíduos que as executam. Na modernidade, na visão durkheimiana, a individuação excessiva provocada pela solidariedade orgânica pode ser considerada um impulsionador expressivo de diversos fatos sociais, dentre eles o suicídio, pois ela evidencia o rompimento dos laços morais e afetuosos que seriam capazes de inibir o suicídio de maneira mais eficaz nas organizações sociais. E Giddens (2005) concorda que Durkheim entendia a sociologia como uma nova ciência que poderia contribuir para elucidar questões filosóficas tradicionais examinando-as empiricamente.

De todos os elementos da civilização, a ciência, é o único que, e certas condições, apresenta um caráter moral. De fato, as sociedades tendem cada vez mais a considerar um dever para o indivíduo desenvolver sua inteligência, assimilando as verdades científicas que são estabelecidas. Há, desde já, certo número de conhecimento que todos devemos possuir. Ninguém é obrigado a se lançar no grande turbilhão industrial; ninguém é obrigado a ser artista; mas todo mundo, agora, é obrigado a não ser ignorante. [...] a ciência nada mais é que a consciência levada a seu mais alto ponto de clareza. Ora, para que as sociedades possam viver nas condições de existência que hoje lhes são dadas, é necessário que o campo da consciência, tanto individual como social, se estenda e se esclareça. [...] uma consciência esclarecida sabe preparar de antemão a maneira de se adaptar a essa mudança. Eis porque é necessário que a inteligência guiada pela ciência adquira uma importância maior no curso da vida coletiva. (DURKHEIM, 2010, p.16-17).

Durkheim enfatiza que o papel do conhecimento científico é fundamental na formação da sociedade moderna. A variação acerca dos conhecimentos válidos se modifica conforme o tempo e o espaço no qual está inserido. Por exemplo, o mito por muito tempo teve sua validade confirmada pelos viventes da época que demonstrava sua suficiência naquele momento. O conhecimento científico, por sua vez, acompanha a geração moderna. Para Durkheim (2014, p.77) “[...]. A ciência começa a partir do momento em que o saber, seja ele qual for, é buscado por si só. [...]”. Nesse sentido, a ciência é entendida como fator preponderante na formação do ser social pertencente a modernidade, já que o sujeito se forma durante toda a vida e se adequa ao padrão de ser humano “escolhido” em cada tipo de sociedade, e para isso ele precisa conhecer esse padrão e se adaptar, pois o indivíduo não recebe hereditariamente o sujeito social, ele é efetivado pelo seu estágio em determinado período e lugar.

Diante deste cenário, o positivismo tentou responder a esse problema evidenciando o seu lema: *Ordem e Progresso*. Ordem por base e o progresso por fim. Esse era o horizonte ético previsto. A mudança da sociedade deveria ser em prol da ordem, que seria, por sua vez, o princípio mediador de integração e ajustamento dos elementos aos princípios reguladores do organismo social, o que justificaria intervenções que fossem necessárias para garantir o progresso da sociedade ou, o resultado dele, uma vida evoluída. Nas palavras de Marcuse (1978, p.309) a sociologia:

[...] se tornou uma ciência por renunciar ao ponto de vista transcendente da crítica filosófica. A sociedade passava agora a ser tomada como um complexo mais ou menos definido de fatos, governado por leis mais ou menos gerais – uma esfera a ser tratada como qualquer outro campo de investigação científica. Os conceitos que explicam este domínio deveriam ser derivados dos fatos que o constituem, enquanto que as decorrências, de maior alcance, dos conceitos filosóficos deveriam ser excluídas. A palavra “positiva” era uma palavra polêmica que significava esta transformação de uma teoria filosófica numa teoria científica. [...].

Comte visava atribuir um caráter de autenticidade ao positivismo, capaz de explicar e ordenar a nova conjuntura que se estabelecia e, inclusive, de justificar as desigualdades sociais. Resolver os conflitos que alteravam a ordem e restaurar a harmonia social era o objetivo principal dessa corrente. Contudo, embora resulte deste

posicionamento certo conservadorismo existente que permanece até hoje, o caráter inovador do positivismo nos parece digno de menção.

Durkheim herda essa filosofia de Comte, concorda que ele tenha dado o pontapé inicial, contudo, não o suficiente para o estabelecimento da Sociologia enquanto ciência social. Segundo ele, Comte estabeleceu os princípios positivistas, mas não o método que desse conta de explicar os fenômenos sociais com base empírica, então Durkheim, pensa, de antemão, uma ciência da sociedade, neutra, mas bastante singular para se pensar a vida social. Para tanto, ele a funda sob a esteira de um método ambicioso de análise científica que seria capaz de explicar o espaço social e sua evolução na modernidade, pretensamente pensado para, além de conceituar relações sociais, remodelá-la, com o propósito de manter a ordem social e, por consequência, garantir o seu progresso.

A constituição da sociologia enquanto um campo de conhecimento explorável, determinava que ela deveria pensar as regras que regiam o funcionamento social, e pensá-las a luz do conhecimento científico que se inaugurava. Isso significa ajuizar as regras sociais com base em observações sistemáticas da realidade, medidas e comprovadas. Impera-se então o axioma de que, se assim o fosse, as regras arrazoadas poderiam prever e controlar os fenômenos sociais tal como a ciência natural explicava o mundo físico.

Resta considerar que, se o século XIX foi cenário de uma série de profundas e rápidas transformações sociais, muitas eram as perspectivas a serem adotadas enquanto caminho filosófico, político e social. Tal fenômeno geraria segundo Durkheim certo receio quanto a “moda” que poder-se-ia gerar em torno da sociologia (declara no prefácio de *O Suicídio*). Portanto, se faz jus o trabalho deste importante intelectual francês justamente por tentar estabelecer as relações sociais o mesmo regramento metodológico que marcou a evolução do pensamento científico moderno explicitado nas demais ciências naturais. Quando se dedica elaboração do *método sociológico*, poucos ainda o haviam trabalhado. O trabalho fundamentado em *As regras do método sociológico* determinou a institucionalização da sociologia como ciência.

2.6.1 O fato social: objeto de estudo da sociologia

Conceituado por conferir a sociologia o *status* de ciência, Durkheim, define o seu objeto de estudo, o *fato social*. Embora este termo seja correntemente usado para se referir a qualquer acontecimento que venha a se produzir na sociedade, não é esta a defesa durkheimiana. Para Durkheim, se qualquer fato fosse pensado como social, como o ato individual de alimentar-se, mover-se, etc., a sociologia não conseguiria definir exatamente qual o seu objeto de investigação. Nesse sentido, o ser humano, segundo ele, realiza x números de atividades cotidianamente, como as funções na família, no trabalho, no grupo de amigos entre outros que, “[...] mesmo que eles estejam de acordo com meus sentimentos, e que eu sinta sua realidade internamente, essa não deixa de ser objetiva, pois não fui eu que os fiz, mas os recebi por meio da educação. [...]”. (Durkheim, 2012, p.31). Quando me comporto desta ou daquela maneira, não o faço por mero respeito, o faço porque aprendi que, naquele ambiente devo me comportar dessa ou daquela forma, ou seja, para Durkheim (2012, p.32), “esses tipos de comportamento não são apenas exteriores ao indivíduo, mas são dotados de um poder imperativo e coercitivo em virtude do qual se impõem a quem quer que seja, querendo ou não. [...]”. sendo assim, três as características gerais que contribuem para que o fato social seja identificado na realidade, são elas: exterioridade, coercitividade e generalidade.

Todas as normas, modos de conduta etc., são formalizados fora do indivíduo e se impõe a ele, elas não partem do indivíduo para o coletivo e sim do seu contrário. E, é nesse sentido que Durkheim ressalta o papel da educação como instrumento que figura a concretização desse processo. “[...]”. Foi a sociedade que instituiu em nós a ideia e o sentimento da regra e da disciplina, tanto internas quanto externas. [...]”. (DURKHEIM, 2014, p.59).

Este processo é chamado de *coercitividade*, permanentemente presente e atuante sobre todos, porém nem sempre é notada. A coerção pertence a todas as sociedades e passa despercebida constantemente porque os indivíduos internalizam as normas de tal modo que não as percebem. Elas transformam-se em hábitos. Isso significa que o indivíduo é moldado pela sociedade. Embora persista um tom de tirania nessa percepção, na realidade, os próprios indivíduos possuem interesse na submissão a que são sujeitados, “[...] pois o novo ser que a ação coletiva edifica em

cada um de nós através da educação representa o que há de melhor em nós, ou seja, o que há de propriamente humano em nós. De fato, o homem só é homem porque vive em sociedade”. [...]” afirma Durkheim (2014, p.58).

Por fim, a condicionante generalidade só o é porque é coletiva, e não ao contrário. Se repete e aplica a todos os indivíduos ou, a sua maioria. Nesse sentido, está presente em todas as sociedades e atinge de modos diferenciados a cada indivíduo, mas o atinge. Existe no coletivo, mas se manifesta no indivíduo. “[...]. Nós somos, então, vítimas de uma ilusão que nos faz crer termos elaborado nós mesmos aquilo que se impôs a nós a partir de fora. [...]”, enfatiza Durkheim (2012, p.34).

Enfim, o fato social existe independentemente das formas individuais de interpretação e das condições sociais em que ocorre. E, para Durkheim (2012, p.16), deveria ser tratado como *coisa*, “não estamos dizendo que os fatos sociais são coisas materiais, mas que, assim como elas, também são coisas, ainda que de outra maneira”. A defesa durkheimiana consiste na hipótese de que, ao observar o fato social como coisa, removeriam dela elementos desnecessários a investigação. Não pensar o fato como coisa poderiam conceber conclusões subjetivas e não é esse o feitiço da ciência. Então, para efetivar um resultado seguro, dever-se-ia depositar na investigação um olhar objetivista.

Na perspectiva durkheimiana, o advento da modernidade exigiu uma análise sistematizada da sociedade e, é nesse intuito que Durkheim estabelece o seu método, não só com a finalidade de explicar a organização social, mas também de buscar soluções para os problemas da vida social. Visando uma compreensão mais organizada de como e por que se davam os fenômenos sociais. Durkheim, metaforicamente, comparou a sociedade a um organismo vivo, ou seja, um todo composto por partes que apresentaria estados de *normalidade* e, alguns *patológicos* inter-relacionados. Na prática social, uma estrutura movida por instituições que afetam direta e indiretamente a vida do indivíduo e não o contrário.

Durkheim buscou compreender a sociedade como um todo e não a partir das ações particulares dos indivíduos. A preocupação do autor concerne em pensar a coesão social como garantia da ordem e o efetivo funcionamento de tal *organismo* que teria como consequência o progresso. O processo de coesão garantiria o status de normalidade a sociedade, enquanto o rompimento dos laços sociais geraria uma situação patológica.

Portanto, normal é aquele fato que não extrapola os limites dos acontecimentos mais gerais de uma determinada sociedade e que reflete os valores e as condutas aceitas pela maior parte da população. Patológico é aquele que se encontra fora dos limites permitidos pela ordem social e pela moral vigente. Os fatos patológicos, assim como as doenças, são considerados transitórios e excepcionais. (COSTA, 1987, p.54).

O que Durkheim tenta provar é que os fatos sociais independem da aprovação dos indivíduos. Eles existem e os indivíduos se adaptam a eles. Essa é a teoria da socialização defendida por Durkheim, que se delinea por intermédio das instituições e se propaga por meio da educação. O indivíduo é socializado pelo seu contato uns com os outros e, pela educação recebe os conhecimentos, regras, etc., promulgadas pelas instituições e herdadas pelo indivíduo quando educado.

Em linhas gerais, a educação para Durkheim, inclui a socialização das novas gerações. Já que o ser humano, é na sua visão, composto por dois seres não passíveis de separação, mas distintos: um remete ao mais íntimo do ser, aquilo que de ninguém conhece, aos estados mentais, dir-se-á o individual; o outro condiz ao sistema de ideias, hábitos, crenças, ideologias, que exprimem não a nossa personalidade, mas a do grupo. Somados teremos o *ser social*. Constituir esse ente é objetivo da educação ressalta Durkheim (2014).

2.6.2 Sobre a constituição do ser social e sua implicação na sociedade

Como visto, para Durkheim a sociedade não é puramente um conjunto de indivíduos, mas uma organização que infere sobre os sujeitos o que eles serão enquanto seres sociais. Os indivíduos são formados pela sociedade, que se constitui superior aos sujeitos moldando-os conforme interesses da ordem coletiva. Durkheim trabalha esse conceito na sua tese de doutoramento intitulada *Da Divisão do Trabalho Social*, consolidada, posteriormente, como uma das obras de maior relevância da abordagem sociológica realizada pelo autor.

Já Em *Educação e Sociologia*, Durkheim enfatiza que essa relação homem sociedade se dá numa perspectiva de imposição, uma vez que, aos nascermos somos inseridos em um grupo social já constituído e com interesses próprios, os quais não são transmitidos hereditariamente para os indivíduos, eles são aprendidos e é a educação que efetiva esse processo. Para Durkheim, é esse processo de assimilação de conhecimentos, de geração em geração, que transforma o homem em sujeito, no contrário, mereceria somente características animais que não os diferenciariam de outros animais. Para Durkheim (2014, p.61):

[...] a sabedoria humana se acumula sem cessar, e é esta infinita acumulação que eleva o homem acima da besta e de si mesmo. Todavia, [...], esta acumulação só é possível na e pela sociedade. Isto porque, para que o legado de cada geração possa ser conservado e transmitido para as outras, é preciso que haja uma personalidade moral que atravesse as gerações que passam e que as ligue umas às outras: é a sociedade. [...].

A moral já consumada apresentada aos sujeitos logo que nascem, repassada por meio de tradições ou do direito, os modelam. Esses valores são frutos diretos das instituições sociais, ou seja, a língua falada, os costumes, a religião, gosto, etc., são implantados por meio das instituições, definidas por Johnson (1997, p.130) como “[...] um conjunto duradouro de ideias sobre como atingir metas reconhecidamente importantes na sociedade. [...]” que garantem o processo de socialização dos sujeitos. Assim, as instituições são ferramentas que perpetuam a autoridade da sociedade frente ao sujeito, que se reconhece como parte integrante nessa condição de submisso a autoridade social. Logo, para Durkheim (2014) é necessário que, pelos meios mais rápidos, a criança substitua o ser egoísta e associal que nasce, por outro capaz de levar uma vida moral e social.

Ao longo do tempo diferentes perspectivas foram assumidas concernentes ao debate sobre a formação do homem e da sociedade. Pensadores de diversas áreas do conhecimento, cada qual atrelando suas proposições a sua realidade espaço-temporal, inferiram a elas um caráter de verdade que, antes de ser rejeitada por olhares posteriores, necessita ser avaliada em coerência com a época em que foi pensada. “As grandes revoluções criam os seus mitos. E eles, por sua vez, definem sua realidade histórica e seu impacto utópico” disse Florestan Fernandes (2008, p.282).

Para Martins (2016) desde seu nascimento a Sociologia agita-se entre tendências teóricas e perspectivas, fruto de diversas concepções. Essa diversidade da própria diferenciação interna, das tensões e das contradições determinam a formação social capitalista e a sociologia, enquanto conhecimento científico, é orquestrada pela sociedade capitalista.

Neste sentido Durkheim foi uma figura que inovou e objetivou este debate na sua obra *Da Divisão do Trabalho Social*, onde ele atrelou essa discussão a uma perspectiva de sociologia calcada no entendimento de que a sociedade predetermina as ações dos indivíduos. Portanto, nada escapa ao imperativo da ordem coletiva que acaba sufocando quaisquer escolhas consideradas como individuais. Ao buscar uma explicação ou resposta a questões relacionadas ao processo formativo social, Durkheim principia analisando o contexto social e econômico no qual o indivíduo estava inserido e percebe que a estrutura social moderna, como estava organizada no seu tempo, não possuía semelhanças análogas às *comunidades primitivas*, cujo vínculo social estava atrelada a solidariedade mecânica, em que a coesão se dava porque não haviam diferenciações entre os indivíduos, pois compartilhavam valores, crenças, objetos sagrados, etc., e agiam uns com os outros, valorizando o outro como si mesmo.

Na estrutura moderna, absorvida pela solidariedade orgânica, estes pactos se davam de modo muito mais complexo e racionalizado. Sob esse pressuposto, Durkheim assegura que, na modernidade se revelava uma nova estrutura social, em que o valor da solidariedade das comunidades primitivas se perdeu. Em substituição a solidariedade arraigada nas comunidades primitivas, estabeleceram-se as instituições sociais que, por excelência, visavam estabelecer normas, valores e crenças que pudessem garantir o funcionamento da ordem social. Contudo, Durkheim percebe que, até mesmo as instituições, que deveriam gerir de modo eficaz a organização social, estavam perdendo o controle. Entendendo que, na atual conjuntura, elas possuíam grande importância, mas não estavam sendo suficientes. Deste modo, compreender o processo de formação e ação destas instituições era decisivo para realizar as mudanças necessárias ao processo de evolução inerente a sociedade moderna. Em suas palavras:

[...] As paixões humanas só se detêm diante de uma força moral que elas respeitam. Se qualquer autoridade desse gênero inexistente, é a lei do mais forte que reina e, latente ou agudo, o estado de guerra e necessariamente crônico. [...] Mas o que proporciona, particularmente nos dias de hoje, excepcional gravidade a esse estado é o desenvolvimento, até então desconhecido, que as funções econômicas adquiriram nos últimos dois séculos, aproximadamente. Enquanto, outrora, desempenhavam apenas um papel secundário, hoje estão em primeiro plano. Estamos longe do tempo em que eram desdenhosamente abandonadas as classes inferiores. Diante delas, vemos as funções militares, administrativas, religiosas recuarem cada vez mais. Somente as funções científicas estão em condição de disputar-lhes o lugar – e, ainda assim, a ciência atualmente só tem prestígio na medida em que pode servir a prática, isto é, em grande parte, às profissões econômicas. É por isso que você pode dizer de nossas sociedades, não sem alguma razão, que elas são ou tendem a ser essencialmente industriais. Uma forma de atividade que tomou tal lugar na vida social não pode, evidentemente, permanecer tão desregulamentada, sem que disso resulta as mais profundas perturbações. É, em particular, uma fonte de desmoralização geral. [...]. (Durkheim, 2010, p.VII e VIII, Prefácio à Segunda Edição).

Durante todo o seu trabalho, Durkheim aborda as mudanças que acontecem em cada período histórico e a necessidade que elas demandam de uma nova organização social. A modernidade, para ele, seria o momento da divisão do trabalho, logo, a organização social deveria estar a ela atrelada. Para o autor, não seria essa a causa da desestruturação que, juntamente com a divisão do trabalho, se estabeleceu na sociedade moderna, pois, as diferentes funções, segundo ele, quando dispostas, de maneira satisfatória, em contato umas com as outras, se harmonizam e se combinam.

[...] Se a anomia é um mal, é antes de mais nada porque a sociedade sofre desse mal, não podendo dispensar, para viver, a coesão e a regularidade. Uma regulamentação moral ou jurídica exprime, pois, essencialmente, necessidades sociais que só a sociedade pode conhecer; ela repousa num estado de opinião, e toda opinião é coisa coletiva. Para que a anomia tenha fim, é necessário, portanto, que exista ou que se forme um grupo em que se possa constituir o sistema de regras atualmente inexistente. (DURKHEIM, 2010, p.10).

Nas sociedades primitivas os sujeitos relacionavam-se por semelhança, pouco se diferiam uns dos outros, e o consenso existente era firmado com base em uma lei maior, representada pela coletividade, denominada *consciência coletiva*. Durkheim (2010, p.50) as define como:

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade firma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de *consciência coletiva* ou *comum*. [...] ela é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram: eles passam, ela permanece. [...] ela não muda a cada geração, mas liga umas às outras as gerações sucessivas. Ela é, pois, bem diferente das consciências particulares, conquanto só seja realizada nos indivíduos. [...].

Na sociedade moderna se escancara um novo sujeito social, que se mostra diferente dos seus semelhantes, ou seja, assume funções diferenciadas e é justamente essa diferença que, na visão durkheimiana forma o consenso, que se firma a partir do momento que é reconhecida essa diferença e não mais, unicamente pela consciência coletiva, mas por todos os sujeitos.

Quando se tem consciência que são demasiadamente penosos os estados de guerra, então a perspectiva de paz é eminentemente necessária. Se amamos a guerra amamos também a paz. Paz e alegria são mais caras ao homem socializado, ou seja, civilizado, uma vez que, a vida comum se torna atraente, ainda que, em contrapartida, coercitiva. A sociedade molda o indivíduo, e este é submisso as imposições tentadas por ela. Essas imposições são aceitas pelo grau de coercitividade que emitem, uma vez que parecem necessárias ao indivíduo para se manter o bom convívio. E como dito anteriormente, o indivíduo não vê problemas nessa sujeição. Nesse contexto, de acordo com o próprio Durkheim a divisão do trabalho não é específica do mundo capitalista, ela sempre existiu e fora, por vezes, imperceptível. O que torna específico é como os indivíduos pertencentes a essa *nova sociedade* a interpretam e se relacionam com ela.

Durkheim recebe críticas por conta da sua defesa a divisão do trabalho. Insinuações do tipo, “antes havia mais liberdade”, “de que vale se uma área progredir enquanto outra retrocede”, etc. Nesse entendimento, há uma descaracterização da função da divisão do trabalho defendida por Durkheim, bem como um decréscimo quanto a sua importância para a organização social, ou seja, os desmandos provocados pelo homem, exclusivamente individuais, seja eles quais forem, seriam justificados na divisão do trabalho, o que para Durkheim configura-se em uma inverdade, pois esta é uma condição da modernidade, e o estado de anomia, também presente, decorre da falência das instituições que, até então mantinham o controle e nada fora colocado em seu lugar.

Dito isto, podemos arguir que, para Durkheim: a) O processo de formação social, na visão deste autor, é dotado de sentido, ou seja, a sociedade modela o indivíduo na medida em que lhe impõe comportamentos, códigos de conduta e valores sociais; b) A sociologia positivista de Durkheim, buscava ferramentas para explicar e reestruturar a coesão em uma sociedade carregada de contradições sociais, mas que, ainda assim, poderia ser organizada de maneira racional se dispusesse de um método isento e impessoal de cunho científica.

Neste sentido, na próxima etapa desta investigação, os conceitos de solidariedade e de anomia serão abordados tendo em vista compreender como estes funcionam dentro da estrutura social moderna de acordo com Durkheim.

2.6.2.1 Dos processos de coalizão social

Exigências de diversas ordens se evidenciam quando o assunto é cientificidade. Durkheim enfatizou que dentro da sociologia esse debate se dá no cerne das discussões sobre o papel do sociólogo e o profissionalismo que esse *cargo* exige. Pensar a sociedade e a relação entre os indivíduos que dela fazem parte, exige, muito mais que apreendê-la de modo interiorizado, isto é, subjetivamente, pois, a racionalidade e o método científico são ferramentas inexoráveis ao fazer científico destes profissionais. Entretanto, elas são ferramentas limitadas nesse ínterim, pois, por si só não são capazes de dar conta da complexidade dos fenômenos sociais que se inter-relacionam ao mesmo tempo em que se se apresentam. Entende-se que os fatos sociais se relacionam, e por serem exteriores aos indivíduos não podem ser resumidos a acepções subjetivas destes, ainda que se manifestem socialmente. Sendo assim, só é possível compreendê-los com êxito se desvinculá-los por completo das idiosincrasias de cada pesquisador (cientista), pois isso permitirá que sejam tratados com a devida objetividade que necessitam.

É nesse contexto que Durkheim visa estabelecer e tornar claro os critérios que, impunham à sociologia de ser de fato uma ciência capaz de examinar a sociedade. Logo, falar em ciência determina pensar metodologicamente determinado objeto, e isso significa analisá-la tão quanto desprendê-la de subjetividades que

possam alterar o resultado do fenômeno estudado. Cientificidade exige, na perspectiva durkheimiana, objetividade. Para além de um método a ser estabelecido e seguido, é preciso clareza quanto aos critérios que delimitam essa objetividade que, por sua vez, atesta a veracidade da ciência social. Nesse sentido, a modernidade realçou, segundo Durkheim, a necessidade de subjugar a sociedade a cientificidade.

Para ele, a sociedade moderna se funda a partir do pressuposto da diferenciação entre os indivíduos, que por consequência são resultantes de um processo social de formação. Analogamente a um ser vivo, que é composto por partes diferentes onde cada qual exerce uma função, formando um todo coerente e em funcionamento, Durkheim vê a sociedade moderna. Embora cada indivíduo seja diferente em relação aos demais, o próprio processo de formação da sua individualidade se dá em escala macro de formação e desenvolvimento social. “Durkheim chama de orgânica a solidariedade baseada na diferenciação dos indivíduos, por analogia com os órgãos de um ser vivo, cada um dos quais exerce uma função própria; embora os órgãos não se pareçam uns com os outros, todos são igualmente indispensáveis”, afirma Aron (2008, p.458).

Se a solidariedade orgânica corresponde a sociedade moderna, a solidariedade mecânica a primitiva ou arcaica. Esta seria incapaz de prevalecer na modernidade. Quando Durkheim alude à solidariedade mecânica como um modelo social de coalizão, ele não afiança que ela é produzida por meios mecânicos ou de modo artificial. Essa nomenclatura, por sua vez, surge por conta da analogia com o tipo de coesão que ela representa e que sintetiza um processo de socialização condizente às organizações sociais primitivas.

Deste modo, incorre-se que a sociedade não pode ser interpretada sob o mesmo aspecto ou narrativa nos dois casos. Dadas as terminologias, o que elas representam: em uma sociedade cuja solidariedade é mecânica, impera uma solidariedade *sui generis*, nas perspectiva durkheimiana, nascida das semelhanças, do compartilhamento de crenças, de sentimentos comuns, entre outros que sobreponham a coletividade acima da individualidade, que, por sua vez, torna-se completamente nula nesse tipo de sociedade. Fala-se de uma solidariedade que vincula diretamente indivíduo e sociedade garantindo-lhes a harmonia do grupo.

[...]. Todo mundo sabe, de fato, que existe uma coesão social cuja causa está numa certa conformidade de todas as consciências particulares a um tipo comum que não é outro senão o tipo psíquico da sociedade. Com efeito, nessas condições, não só todos os membros do grupo são individualmente atraídos uns pelos outros, por se assemelharem, mas também são apegados ao que é a condição de existência desse tipo coletivo, isto é, a sociedade que formam por sua reunião. [...]. (Durkheim, 2010, P.78-79).

Dentro dessa perspectiva, por exemplo, uma pessoa pode ser considerada criminosa mesmo que não o seja, mas meramente por não se encaixar dentro daquilo que a coletividade ditou como pertencente ao conceito de *criminalidade*. Durkheim enfatiza ainda que, quanto maior for a extensão abarcada por essa consciência comum, mais forte serão os laços que a sustentam. Os judeus por exemplo, citados por Durkheim em *O Suicídio*, compartilham de uma consciência coletiva intensa, derivada de uma moralidade rígida, o que reduz, com estimada significância as taxas suicidógenas desses povos se comparado com outros de uma moralidade debilitada.

Em contrapartida, com o advento da sociedade moderna, as funções sociais alargaram os horizontes do processo de formação social e dos indivíduos. As diferentes formas de socialização e coalizão social geraram a necessidade de uma nova forma de solidariedade, desta vez orgânica, como já discutido.

É neste horizonte que a primeira parte da obra *Da Divisão do Trabalho Social* é destinada, por Durkheim para tratar da função da divisão do trabalho. Para ele, *função* é um conceito crucial para se pensar a vitalidade dos movimentos que se desenvolvem socialmente, assim como das relações entre esses movimentos e, possíveis necessidades que os sujeitos angariam ao longo do tempo no interior da sociedade. Em suas palavras: “[...]. Perguntar-se qual é a função da divisão do trabalho é, portanto, procurar a que necessidade ela corresponde; [...]”. (DURKHEIM, 2010, p.13).

A genuína pergunta que move os preceitos de Durkheim (2010) é: o que levou os homens a aproximarem-se? A afetividade? Família (consangüíneo)? Ou a corporação (outros fatores, como proximidade material, interesses comuns, etc.)? Se esse primeiro grupo teve um papel tão considerável na história moral da humanidade, porque o segundo seria incapaz de exercê-la?

Para o autor as instituições são *carro-chefe* para se responder a essas perguntas, pois, no processo de socialização dos sujeitos está a garantia da ordem

social. Uma instituição com elos fortemente constituídos enfraquece desmandos e atrocidades. Do mesmo modo, uma instituição de elos defasados compromete a ordem e estimula a anomia. Nesse sentido, para justificar a importância da divisão do trabalho na modernidade, Durkheim compara a instituição família com a corporação, nome atribuído por ele ao conjunto de diferentes profissionais. A família, por sua vez, da totalidade de preceitos socializadores que a efetivam facilitam a concentração de similaridades entre os indivíduos, consanguíneos ou não, enquanto as corporações priorizam suas preocupações profissionais.

A corporação é um grupo profissional, e o que poderia enquadrá-la como inferior a família, traz consigo compensações. As exigências da sociedade moderna capitalista como a troca de mercadorias exigem novas regras, mais precisas que as de cunho familiar.

É possível perceber que:

[...] Como atividade econômica não tem reflexos fora de casa, a família basta para regrá-la e serve, assim, ela mesma, um grupo profissional. Não é mais assim, porém, uma vez que existem ofícios. Porque, para viver de um ofício, é preciso ter clientes e sair de casa para encontrá-los; é preciso sair também para entrar em relação com os concorrentes, lutar contra eles, entender-se com eles. [...]. (DURKHEIM, 2010, XXV).

Por isso Durkheim assegura que, mesmo com esforços, seria impossível que a sociedade mecânica pudesse reger o funcionamento social. Mantida então pela solidariedade orgânica, e no intuito de evitar uma crescente desorganização, surge a necessidade de uma nova sustentação que lhe fosse próprio. Em outras palavras, era necessário que um grupo secundário, de um novo gênero, se formasse. Foi assim que a corporação nasceu: ela substituiu a família no exercício de uma função que de início fora doméstica, mas que já não podia conservar esse caráter. Do mesmo modo que a família foi o ambiente no seio do qual se elaboraram a moral e o direito domésticos, a corporação é o meio natural no seio do qual devem se elaborar a moral e o direito profissionais.

Quando Durkheim enfatiza que as mudanças decorridas do processo civilizatório são decorrentes de uma profunda reestruturação das relações de trabalho, ele indica que muito acima das mudanças físicas notáveis nos indivíduos, paira uma crise moral acrescida conjuntamente. Logo, conclui que, a divisão do trabalho é por

excelência a condição necessária para o desenvolvimento intelectual e material da sociedade, se tornando fonte de civilização.

O autor assegura que a civilização está desprovida de caráter moral, principalmente no que se refere à atividade econômica. Argumenta também que, transformações como a passagem de pequenas oficinas às fabricas, das manufaturas às máquinas, das simples trocas a grandes vendas aconteceram e, quanto a moralidade nada foi acrescentado de imperativo, gerando assim, transtornos decorrentes de sua ausência. São nos grandes centros industriais que crimes e suicídios são mais numerosos, ou seja, fogem a regra. “[...] A atividade industrial tem sua razão de ser, ela corresponde a necessidades, mas essas necessidades não são morais” afirma Durkheim (2010, p.16). Exemplificando: uma pessoa pode adquirir um objeto qualquer para decorar sua casa simplesmente porque o acha bonito, mas não pode obrigar todos a possuírem objetos semelhantes. Em contraposição, a moral precisa ser obrigatória, já que o supérfluo não se impõe. Obrigação aqui, é sinônimo de coerção. E a coerção é necessária quando os *hábitos* não são aqueles internalizados como necessários para a convivência do grupo, mantendo a ordem e garantia do progresso.

A solidariedade orgânica fomenta uma flexibilidade moral, ela deixou de ser rígida, perdeu seus laços e criou o individualismo. Como agir diante desse novo cenário, essa é a investigação de Durkheim. Se a sociedade permanecer nesse estado de anomia ela tende a desaparecer. Como manter a ordem e estimar o progresso numa sociedade cuja solidariedade é orgânica e o individualismo toma força?

A semelhança, assim como a diferença podem ser, igualmente, fatores de atração, justificando assim a divisão do trabalho. Comparando-a uma amizade, ela pode acontecer por uma questão de reciprocidade em vários quesitos, contudo, ela pode surgir também por não haver nenhum deles. O que Durkheim destaca é que, nem toda dessemelhança tende a ser a positiva quanto possa parecer, pois uma mesma situação pode fomentar uma amizade quanto uma rivalidade, um exemplo é a *disputa* por um objeto. Um mundo sem moral na perspectiva durkheimiana, equivale a guerra de *todos contra todos* apresentada na teoria política de Thomas Hobbes. Para Hobbes a garantia da convivência social era assistida pelo poder supremo do Estado. Para Durkheim, a força em si não unifica as possibilidades de organização social. Ela tem validade, mas não a única e nem a mais efetiva, pois para ele, a

tradição, a moralidade, etc., desempenham essa mesma função e, na sociedade atual, a divisão social do trabalho.

Em todos esses exemplos, o mais notável efeito da divisão do trabalho não é aumentar o rendimento das funções divididas, mas torná-las solidárias. Seu papel, em todos os casos, não é simplesmente embelezar ou melhorar sociedades existentes, mas tornar possíveis sociedades que, sem elas, não existiriam. (...). É possível que a utilidade econômica da divisão do Trabalho tenha algo a ver com esse resultado, mas, em todo o caso, ele supera infinitamente a esfera dos interesses puramente econômicos, pois consiste no estabelecimento de uma ordem social e moral *sui generis*. Há indivíduos ligados uns aos outros que, não fosse esse vínculo, seriam independentes; em vez de se desenvolverem separadamente, concertam seus esforços; são solidários, e de uma solidariedade que não age apenas nos curtos instantes em que serviços se intercambiam, mas que se estende bem além disso. (...). (DURKHEIM, 2010, p.27)

A divisão do trabalho torna visível que, se dois seres ou mais, dependem mutuamente um do outro, ainda que sejam diferentes, mas que assim se reconheçam, desenvolvem uma relação social de dependência. Como consequência social deste processo, os indivíduos criam a imagem dos outros de modo semelhante à sua, desenvolvendo assim, uma relação de integridade da sua consciência, a tal ponto de não as dispensar tão facilmente. A título de ilustração, trazendo-as para as relações pessoais, é por isso sofremos com a morte de familiares ou amigos próximos.

Indiferente do que levou o desenvolvimento da amizade, após concebido o laço afetivo, ele se torna único e os sujeitos são ligados por isso. Na divisão do trabalho, são as diferenças que fazem essa ligação. Durkheim (2010, p.30) realça que “(...) se é esta de fato a função da divisão do trabalho, ela deve ter um caráter moral, porque as necessidades de ordem, de harmonia, de solidariedade social são geralmente tidas como morais”. Está nítido para o autor que a solidariedade social é proveniente da divisão do trabalho, porém, sua preocupação consiste em averiguar o efeito real que ela produz, se é vital para que haja coesão, ou meramente uma condição acessória e secundária. Essa questão é fundamental para a compreensão de um dos conceitos centrais da sua teoria, a anomia, que será trabalhada adiante.

Sendo a solidariedade social algo imaterial, o pressuposto de Durkheim é que ela se materialize, em alguma espécie de símbolo, que a represente. Este símbolo, corresponde, segundo ele, ao direito. Seria este, capaz de manifestar a solidariedade por meio de efeitos sensíveis, podendo efetivar-se de dois modos: a

título de sanções, ou correspondente ao *direito repressivo*, que pune as faltas ou crimes e, o *direito restitutivo*, “ou cooperativo, cuja essência não é punir as violações das regras sociais, mas repor as coisas em ordem quando uma falta foi cometida, ou organizar a cooperação entre os indivíduos”, enfatiza Aron (2008, p.466).

Para Durkheim (2010, p.38) o “vínculo de solidariedade social a que corresponde o direito repressivo é aquele cuja ruptura constitui o crime. [...]”. Se assim, passível de penalizações. Mas, como definir *crime*?

O direito repressivo revela a consciência coletiva nas sociedades de solidariedade mecânica, já que, pelo próprio fato de que multiplica as sanções, manifesta a força dos sentimentos comuns, sua extensão e sua particularização. Quanto mais ampla a consciência coletiva, quanto mais forte particularizada, maior será o número de atos considerados como crimes, isto é, atos que violam um imperativo, ou um interdito, que ferem diretamente a consciência da coletividade.

Esta definição de crime é tipicamente, sociológica, no sentido em que Durkheim interpreta o termo sociológico. Nesta acepção, crime é simplesmente um ato proibido pela consciência coletiva. Não importa que pareça inocente ao observador situado em outra sociedade ou em outro período histórico. Num estudo sociológico, o crime só pode ser definido do exterior tomando como referência o estado de consciência coletiva da sociedade considerada. Esta definição é, portanto, objetiva e relativista. (ARON, 2008, p. 466-467).

Aron elabora uma crítica a definição de crime exposta por Durkheim. Se defino crime a partir da supremacia da consciência coletiva, poder-se-ia incriminar banalidades conquanto inocentar outros hediondos. Se se “naturaliza” o estupro em dada sociedade ele não será crime? Aron considera as ponderações durkheimianas nesse quesito um tanto ingênuas, já que ser sociologicamente um criminoso, não significa que o seja perante outras instituições (religiosas, jurídicas etc.).

Dada a existência dos crimes, o diferencial consiste em como cada sociedade os vê e determina. Essa percepção é histórica, haja vista a condenação de alguns crimes e desleixo com relação a outros, o que exacerba um antigo problema jurídico que está envolto ao problema da definição da gravidade dos crimes. Por que, ainda hoje a sociedade ignora facilmente o roubo de dinheiro público, por exemplo, e

condena, na mesma proporção alguém pela cor da sua pele que sequer tenha cometido um delito segundo regras jurídicas da atualidade²⁸?

Enfim, de uma forma ou outra, as relações entre os sujeitos sociais são reguladas (talvez não como deveriam, inclusive hoje em pleno século XXI), se não pelas regras do direito pelas dos costumes e Durkheim assegura que nem sempre o direito é necessário dentro do processo de coalizão social, visto que, muitas vezes ele apenas legitima o conjunto de regras estabelecidas e aceitas pelo próprio grupo e, sua efetividade é garantida hereditariamente.

Além do mais, para Durkheim, costume não se opõe ao direito, pelo contrário, são sua base. Onde a moral é forte, é na mesma magnitude a organização social e a relação de uns para com os outros. Essas relações são, segundo o autor, proporcionais. “[...] A vida em sociedade não pode se estender num ponto sem que a vida jurídica nele se estenda ao mesmo tempo e na mesma proporção. [...]” afirma Durkheim (2010, p.32).

Em suma, o crime é um ato contra a consciência coletiva. Desse modo, são se reprova o crime por ele ser um crime. Ele é um crime porque se reprova, isto é, foge à regra. Nas palavras de Durkheim (2010, p.52) “[...] Um ato é socialmente ruim por ser rejeitado pela sociedade. [...]”. Infere-se que o conceito de consciência coletiva atua como um regulador social, na medida que fundamenta moralmente os valores sociais aceitos ou vituperados pelo Direito.

É importante lembrar que, para o autor, indiferentemente a época em que determinada sociedade se situa, a consciência coletiva é um fator comum a todas elas. Sob diferentes formas, ela se propaga e se firma *impondo* sua autoridade sobre os indivíduos que consentem a sua autarquia. “[...] a autoridade da consciência coletiva é constituída em grande parte da autoridade da tradição. [...]”, assegura Durkheim (2010, p.293). Neste sentido, o direito atua como uma importante

²⁸ EPTV1. **Entregador sofre ofensas racistas em condomínio de Valinhos.** Publicado em 07/08/2020. Obtido em:

<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/08/07/entregador-registra-boletim-de-ocorrencia-apos-sofrer-ofensas-racistas-em-condominio-de-valinhos-video.ghtml> Acesso em: 14/08/2020

G1 Minas. **“Nós estamos já no século XXI e essas coisas não podem acontecer mais”, diz guarda municipal vítima de racismo.** Publicado em 14/08/2020. Obtido em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/08/14/nos-estamos-ja-no-seculo-xxi-e-essas-coisas-nao-podem-acontecer-mais-diz-guarda-municipal-vitima-de-racismo-em-contagem.ghtml> Acesso em: 14/08/2020

ferramenta de legitimidade que universaliza os valores e os moldes jurídicos necessários a perpetuação das relações sociais efetivadas.

Nessa perspectiva, Durkheim entende que, nas sociedades primitivas o *modelo* assumido pela consciência coletiva quanto aos seus objetivos, se dava de modo consideravelmente diferente das sociedades modernas. Quando ao crime, por exemplo, em uma sociedade primitiva, almejava-se unicamente punir os *criminosos*, não por aspirar vantagens e ou melhorias sociais, tampouco questionar-se sobre estar ou não sendo justo, mas meramente puni-los. Para o autor, nessa instância a “pena consiste, pois, essencialmente, numa reação passional, de intensidade graduada, que a sociedade exerce por intermédio de um corpo constituído contra aqueles de seus membros que violaram certas regras de conduta”. (DURKHEIM, 2010, p.68). De modo mecânico, a pena possui aqui uma utilidade, que se encontra onde não costumamos ver, ela não contribui para corrigir o culpado ou evitar que outros venham a cometer os mesmos delitos, mas simplesmente manter a coesão social. Isto é, a natureza dos sentimentos coletivos, explica a pena e, por conseguinte, o crime.

Conquanto, esta lógica perde significância diante do quadro social desenvolvido nas sociedades modernas. Trata-se aqui de um caráter de reparação do direito, não mais de punição. Busca-se, nesses moldes, a reparação da vida social e, a ordenação do mundo social. O direito restitutivo, consiste em ligar a consciência coletiva a individual, isto é, gerar a compreensão de que as coisas fazem parte da sociedade assim como o indivíduo representa um papel específico nela. Como no organismo vivo, todos os órgãos são responsáveis pela composição de um todo em funcionamento, porém, cada qual possui uma função específica e reconhecidamente necessária para esse funcionamento. Nessa acepção, o direito restitutivo contribui para pensar o outro, bem como a sua função. Disto, traduz-se a ideia de direito cooperativo, que representa, por vez, a integração. Para Durkheim, reciprocidade só existe onde há cooperação. Esta, por sua vez, não existe sem a divisão do trabalho, a única capaz de perceber e suscitar a importância das especializações, clarificando a dependência das partes que lhe compõe.

Se ambos os tipos de solidariedade que acabamos de distinguir possuem de fato a expressão jurídica que dissemos, a preponderância do direito repressivo sobre o direito cooperativo deve ser tanto maior quanto mais pronunciado for o tipo coletivo e quanto mais rudimentar for a divisão do

trabalho. Inversamente, à medida que os tipos individuais se desenvolvem e que as tarefas se especializam, a proporção entre a extensão desses dois direitos deve tender a se inverter. (DURKHEIM, 2010, p.111).

Nesse sentido, sociedades inferiores constituem o direito repressivo, enquanto as sociedades evoluídas o direito restitutivo, isto é, “[...] quanto mais recuamos na história, maior é a homogeneidade; por outro lado, quanto mais nos aproximamos dos tipos sociais mais elevados, mais se desenvolve a divisão do trabalho. [...]”, afirma Durkheim (2010, 116). A ideia central é que, um laço social é, antes de qualquer coisa, um laço moral, portanto, ele defende que se os laços formados pela solidariedade mecânica são deveras frágeis, assegurando que a intensidade dos laços que mantém o coletivo é, da mesma forma, responsável por rompê-los facilmente. Disto resulta o foco da pesquisa durkheimiana, investigar como o sujeito, tornando-se autônomo, torna-se, igualmente, mais dependente da sociedade. Conjuntamente, várias questões evoluíram significativamente, principalmente na área do direito, quando certas problemáticas passaram a ser tratadas individualmente, destituindo-o de ser problema social.

2.6.2.1.1 Solidariedade orgânica e o fundamento social da norma

Para Durkheim, as crenças e semelhanças que uniam a coletividade pela solidariedade mecânica perderam a validade. Com o avanço social exigiu-se outro vínculo social que produzisse esse mesmo efeito. Dessa forma, esse novo elemento é representado pela divisão social do trabalho. Quando nas pequenas comunidades, a família (consanguíneos ou não), tribos, clãs, divisões de território, etc., que constituíam meios que solidificavam a solidariedade mecânica diminuem sua eficácia, surge com o advento da sociedade moderna um novo elemento cujo fomento de disseminação da solidariedade se dá nas relações de trabalho materializadas pelo meio profissional. Consequentemente “[...] a divisão do trabalho tem um caráter moral, pois ela pede que os indivíduos se sujeitem a certas exigências para poderem tomar parte da vida social moderna”, assegura Steiner (2016, p.37-38).

Nessa perspectiva, é evidente que, para Durkheim, uma sociedade moderna só progride ao mesmo tempo em que supera os fundamentos tradicionais que sustentavam as sociedades primitivas. O princípio moral da evolução social se manifesta na e pela evolução da divisão social do trabalho. Por consequência, “[...] ao mesmo tempo em que a especialização se torna maior, as revoltas se tornam mais frequentes” argumenta Durkheim (2010, p.370). Logo, se não houver uma moral que conduza essa diversificação, a guerra será tanto maior.

A diversidade das funções é útil e necessária; mas, como a unidade, que não é menos indispensável, não resulta espontaneamente dela, o cuidado com realiza-la e mantê-la deverá constituir, no organismo social, uma função especial, representada por um órgão independente. Esse órgão é o Estado. (DURKHEIM, 2010, p.373).

O Estado por si só não seria suficiente para solidificar a solidariedade na modernidade, pois ele está demasiado longe dos indivíduos, mas exerce um papel fundamental, enquanto mediador entre o moral estabelecida na corporação e o indivíduo. O Estado representa uma coletividade organizada que, nem está tão próximo do indivíduo a ponto de agir com imparcialidade, nem tão longe a ponto de desconhecer a ação dos indivíduos na sociedade a qual ele está enraizado, bem como os órgãos que os acompanham nessas condições. Nesse sentido, Giddens (VARES, 2010) argumenta que, ao Estado, na concepção durkheimiana, cabe não somente sintetizar as aspirações da população em geral, mas feito isso, articulá-las e clarificá-las racionalmente e assim, estabelecer planos de ação conexos e pertinentes. Tendo o Estado força e independência para cumprir seu papel sem estreita comunicação com a massa, estabelecer-se-ia uma sociedade democrática, aos moldes defendidos por Durkheim.

Ilustrando este argumento o autor pondera que para entender o sistema corporativo, por exemplo, é preciso entender que ele não é uma instituição do passado, por isso não pode se equivaler/igualar aos mecanismos de organização social da Idade Média, mas como um mecanismo característico das sociedades industriais modernas. Desta maneira, quando se desenvolve uma teoria sociológica para tratar a questão metodologicamente, se faz necessário estabelecer previamente de que maneira o regime corporativo evoluiu no passado e quais as causas que

determinaram as principais variações. São necessários estudos comparativos, para analisar os diferentes efeitos causados por cada organização, para que assim se consiga reorganizar objetivamente a sociedade de acordo com as necessidades momentâneas. Essa reorganização, segundo Durkheim, deve acontecer de maneira perene sempre que mudarem as exigências sociais, ou seja, para Vares (2010, p.12) “[...] Durkheim refuta a necessidade de valores morais rígidos, tal como nas sociedades tradicionais, pois o consenso mínimo nas sociedades modernas é antes resultado da divisão do trabalho social. [...]”.

Quando as cidades se emanciparam da tutela senhorial, ocorreram a formação de comunas, o trabalho continua sendo igual “sob nova tutela”, pois a divisão entre corpos de ofício permanecem. A organização política da época se deu em torno da organização social do trabalho. A organização em comunas foi suficiente até o nascimento da indústria. Uma instituição inteiramente empenhada na comuna, como era o caso da velha corporação, não podia servir, portanto, para enquadrar e reger uma forma de atividade coletiva que era tão completamente estranha à vida comunal assegura Durkheim (2010).

As modificações nas corporações deveriam acontecer por outra necessidade agora, se adaptar para cumprir seu papel frente a nova vida econômica que se desenhava. A experiência passada indica que o grupo profissional deve relacionar se com a vida econômica ou o regime corporativo desaparecerá. Já que o mercado, de municipal que era, tornou-se nacional e internacional, sendo assim, a corporação deve adquirir a mesma extensão. Em vez de ser limitada apenas aos artesãos de uma cidade, ela deve ampliar-se de maneira a compreender todos os membros da profissão, dispersos em toda a extensão do território. A corporação precisa de reconhecimento público.

No geral, todos que se encontram nessa condição (corporações), compartilham de desejos e são solidários uns com os outros, sempre visando o corporativo sob o viés das mais variadas perspectivas. Nesse sentido, da corporação, uma organização unitária, surge a formação de órgãos secundários que assegurem a diversidade de cada região ou localidade, a fim de regulamentação profissional segundo as necessidades de cada uma.

A visibilidade de que as corporações tiveram dificuldade em acompanhar o crescimento industrial, supõe que a corporação esteja destinada a se tornar a base,

ou uma das bases essenciais de nossa organização política. Vimos, de fato, que, se ela começa por ser exterior do sistema social, tenderá a se empenhar de forma cada vez mais profunda nele, à medida que a vida econômica se desenvolve. Portanto, tudo permite prever que, continuando o progresso a se efetuar no mesmo sentido, ela deverá assumir na sociedade uma posição cada vez mais central e mais preponderante. Durkheim (2010, p.423) ressalta que:

[...]. O homem já não seria suficientemente retido, já não sentiria o bastante à sua volta e acima dele essa pressão salutar da sociedade, que modera seu egoísmo e que faz dele um ser moral. Eis o que constitui o valor moral da divisão do trabalho. É que, por ela, o indivíduo retoma consciência de seu estado de dependência para com a sociedade; é dela que vem as forças que o retêm e o contêm. Numa palavra, já que a divisão do trabalho se torna a fonte eminente da solidariedade social, ela se torna, ao mesmo tempo, a base da ordem moral.

O progresso da divisão do trabalho ocorre com base no contato dos indivíduos uns com os outros. Quanto mais contato, mais ação e reação, ou seja, os progressos são proporcionais a densidade moral ou dinâmica da sociedade segundo Durkheim. Nas sociedades inferiores os povos se estendem em áreas maiores, na civilizada se aglomeram mais, pois a formação das cidades e seu conseqüente desenvolvimento, aumentam a quantidade e a rapidez das vias de comunicação e de transmissão, por exemplo, crescendo assim, o contato recíproco entre os indivíduos. Para Durkheim, então, só pode haver avanço em uma sociedade se, ocorrerem simultaneamente, aumento de volume e de densidade, ou seja, não basta a existência de especializações, mas que elas se relacionem.

Enquanto para os economistas a divisão do trabalho significa produzir mais, para Durkheim (2010, p.274) a “[...] maior produtividade é apenas uma consequência necessária, um reflexo do fenômeno. Se nós especializamos, não é para produzir mais, e sim para podermos viver nas novas condições de existência que nos são criadas”.

O estado de guerra de que falamos anteriormente poderia continuar existindo na sociedade moderna se esta não fosse regulada pela divisão do trabalho, a única capaz de propiciar no indivíduo a consciência que ele precisa para suscitar o

contato com o outro e aceitar a diferenciação nos seus papéis, entendendo que esse convívio é necessário para se manterem e sobreviverem.

[...]. Não é a personalidade absoluta da mônada, que é autossuficiente e poderia dispensar o resto do mundo, mas a de um órgão ou de uma parte de órgão que tem sua função determinada, mas não pode, sem correr o risco de morte, separar-se do resto do organismo. Nessas condições, a cooperação se torna não apenas possível, mas necessária. [...]. (DURKHEIM, 2010, p.280).

A força dos estados coletivos não resulta apenas do fato de ser comum a geração presente, mas consiste em um legado das anteriores. Nesse mesmo âmbito, a divisão do trabalho não pode também ser hereditária, ou todas as sociedades tê-las em mesma proporção. A diferença do organismo vivo é que, uma célula irá cumprir sua função infinitamente, diferentemente da divisão do trabalho que, quanto mais se divide, mais flexível se torna, determinando, por consequência, uma liberdade ao indivíduo, que pode assumir uma função mas, para melhor se ajustar na sociedade, transferir-se a qualquer outra, desde que busque a especialização necessária. Desse modo, o progresso é, para Durkheim, consequência da mudança.

Da teoria sociológica de Spencer, Durkheim retoma a ideia de que, a importância do indivíduo se dá conforme a civilização vai crescendo, porém, discorda quando ele diz que a absorção do indivíduo pelo grupo se dá por conta do estado de guerra, já que na guerra a união do grupo se faz necessária, ou então, por meio de contratos que assegurem essa estabilidade. E ela acontece com a imposição de uma autoridade forte o suficiente, a qual os indivíduos sejam submetidos. Essa força superior, a única possível, é a do grupo. “[...] A força dos governos autoritários não vem de si mesmos, mas deriva da própria constituição da sociedade. [...]” realça Durkheim (2010, p.180).

Longe de se poder datar da instituição um poder despótico a anulação do indivíduo, deve-se, ao contrário, ver nesse poder o primeiro passo na direção do individualismo. De fato, os chefes são as primeiras personalidades individuais que se diferenciaram da massa social. Sua situação excepcional, fazendo-os sem igual, cria para eles uma fisionomia distinta e lhes confere, em consequência, uma individualidade.

Se o homem aprendeu a desenvolver tudo o que se propôs, foi porque o meio se modificou e, por consequência, exigiu sua adequação a ele. Para Durkheim (2010, p.234) “[...]. A organização implica necessariamente uma absoluta regularidade nos hábitos, pois uma mudança não pode ocorrer na maneira como um órgão funciona sem que, por contragolpe, todo organismo seja afetado. [...]”.

Nesse contexto, para justificar as diferenças existentes entre os *tipos sociais*, cabe novamente lembrar a comparação durkheimiana da sociedade com um organismo vivo, mais precisamente, um corpo humano. Assim como o cérebro desenvolve uma função importante no corpo, o estômago também não deixa de ser um órgão essencial, porque então julgamos, comumente, um mais importante que o outro? Assim como, em alguns casos, órgãos que venham a falhar são passíveis de medicação, substituídos talvez ou, meramente retirados do corpo e a vida continua. Um corpo sem coração não sobrevive, mas talvez possa ser substituído por outro. Essa é a lógica da sociedade para Durkheim, as instituições são hierarquicamente superiores, formadoras da moral constituinte de cada época. No entanto, se essa moral vier a falhar, ela precisa ser renovada, assim como um órgão substituído, ou será sua falência total. Se eu retiro um órgão que não interfira decisivamente na sobrevivência do corpo, ele sobreviverá, contudo não com a mesma “energia” de antes, pois outros ficaram sobrecarregados. Assim na sociedade. Pensar o organismo vivo nesse caso, ilustra o que representa o processo de constituição social defendido por Émile Durkheim.

Essa coalizão de diferentes indivíduos, entretanto, não ocorre de maneira unilateral, tampouco se estabelece de maneira harmônica e ou sem conflitos. Equivalente, no organismo vivo a patologia e, no *organismo* social, a anomia, observado por Durkheim como a melhor forma para entender o caráter de normalidade, por isso atribuiu grande significância ao conceito de anomia no debate sociológico. Desse modo, é compreensível a defesa de Durkheim sobre a importância assumida pela divisão social do trabalho na modernidade, sendo capaz de garantir a coesão social, mas, assim como outros sistemas ela compreende anomalias, que ocorrem por conta de falhas pormenores do sistema e não do sistema em si. Antagonismos, crises e falhas existirão e, para Durkheim, devido à falta de regulação das relações e integração social.

A ascensão da industrialização, a troca de mercadorias, contratos etc., fazem perceber que a solidariedade se dá por meio de interesses comuns. Durkheim critica economistas que associam o aumento da produção ao aumento de felicidade. Na verdade, para o autor, só se produz mais pra gerar mais lucro, talvez a felicidade possa ser condição deste, porém, o aumento do suicídio nas sociedades *evoluídas*, parece contrariar essa proposta, o que se percebe é um constante desagrado com a vida. Durkheim associa a felicidade pensada pelos economistas com o prazer, passageiro, momentâneo, portanto, incapaz de garantir a felicidade, já que ela duraria apenas um momento em uma vida que é contínua.

2.6.3 O suicídio como um problema social de ordem metodológica

A obra *O Suicídio* confere a Durkheim um lugar de destaque no que se refere ao tema, e dificilmente ele é deixado de lado quando o assunto é este. Além disso, a obra exhibe a aplicação do seu método, o método sociológico, cuja conclusão consistiria em avaliar o suicídio como um ato praticado em consequência de causas puramente sociais. Pois, para Durkheim (2010, p.239) “[...] o suicídio só aparece com a civilização. [...]”. Assim como defende que esse fato social “[...] não se produz em pontos isolados, em certas partes da sociedade com exclusão das outras: observamo-la em toda ela. Segundo as regiões, a marcha ascendente é mais rápida ou mais lenta, porém não conhece exceções”. (DURKHEIM, 2010, p.242).

Para Botega (2015, p.78), “sob o ponto de vista da sociologia, o suicídio, assim como as mortes por acidentes, crimes, alcoolismo e drogadição, advém da pressão e da tensão social”. Já na sociologia de Durkheim, além de um objeto de estudo, o suicídio deveria ser suscetível de uma aplicação e análise metodológica, o que corroborou, na perspectiva durkheimiana, para afirmação, não só da possibilidade de a sociologia compreender o suicídio dentro de uma relação indivíduo/sociedade, mais que isso, esta seria prova inconteste da interferência da sociedade no indivíduo. A dedicação de Durkheim (2011) no estudo sobre o suicídio visava mostrar que mesmo no mais privado ato de um indivíduo há a presença da sociedade a que pertence. Botega (2015, p.78), por sua vez, afirma que, “[...] a obra de Durkheim

quebrou um paradigma: o suicídio não mais se encerraria no âmbito íntimo e pessoal. [...]”.

Desta investigação Durkheim conclui que o suicídio é um ato de alguém que *prefere* a morte que a vida, porém as suas causas são diversas e até opostas. Deste modo, para diferentes causas, diferentes efeitos, contudo, nesse caso as causas são estritamente sociais. Causas sociais implicam o suicídio, um ato individual praticado por sujeitos de todo o mundo. Percebe-se que tais causas são fenômenos sociais de mesma natureza.

O estudo durkheimiano do suicídio tem o rigor de uma dissertação acadêmica. Começa por definir o fenômeno; continua com uma refutação das interpretações anteriores; estabelece uma tipologia; e, com base nessa tipologia, desenvolve uma teoria geral do fenômeno considerado. (ARON, 2008, p.476).

Esta, entre outras premissas, corrobora para que a obra *O Suicídio*, tenha sido considerada um marco de destaque na história no que concerne ao tema. Metodologicamente ela foi estruturada em três momentos: no Livro I Durkheim dedica-se aos fatores extra sociais, visando provar que fatores psicopáticos, hereditários, climáticos e de imitação pouco interferem nos suicídios; no Livro II trabalha as causas e tipos sociais de suicídio e, o Livro III trata do suicídio como fenômeno social geral, relacionando o tema em face a outros fenômenos sociais, bem como, discorrendo sobre possíveis remédios contra os tipos de suicídio. Em linhas gerais, a argumentação apresentada pelo autor no decorrer da obra aponta para a afirmação de que é a relação do sujeito com as normas sociais que o levam ao suicídio.

Para o autor, os fatores extra sociais podem exercer influência sobre as taxas de suicídio, contudo, ele enfatiza que elas não podem ser delimitadas, *a priori*, como caracterizações efetivas deste ato. Diz Durkheim (2011, p.36): “[...]. Já que o homem pode manifestar inteligência sem vontade, e sensibilidade sem inteligência, por que não poderia haver doenças da inteligência ou da vontade sem distúrbios da sensibilidade, e vice-versa?”.

Nesse contexto, ele não descarta a possibilidades da existência de doenças que possam interferir inclusive na decisão da morte antecipada, porém, considera, na mesma proporção, que nenhuma pode ser citada sem contestação, a

todas cabem delimitações que podem ser controversias a aquilo que se afirma antecipadamente. Assegura o Durkheim (2011, p.39) que, “[...] para saber se o suicídio é um ato especial dos alienados, é preciso determinar as formas que ele assume na alienação mental e verificar, em seguida, se os alienados são os únicos que ela afeta. [...]”.

Durkheim (2000) buscou provar que os suicídios não são atos de causas puramente individuais ou apenas relacionados a fatores extra sociais. Ele destacou que as principais classificações apontadas por especialistas na sua época (Jousset e Moreau):

1. *O suicídio maníaco*: corresponderia a alucinações que instigam o suicídio para fugir de perigos ou vergonhas imaginárias ou responder a ordens misteriosas etc., porém tratam -se de causas passageiras, que se transformam corriqueiramente, o que poderia ser o motivo em determinado momento, poderia não ser em outro. Assim como o que parecia inútil poder-se-á transformar em absurdo e, conseqüentemente, uma nova causa, lançando assim novas estratégias para colocar fim a vida, ou seja, refere-se a uma perpétua instabilidade em seus *desejos de morte*.

2. *O suicídio melancólico* estaria ligado a um estado geral de depressão, o sujeito simplesmente não encontra vontade de viver em nada, em ninguém. Vive uma condição de tristeza exagerada e a vida parece não mais ter sentido. Essas disposições são constantes, assim como ideias suicidas dadas em sua consequência. Diferentemente do suicídio maníaco, a ideação suicida é fixa e crônica, onde o doente prepara com calma a sua execução, demonstrando, perseverança e astúcia incríveis na perseguição de seu objetivo, a morte.

3. *O suicídio obsessivo*, por sua vez, caracteriza-se por um ato completamente sem motivos, nem reais nem imaginários, simplesmente se dá, se almeja, ou seja, o sujeito ambiciona a morte conscientemente de que não possui motivos para tal. É como qualquer outra obsessão existente em alguns indivíduos, os chamados vícios, como comprar sapatos, por exemplo, talvez o comprador nem os use, pois já os possui em demasia, mas quer obtê-lo. No suicídio obsessivo, se quer a morte. O indivíduo tenta ludibriar essa ideia, mas com o passar do tempo, percebe que se trata de uma luta desmedida.

4. E último, chamar-se *suicídio impulsivo ou automático*, não se distingue do anterior no que se refere a motivos, pois eles não existem, mas, difere quanto ao tempo. Não são mais dados por ideias fixas a serem percebidas e articuladas, resulta agora, de um impulso brusco e imediatamente irresistível. Se por algum motivo o suicida for parado por alguém, ele se quer lembra ou tem ciência do que o levou a cometer o ato, simplesmente sentiu essa vontade incontrolada, e tentou.

Para Durkheim, entretanto, muitos casos de *mortes voluntárias* não se encaixam em nenhuma das categorias apresentadas, pois apresentam alguma relação com a realidade social. Ao mesmo tempo em que, parece justo afirmar que o suicídio corresponde a *vesânicas diversificadas*, como justificar os casos de homens sãos? Pessoas sãs também se matam, assim como qualquer indivíduo que tenha declarado seu estado psicopático, apresentando seu “[..] estado de abatimento e de depressão, exatamente como o alienado”. [...], acrescenta Durkheim (2011, p.44). sendo assim, não se deve relacionar todos os casos de suicídio a loucura, já que nem todo louco se suicida, assim como nem todo suicida é louco. Nesse sentido, afirma ainda Durkheim (2011, p.44-45) que mesmo, “[...] que tivéssemos demonstrado que os indivíduos médios nunca se matam e que só se destroem os que apresentam alguma anomalia, ainda assim não teríamos razões para considerar a loucura como uma condição necessária para o suicídio. [...]”. Tais afirmações condensam a tese do autor de que, não é possível admitir categorias de análise científica para casos isolados e, somente de uma perspectiva metodológica advinda da sociologia se poderia analisar este fenômeno sob bases racionais plausíveis.

Para Durkheim (2011), são inúmeras as anomalias que poderiam contribuir como variáveis nas taxas de suicídio observáveis, contudo, elas não são suficientes para determinar a causa última que impulse o indivíduo a tirar sua própria vida. Ele demonstra isso quando apresenta quadros comparativos referentes a diferentes países da Europa, onde, por exemplo, o número de alienados do sexo feminino é maior que os do sexo masculino em todos eles. Nessa lógica, estritamente estatística, as mulheres deveriam se matar mais ou pelo menos igualmente os homens. Contudo, ao avaliar os números de suicídios referentes a essa situação, constata que o número de suicídios entre as mulheres é demasiadamente menor. No seu país de origem, a França, nos anos de 1871-1876, os números absolutos de suicídios, são 25.341 de

homens versus 6.839 de mulheres, ou seja, para cada 100 suicídios, 78,7 entre homens a 21,3 entre as mulheres.

Outro dado apresentado é quanto ao número de loucos entre as confissões religiosas, onde os de culto judeu superam, em todos os lugares pesquisados, os protestantes e católicos, contudo, “[...] a propensão entre ao suicídio entre os judeus é muito fraca” ressalta Durkheim (2011, p.53), assegurando ainda, que a taxa de suicídio apresenta uma tendência regular crescente, que segue de um grau menor na infância e aumenta em relação a velhice, porém, não é a velhice que comporta o maior número de loucos, que acontece por volta dos 35 anos.

[...]. A proporção permanece mais ou menos a mesma até por volta dos 60 anos; depois diminui rapidamente. Ela é mínima, portanto, quando a taxa de suicídios é máxima, e é impossível perceber antes qualquer relação regular entre as variações que se produzem de um a lado e de outro”. (DURKHEIM, 2011, P.55).

Enfim, a conclusão apresentada por Durkheim quanto a esse primeiro fenômeno, a loucura, é de que as taxas suicidógenas não apresentam relações constantes com as da loucura. Disso ele entende que, essas taxas não seriam referentes a essa monomania²⁹, mas também as outras formas de neurastenia³⁰. Isto é, podem existir casos onde mantenham alguma relação, contudo isso não é determinante, porque nem todos que possuam algum tipo de neurastenia, terão como consequência a predefinição e, antecipação da sua morte. “[...] Em si mesma, a neurastenia é uma predisposição muito geral que não leva necessariamente a nenhum ato determinado, mas que pode, conforme as circunstâncias, tomar as formas mais variadas. [...]” sublinha Durkheim (2011, p.2011).

Outro fator que impera sobre os dados relativos ao suicídio é o alcoolismo. Está presente em boa parte das sociedades, contudo, não é fator decisivo quando se analisa o número de suicidas em comparação com o número de alcoólatras. A título de exemplo, vou citar alguns dados apresentados por Durkheim (2011). O consumo de álcool na França, em 1873, era, em média 2,84 litros de álcool por cabeça, quando

²⁹ Durkheim usa esse termo para se referir uma espécie de *loucura*, o indivíduo é obcecado em uma única ideia.

³⁰ Quando Durkheim utiliza desse termo é para se referir a outros tipos de patologias físicas ou mentais, além da loucura, bastante considerado na época.

os suicídios eram 150 em um milhão. Já em São Petersburgo, o consumo chegava a 20 litros, e os suicídios a uma média anual de 68,8 entre os anos de 1864 e 1868. Dos casos analisados, o único país com consumo e taxas de suicídios equiparados foi a Dinamarca, para Durkheim, uma coincidência casual.

Nesse íterim, vale ressaltar também que Durkheim apresenta dados regionais, como na Alemanha por exemplo, em que regiões com maior consumo de álcool apresentam menor número de suicídios. A justificativa, segundo afirma, é a forte ligação à grupos religiosos nesses espaços. Daí a ênfase que ele atribui a ação das instituições sociais na formação humana, as quais, exercendo seu poder sobre ela, seriam capazes inclusive, de evitar a crescente taxa de suicídios. Esta defesa explanada por Durkheim é constante e nítida ao longo de sua teoria.

Em suma, de caráter eminentemente científico, a pesquisa durkheimiana visava desconstruir paradigmas elucidados com certa constância quando deveriam ser de caráter dubitável, afirmando que “[...] não há nenhum estado psicopático que mantenha com o suicídio uma relação regular e incontestável. [...]” defende Durkheim (2011, p.68). Logo, a ideação suicida pode sim ser ocasionada por um fato psicopático, mas não será o único, ele deverá ser condicionado por outros fatores, que para o autor, são sociais e estão presentes em todas as sociedades sob diversificadas faces.

Dando continuidade ao trabalho de investigação das possíveis causas sobre o suicídio, Durkheim (2011) avalia baseado nas proposições apresentadas, que também a raça e a hereditariedade, seriam causas inviáveis na investigação para se compreender a relação entre número de suicídios. O primeiro argumento defendido por ele é o fato de não existir uma única acepção plausível ao termo raça. Nesse sentido, Durkheim considera como noção fundamental, a semelhança e filiação, compreendem que as pesquisas que se tinham, relacionadas a esse fator eram deveras muito restritas, pois, apontavam para possibilidades incertas uma vez que derivamos de origens diferenciadas. São muitas espécies de raças, como relacioná-las a números de suicídios? Por sua vez, a filiação traria dados incongruentes assim como as semelhanças que poderiam ser usadas como critérios para distinguir raças, uma vez que poderiam ser utilizadas não somente para tratar de raças, mas também de profissões ou confissões religiosas, ou então quando se fala em costumes que caracterizam um ou outro povo. A raça assim concebida acaba quase por se confundir

com a nacionalidade. E o que diferencia as sociedades e os grupos étnicos é, antes, o desenvolvimento desigual de sua civilização. Exemplificando: alemães ou italianos, domiciliados em tal espaço da Alemanha ou da Itália ou, em qualquer outra região do mundo, não se matam mais ou menos por serem alemães ou italianos, mas porque residem neste ou naquele território, submetidos a educação e cultura diferenciadas, assim como compartilhando de crises específicas de cada região. São esses fatores que contribuem com as taxas de suicídio segundo Durkheim, não o sangue que corre em suas veias. Com os alemães ou qualquer outra cultura, os números mudam, aumentam ou diminuem dependendo da sociedade, o que é, meramente, decorrência de circunstâncias externas que modificaram, ou seja, não são devidas a uma propriedade congênita da raça, e sim, referem-se a causas sociais que levam ao suicídio.

Assim como as outras causas explícitas até agora, Durkheim descarta mais essa. Considerar o suicídio como sendo de causa hereditária significaria que todos, em algum momento de suas vidas tivessem, em seu seio familiar, um suicida, ou esta disposição. Durkheim não descarta por completo essa possibilidade, assim como nas demais causas. Acredita que existem casos de suicídios hereditários, mas não impele que todos, nessas circunstâncias, venham a suicidar-se também. Nessas condições, existiria um estado orgânico que as determinassem e, se assim o fosse, as taxas de suicídios entre homens e mulheres se equivaleriam, o que não é apresentado no metódico estudo sobre suicídio elaborado por Durkheim.

Após várias considerações desse âmbito em sua obra, Durkheim (2011, p.98) conclui que:

Ora, a hereditariedade não preenche essa condição, pois ela é, por definição, tudo o que deve e pode ser desde que a fecundação se realiza. Dir-se-á que a propensão ao suicídio existe em estado latente desde o nascimento, mas que só se manifesta sob a ação de outras forças cuja aparição é tardia cujo desenvolvimento é progressivo? Mas isso é reconhecer que a influência hereditária se reduz no máximo a uma predisposição muito geral e indeterminada; pois, se o concurso de outro fator lhe é tão indispensável que ela só faz sua ação se sentir quando esse fator é dado na medida em que é dado, é ele que deve ser visto como a verdadeira causa.

Enfim, o modo pelo qual o suicídio varia conforme as idades prova que, de qualquer maneira, um estado orgânico-psíquico não pode ser causa determinante. [...]”.

Todas as possíveis causas apresentadas por Durkheim até agora, foram por ele colocadas, de modo que, isoladamente, não poderiam ser responsabilizadas única e exclusivamente pelos diversos nuances que compõe as taxas suicidógenas, todas em determinado momento se entrelaçam com circunstâncias sociais, capazes, inclusive de reestruturá-las de acordo com as últimas.

Esgotando-se as possibilidades de estudos científicos sobre a causalidade do suicídio, poderia ser questionado se este tem origem nos fatores cósmicos? Durkheim reitera que não. A análise durkheimiana inicia sugerindo que, apenas dois fatores poderiam ser relacionados no âmbito dos fatores cósmicos, o clima e a temperatura sazonal. Contudo, em primeira análise ele já descarta essa possibilidade, pois os suicídios aconteceram em todos os países investigados e em todas as estações do ano. O que aconteceram foram mudanças nas taxas, onde em determinados períodos houveram muitas mortes voluntárias, em outros, poucas. Diante desse panorama, Durkheim conclui que as taxas não se relacionam aos fatores climáticos e sim com as civilizações, ao modo que que se estabeleceram e permaneceram. Essas, segundo ele, seriam condições capazes de interferência nas taxas. Para Durkheim (2011, p.103) “[...] é a natureza dessa civilização, na maneira pela qual ela se distribui entre os diferentes países, e não nas virtudes misteriosas do clima, que se deve buscar a causa da desigual propensão dos povos ao suicídio”. A culpa não pode ser do clima, quando lugares diferentes, com mesmo clima dispõem dados tão diferenciados quanto às taxas suicidógenas.

Dessa perspectiva, contudo, Durkheim ressalta uma ramificação, a qual ele pretendeu investigar. Seria possível, ligar as diferentes taxas de suicídio com as estações do ano então? Qual delas corresponderia a maior taxa de suicídio? Se pergunta Durkheim. De antemão se julga a estação mais fria, devido a sensação de obscuridade, mistério, falta de movimentação etc. Entretanto, o autor constatou que na estação mais quente do ano (verão) existe um maior número de caso. O período mais agitado do ano, quando as pessoas vivem suas rotinas de modo acelerado as tornam cansadas e desanimadas etc., e dar fim a vida aponta como uma saída imediata quando não veem mais sentido para tal. Embora Durkheim critique tentativas simplistas de explicar a influência que o calor pudesse exercer sobre as pessoas, sobre suas funções cerebrais, por entender que elas estariam longe de explicar de fatos tais fenômenos, ele se propõe a investigar porque as taxas suicidógenas não

seguem a mesma lógica quanto as mesmas estações em variados lugares, ou de estações diferentes em um mesmo espaço.

Certamente não se pode invocar, para explicá-la, a ação do sol e da temperatura. Com efeito, os suicídios cometidos no meio do dia, isto é, no momento de maior calor, são muito menos numerosos que os do início da noite ou da segunda manhã. Até veremos adiante que ao meio-dia se produz um decréscimo sensível. Afastada essa explicação, só resta uma possível, a de que o dia favorece o suicídio por ser o momento em que os negócios estão mais ativos, em que as relações humanas se cruzam e entrecruzam, em que a vida social é mais intensa.” (Durkheim, 2011, p.120)

Durkheim efetivou na sociologia a rigurosidade do método científico. A *desconfiança* que ele atrela seu trabalho tanto na investigação das causas se reflete objetivamente na comprovação dos dados quantitativos obtidos em sua pesquisa, que resultam em qualitativos em sua análise. A busca por um resultado também objetivo, em resposta congruente a temática do suicídio, conclui que, recaem, efetivamente, em todos os casos de suicídio a participação social. E que, quanto mais agitadas as sociedades, quanto maior a exigência de uma vida social intensa, mais descomedidas serão as taxas de suicídio, nada havendo então com questões cósmicas.

Outro fator discutido por Durkheim na abordagem dos principais agentes que são colocados em pauta como responsáveis por fomentar o suicídio, é a imitação. De princípio Durkheim busca esclarecer o que é imitação e como ela pode e é, confundida com outros fatores novamente se ordem social. Em suma, para o autor (2011, p.138):

“[...] Há imitação quando um ato tem como antecedente imediato a representação de um ato semelhante, anteriormente realizado por outros, sem que essa representação e a execução se intercala nenhuma operação intelectual, explícita ou implícita, sobre as características intrínsecas do ato reproduzido.” P. 138

Ou seja, me vejo diante de um suicídio, e opto por executar a mim mesmo quando me deparo com a situação, simplesmente pelo contato com o suicida. Continua ainda Durkheim (2011, p.141-142):

“[...] Não parece que esses *suicídios em massa* tenham por origem um ou dois casos individuais de que eles seriam a simples repetição. Parecem resultar de uma resolução coletiva, de um verdadeiro consenso social, mais do que uma simples propagação por contágio. A ideia não nasce num indivíduo em particular para dele se difundir para os outros; é elaborada pelo conjunto do grupo que, colocado inteiro numa situação desesperada, devota-se coletivamente a morte. [...]”.

Um exemplo dessa condição: soldados em uma guerra, cientes de que seu defronte com o inimigo poderia causar-lhe a morte e vai adiante porque não quer desistir da luta, e outros colegas pratiquem o mesmo ato por consequência desse primeiro. Uma cena de um coletivo de suicídios não equivaleria a uma imitação, mas o puro sentimento de amor ou solidariedade a aquela comunidade a qual pertence e conjuga dos mesmos valores.

Ao avaliar as condições que são relacionadas a imitação, Durkheim novamente não dispensa a possibilidade de haver contágio quanto a mortes voluntárias, contudo, baseado em suas análises, onde medidas eram colocadas para determinar o que caracterizaria um ato como sendo imitativo, ele entende que não poder-se-ia chamar de imitação e sim uma submissão por parte do indivíduo, as regras, costumes ou ideais de um determinado grupo, e por isso ele decide tomar está ou aquela decisão, tendo por medida aquilo que é almejado pela coletividade de seu grupo. O exemplo citado não retrata mera imitação de um sujeito do grupo, mas sim da concordância coletiva para com ideais a que foram submetidos, histórico e socialmente. E para Durkheim (2011, p.135), “[...] agir por respeito ou por receio da opinião não é agir por imitação. [...]”.

As taxas suicidógenas modificam-se bruscamente em vários países da Europa, e para Durkheim, os grandes centros seriam as fontes originais de imitação, contudo, muitas das vezes, são esses ambientes que dominam os menores índices de suicídio, contrariamente à pequenos lugarejos, que detém uma alta taxa suicidógena. E para Durkheim está claro, as taxas modificam-se de acordo com as transformações de um meio social e sua estrutura, não por meio de hereditariedade, imitação ou fatores cósmicos.

“Ato positivo: disparar um tiro de revólver na própria têmpora. Ato negativo: não abandonar uma casa em chamas ou recusar a alimentação até a morte. Uma greve de fome que leva até a morte é um exemplo de suicídio”, descreve Aron (2008,

p.447) em na sua análise acerca da teoria durkheimiana. Ambas situações levam a morte, diretamente no caso da primeira, indiretamente na segunda. Porém, é chocante e assegura o suicídio na primeira, e despercebido na segunda. Historicamente, ocorreram situações onde o suicídio não fora condenado, principalmente quando estão atrelados a interesses coletivos, como o exemplo da guerra utilizado acima. O sujeito se mata por amor à pátria, eis um motivo a ser tolerado? Nesse caso não cabe o julgamento ao sujeito que comete o suicídio porque o motivo pelo qual ele morre é visível e embasado no “bem comum”? Não cabem juízos ou julgamentos pejorativos a nenhum sujeito que se suicida, esse deveria ser o ápice da questão.

Como já abordado, na defesa explanada por Durkheim, o suicídio é dado em virtude de causas sociais e não individuais e que, cada sociedade já possui uma tendência específica a ele. Desse modo, pensando metodologicamente, Durkheim (2011, p.167) enfatiza que “[...] podemos constituir os tipos sociais do suicídio, não os classificando diretamente de acordo suas características previamente descritas, mas classificando as causas que os produzem. [...]”. Para o autor, as condições sociais, agrupadas por semelhanças e diferenças, corresponderão a um tipo de suicídio, afirmando que “[...] penetramos muito mais na natureza de um fenômeno quando sabemos sua causa do que quando conhecemos apenas suas características, mesmo que essenciais”, enfatiza Durkheim (2011, p.168).

Eis o cerne da pesquisa sociológica, dedicar-se a investigação de casos particulares não corresponde ao ideal sociológico, que, por sua vez, exige uma verificação aprofundada dos casos visando uma compreensão ampla que não se reduza a um ou outro caso particular, mas que possa ser aplicada a generalidade dos fatos.

2.6.3.1 O suicídio em Durkheim: um fato social em evidência

As estatísticas nos mostram, imediatamente, que a taxa de suicídio, isto é, a frequência dos suicídios em relação a uma população determinada, é relativamente constante. Esse fato é considerado essencial por Durkheim. A taxa de suicídio é característica de uma sociedade global, ou de uma região, ou província. Ela não varia arbitrariamente, mas em função de múltiplas circunstâncias. A tarefa do sociólogo é estabelecer correlações entre as

circunstâncias e as variações da taxa de suicídio, variações que são fenômenos sociais. Convém de fato distinguir o suicídio, fenômeno individual (tal pessoa em tal conjuntura se matou), da taxa de suicídio, que é um fenômeno social, e que Durkheim procura explicar. Para a teoria, o mais importante é a relação entre o fenômeno individual – suicídio – e o fenômeno social – taxa de suicídio. (ARON, 2008, p.477-478).

Pensar cientificamente o suicídio convém admitir que as pesquisas da psicologia ou medicina seriam fundamentais ao seu entendimento, contudo, Durkheim nos clarifica que a sua pesquisa é de cunho sociológico e, o seu estudo sobre o suicídio confere uma metodologia científica específica que entrega a sociologia o status de ciência, cujo objeto de estudo é um fato social. Por esse motivo, ele descarta, nesse trabalho o papel da psicologia frente a temática, e expõe o problema que existe quando examina documentos oficiais a respeito das causas do suicídio, comumente apontados como possíveis motivos, fatores neurastênicos ou psicopatológicos de ordem individual. Particularmente, no desenvolvimento deste trabalho, constatei, com base nos materiais coletados, a presença constante dos discursos preliminares criticados por Durkheim³¹.

Esses dados conferem com a realidade? Quem determina isso? Afinal, o suicida não exporá sua versão, por conta disso a opinião pública torna efetivos os preconceitos e desinformações. Quando se justifica o suicídio a partir de fatores ou motivos de ordem individual, ocorrem julgamentos e críticas que não reproduzem nada mais do que visões estereotipadas sobre este fenômeno social. Entende-se que quando não se busca uma avaliação das causas que possam ter gerado o *motivo* nos indivíduos suicidas não é possível compreendê-lo em sua essência, ou seja, em sua natureza estritamente social. Deste modo, as palavras de Durkheim (2011, p.170) ainda se fazem eloquentes:

[...] como já dizia Wagner há muito tempo, o que chamamos de estatística dos motivos de suicídios é, na realidade, uma estatística das opiniões que têm sobre esses motivos os agentes, muitas vezes subalternos, encarregados desse serviço de informações. Sabe-se, infelizmente, que as constatações oficiais com muita frequência são deficientes, mesmo quando se referem a fatos materiais e visíveis que qualquer observador consciencioso pode captar e que não deixam espaço para nenhuma apreciação. [...].

³¹ Na análise de resultados tratarei de alguns deles.

Durkheim exala críticas as explicações fundamentadas em informações parciais, validadas por julgamentos improvisados e pautados em experiências não investigadas. Este tipo de lamuria social não demonstra a causa verdadeira do suicídio, pelo contrário, apenas estigmatiza posturas dúbias e delirantes que não condizem ao rigor do trabalho científico. Por isso ele tenta provar por meio de dados estatísticos que o discurso científico é o melhor caminho no tocante a compreensão social do suicídio e da organização social.

Por conta da apresentação de dados apressados e incoerentes que Durkheim vê a necessidade de avaliar as causas sociais que podem ser responsáveis pelos motivos que determinem no indivíduo a vontade de se matar. Daí pensar o indivíduo na sua relação com meio social, e compreender a sociedade como causa de suas mais íntimas escolhas.

Para investigar as causas sociais do suicídio, é necessário investigar as causas dos diferentes meios sociais onde o indivíduo está inserido (famílias, igrejas, grupos profissionais, políticos, etc.), bem como da interferência dessas instituições na vida particular dele. Deste modo, tendo em vista que, para Durkheim, os suicídios possuem causa social eles acontecem por uma *falha* no papel das instituições. O aumento constante na taxa de suicídios, segundo ele, é decorrente da falência da moralidade adjunta das instituições.

Para Durkheim, dois fatores são determinantes nesse processo de formação social do sujeito: a *integração*, promovida pelas instituições sociais, que provoca no indivíduo uma dependência dele para com a sociedade, cuja falta ou excesso geram o mesmo problema, o suicídio; e a *regulamentação*, cujo papel seria limitar os apetites individuais dos sujeitos e a sua falta suscita a anomia e, conseqüentemente, suicídios dessa ordem.

“Na ordem da vida, nada é desmedidamente bom. Uma característica biológica só pode cumprir os fins aos quais deve servir sob condição de não ultrapassar certos limites. [...]” na visão de Durkheim (2011, p.269), para qual o ser humano abarca dois seres: O biológico/físico e o social. O primeiro não tem um valor social, quando o segundo justifica inúmeras facetas adotadas para alcançar esse ser social. Porém, essa busca incessante pelo desejado ser social que, para Durkheim é o que faz do homem um homem, almejado pelas sociedades, não configura garantia

de vida, pois alguns indivíduos desvirtuam dessa prática, por um apego exagerado ou falta dele, evidenciando assim os tipos de suicídio exibidos por Durkheim.

Sendo assim, identificadas e definidas as causas gerais do suicídio, é possível, de acordo com Durkheim, categorizar os seus tipos, os quais ele divide em três denominações conceituais: o *suicídio egoísta*, o *suicídio altruísta* e o *suicídio anômico*, os quais serão abordados na sequência deste estudo.

2.6.3.2 Das categorias do suicídio: um estudo sobre o suicídio egoísta

O *suicídio egoísta*, para Durkheim é aquele que se caracteriza por um isolamento intenso do indivíduo dentro da sociedade, ou seja, ele se sente solitário, “marginalizado” e já não encontra na vida uma razão de ser, pois a necessidade de estar ligado a algo além de si mesmo não existe mais, e isso para ele é motivo o suficiente para se matar. Quando já não encontra mais nada que valha a pena, o indivíduo em si mesmo se entende como insuficiente e se reduz a nada. Para Durkheim (2011, p.260) “o estado de egoísmo estaria em contradição com a natureza humana e, por conseguinte, seria precário demais para perdurar”. Durkheim analisa o suicídio egoísta do ponto de vista das instituições, responsáveis pela integração do indivíduo ao grupo, pois para ele o suicídio egoísta é resultante da falta de apego ao coletivo. “[...]. A causa do egoísmo, portanto, só pode ser uma: a falta de integração. Nesse caso, o indivíduo que tira sua própria vida, o faz exatamente por não ver-se vinculados às instituições ou aos grupos que permeiam a vida social”, destaca Vares (2017, p.24).

O indivíduo em si é um misto infinito de desejos, os quais são barrados somente por uma ordem exterior capaz de freá-los e inibi-los, fazendo com que convivam com o grupo e encontrem nele o afã de suas vidas. Para exemplificar esta conjuntura, Durkheim instaura a religião como fomento no processo de integração social. O autor percebeu que os sujeitos mais afastados da religião tinham muito mais propensão a cometer o suicídio em relação aos sujeitos mais apegados as normas religiosas. Mas afinal, por que as religiões apresentam este fator de disparidade nas taxas de suicídio? Para Durkheim a resposta está intimamente ligada ao nível de

integração social que se estabelece no interior de cada religião. Vale ressaltar, que a desigualdade de culturas, de credos e ritos religiosos pode ser determinante na composição destes dados. Mas, “[...] a sociedade doméstica, assim como a religiosa, constitui um poderoso obstáculo contra o suicídio. [...]” concorda Botega (2015, p.79) ao se referir a Durkheim.

Sobre uma justificativa para as diferenças na taxa entre os credos Durkheim (2011, p.183) afirma que:

“[...] Compreende-se, com efeito, que as confissões menos numerosas, tendo de lutar contra a hostilidade das populações ambientes, sejam obrigadas, para se manter, a exercer um controle severo sobre si mesmas e a se submeter a uma disciplina particularmente rigorosa. Para justificar a tolerância, sempre precária, que lhes é concedida, veem-se coagidas a uma maior moralidade. [...]”.

Essa fala durkheimiana pode ser comparada a especificidade dos judeus, um grupo que apresenta número menor de suicídios, que para o sociólogo francês, se deve a uma maior harmonia e união decorrentes das perseguições sofridas por eles pelos outros povos. Judeus lutam contra a antipatia em favor dos seus e se apegam ainda mais costumes, crenças, etc. Daí a imunidade judia ao suicídio segundo Durkheim. Uma comunidade integrada o suficiente é capaz de minimizar a taxa suicidógena em seu interior.

Em outra análise, o autor reitera que a integração social é mais ampla que o próprio valor de culto e de credo. Por exemplo: Em países majoritariamente católicos há menos suicidas do que em países protestantes. Se ambos proíbem o suicídio, por que a disparidade estatística?

“[...] ambos proíbem o suicídio com a mesma clareza; [...] nos dois cultos essas proibições têm um caráter divino; não são apresentadas como a conclusão lógica de um raciocínio bem feito, mas sua autoridade é do próprio Deus. Portanto, se o protestantismo favorece o desenvolvimento do suicídio, não é por tratá-lo de maneira diferente do catolicismo. [...]”. (Durkheim, 2011, p.185).

A diferenciação da taxa suicidógena entre católicos e protestantes, para ele, depende do modo como está organizado o processo de integração desses grupos, enquanto a religião católica entrega um *prontuário* unificado, atribui uma

hierarquia de poderes, *diz* como tem que ser, etc., o protestante conta com uma maior liberdade, pode analisar e buscar alternativas, perceber por si só se este ou aquele entendimento é viável ou não. O judeu precisa buscar as conclusões, os fiéis da igreja católica as recebem prontas. De um lado, a multiplicidade de seitas, de crenças, valores, que devem ser averiguados, conquanto a unidade indivisível da igreja católica. Logo, para Durkheim (2011, p.186) “[...] a propensão ao suicídio deve estar relacionada ao espírito de livre exame que anima essa religião. [...]”. Deste modo, o maior rigor clérigo faz do católico um sujeito menos propenso a suicidar-se.

A necessidade da liberdade é, para Durkheim (2011, p.185) “[...] a falência das crenças tradicionais. Se elas continuassem a se impor com a mesma energia, nem se pensaria em criticá-las. Se elas continuassem tendo a mesma autoridade, não se pediria para verificar a fonte dessa autoridade. [...]”. Nesse caso, a reflexão seria fruto de hábitos desorganizados, que ao instigar a autonomia dos sujeitos vigorariam um estado de egoísmo.

Esta perspectiva, ainda que possa ser taxada como conservadora e impositora de normas previamente definidas revela a interpretação que o autor produziu acerca do seu tempo. Das mudanças decorridas com o passar dos anos resultam as mudanças na estrutura social, Durkheim reconhece isso. Mas a sua crítica consiste em relatar que a falta de substituição do sistema moral vigente em determinado período histórico, resulta o caos e o egoísmo. Se *hoje* um valor é considerado ultrapassado e fora de contexto, a sua substituição exige que um novo seja colocado em seu lugar. Este estado de mudança só confirma o estado de fragilidade que se encontra a moral estabelecida. “[...] Quando as crenças ou as práticas irrefletidas perdem sua autoridade, é preciso, para encontrar outras, recorrer à consciência esclarecida, cuja forma mais elevada é a ciência. [...]” conclui Durkheim (2011, p.191). Por conseguinte, acentua ainda a sua defesa acerca da ciência e acredita que o livre exame a que são submetidos os sujeitos implica também o gosto pela instrução. Logo, para ele, o gosto pela instrução dos protestantes é maior que o dos católicos, e desta forma, subentende-se as variações na taxa de suicídio desses dois grupos religiosos.

Para elucidar Durkheim (2011) apresenta outros exemplos em sua obra: nas profissões liberais e classes abastadas existe um maior gosto pela ciência, se vive uma vida intelectual, mas também altos índices de suicídio nessa categoria. Outro

exemplo é referente a mulher, se mata menos, e também é menos instruída (com exceção das mulheres negras nos Estados Unidos, estas são mais instruídas e se matam mais que a mulheres brancas). O judaísmo, aqui, confere a exceção da regra, é a mais instruída e a que menos se mata. Por que? Porque os laços que unem os judeus são fortes. A integração entre o grupo não conta com a fragilidade de outras instituições, como referido acima. Os judeus utilizam da instrução como um mecanismo de resistência contra os ódios de que são objetos, ou simplesmente para mostrar sua igualdade diante de outros povos etc., a instrução aqui é uma *arma* de luta. A ciência não contraria a tradição segundo Durkheim, e os judeus conseguem utilizar das duas de forma que uma não prejudique a outra.

O posicionamento durkheimiano entende que a intelectualidade não tem a ver com suicídio. A ciência não pode ser culpada por nenhum suicídio, mas sim a dissolução das instituições religiosas, que perderam seu poder autoritário, e por consequência, as pessoas buscam outras explicações que visem sanar suas necessidades. A causa do suicídio egoísta é o enfraquecimento da tradição que *une* o grupo. A decorrência disso é a perpetuação do estado de individualismo.

Para Durkheim (2011, p.205), é necessário avaliar como as outras instituições sociais podem se tornar fator de inibição do suicídio, pois, “[...] se a religião só preserva do suicídio porque é, e na medida em que é uma sociedade, é provável que outras sociedades produzam o mesmo efeito. Assim, observemos desse ponto de vista a família e a sociedade política”. Neste sentido, seria o casamento um fator inibidor do suicídio?

Durkheim avalia em que medida o fato social casamento tem relação com as mortes voluntárias, mas logo conclui que não, já que as estatísticas são disparens no que concerne ao casamento quando observado os sexos. Homens casados se matam menos que as mulheres casadas e, “[...] se a imunidade é tão desigual, é porque a vida de família afeta diferentemente a constituição moral dos dois sexos. [...] afirma o autor (2011, p.223). Sendo assim, não é o casamento, que se dá em toda parte, que produz resultados tão diferentes, mas sim, a constituição familiar, ou seja, *instituição* família. “Já temos uma prova da eficácia medíocre do casamento no fato de que a nupcialidade pouco mudou desde o início do século, ao passo que o suicídio triplicou. [...]” diz Durkheim (2011, p.225).

Homens não sofrem a perda da esposa e sim da mãe de seus filhos, no momento de sua morte. Viúvos com filhos se matam menos que os sem filhos. Aliás, quanto mais densa a família, menos suicídios. Estes são exemplos citados por Durkheim na sua avaliação estatística. Mas o fato é, o fim do casamento não gera esse mal estar, a verdadeira causa é a desestruturação sofrida na constituição familiar que, para o homem, é muito mais benéfica que para as mulheres segundo Durkheim, por isso a dessemelhança nos dados.

Politicamente, Durkheim avalia outro fator. Deveras que as guerras aumentam o número de suicídios, o que para Durkheim é, no mínimo, equivocado, já que exatamente no pico de variadas de crises ou guerras, o apego a nação, grupo ou comunidades aumenta, minimizando o número de suicídios, contrariamente aos períodos anterior e posterior a esses eventos. Para Durkheim (2010), as grandes comoções sociais, tais quais as grandes guerras, intensificam os sentimentos coletivos, incitam o patriotismo, a fé política e nacional, etc., visando um mesmo objetivo e integrando demasiadamente essa sociedade. A questão não é a crise segundo ele, mas as lutas ou as relações que se prendem a ela, e como elas geram a união entre os indivíduos a fim enfrentá-la em conjunto, alocando a *coisa comum* acima de qualquer individualismo.

Entende-se então, que o suicídio egoísta resulta da integração insuficiente do indivíduo para com o grupo religioso, doméstico ou político. Se a sociedade se desintegra, a repercussão disso será notada na relação dos sujeitos para com ela. Daí a definição atribuída por Durkheim (2011, p.258-259) ao tipo de suicídio que corresponde a esse panorama, convém “[...] chamar de egoísmo esse estado em que o eu individual se afirma excessivamente diante do eu social e às expensas deste último, poderemos dar o nome de egoísmo ao tipo particular de suicídio que resulta de uma individuação desmedida”.

O suicídio egoísta só acontece porque a desintegração social faz com que o coletivo, que inibiria caprichos individuais perdesse o seu poder diante do indivíduo, deixando-o livre para fazer o que desejar, cujo mote cerceador são seus critérios individuais, contudo, isso pode não mais fazer sentido e, sentir-se-á no direito de dispor daquilo que antes o era imposto como proibido, matar-se.

Enquanto criança não há preocupação com o que se é, porque é ou onde está, simplesmente se vive ou, existe. Quando adultos, essa perspectiva perde sua

validade. Racionalmente em um novo mundo que exige muito mais do que estar vivos, e isso pode e é, na maioria das vezes, um problema. Quando criança as distinções não são tão diversas da animalesca, já que as necessidades são exclusivamente biológicas, físicas. Uma existência mais elevada não se satisfaz tão facilmente. Somos seres sociais por natureza e nos prendemos a coletividade, nossas atitudes derivam da sociedade e igualmente a ela são projetadas, internalizamos certas medidas, contudo, quando isso não mais faz sentido, a morte pode fazer. Talvez o homem que as sociedades desejem aos seus partícipes, não é exatamente o que esse sujeito, em si almeja. E para Durkheim o problema é único, a desestabilização da moralidade.

2.6.3.3 Das categorias do suicídio: um estudo sobre o suicídio altruísta

“Altruísmo é a tendência a considerar as necessidades dos outros como mais importantes do que as próprias e, por conseguinte, estar disposto a sacrificar-se por eles”, afirma Johnson (1997, p.7). Para Durkheim (2011, p.269) se “[...], uma individuação excessiva leva ao suicídio, uma individuação insuficiente produz os mesmos efeitos. Quando é desligado da sociedade, o homem se mata facilmente, e também se mata quando é integrado nela demasiado fortemente”.

Em *O suicídio*, Durkheim aborda inúmeras situações, baseadas em fontes variadas que explicitassem casos como: mulheres que se mataram após ficarem viúvas; guerreiros que preferiram a morte a perder o conflito; sociedades que pregavam a desonra quanto a morte natural no leito da velhice e a glória quando evitassem esse tormento; sujeitos subordinados a chefes cuja autarquia o fizesse perceber que ele só era quem era por *pertencer a alguém*, se esse alguém não existe mais, ele também não, logo, matar-se-á em simpatia, entre outros exemplos que poderiam ser citados. A conclusão óbvia do autor é de que nestes casos o suicídio foi motivado por sujeitos que dispuseram de suas vidas em prol de algo maior, que compunham, em alguns casos, como a única circunstância relevante em suas vidas. “Ora, em todos esses casos, se o homem se mata, não é porque se arroga o direito, mas, o que é bem diferente, *porque tem o dever*”, afirma Durkheim (2011, p.272).

Novamente os fundamentos da teoria durkheimiana entram em voga. O sujeito central nas comunidades não é o sujeito físico e sim, o social. O velho não se mata porque está cansado de viver, mas sim porque o seu “eu social” não possui mais valor. Para ilustrar, se pudéssemos usar um exemplo trabalhista, um velho não dispõe mais das habilidades de um jovem, logo, torna-se dispensável facilmente. O sujeito social não convém, perdeu sua credibilidade, ele é só um velho que, insistindo em viver, não terá a mesma estima pública. Para Durkheim (2011, p.273) a “[...] sociedade, portanto, pesa sobre o indivíduo para levá-lo a se destruir. [...]”.

É evidente que a sociedade incide tanto no suicídio egoísta quanto no altruísta, modos diferentes de levar o indivíduo a se matar. No primeiro os laços são tão fracos que o indivíduo não consegue perceber que ele é parte integrante da sociedade. No segundo, o contrário, os laços são tão fortes que o sujeito percebe nas circunstâncias objeto de obrigatoriedade, ou ele age em prol da sociedade, ou ele também não existe. O pensamento norteador aqui é pensar que o destino de um seja o mesmo dos outros. O indivíduo é tão fortemente integrado que não é importante. “[...]. Indistinto de seus companheiros, por assim dizer, ele é só uma parte *aliquot* do todo, sem valor por si mesmo. [...]. [Então] Chamaremos de *suicídio altruísta* aquele que resulta de um altruísmo intenso [...].” afirma Durkheim (2011, p.275). Esse altruísmo intenso, contudo, não corresponde a um caráter de obrigatoriedade, pois na visão durkheimiana esse tipo de suicídio carrega muitas variedades. E qualquer motivo que envolva o outro pode ser motivo para se matar.

Diversas sociedades implicam diversas interpretações. Durkheim (2011, p.278) cita: na Índia, por exemplo, impera um altruísmo ligado a utilidade social: “[...]. As leis de Manu, na verdade, recomendam o suicídio sob certas reservas. É preciso que o homem já tenha chegado a uma certa idade, que tenha deixado pelo menos um filho. Mas, preenchidas essas condições, não tem mais o que fazer da vida”. [...]”.

Por outro lado, situações como “vida triste” e “desapego a existência” são condições íntimas a todos os tipos de suicídio, por isso, para Durkheim (2011, p.283-284) a diferença de causa pode ser compreendida nos efeitos, pois, “[...], para que haja suicídio, basta que o ato, o qual deve inevitavelmente, resultar em morte, tenha sido desempenhado pela vítima com conhecimento de causa.[...]”. E, no caso do altruísta, poderá ser obrigatório, facultativo e agudo. Para este último Durkheim cita os suicídios no exército.

O exército é ainda hoje, uma organização que mantém uma imagem e função moral fortemente constituída. Por que haveriam mortes voluntárias em seu interior? Imagina-se, diz Durkheim, que a obrigatoriedade da entrada nessa instituição fosse o primeiro motivo, mas pelo contrário, são os engajados que se matam mais, ou seja, os que estão mais apegados. A resposta para essa pergunta, pode ser desvelada ao analisar o apego exagerado a instituição que, por sua vez, se torna propulsor de mortes voluntárias nessa instituição. Para além disso, podem se citar outros exemplos, como os camicases japoneses na Segunda Guerra, o ódio disseminado contra os judeus por alguns alemães, etc., onde foi possível constatar as consequências impiedosas que o apego exagerado a algo pode originar. A tristeza, a melancolia encontrada no egoísta é aqui representa por um indivíduo destituído de toda realidade.

Dito isto, evidencia-se que a postura de Durkheim em delimitar o que é suicídio altruísta, delinea situações efetivas de suicídio em que os indivíduos dispõem de sua própria vida em nome de um bem maior.

2.6.3.4 Das categorias do suicídio: um estudo sobre o suicídio anômico

Descritas as duas primeiras tipologias, vamos a terceira e, para um melhor entendimento, a mais significativa da teoria de Durkheim pois retrata a vida social moderna, cujos princípios não são mais regimentados pelos costumes. Para o autor, o suicídio anômico é efeito da desregulamentação social. A sociedade, na sua visão, além de absorver as emoções e ações individuais das pessoas, possui também “um poder que os regula. Há uma relação entre a maneira pela qual se exerce essa ação reguladora e a taxa de suicídios”, afirma Durkheim (2011, p.303). Deste modo, a sociedade moderna se fundamenta no controle e na regulamentação social dos sujeitos, o que certamente representou uma mudança paradigmática na forma de pensar a sociedade e conseqüentemente na organização do pensamento científico. Como reflexo da falta desta regulamentação ou, desordem deste processo, as conseqüências para os indivíduos podem ser a própria inibição da vida representada pelo suicídio.

Para o Durkheim (2011, p.311):

[...]. Toda ruptura de equilíbrio, mesmo que resulte em maior abundância e aumento da vitalidade geral, impele à morte voluntária. Todas as vezes que se produzem graves rearranjos no corpo social, sejam eles devidos a um súbito movimento de crescimento ou a um cataclismo inesperado, o homem se mata mais facilmente [...].

Alguns fatores influenciam significativamente para uma tomada de decisão suicida. Uma crise econômica, por exemplo, abala a comunidade como um todo, não apenas indivíduos isolados. Essa crise propulsiona o suicídio não por empobrecer as pessoas, mas por denominar-se assim e, provocar, na ordem social, perturbações de caráter coletivo que desmantelem a harmonia social.

O termo anomia significa “ausência de normas” e tal situação, comumente, resulta do enfraquecimento dos laços reguladores. Geralmente se dá em fases de crises, responsáveis por desencadear processos dolorosos de renúncia à vida. Trata-se, pois, de um tipo de suicídio muito comum nas sociedades modernas, que se revela na correlação estatística entre a com que ele ocorre e as fases do ciclo econômico. Destarte, como parecem demonstrar os dados, há uma tendência ao aumento da frequência de suicídios nos períodos de crise econômica, mas também, por mais contraditório que isso possa parecer, nos períodos de grande prosperidade. Em ambas as situações, a sociedade vê-se momentaneamente incapaz de limitar os desejos individuais, o que pode resultar num desregramento moral. (VARES, 2017, p.26-27).

Deste modo, o suicida anômico, é fruto da quebra de uma ordem social que ele mesmo internalizou. Falar do suicida anômico, é pensar de um sujeito físico que se matou por não se *adaptar* como um sujeito social por direito. O suicida não mais compreendia seu papel social, o único que importa para a sociedade.

Qualquer ser vivo só pode ser feliz ou até só pode viver se suas necessidades têm uma relação suficiente com seus meios. [...]. Tendências que não são satisfeitas se atrofiam e, como a tendência a viver não é mais que a resultante de todas as outras, ela não pode deixar de se enfraquecer quando as outras se afrouxam”. (Durkheim, 2011, P.311-312).

Diferentemente dos animais *irracionais*, que possuem, exclusivamente, necessidades materiais para a sobrevivência do corpo (porém vale ressaltar que

existem estudos que investigam esse fenômeno), o ser humano, necessita de uma função social, cujas carências, não dependem, em mesmo grau, das do corpo. Logo, “[...] pode-se dizer admitir que os apetites desse tipo, mais cedo ou mais tarde encontrem um limite que não podem transpor. [...]”, diz Durkheim (2011, p312).

Quando se fala em natureza humana, entende-se que as necessidades impostas são as mesmas em todos os corpos. Mas, ao contrário, há uma diversidade imensa de situações que delimitam tais espaços e atribuições. Existem hierarquias que são aplicadas, diferentes profissões que exigem comportamentos específicos, assim como diversas culturas, religiões etc. E, é a regulamentação que dita a ordem e organização social que insere o indivíduo na sociedade, ainda que tudo isso varie no tempo e espaço, explicita a teoria durkheimiana. É impossível a permanência de uma mesma regulamentação quando os anseios são outros. E a cada nova geração os propósitos também se regeneram. E isso é normal para Durkheim, o que não é normal é que a moral não estabeleça um paralelo que as acompanhem. Em todas as sociedades a natureza humana e suas necessidades físicas são as mesmas, contudo, a maneira a qual essas sociedades granjeiam os comportamentos é variável.

[...]. Seja qual for o prazer que o homem tenha em agir, em se mover, em fazer esforço, é preciso que ele sinta que seus esforços não são vãos e que andando ele avança. Ora, não avançamos quando não andamos na direção de nenhum objetivo ou, o que dá na mesma, quando o objetivo a direção do qual andamos está no infinito. [...]. (DURKHEIM, 2011, p.313-314).

A sociedade francesa do século XIX na qual Durkheim viveu e baseou seu trabalho, estava pautada em delimitações válidas para aquela sociedade em seu tempo. Contudo, em muito, as afirmações apresentadas pelo autor podem ser deslocadas a tantas outras sociedades, na medida em que estas compartilham modelos de socialização e de padrões morais. Existe um padrão de regulamentação social interno e, quando os objetivos e desejos dos sujeitos não condizem com o que está estabelecido, gera, na visão particular desse indivíduo, uma “falsa vida”, ou seja, ele cumpre um papel que para ele não tem sentido, e se não tem sentido, suicidar-se pode se tornar o seu objetivo.

A sociedade capitalista apura ainda mais esse processo. O ser humano é insaciável quanto a seus desejos e satisfações. “[...] quanto mais tivermos mais iremos

querer ter, sendo que as satisfações recebidas só farão estimular as necessidades, em vez de as aplacar”, expõe Durkheim (2011, p.314). Disto, poder-se-ia gerar o que o autor chamaria de “eterno descontentamento”, sujeitas a inúmeras consequências. “[...]. Nessas Condições, estamos presos à vida apenas por um fio muito tênue é que a cada momento pode ser rompido” conclui Durkheim (2011, p.314).

Daí a afirmação de Durkheim de que as paixões precisam ser limitadas, e o órgão limitador, a sociedade, pois para Durkheim (2011, p.315) somente ela, “[...] seja diretamente e em seu conjunto, seja por intermédio de um de seus órgãos, está em condições de desempenhar esse papel moderador, pois ela é o único poder moral superior ao indivíduo, e cuja superioridade este último aceita. [...]”.

Se couber a cada homem designar o que pode ou não fazer o resultado será um pandemônio. Se um indivíduo agir de acordo com a moral estabelecida sem uma autoridade superior que indique a todos a mesma norma e necessidade de cumpri-las, ele não terá a garantia de que todos o farão. Então, por respeito a regra ou a supremacia estabelecida, o sujeito age dentro dos limites que cabem a si, a sua profissão, ao seu grupo, e isso só é possível pela imposição da autoridade coletiva.

É tentador inferir sob esse viés que há uma ideia de igualdade no pensamento social de Durkheim. Segundo essa premissa todos seriam compreendidos de maneira igualitária, gerando uma expectativa de ciência que abarque todas as disparidades existentes na sociedade, capaz inclusive, de estabelecer, aos menos favorecidos, a aceitação de sua condição social.

Para o Durkheim (2011, p.318) se todos adentrarem “[...] na vida com os mesmos recursos, se a luta entre os competidores se travar em condições de perfeita igualdade, ninguém poderá achar seus resultados injustos. Todo mundo sentirá espontaneamente que as coisas são como devem ser”. Quanto maior for esse entendimento, menor a coerção social. Uma disciplina moral consistente apadrinha a conformação dos menos favorecidos. “Contudo essa disciplina, tal como a anterior, só pode ser útil se considerada justa pelos povos que lhe são submetidos. Quando ela já não se mantém a não ser pelo hábito e pela força, a paz e a harmonia só subsistem na aparência. [...]” reafirma Durkheim (2011, p.319).

A necessidade da existência pode ser conferida, na teoria durkheimiana como um princípio ético cuja *obediência* deve acontecer por assentimento e respeito,

jamais por medo. Nesse propósito, o sujeito precisa se entender como parte de um universo, parte de si o compreende e ele o compreende na mesma proporção, por isso precisam ser regulados, visando a harmonia do todo. Então, quando algo perturba a ordem existente, indiferentes das amarras que assumam, quando repentinas, provocam a ascensão de suicídios.

Não cabe ao sujeito a medida de todas as coisas. O ser humano é repleto, quando regrado por si mesmo e alimentado pelo espírito capitalista, de ambição e individualismo, logo, o propósito social tende a desmoronar, pois o estado de desregramento avigora nessas condições. Ambições além do permitido levam o sujeito a insatisfação desmedida, até a falta de vontade de viver. Nas palavras de Durkheim (2011, p.323) “[...]. quanto menos nos sentimos limitados, mais qualquer limitação parece insuportável. [...]”.

“[...] Os indivíduos estão em competição permanente uns com os outros; esperam muito da vida, fazem grandes exigências e se sentem acuados pelo sofrimento resultante da desproporção entre suas aspirações e satisfações. [...]”, enfatiza Aron (2011, p.487). Infelizmente, a sociedade do consumo, o mundo do comércio e da indústria, cada dia mais aflorados, contribuem significativamente para essa desregulação. Não se pensa mais o indivíduo, mas na comercialização de produtos. A naturalização das crises, a cobiça levantada sem saber os seus limites, estabelecendo objetivos inatingíveis formalizados, etc., presumem a ineficiência do sujeito social.

O suicídio anômico consistiria então em um desregramento das atividades realizadas pelos sujeitos e de seu entristecimento para com isso. Crise econômica, mortes de entes queridos, desorganização familiar, divórcios, entre outras conjunturas pelas quais o sujeito não tá preparado para passar, são condicionantes bárbaros da falta de regramento social. Sanar as diferentes anomias da vida moderna, é na visão de Durkheim, pressuposto da diminuição das estatísticas do suicídio.

2.6.3.5 Um olhar sobre as formas individuais dos diferentes tipos de suicídios

“[...] Cada suicida confere a seu ato uma marca pessoal que expressa seu temperamento, as condições especiais em que ele se encontra, e que, por conseguinte, não pode ser explicada pelas causas sociais e gerais do fenômeno. [...]”, ressalta Durkheim (2011, p.356 De certo modo, “[...] o homem se mata depois de matar aquele a quem acusa de ter envenenado sua vida. [...], continua Durkheim (2011, p.365). A causa é social, mas o ato individual, pois é o sujeito que, *embriagado de cólera*, se mata. A conformidade dele, sujeito social, o qual é responsável pela sua decisão, inexistente nesse momento, e ele não percebe mais sua função no meio coletivo.

[...]. Naquele [suicídio egoísta], a inteligência racional é atingida e se hipertrofia além da medida; neste [suicídio anômico], é a sensibilidade que se superexcita e se desregula. Em um, o pensamento, de tanto se voltar sobre si mesmo, já não tem objeto; no outro, a paixão, não reconhecendo mais limites, não tem mais objetivo. O primeiro perde-se no infinito do sonho; o segundo, no infinito do desejo. (DURKHEIM, 2011, p.368).

A anomia poderia ser associada ao altruísmo, matar-se por si, por uma causa ou falha do grupo, mas, matar-se. A escolha do tipo de morte parece indicar uma última escolha individual que está atrelada as condições sociais do sujeito. O meio onde está inserido pode lhe fornecer o que faltava para a execução de um ato que, até então, era referência mental. Em União da Vitória – Paraná, de acordo com os dados fornecidos pelo IML³², o maior número de suicídios advém de afogamentos. Coincidência ou não, o Rio Iguaçu, que perpassa a cidade, poderia ser interpretado como um *facilitador* do ato. O sujeito, para Durkheim (2011, p.376) “[...] tende a empregar o meio de destruição que tem mais imediatamente à mão e que uma prática cotidiana lhe tornou familiar. [...]”. É neste sentido que, alguns espaços geográficos acabam se tornando estigmatizados analogamente ao fato social suicídio: Um rio, uma ponte, uma árvore, um precipício, adjetivam o suicídio como estigma de um lugar.

Estas são as características gerais do suicídio, ou seja, as que resultam imediatamente de causas sociais. Individualizando-se nos casos particulares, elas adquirem nuances variadas, conforme o temperamento pessoal da vítima e as circunstâncias especiais em que se encontra. Mas, sob a diversidade das combinações que se produzem assim, podemos sempre identificar estas formas fundamentais. (DURKHEIM, 2011, p.378).

³² ANEXO 2 – RELAÇÃO DE ÓBITOS DA DATA DE 01/06/2013 A 01/06/2018 – IML

Da definição dos fatores responsáveis pela variação da taxa a da natureza da realidade. Alguns resistem a infelicidades terríveis, outros se matam “por tão pouco”, eis as afirmativas comuns, mas como avaliar? Para Durkheim (2011, p.384) é, “[...]. a constituição moral da sociedade que estabelece, a cada instante, o contingente de mortes voluntárias. Existe, portanto, para cada povo, uma força coletiva, de energia determinada, que leva os homens a se matar. [...]. Neste sentido, é prudente compreender que cada sociedade produz, em seu funcionamento, certo número de condicionantes que são impulsionadores do suicídio, na medida em que, impõe percalços de ordem macro que descarregam sobre os sujeitos, individualmente, o peso e a responsabilidade pelo ato da morte voluntária.

Para Durkheim, os fatores socialmente atribuídos aos indivíduos que se mataram não passam de mero reflexo do que a sociedade impôs a eles, mas não um fator determinante para o suicídio. Para ele tudo depende da intensidade com que essas causas suicidógenas, que já existem na sociedade, agem sobre cada indivíduo. Afirma Durkheim (2011, p.393) que “[...] não há desgraças na vida que determinem necessariamente o homem a se matar, se ele não tiver alguma outra inclinação para isso. A regularidade com que podem se produzir essas diversas circunstâncias não podem, portanto, explicar a do suicídio. [...]”

Como evidência desta argumentação, poderíamos pensar no fato de que indivíduos podem mudar de um local para outro, mas o número de suicídios naquele determinado espaço permanece. Isso significa que lá os fatores coercitivos da sociedade mantêm determinada intensidade e produzem os mesmos efeitos, o que demonstraria a inviabilidade de assegurar aos indivíduos a reponsabilidade pelas causas da sua morte. Para Durkheim, mesmo não havendo conhecimento de dados sobre populações passadas, é possível inferir que a proporção de suicídios ocorridos, e que ocorrerão se repetirá caso as circunstâncias sociais não mudem.

A sociedade para o autor é formada por um conjunto de consciências individuais que se unem e, dessa união resulta uma consciência coletiva que se sobrepõe as consciências particulares. Se o suicídio existe em todas as sociedades, e não há uma comunicação entre as vítimas de um lugar e outro, é possível concluir que, nas palavras de Durkheim (2011, p.403), “[...] o número constante de suicídios só pode ser devido à ação de uma mesma causa que domina os indivíduos e sobrevive a eles. [...]”.

O poder coercitivo que a sociedade desempenha sobre o indivíduo é perceptível quando se pensam os hábitos, as culturas, os preceitos do direito e da fé, a organização econômica, entre outros. Desta forma, o agir das pessoas acontece conforme as *aspirações* consolidadas ou em andamento em determinado grupo social. Quando pensamos este fator do ponto de vista moral, poderíamos supor que o valor a vida seria um exemplo universal dessa proposta. Por consequência, desta prerrogativa, resultaria o julgamento dos demais indivíduos socializados nestes grupos quanto aos suicídios ocorridos, pois, o suicida seria imoral por atacar um valor universal.

Se os valores que pautam os sistemas de punições a quem pratica homicídios ou, colabora com qualquer meio que ceife a vida de alguém, até mesmo a sua é, em algumas sociedades, carregado pelo horizonte ético do valor universal de direito à vida, logo, se tornaria contraditório não pensar em recompensar socialmente àqueles que não se matam. Contudo, quando, numa sociedade, um dirigente ou um indivíduo comum manifesta ideais racistas ou preconceituosas por exemplo, apregoadas pela opinião pública, seria justo que ocorresse uma coerção inversa, no sentido de prevenir o fato social suicídio, porém, a prática não confirma esse ato. Percebe-se que a falta de respeito para com o outro é, ainda mais ativa quando se trata da lógica social vigente na modernidade, a capitalista. Desenvolveu-se uma moralidade medíocre. O homem faz qualquer coisa para enriquecer, por exemplo, ou então usa de sua fortuna para menosprezar ou humilhar a outros, como se a sua fortuna o fizesse superior e condecorado. Para Durkheim, somente uma autoridade é capaz de detê-lo, e esta deve ser fruto do conjunto da sociedade.

Durkheim (2000) entende o indivíduo enquanto fruto de um complexo processo de formação. De um lado, são indivíduos isolados, de outro, são parte integrante de um conjunto de indivíduos isolados, sendo reflexo de valores e construções sociais. Mesmo arrastado pelo social, o sujeito tende a seguir a *natureza humana*, ou seja, agir conforme os anseios e paixões individuais. Deste modo, a sociedade atua e corresponde como um freio as paixões mais centrifugas do ser humano, bem como, o sujeito contribui, em parte, para frear as alheias. São duas forças antagônicas, porém convergentes. Uma provém da coletividade e tenta se apoderar do indivíduo, a outra provém do próprio indivíduo e rejeita a anterior. “[...]. Com efeito, sabe-se hoje que o “eu” é a resultante de uma multiplicidade de

consciências sem “eu”; [...]” afirma Durkheim (2011, p.412). Embora cada sujeito social resulte de uma educação (e existe uma diversidade delas), ele é parte de um todo. Como no organismo vivo, onde cada órgão desempenha uma função, mas depende do todo para subsistir e vice-versa. Logo, “[...] como a sociedade faz o indivíduo em grande parte, ela o faz, na mesma medida, à sua imagem. [...]”, conclui Durkheim (2011, p.417).

O fato social Suicídio, é muito mais amplo e passível de análise científica do que as deveras opiniões apressadas e disseminadas socialmente poderiam supor. Para além do estigma social, o suicídio revela e explicita as querelas da formação humana e conseqüentemente social. O autor revelou de maneira contundente qual é o peso da organização social sobre as ações tomadas por cada indivíduo. Além disso, exacerbou o caráter eminentemente necessário que a sociedade tem em construir valores morais pautados na consciência coletiva, com vistas, a tornar saudável a convivência e a vivência social. Ainda que possamos considerá-lo um pensador conservador, talvez antiquado diante do turbilhão de novas possibilidades de vivência social que atualidade nos proporciona, é justo retornarmos aos seus preceitos para avaliarmos em que medida conseguimos olhar, avaliar, e compreender o suicídio de uma maneira menos preconceituosa e mais humanizada.

3 METODOLOGIA

A ciência nos moldes que conhecemos atualmente se inicia na modernidade. Sua principal característica, desde então, consiste em adotar um método próprio, chamado *método científico*, segundo Severino (2016, p.108) é “elemento fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte, a religião”.

Nesses termos, tudo para a ciência se reduz a ordem natural das coisas, inclusive o homem. “[...]. O homem se constitui então como um organismo vivo, regido pelas leis da natureza, tanto no plano individual como no social, leis que determinam sua maneira de ser de agir. [...],” afirma Severino (2016, p.113). Isso implica dizer que, o homem, assim como os demais seres da natureza, torna-se objeto de estudo das várias ciências que se constituem.

Sob essa perspectiva, ao se pensar uma pesquisa entende-se que, tudo o que é utilizado o é em função de um método. Experimentos, entrevistas, tabulação de dados etc., com fins de, após identificação do problema, formulação de hipóteses, experimentações, análises, chegar a uma conclusão coerente para o que se pesquisa. No entanto, para Severino (2016) não basta seguir um método e aplicar técnicas, se faz necessário um pressuposto epistemológico, o qual demonstra a forma como se dá a relação sujeito/objeto, isto é, sustenta e justifica a metodologia utilizada. Daí os termos *referencial teórico-metodológico*.

Desse modo, ao pensar o suicídio dentro de uma perspectiva de ensino de filosofia prevista neste mestrado profissional implicou constituí-lo como problema metodológico de pesquisa, concebendo dentro de uma avaliação contextualizada cuja tratativa demonstra a significação e relevância do tema, tanto para o pesquisador, quanto para o universo que o envolve, nesse caso as escolas. Um trabalho de pesquisa, embora de cunho pessoal (quando se pensa o papel do pesquisador) intenta uma dimensão social, pois a escolha do tema possui uma relação direta ou indireta com o meio no qual fora concebido. Para mim, a visibilidade dessa proposta é nítida no mestrado profissional, cuja exigência consiste em pensar um projeto que contemple a aplicabilidade da pesquisa no contexto escolar. Particularmente, a

escolha do tema para a minha pesquisa, derivou das especulações diárias de sala de aula, tanto nos questionamentos dos alunos sobre o assunto como no aumento dos casos na região, (observação dos fatos). Foram considerados também os comentários realizados sobre eles nos mais variados espaços, mas principalmente, na ideia suicida apresentada constantemente pelos alunos do ensino médio de diferentes comunidades que eu atuava.

Como dito anteriormente, o suicídio é um assunto que, sem muito esforço se tornou atraente enquanto conteúdo didático, sobretudo, nas aulas de filosofia. Seja pela curiosidade, seja pela falta de discussões em ambientes informais como na família. Com base nisso, o trabalho de pesquisa proposto, verificou a necessidade de compreensão das inquietações dos discentes acerca da temática proposta.

A fim de responder à questão mote da pesquisa, bem como atingir o objetivo do trabalho, as fontes de pesquisa utilizadas foram *bibliográficas* e de *campo*, uma vez que contou com a participação de um grupo heterogêneo de alunos representantes de diferentes instituições de ensino. Quanto aos seus objetivos, a pesquisa caracteriza-se como *explicativa*, pois para além de alguns levantamentos estatísticos, o foco principal consistiu em analisar esses dados e outros não estatísticos sob uma abordagem qualitativa. Logo, quanto a modalidades e metodologia, vale destacar que essa pesquisa foi realizada segundo os moldes chamados por Severino de *pesquisa ação*, entendida por ele como “[...] aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada” (SEVERINO, 2016, p.126). Durante todo o processo de pesquisa, este trabalho buscou contar com a efetiva participação dos estudantes, desde a escolha do tema a análise dos resultados, visando contribuir, quiçá modificar a realidade, da constante ideia suicida.

A luz de pressupostos positivistas, a considerar a metodologia utilizada e o teórico central dessa pesquisa, Émile Durkheim, poderia soar estranho o caráter de subjetividade que se lança com essa afirmativa, mas, considerando que as ciências humanas abrangem um apanhado considerado de interpretações, metodologicamente, a busca por um resultado implica o conhecimento científico, contudo, pensar o suicídio somente a luz de pressupostos científicos não dá conta do

problema como um todo, por isso a abertura, inclusive na coleta de material, a tantas considerações subjetivas advindas do alunado.

A escolha deste modelo de pesquisa dentro da escola se deu por considerar que não seria possível tratar os estudantes como objetos de estudo sob as demandas que um tema problema desta envergadura condiciona a todos enquanto sujeitos efetivamente sociais. Dito de outra forma, entendo que só é possível falar deste tema se nos tornamos agentes e reconhecemos a sua efetividade histórica, deste modo, é por reconhecer o suicídio como fato social, que podemos nos reconhecer como seres sociais. Este duplo movimento foi condicionante do sentido didático que este tema implica, e, foi por suas nuances e variantes históricas e espaciais que a aceitação e a inclinação dos alunos a fazê-lo se tornou mais rápida.

Desse modo, quanto ao procedimento para coleta de dados foram registrados todos os materiais obtidos em conversas informais; entrevistas estruturadas (com questões direcionadas confeccionadas com as turmas) realizadas pelos alunos com familiares e pessoas da comunidade; textos individuais produzidos pelos alunos; observação; questionários. Destes materiais, produzidos por mim ou pelos alunos, fizemos análise conjunta dos resultados em sala, e posteriormente, também os analisei em particular, metodologia intitulada por Severino de *análise de conteúdo*.

Por fim, a aplicação em sala de aula foi desenvolvida a partir de um plano de três momentos, visando de fato promover a escuta dos estudantes, e torná-los sujeitos dos seus processos de aprendizagem, para além de um objeto de estudo meramente.

3.1 Lócus e população da pesquisa

A parte prática da pesquisa ocorreu com alunos de duas turmas do ensino médio de colégios, anos e cidades distintas. A primeira aplicação aconteceu no 2º semestre do ano de 2018 com alunos o 3º ano A do ensino médio de um colégio estadual localizado em um município no interior do estado do Paraná – Brasil. Já a

segunda aplicação, se desenvolveu no 2º semestre do ano de 2019, com alunos do 3º ano A de outro colégio estadual também localizado em um município no interior do Estado do Paraná – Brasil. A primeira turma era composta por 18 alunos, a segunda por 16 alunos.

3.2 Intervenção pedagógica

O processo de intervenção da pesquisa ocorreu em três momentos: primeiramente foi realizada uma *aula inaugural* com os participantes da pesquisa, a fim de apresentá-la e contextualizá-los a respeito da importância e liberdade que possuíam em participar ou não das atividades, que seriam desenvolvidas em formato de pesquisa de campo; no segundo, os participantes responderam um questionário direcionado sobre a temática do suicídio. Já, no terceiro foram aplicadas as *atividades* propostas, realizadas em quatro etapas e descritos posteriormente.

3.2.1 *Aula inaugural* com os participantes da pesquisa

Na primeira etapa da pesquisa (realizada no início do ano letivo de 2018 com a primeira turma e no início de 2019 com a segunda), apresentei aos alunos os objetivos da pesquisa e o interesse de que estes participassem dela e, conseqüentemente, solicitei que eles produzissem textos dissertativos³³ (anônimos) expondo sua concepção prévia sobre a temática suicídio. (os alunos não foram direcionados nessa atividade, poderiam escrever o que quisessem com referência ao tema, mas que não deixassem de manifestar como, de fato, percebiam esse

³³ Contudo, no intuito de conhecer, mesmo que brevemente, o posicionamento dos meus alunos sobre a temática, no ano de 2019, solicitei também, aos alunos não participantes da pesquisa, de outras turmas do ensino médio que realizassem a produção de texto, após explicar meus objetivos para com este trabalho. Nem todos optaram por fazer.

fenômeno). A análise deste material será realizada no primeiro sub tópico do item “resultados: análise e discussão”.

3.2.2 Aplicação de questionário

No segundo momento a atividade foi direcionada. Foi solicitado aos alunos das duas turmas participantes da pesquisa que respondessem um questionário³⁴. O formulário continha questões objetivas e descritivas sobre o suicídio, com a finalidade de perceber seus conhecimentos e perspectivas acerca da temática com base em questões direcionadas, inclusive envolvendo a teoria de Émile Durkheim. Este material que será descrito no segundo sub tópico do item “resultados: análise e discussão”, que também se tornou o aporte do debate conceitual acerca do suicídio a partir dos pressupostos de Durkheim³⁵.

3.2.3 Roteiro para aplicação das atividades

Esse terceiro momento, para uma melhor visualização, será dividido em quatro etapas nas quais ocorreram as atividades propriamente ditas (dentro e fora da sala de aula).

3.2.3.1 Etapa 1

³⁴ Anexo X

³⁵ Nos meses de abril e maio de 2019, espantada com o resultado obtido nas duas turmas, resolvi aplicar a outras 9 turmas das quais eu lecionava neste ano, porém nem todos os alunos responderam. Ao todo foram colhidas 105 respostas. O público participante correspondeu a seis escolas de três municípios do Paraná – BR, e teve participação de uma acadêmica do 1º ano de um curso de ensino superior que, ao tomar conhecimento do questionário pediu para responder.

Conteúdo: Sensibilização³⁶ para trabalhar o tema Suicídio.

Duração: 2 aulas³⁷.

Objetivo: Promover nos alunos uma empatia para com o tema, a fim de desenvolver neles o interesse em estudá-lo, já que se trata de uma temática complexa e pouco trabalhada em sala de aula e outros ambientes.

Procedimento da atividade:

Passo 1: Exibi fotos de perfis de jovens suicidas que foram coletadas em redes sociais. Em seguida, solicitei que eles descrevessem aquelas imagens que viam.

Passo 2. Na sequência foram mostradas suas cartas de despedida e notícias de suas mortes. Também apresentadas outras situações de suicídios que foram para as redes sociais acompanhados de diversos comentários a respeito.

Passo 3. Posteriormente foram distribuídas várias notícias veiculadas por mídias sociais acerca da temática suicídio, e pedi que ao ler, analisassem e pontuassem seus posicionamentos para um futuro debate.

Passo 4. Por fim, fora solicitado que eles buscassem nas redes sociais outros casos que lhe chamassem atenção e mapeassem a repercussão midiática que tiveram nos jornais e demais mídias locais e trouxessem para de um debate em sala em outra aula.

3.2.3.2 Etapa 2

Conteúdo: Entrevistas.

³⁶ Cabe ressaltar que essa plano de trabalho sobre suicídio não segue exclusivamente a metodologia proposta por Sílvia Gallo para o ensino de filosofia, contudo, a sensibilização proposta aqui, é exatamente de acordo com a teoria deste autor, objetivando, como ele chama, “*afetar*” os estudantes, desenvolver neles uma empatia para com a temática e consequente interesse em estudá-lo.

³⁷ A duração de todas as aulas apresentadas aqui pode ser variável, pois depende da participação dos alunos nas discussões.

Duração: 4 a 6 aulas (acrescente-se o tempo extraclasse utilizado para as entrevistas com a comunidade).

Objetivo: Realizar uma escuta direcionada com diferentes profissionais da escola e comunidade com o intuito de levantar percepções referentes ao suicídio e correntes no seu cotidiano (escola, família, trabalho, amigos, etc.).

Procedimento da atividade:

Passo 1: Elaboração³⁸, em conjunto com os discentes, das questões que compuseram o roteiro da entrevista.

Passo 2: Realização das entrevistas, efetivadas pelos alunos com representantes de alguns segmentos da escola-campo dessa pesquisa e, em um segundo momento, com membros da comunidade em geral (serão descritas detalhadamente no tópico “resultados: análise e discussão”).

Passo 3: Feito isso, realizamos uma discussão acerca dos discursos recolhidos nas entrevistas, nos relatos dos próprios alunos (a partir dos textos elaborados no primeiro semestre), no laudo científico disponibilizado do IML³⁹, e também de algumas reportagens selecionadas, bem como da repercussão midiática sobre elas. Coube aos grupos de alunos analisarem esses documentos e apresentarem seus pareceres interagindo com os colegas.

3.2.3.3 Etapa 3

Conteúdo: Dados estatísticos sobre o suicídio e a teoria de Émile Durkheim

Duração: 4 a 6 aulas

Objetivo: Apresentar dados estatísticos sobre o suicídio e a teoria de Émile Durkheim sobre o tema, com o propósito de significar os materiais coletados até o momento a luz de sua teoria.

³⁸ Essa elaboração foi realizada com a primeira turma, a segunda utilizou as mesmas questões.

³⁹ O documento usado nesse caso foi o do meu avô, que cometeu suicídio em 2013, cujo acesso aconteceu por conta do parentesco com vítima.

Procedimento da atividade:

Passo 1: Apresentação de alguns comentários encontrados nos textos escritos pelos alunos na primeira etapa que *julguei* essenciais para o debate, acompanhados de uma questão para reflexão, que deveria ser discutida no decorrer do trabalho: Os adolescentes possuem um discurso pronto sobre a temática do suicídio? Baseados em quê?

Passo 2: Exposição de dados gerais acerca do suicídio e dos obtidos no questionário e algumas justificativas apresentadas pelos alunos em suas respostas descritivas, focando no número de jovens que responderam o questionário e já compartilharam de ideação suicida.

Passo 3: Breve explanação de como o suicídio foi visto historicamente e como é percebido atualmente (com base nas respostas dos alunos e documentos oficiais dos órgãos de saúde).

Passo 4: Aula expositiva sobre a teoria durkheimiana aos alunos, focando nos conceitos de *solidariedade*, *fato social* e *suicídio*. Discutindo, na sequência, em um processo de resignificação conceitual, os casos de suicídio selecionados pelos alunos e até do meu avô a partir da teoria sociológica de Durkheim.

3.2.3.4 Etapa 4

Conteúdo: Palestra com membros voluntários do *Projeto União Pró-Vida*.

Duração: 2 aulas.

Objetivo: Apresentar a existência do *Projeto União Pró-Vida*, um grupo de apoio e prevenção ao suicídio atuante na região.

Procedimento da atividade:

Passo 1: Para finalizar, foi proporcionado aos alunos uma palestra com alguns membros do grupo de atendimento voluntário de apoio emocional e prevenção ao suicídio, que atua em União da Vitória – PR e região, com sede em União da Vitória: o *União Pró vida*. Estes senhores trataram de uma exposição específica sobre

prevenção ao suicídio, responderam as questões levantadas pelos alunos e divulgaram o seu trabalho assegurando, que estariam as suas disposições sempre que achassem necessário, deixando claro que se tratava de um atendimento gratuito e sigiloso.

4 RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 Debatendo o suicídio com estudantes do ensino médio em aulas de filosofia

É recorrente nos trabalhos acerca do suicídio a afirmação de que ele se trata de um problema e de um desafio a saúde pública. Desta premissa, podemos estender a provocação, o suicídio é um problema da educação? Usando dos argumentos durkheimianos acerca da função das instituições sociais, entendo que a escolar desempenha um papel fundamental na vida do indivíduo, não só pela formação técnica que ela possa oferecer, mas principalmente, pela formação humana, imprescindível para um bom convívio com os outros e consigo mesmo. Portanto, o suicídio é sim um problema educacional na medida em que está inserido no seio das relações sociais.

A adolescência é uma etapa da vida onde se desenvolve no adolescente sua independência, sua autonomia, a formação de sua personalidade. É uma fase de descobertas, de construção de sua intimidade, com transformações físicas, emocionais, fisiológicas e psicossociais e nem sempre é fácil de lidar com essas adaptações. (MARUCO e RAMPAZZO, 2017, p.8).

Dentro da realidade escolar observada, portanto, o debate que esta pesquisa cravou esteve calcado dentro dos limites que as aulas de filosofia, ministradas em instituições públicas da Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Contudo, isso não afasta dela [a filosofia] determinados *riscos* decorrentes da complexa trama social que tratar dessa temática em sala de aula suscita. Quando os números de suicídios entre a população jovem são aventados dentro do espaço escolar, não é difícil supor que os estigmas acerca do tema ganhem contornos ainda maiores, o que no meu entender prejudicaram um debate mais sadio e profícuo. Por outro lado, este mesmo debate dentro da escola parece ter engrandecido o espaço da filosofia no seu interior, na medida em que instigou nos estudantes a falar sobre si, e sobre os outros sob a envergadura conceitual que essa área do conhecimento tanto preza. Falar sobre suicídio na instituição escolar denotou um momento de reflexão ímpar, característica singular da filosofia dentro da formação dos estudantes ouvidos e participantes desta pesquisa.

Como docente responsável pela atividade, além de perceber que debates deste cunho são pouco comuns nas escolas, percebi também que, quando existiu este debate ele se resumia a falas preventivas que se resumiam (quando muito), em exposição de cartazes advindos das secretarias de saúde referentes ao *Setembro Amarelo*. Este cenário me afligia, pois o receio de que minha proposta fosse mal compreendida era contínua, afinal, tratava-se de um tema que, mesmo no século XXI, é ainda considerado *tabu*, não só entre os adolescentes público alvo das escolas, mas principalmente entre os educadores que nela atuam.

Concomitantemente, observando que o número de suicídios entre os jovens é crescente e esbarram na escola em preconceitos, silenciamento e tabus. Ainda que muitos suicidas fossem jovens estudantes dos mesmos bancos escolares, as condições notadas prenunciavam ignorância no espaço escolar quanto as tratativas sobre o suicídio numa conversa franca com os estudantes. As tentativas de silenciamento dessas questões foram entendidas como muito significativas, pois anunciavam um cenário de difícil debate inclusive para pensar medidas de informação, orientação e prevenção.

Nesse sentido, concordo com Teixeira (2007, p.2) quando afirma que:

Reconhecer precipitantes de suicídio e levá-los a sério constitui um passo importantíssimo para prevenir a tentativa de suicídio e o suicídio. Aqueles que fazem parte do universo dos adolescentes, forçadamente, encontram-se em uma posição-chave, na medida em que, vivendo tão próximos a eles, podem desempenhar um papel fundamental em suas vidas, através de ações de prevenção cujo êxito dependerá não só da capacidade de reconhecer sinais de alerta, mas também de responder, adequadamente, aos seus apelos nesta fase em que têm suas certezas abaladas e suas referências enfraquecidas.

Nesse entendimento, e com base no material coletado durante a aplicação da proposta tratarei a seguir da perspectiva acerca do suicídio em sala de aula, como ele é visto pelos alunos? Para iniciar serão expostos dois relatos, de alunos e instituições diferentes (uma de campo outra de centro), que contribuem na apresentação da dimensão desta problemática:

Falar em suicídio é assunto sério, muitos acham que é brincadeira, mas na verdade, na minha opinião é um dos assunto mais sério. Tenho vários conhecidos que passaram por isso, e também que foi o meu caso. Aos 14

anos de idade eu perdi o meu pai, para mim foi muito pois eu entrei em depressão cada vez mais difícil, até que cheguei em um ponto que a vida para mim não tinha mais valor e tentei cometer o suicídio, apenas eu queria matar minha dor, mas não consegui, passou o tempo e me internaram para fazer um tratamento fiquei 3 meses fechado em uma clínica sem sair para ver o dia. Outra vez tentei cometer o segundo suicídio, depois me internaram em outra clínica, daí foi melhorando fui aconselhado por psicólogo e cada dia que passava e a cada vez melhor, hoje estou bem, não penso mais no suicídio mas, eu perdi vários amigos que cometeram suicídio, na minha opinião quando a pessoa vai cometer o suicídio ela não quer se matar, mas sim matar a dor, aquela angústia que a pessoa sente. (MÁRCIO⁴⁰, APÊNDICE B)

Deste primeiro relato, é possível perceber que o suicídio, ou as tentativas de suicídio entre adolescentes se fazem presentes dentro do espaço escolar, e nesse sentido parece haver uma lacuna entre os discursos preventivos que se propagam na escola, e as atitudes que os adolescentes tomam. Esse vazio entre discurso e prática foi um dos pilares no desenvolvimento das atividades dessa pesquisa, primeiramente por entender que é necessário um debate mais franco com os estudantes acerca deste assunto, e segundo por perceber que as tratativas de prevenção desenvolvidas dentro do espaço escolar parecem ser ineficientes e incapazes de diminuir as estatísticas que envolvem adolescentes e a prática suicida.

A aluna Lucimara (APÊNDICE H) destacou que:

Na verdade eu tenho depreção desde os 11 anos, sempre tive muitos problemas com a minha mãe, recentemente perdi a guarda da minha filha maior, problemas com pensão, o único horário que eu tenho para fugir de tudo isso é quando estou na escola, mas da meio dia e eu tenho q voltar para uma realidade cheia de problemas, eu tentei suicidio umas 5 vezes, com 11 anos eu ia tomar veneno, mas não tive coragem, duas vezes tentei me inforçar , mas também não tive coragem, até que uns meses atrás tomei 5 cartelas de comprimido , mas ninguém ficou sabendo fora o meu marido que na época também achava ser frescura, e por último me joguei da ponte mas os bombeiros me pegaram no ar. Eu fiz isso porque estava esgotada de tudo oque estava acontecendo, não aguentava mais, e esse mundo não tem nada que me atrai , eu só não tinha mais vontade de nada, muito menos de viver. Olhava para a minha vida e não via motivo nenhum de estar aqui, cercada por pessoas e ao mesmo tempo invisível, como se eu nao fizece falta para ninguém, tudo que deixa os outros felizes, não tinha graça pra mim, eu só queria ficar no meu quarto, sem ver ninguém, sem falar com ninguém, sem ter que sorrir para as pessoas pra fingir que está tudo bem. Esse mundo é uma droga, esse é o verdadeiro motivo de tantos suicídios, agente só não quer mais estar aqui.

⁴⁰ Todos os nomes utilizados ao referenciar as contribuições dos alunos são fictícios.

Este segundo caso, ocorrido no ano 2019 eu pude acompanhar como professora da aluna, ouvindo desde suas intenções antes da tentativa de suicídio até a sua reinserção escolar após o ocorrido. No decorrer desse processo, muitas foram as histórias, muitos foram os julgamentos, sejam eles realizados por colegas professores e ou, por outros alunos da turma. Muitas vezes a aluna deixava claro as suas intenções de suicidar-se, porém, era corrente o entendimento de que isso não passava de uma brincadeira. Pinheiro (2015) trata dessa questão em seu livro *Comportamento suicida na escola*, quando sugere que se faz necessário ajudar o jovem permitindo que ele descubra novas soluções para seu sofrimento, buscando entender as razões responsáveis pelo comportamento suicida e, principalmente, oferecer escuta sem julgamentos, evitando insultos, culpabilização ou repreensões morais. Infelizmente muitas são as *queixas* dos alunos quando a abordagem que é realizada nas escolas, intensificando ainda mais o problema quando dever-se-ia ajudar.

Paralelamente, quando procurei ao corpo de Bombeiros da cidade, para compreender qual era o protocolo de atendimento a situações de tentativas de suicídio similares a declarada por essa aluna, o responsável emitiu a seguinte declaração:

O procedimento realizado depende do cenário encontrado no local da ocorrência, vítimas em óbito é acionado o IML e a Polícia Civil, não tendo nossa interferência. vítimas que chegaram a praticar a tentativa são atendidas e levadas ao hospital para tratamento de suas lesões. vítimas que estão ameaçando tentar o suicídio são as mais complicadas para nós pois cada caso requer um tipo de intervenção, e cada intervenção trás um risco tanto para os bombeiros quanto para a pessoa que está abalada psicologicamente, a intervenção geralmente começa em uma conversa amigável para tentar descobrir o motivo que está fazendo aquela pessoa tentar tirar sua vida, ao mesmo tempo é realizado um “plano B” que seria uma intervenção forçada, arrombamento de uma porta, decida com rapel, etc.

Em União da Vitória não temos um lugar específico para encaminhamento de vítimas dessa natureza, acabamos por levar para casas Hospitalares e Unidades de Pronto Atendimento onde a vítima é atendida e posteriormente devolvida a sociedade sem um tratamento mais aprofundado na real causa daquela ocorrência, exemplo disso temos vítimas que já foram atendidas mais de 3 (três) vezes para a mesma situação: tentativa de suicídio. (BOMBEIRO 1, APÊNDICE C).

Diante deste cenário concluí que existe uma deficiência encontrada quantos aos procedimentos adotados seja na escola, seja na primeira instituição que trabalha com casos de tentativa de suicídio (Corpo de bombeiros) e posteriormente

os centros de saúde. Essa conclusão está pautada nas constantes conversas (ainda que informais) que realizei com esta aluna. Durante as aulas ou nos corredores da escola, ela declarava que não teve um atendimento que considerasse profícuo, pois após ser hospitalizada, internada e medicada em uma clínica durante um período curto de tempo, na sua saída, não houve um acompanhamento que pudesse ser no mínimo considerado como preventivo quanto a uma nova tentativa de suicídio impulsionada por inúmeros outros fatores apontados por ela como causa.

Neste cenário, que esteve carregado de receios e temores, o andamento da pesquisa acabou se mostrando bastante instigador. Do receio que a má compreensão da proposta pudesse resultar num agravamento da ideação suicida dos estudantes, nasceu o anseio de debater filosoficamente com eles o vasto contexto social, que por sua complexidade torna o suicídio um fato social presente e imanente as práticas educacionais e sociais vivenciada na escola, e que, necessita de um entendimento para além dos preconceitos e dos estigmas socialmente desenvolvidos.

4.1.1 Das percepções dos estudantes acerca do suicídio

Do primeiro momento do trabalho resultou uma redação em que os alunos (ainda sem contato com debate conceitual de Emile Durkheim) puderam expor como e por quais caminhos eles pensam o suicídio. Ainda que este trabalho possa não ter gerado quantificações exatas sobre estes posicionamentos, algumas posturas são dignas de análise e, portanto, elas serão apresentadas a partir de agora.

Foram realizadas 97 redações. Nestas, os alunos expuseram seus pareceres, que foram analisados por mim de acordo com duas perspectivas: redações que atribuíram causas aos suicídios; e redações que demonstraram seus respectivos posicionamentos em relação à prática suicida.

Com relação as causas apontadas, 68 alunos dos 97 concordam que o suicídio pode ocorrer por mais de uma causa; 20 indicaram que ele é fruto de uma única causa, a depressão; e outros 9 não especificaram. Vale o adendo de que a depressão foi apontada, no computo total, por 61 estudantes como a causa elementar

do suicídio, uns considerando-a isoladamente e outros como umas das entre tantas outras que poderiam estar associadas ao fenômeno.

Dentre as outras causas citadas destacou-se: o bullying; a tristeza; os desafios oriundos de jogos violentos; desestrutura, e brigas familiares; os vícios (drogas e álcool); o preconceito/homofobia; o racismo; problemas com o trabalho; “vida droga”; baixa autoestima; dívidas; loucura; esquizofrenia; problemas pessoais, com amigos e comunidade; religião; discriminação; abuso sexual; injustiças; desrespeito; piadas com o corpo, jeito de falar/ser ou com os problemas da sua família; exclusão social; não atende ao padrão estabelecido; obesidade; não aceitação do corpo; insegurança; falta de Deus; incapacidade; sem capacidade de ser digno; falta de atenção e apoio dos pais e familiares; não conseguir superar a morte de um ente querido; sofrimento insuportável; rejeição; nervosismo; doenças incuráveis; chantagem; problemas amorosos/separações; chamar atenção; falta de ocupação; mente vazia e fraca; apostas; estupidez; falta de socialização; muito tempo em redes sociais; estar preso (cadeia); falta de maturidade; traumas emocionais; maus tratos; vários tipos de violência; assédio..

Sobre as causas apontadas pelos alunos, seguem alguns exemplos:

O que eu acho é que cada pessoa é diferente, sendo assim, logicamente os motivos serão divergentes, alguns irão acabar cometendo suicídio em decorrência da depressão, do uso de drogas, da negligência familiar, ou quem sabe ainda por uma rejeição por parte de outra pessoa há ainda aqueles que fariam isso por problemas financeiros por se acharem incapazes de superá-los”. (EVA, APÊNDICE B)

Para Samuel (APÊNDICE B) “no mundo em que vivemos são tantas coisas que pressionam as pessoas, são tantos querer e não poder, são tantos desgostos, que deprimem tanto as pessoas fazendo perderem o sentido da vida”.

Já para Valéria (APÊNDICE B)

Suicídio vem tomando conta cada vez mais da nossa sociedade, as pessoas cometem esta opção por diferentes motivos, por injustiças feitas por contra elas, homofobia, racismo, e muitas outras coisas. Hoje em dia o desrespeito esta presente em todos os lugares do mundo, fazendo muitas pessoas sofrerem”.

“Muitas vezes a própria família tem alguma culpa, muitas vezes por causa de brigas, problemas, separações, entre outros. Também existe o suicídio por crença, algo que envolve a religião ou para defender certa coisa, como um homem bomba”, afirma Vilmar (APÊNDICE B).

Para Natacha (APÊNDICE B), o suicídio é uma exclusividade da depressão: “Ouvimos e vemos notícias com muita frequência de que pessoas se suicidam; na grande parte dos casos essas pessoas são diagnosticadas com uma doença, a depressão”.

O suicídio na minha opinião vem apartir de um pensamento execivo na suposta “perfeição” que uma sociedade impôs, fazendo assim com que o indivíduo ache em si vários defeitos, quanto com seu corpo quanto com seu modo de pensar, assim ficando cada vez com mais pensamento negativos. Chegando a um momento em que seu psicológico não aguenta mais, achando sua melhor opção o suicídio. (MARIVALDO, APÊNDICE B)

Há ainda também quem ligue o ato suicídio a um ato de liberdade, como para Jocivaldo (APÊNDICE B), ao declarar que a “vida é da pessoa se ela quer se matar ele se mata, pois se você ficar pensando no bem dos outros você nunca vai fazer o que você quer. O tema no meu ponto de vista não precisa ser discutido pois é uma opinião de cada pessoa”.

Todas essas perspectivas apontaram para o entendimento de que o suicídio é algo causado, ou seja, dentro de uma relação lógica de causa e efeito, o suicídio seria causado por inúmeras situações que inspiraram aos indivíduos o desejo de se matar. Pude inferir deste primeiro trabalho de escuta que para além da falta de consenso quantos as causas do suicídio, e para além da interpretação inicial que indicava certo silenciamento acerca deste tema na escola, que seria possível extrair dos estudantes um entendimento um tanto quanto mais sistematizado acerca do tema. Para tanto foi necessário direcionar o debate, e para entender o processo adotado foi preciso compreender como os alunos percebem as práticas suicidas dentro da sociedade.

4.1.2 Quanto ao posicionamento dos alunos frente ao suicídio

Para sistematizar a análise realizada acerca dos posicionamentos dos estudantes, levei em consideração três critérios: 1. Condescendência: cujos apontamentos indicavam preocupação com os números, com o aumento de casos entre os jovens, com as causas etc., mas tornavam clara a sua defesa por mais discussões sobre o tema, percebendo nisso uma iniciativa de prevenção ao suicídio, na clareza que calar não é a saída e falar sobre não indicativo de aumento de casos; 2. Inflexibilidade: cujos relatos descreviam percepções pejorativas, de intolerância ou até mesmo de *egoísmo*, pois que não se levava em conta o suicida, mas a interferência que esse suicídio causaria na vida de outras pessoas, assegurando que existem outras possibilidades, uma vez que o homem não é digno de tirar a própria vida sob a prerrogativa da existência de um ser superior responsável por tal atribuição, etc.; 3. Objetividade: os textos tratavam exclusivamente de dados proeminentes ao aumento na quantidade de casos, das formas como a sociedade os avalia, as possíveis causas, relato de casos conhecidos, e indiferença quanto ao tema, pois tratava-se de “mais um trabalho escolar”.

A grande dificuldade em tabular essas informações, mesmo que genericamente, foi devido as contradições apresentadas em vários textos. Entretanto, acredito ser possível aproximar esses dados para uma melhor interpretação do trabalho desenvolvido. Nesse sentido, separei os trabalhos entregues pelos alunos em três grupos de análise: ao primeiro grupo denominado condescendentes, foram atribuídas 24 redações. Ao segundo, dos inflexíveis, 25. E ao terceiro, dos objetivos, 48.

A seguir, trago alguns exemplos que expressaram tais posicionamentos desenvolvidos pelos estudantes:

Classificados como condescendentes os seguintes comentários indicam que há estudantes que se demonstram preocupados com a temática: “Infelizmente na sociedade de hoje em dia, a visão que temos sobre o suicídio é muito preconceituosa, não tentamos ajudar a pessoa antes de ela cometer isso, e após isso geralmente a julgamos”, relata Genoveva (APÊNDICE B). “Para mim esse tema deve ser abordado em muitos lugares não só em palestra, ou na escola, porque hoje pode ser que alguém não suportou tanta pressão, mas outro dia pode ser você o injustiçado!”, nas palavras de Valéria (APÊNDICE B).

Estes comentários indicaram que uma parcela dos estudantes (seja pelos indicativos estatísticos, seja pelo número de informações a que estão expostos) considera relevante debater e se tomar atitudes preventivas diante do suicídio, pois, não o consideram aceitável e, não concordam com prejulgamentos apressados e preconceituosos em relação aos indivíduos que o cometeram.

Classificados como inflexíveis os seguintes comentários demonstraram preconceitos e intolerância em relação aos suicidas: “Para mim o ato de cometer suicídio é burrice, pois hoje existem pessoas que se dispõe a ajudar quem sofre de depressão ou pensa em suicídio”, diz Osvaldo (APÊNDICE B). “Acredito que o suicídio é uma opção para quem tem pensamento pequeno, pois para tudo tem uma solução”, afirma Margarida (APÊNDICE B). Para Juvenal (APÊNDICE B) o

Suicídio é pra pessoas fracas, pessoas que não tem controle de si próprio, pessoas com depressão ou sem partes do corpo tem seus motivos, pois vivem infelizes ou não conseguem fazer coisas do dia a dia igual as outras pessoas saudas. Uma pessoa com saúde boa, com vida normal, não tem necessidade de se matar por decepções, como eu falei mente fraca.

Esta última representa, de forma genérica, duas situações: de um lado, a conjectura de que alguns suicídios são explicáveis e justificáveis, outros não. Trata-se de uma declaração fundamentada em presunções utilitaristas, pois *justificam-se* alguns casos de suicidas entendidos como *inúteis*, *condenam-se* outros considerados úteis, se ainda *servem*, não pode se matar. Evidencia-se, nesse relato, que a apreciação do indivíduo enquanto ser social se expressa pela sua condição utilitária na sociedade. Se ele não consegue fazer aquilo para que foi *designado*, pode se matar, caso contrário, não. Entende-se assim, que vigora um critério de normalidade que é atribuído aos homens, o qual é determinado pelas relações econômicas. Foi perceptível no computo geral das noções apresentadas que o aluno que desfruta dessa percepção, não se dá ao trabalho de investigar suas causas, razões ou circunstâncias. Equivaleria a um “faz parte” da vida em sociedade sem maiores questionamentos.

Eis uma relação ao conceito de *utilidade* exposto por Durkheim que parece se tornar evidente no bojo das relações sociais. Para além do tornar-se humano quando constituído um ser social, ele precisa ser útil, cumprir uma função na

sociedade, como um órgão em um ser vivo. Se ele não cumpre mais o seu papel, não é mais servil, justifica-se inclusive a sua morte, dadas inúmeras situações que o suicídio é aceito pela comunidade em geral, ou pela sua falta de utilidade ou então por um *bem maior* que o próprio sujeito ou a importância que ele dá a si mesmo. As crenças quando em prol de um grupo ou a depressão quando do sujeito, justificam o suicídio para uma parcela do alunado. Ao trabalhar o altruísmo, Durkheim se refere a isso quando diz que, em tantas situações “[...] vemos o indivíduo aspirar a se despojar de seu papel pessoal para mergulhar nessa outra coisa, que ele vê como sua verdadeira essência. [...]”. isto está apregoado nos seres humanos, a internalização desse feito é comumente aceita e contribui para que o indivíduo se mate em concordância com a população em geral. Esse discurso se expande entre o alunado.

Nesse sentido, Juarez (APÊNDICE B), por sua vez, afirma que:

O suicídio não é um tema muito abordado, o suicídio geralmente ocorre com pessoas que não tem o que fazer, podia muito bem estar trabalhando, hoje em dia quando entra em uma rede social é difícil não encontrar alguém postando algo sobre o suicídio, geralmente isso ocorre nas redes, na vida real as pessoas simplesmente se cortam como se isso resolvesse alguma coisa. Essas pessoas se fingem, algumas pessoas realmente possuem depressão e isso é uma coisa séria, mas como eu disse tem essas pessoas que nas “redes sociais” se passam por suicidas”.

Classificados como objetivos, os comentários que seguem, indicam *certa frieza* em relação aos suicidas. Nestes, percebe-se que alguns posicionamentos designam certa compreensão acerca do ato suicida, mas ao mesmo tempo demonstram indiferença sobre o indivíduo e seu ato. “Não sou a favor do suicídio pois há várias maneiras de se “curar”, existem amigos, familiares, professores, centros para pessoas com depressão, nem sempre foi assim, com todos esses recursos, mas agora que tem sou a favor de usá-la” afirma Esmeralda (APÊNDICE B).

Para Vivian (APÊNDICE B),

O fato de alguém se matar por ter acabado algum relacionamento amoroso e não aceitava isso e a escolha que teve foi acabar com a vida, mas em relação a isso penso que não é a melhor escolha pois quem fica, pode carregar a culpa, que é um sentimento muito diferente do amor e talvez se a pessoa não tivesse morta, todo poderia com o tempo se resolver e os indivíduos podiam até reatar esse relacionamento. Também há vezes que a pessoa nem merece tanta atenção e quem morre, pode estar cometendo um grande erro, onde o

preço, chegou a tal ponto que restou a morte ou seja não foi a melhor escolha”.

Percebi neste grupo de estudantes que a objetificação da morte do outro indica, também, a objetificação do outro, ou seja, olhar o ato suicida alheio sob uma perspectiva objetiva indicou que, o posicionamento deste estudante também ecoa em valores e necessidades mais amplas difundidos e reiterados socialmente. Portanto quando o aluno compreende que a morte é “a melhor escolha”, parece ter desviado do problema filosófico impregnado na definição do que é de fato a melhor escolha. Entendo que, tanto o sujeito com ideação suicida, apresentadas em relatos pessoais, quanto os que somente avaliam a condição do suicida o fazem com base na instrução que receberam por meio de seus antecessores, reafirmando assim, a defesa de Durkheim quanto a papel da educação, por meio da qual o indivíduo vivificará os elementos constituintes do espaço e tempo em que está inserido, de modo ordenado e coerente.

Nesse contexto, os exemplos obtidos nos textos selecionados mostram quão contraditórios são as perspectivas dos estudantes frente a um tema ao qual não foram preparados a discutir. Verifica-se tal afirmação quando observamos o texto de Maricilda (APÊNDICE B):

Vou começar dizendo que era um pouco preconceituosa em relação ao suicídio, mas isso acabou quando esse fato aconteceu na minha família, até porque quando o problema é com o outro ou melhor na família do outro, a primeira coisa que fazemos é julgar, porém o caso muda totalmente quando afeta a nós mesmos. [...]. As vezes tento entender o porque que muitas pessoas lutam pela vida, enquanto outras tiram suas vidas tão jovens, mas não acontece só com jovens, mas sim com todas as idades”.

Do mesmo modo, Manoel (APÊNDICE B) apresenta certo ar de preocupação seguido de indiferença e objetividade:

Muitos defendem esta ação, outros a repudiam, mas de forma alguma, pode-se dizer que o ato é certo ou errado, pois os fatores que levam as pessoas a realizar tal barbária, muitas das vezes não nos dizem respeito. [...]. A maior parte dos suicídios ocorre por pelo fato da pessoa estar com depressão e ansiedade em um nível elevado, acarretando assim, por impulso o suicídio. Grande parte das pessoas se suicidam por motivos fúteis, como por exemplo:

uma briga com familiares, com namorado, ou as vezes por achar que sua vida é “uma droga”, e inúmeros motivos mais”.

Estas são amostras de que a percepção dos adolescentes referentes ao tema suicídio indicam que o estigma prevalece sobre o conhecimento de fato. Durkheim alertava que é fundamental compreender o suicídio enquanto fato social, justamente para que o processo de evolução social não fosse condicionado a achismos e interpretações demasiadamente subjetivas. Portanto, se hoje conseguimos perceber dentro da compreensão apresentada pelos estudantes estas reduções subjetivistas, parece plausível inferir que a ciência como compreensão do mundo e da sociedade não se tornou de modo algum um elemento democraticamente difundido. Este fato, abriu uma possibilidade de investida sobre como os dados da pesquisa podem se tornar aliados tanto da compreensão dos fatos sociais como das ferramentas que se dispõe para tratar destes dados.

4.2 Direcionando o debate: construção e análise do questionário sobre o suicídio

Visando dimensionar a pesquisa sobre o suicídio dentro das aulas de filosofia e que pudessem sanar as incongruências apresentadas na primeira etapa da pesquisa durante o ano de 2019, foi elaborado e aplicado um questionário direcionado que pudesse ouvir dos estudantes como eles compreendem e pensam o suicídio dentro de suas respectivas realidades.

O questionário⁴¹ aplicado foi composto por 10 questões e visava investigar, na comunidade discente das escolas já citadas, paralelos que pudessem ser elencados e analisados a luz da teoria durkheimiana. Foram 105 questionários respondidos, por alunos de 14 a 31 anos de idade, pertencentes a de instituições públicas (89%) e privadas (4%)⁴². Destes, 86% do sexo feminino⁴³.

⁴¹ APÊNDICE D – Questionário.

⁴² 7% não responderam sobre a instituição.

⁴³ O curso de formação de docentes, nas instituições que dispõe, é composto, na sua maioria, por mulheres, por isso a quantidade significativa do sexo feminino apresentada nos dados. A disparidade

A questão 1 tratou do conhecimento dos alunos sobre os índices regionais. Do total de respostas, 63% afirmaram ter conhecimento do fato, 32% desconhecê-lo e 5% não responderam.

A questão 2 tratava das principais causas consideradas que, segundo eles, levariam ao suicídio. As causas relatadas foram as mesmas já citadas anteriormente quando se falava das cartas, e novamente, a depressão foi citada como causa majoritária, principalmente entre os jovens.

A questão 3 referia-se à ideação suicida, quantos deles já haviam pensando em cometer suicídio, o resultado foi o seguinte:

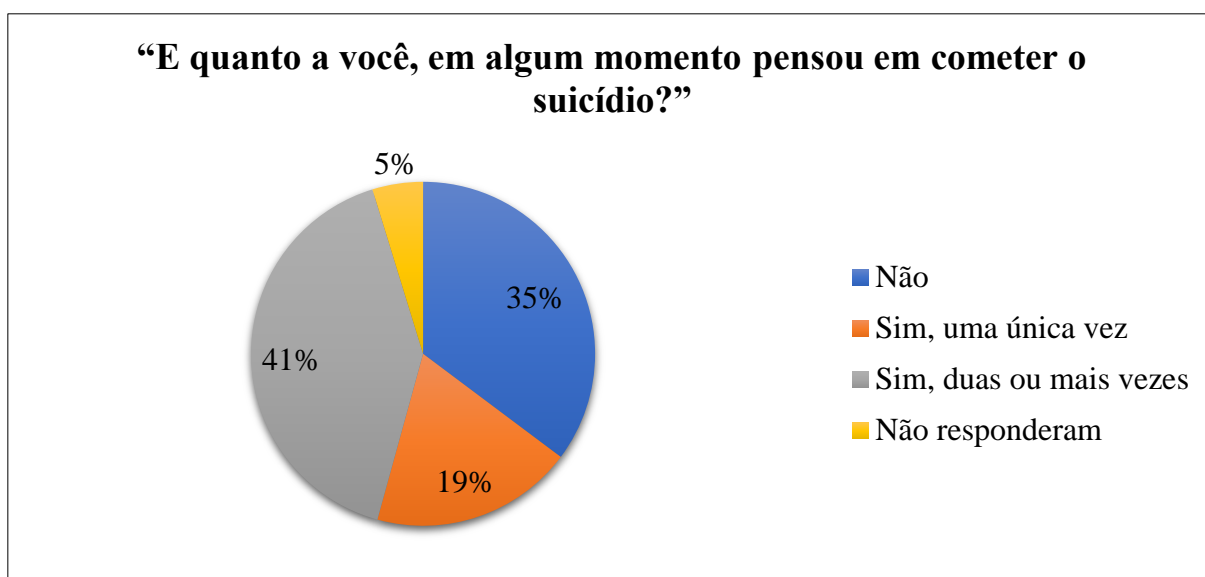


Gráfico 1 – Índice de ideação suicida entre os adolescentes
Fonte: Da autora

Essa questão denotou um indicativo preocupante, afinal mais da metade dos alunos pesquisados já pensaram em suicídio, e nas suas respostas descritivas, em sua maioria, relataram ter pensado em suicídio em decorrência de problemas familiares (brigas, pressão por parte dos pais, perda de familiares, falta de atenção, desestrutura familiar, entre outros, mas sempre relacionados a família). Por outro lado, da mesma forma, ao serem questionados sobre o que os fez mudar de opinião, a instituição família falou mais alto, citada por eles como principal causa de pensamentos suicidas foi igualmente considerada pela maioria como a causa da

de idades também se justifica igualmente, uma vez que o curso contempla alunos já fora da idade escolar.

mudança de opinião. Alguns alegaram que não mudaram de opinião, mas que foi uma tentativa falha e outros ainda que foi a falta de coragem.

Garcia (2018, p.123) aponta uma questão interessante: “O mundo das estatísticas é traiçoeiro. Nem todo mundo é capaz de compreender o que querem dizer as tabelas e gráficos coloridos. Nem sempre é fácil dimensionar se determinado dado representa pouco ou muito”. Entendo que a estatística não confere status de verdade incontestável, contudo, não merece desprezo, pois atribui um indicativo de alerta para com a situação e, com certeza, pode e deve ser utilizada para medir, mesmo que inexatas, as dimensões do problema.

Ao analisarmos esses dados, me deparei com a constatação já desenvolvida por Durkheim. Percebi que pessoas de diferentes classes econômicas, moradoras do campo ou da cidade, com famílias *estruturadas* ou não, frequentadores de igreja ou não, etc., em todos os polos de aplicação do questionário, demonstraram ideação suicida. Vários suicídios acontecidos na região referiram-se também a esferas diversificadas, ou seja, ele é um fato social, presente em todas as sociedades, quer queiram admiti-lo ou não. O fato social suicídio, portanto, não encontra barreiras geográficas ou históricas, ele é presente em qualquer realidade social e em todos os tempos, e claro, em alguns lugares e tempos mais que em outros.

Quanto à questão 4, que abordava a importância de as pessoas buscarem ajuda quando estiverem passando por momentos conturbados, percebi que 95% dos estudantes considera fundamental que isso ocorra, alguns relataram quão significativo foi receber apoio quando se encontravam nessas condições ao passo que, outros sentiram falta quando necessitaram. É de concordância da maioria que o amparo de outras pessoas é fonte de prevenção de suicídios.

Já na questão 5, a qual questionava se os estudantes já haviam se deparado com pessoas com comportamento suicida, e qual foi sua reação diante disso, somente 11 estudantes relataram não ter presenciado situações relativas, 4 não responderam e, os outros 90 alegaram que sim e que, embora a dificuldade para tratar do assunto, mas que tentaram ajudar conversando, indicando livros e profissionais da saúde.

A questão 6 foi diretamente relacionada a teoria durkheimiana no que se refere as causas, e o resultado foi o seguinte:

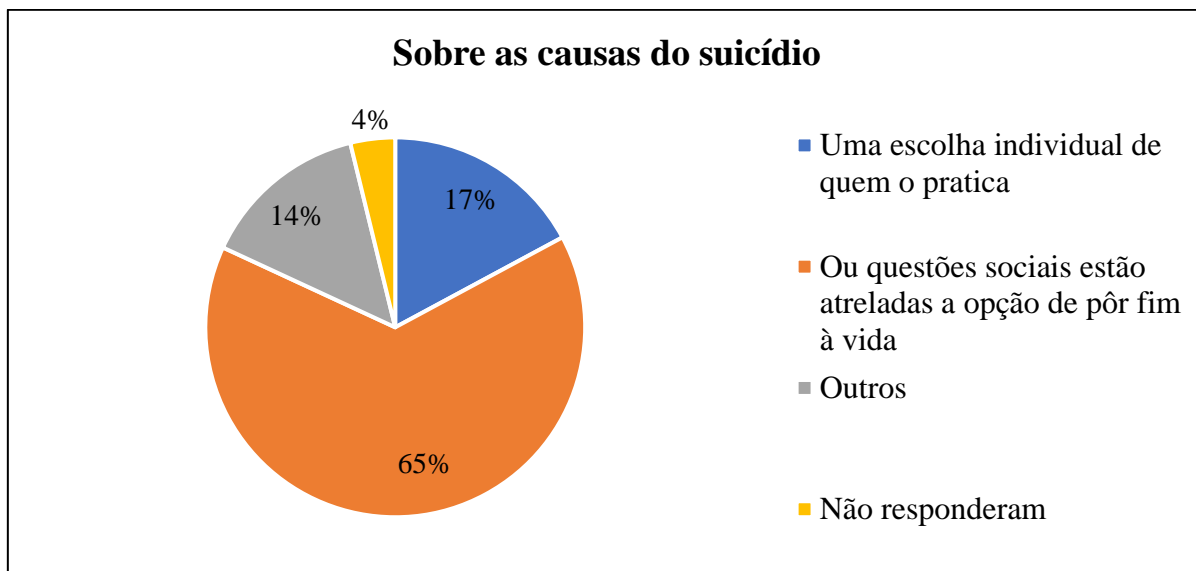


Gráfico 2 – Sobre as causas do suicídio
Fonte: Da autora

De acordo com o gráfico acima, 65% dos alunos concorda com Durkheim. Nesse sentido percebi que, quando direcionados, não atribuíram exclusivamente ao indivíduo a culpabilização por sua ideação suicida, contudo quando livres para delimitarem as causas e motivações, é ao sujeito que são direcionadas. De todo o material coletado advindo dos alunos, poucos citaram as influências que a sociedade exerce sobre o indivíduo, a ênfase é dada, na maioria das falas ao individualismo, principalmente quando se cita a depressão como causa principal e outros fenômenos de ordem psicológica.

Na questão acima, os casos que foram apontados como sendo de ordem individual, associaram a ideação suicida ao fato de o sujeito escolher. Podem existir fenômenos extras que, envoltos ao indivíduo provoquem nele a vontade de se matar, mas ainda assim caberá a ele escolher se quer ou não. “É uma escolha, muitas vezes pelos motivos de depressão, ou falta de vida social. E uma escolha errada a ser tomada, mais ainda é uma escolha”, (QUESTIONÁRIO 91, APÊNDICE E).

Diferentemente, os que associaram as causas sociais apontaram a forte autoridade exercida pela sociedade, a seguir algumas colocações dos estudantes: “Pois nunca é só um problema individual, a sociedade colabora para isso”, (QUESTIONÁRIO 102, APÊNDICE E); “Que muitas pessoas falam para as pessoas suicidas porque não se mata de uma vez isso é só drama e essas coisas”, (QUESTIONÁRIO 92, APÊNDICE E).

Cada pessoa tem um problema diferente que fica a torturando, e muitos desses problemas são relacionados a sociedade, a "padrões", por exemplo, muitas pessoas não são como a sociedade insiste em impor. A magreza é uma dessas "belezas" na sociedade, e ninguém é magro o suficiente para seguir esse padrão, somos todos diferentes, e mesmo assim algumas pessoas se importam tanto com isso, que chegam a ser preconceituosas com os outros, e se culpam por não andar no padrão. E por isso existe bullying nas escolas principalmente, até mesmo por raça, classe social, e por isso acontece tantos suicídios, as pessoas julgam umas as outras, e nunca se colocam no lugar do outro, são egoístas e ignorantes. (QUESTIONÁRIO 54, APÊNDICE E).

O suicida não quer se matar e sim matar a dor, um dos fatores das causas dos suicídios são fatores sociais, por pressão psicológica, falta de afeto, depressão, estresse... etc. Isto demonstra que as pessoas são diariamente influenciadas pela opinião alheia e como vivem socialmente. Podem em algum momento, por conta desses fatores, vir a causar o suicídio. (QUESTIONÁRIO 74, APÊNDICE E).

“É um fato social, a pessoa não se suicida por procurar prazer em morrer, e sim como alternativa de fugir dos problemas que uma sociedade impõe como meio corretos”, (QUESTIONÁRIO 38, APÊNDICE E).

Percebe-se que todas as colocações expressas aqui de alguma forma se explicam pela/na teoria durkheimiana. A influência que a sociedade exerce sobre os indivíduos se torna nítida segundo eles. A disposição que todas elas [sociedades] têm ao suicídio é, igualmente inevitável de acordo com Durkheim, ou seja, é normal que exista a interferência da sociedade sobre o indivíduo, mas isso precisa ser percebido e assimilado num caráter de naturalidade, que presuma ao sujeito a necessidade desta disposição a fim de acarretar no progresso social, no contrário, as taxas suicidógenas tendem a aumentar e a anomia prevalecer, pois o sujeito entende que existe uma autoridade social diante dele, mas não entende a necessidade da existência dessa autoridade, que seria admitida com a existência de um poder regulador bem sucedido que, na modernidade, equivaleriam as corporações.

A questão 7 referia-se à caracterização do ato suicida, o resultado foi o seguinte:

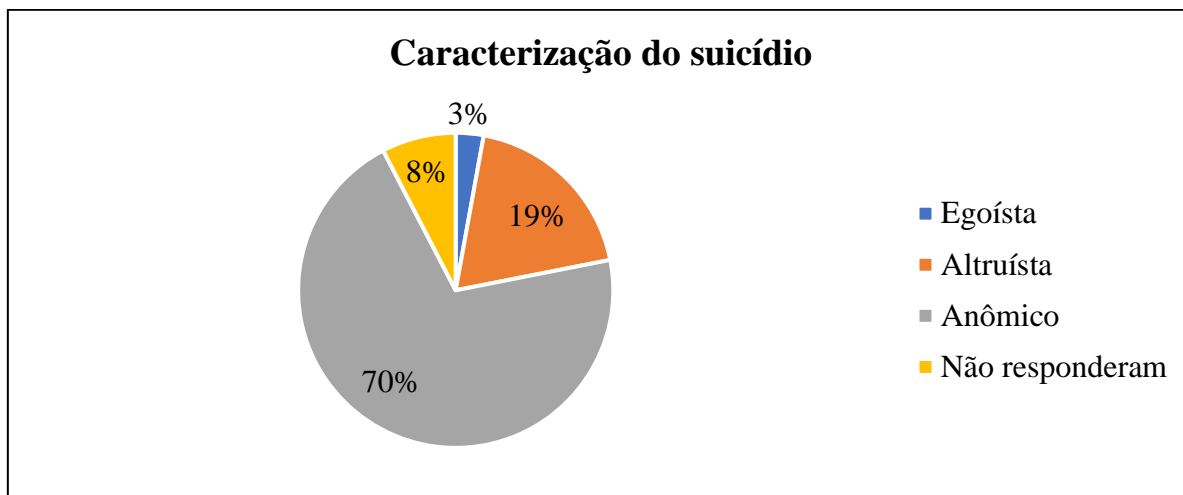


Gráfico 3 – Caracterização do suicídio
Fonte: Da autora

A partir do gráfico acima e das justificativas apontadas pelos alunos quanto a opção escolhida, entendo que a ligação inicial com a depressão é quase que descartada aqui, quando tentam caracterizar o ato suicídio a perspectiva durkheimiana, quando o causa principal deixa de ser a depressão e passa a ser a forte influência exercida pelos outros elementos do meio, sejam eles os próprios seres humanos ou da forma como está estruturada a sociedade. Das justificativas expostas, na sua maioria são referentes ao suicídio anômico, apontado por Durkheim com determinada relevância e pelos alunos também. Seguem alguns de seus pareceres:

Talvez se a sociedade entendesse as opções de todos o suicidio diminuiria muito pois há muito preconceito até na hora de pedir emprego como por exemplo vestimentas, tatuagens, cultura ou até modo de falar. (QUESTIONÁRIO 73, APÊNDICE E).

Acho que o suicídio acontece quando um indivíduo não se encaixa na sociedade e ele é julgado e não é aceito, por exemplo uma opção sexual. (QUESTIONÁRIO 76, APÊNDICE E).

O indivíduo não se enquadra nos "padrões" sociais, aí não vê outra escolha a não ser se matar. (QUESTIONÁRIO 91, APÊNDICE E).

Dentre as colocações expostas, muitas concentraram-se em *culpabilizar* a estrutura social como condição para o suicídio, ao alegar que, muitos dos indivíduos, por mais esforços que despendam em prol, não se encaixam nos padrões sociais que são estabelecidos, e são esses os que cometem suicídios. Pessoas que *aceitam* os padrões conseguem viver aquém da ideação suicida, porém, nem todos se adaptam a essa estrutura e isso se deve, para Durkheim, a falta de uma moral fortemente

constituída. Para Durkheim e para a maioria dos alunos, o suicídio advém de causas sociais. Quando os alunos associam a pressão social que existe sobre o suicida, eles retiram do ato a individualidade das causas e o associam ao social, atrelando assim a sua concepção sobre as causas, mesmo que indiretamente, a teoria durkheimiana. Sendo assim, o suicídio é um fato social, cujas causas são decorrentes de uma pressão e coerção social para eles.

Em relação a questão 8, que visava investigar a estigmatização exercida sobre o suicida, solicitei aos alunos que retratassem os discursos promovidos acerca do suicídio, pela sociedade em geral e por ele. Como é avaliado o suicida?

A sociedade geralmente rotula o suicida como um louco e raramente procura entender o que o levou a fazer isso. Eu particularmente procuro entender o que aconteceu com a pessoa e tento não julgar, afinal, ninguém sabe o que estava se passando com a pessoa. (QUESTIONÁRIO 77, APÊNDICE E).

A sociedade tem um certo tabu com a situação, muitas vezes é considerado "falta de Deus, egoísmo, mimado", não entendendo que se trata de uma doença, que é sério, e precisa de toda atenção. (QUESTIONÁRIO 11, APÊNDICE E).

Geralmente de forma negativa, como se o indivíduo estivesse querendo chamar atenção, ou fosse fraco, minha visão é a de que para alguém chegar a este ponto o sofrimento é muito grande, esse tipo de comportamento é muito sério e merece atenção. (QUESTIONÁRIO 41, APÊNDICE E).

Genericamente, os pareceres foram de perspectivas próximas aos citados acima, ou seja, entendem a sociedade como organização que condena o suicida, mas os alunos buscam entender. Contudo, ao realizar os debates em sala de aula acerca das avaliações apresentadas, e ao formalizar essas ideias por meio de um trabalho escolar, determinadas informações importantes relacionadas a temática podem ter sido deixadas de lado quando responderam ao questionário. Prova disso é que, longe da formalização, em conversas informais, vem à tona apontamentos que não aparecem formalizadas nas respostas dos questionários. Cenas de ideação suicida por abuso sexual e outros problemas aparecem assim, contudo, onde a estigmatização acerca do suicídio é presente, o silêncio é a alternativa apontada.

A questão 9 tratou das suas perspectivas acerca da importância em debater o suicídio no espaço escolar. O gráfico a seguir exhibe o resultado:

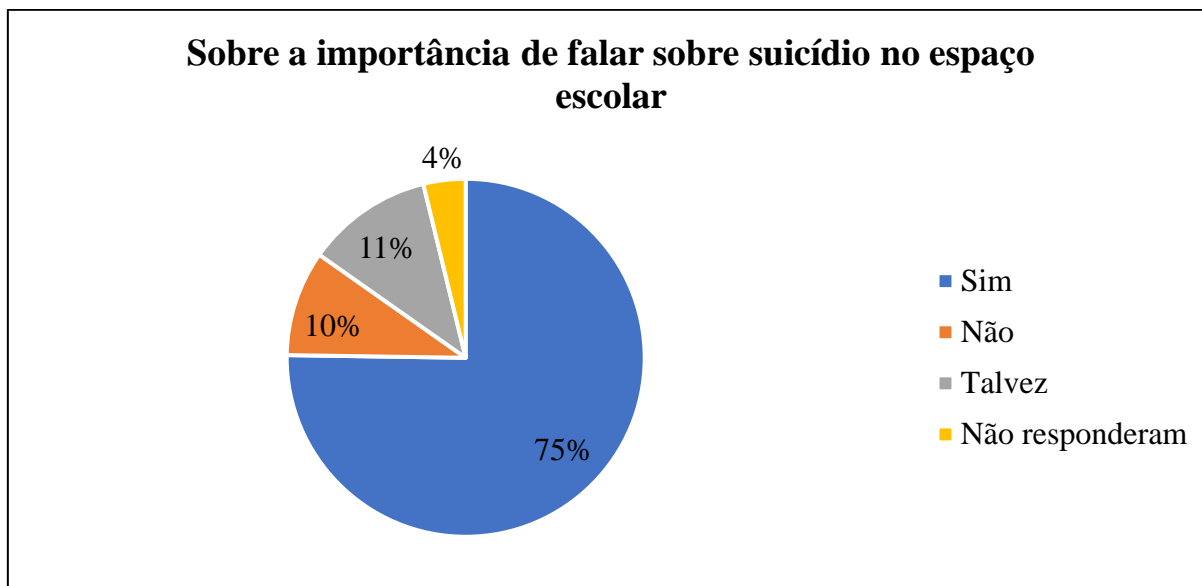


Gráfico 4 – A importância de falar sobre o suicídio no espaço escolar
Fonte: Da autora

Entendo que o resultado desta questão foi significativo para meu trabalho, pois confirmou minha hipótese inicial de que se faz necessário falar sobre a temática no ambiente escolar. A escola desempenha papel basilar na formação dos jovens e, com o crescente número de suicídios nessa faixa etária, os estudantes demonstraram concordar com a necessidade de se falar sobre suicídio na escola (75% dos do alunado que respondeu o questionário acorda nesse aspecto).

Se, por um lado, o simples fato de falar sobre o assunto não solucionará o problema do suicídio (e concordo com Durkheim quando relata a aptidão ao suicídio pertencente a todas as sociedades), por outro, entendo que o debate sério sobre ele pode contribuir para minimizá-lo. Como visto durante esta pesquisa, muitos adolescentes sofrem calados por inúmeros motivos e consideram o suicídio como o fim dessa dor. Superar o estigma pode se tornar uma ferramenta mais eficiente do que eventuais campanhas preventivas em relação ao suicídio.

Nas inferências dos alunos quanto a essa questão, percebe-se que:

É importante falar disso para que possamos compreender melhor o que pode levar alguém a cometer o suicídio, e consequentemente até ajudar as pessoas que precisam. (QUESTIONÁRIO 78, APÊNDICE E).

Com base em falas sobre o assunto, um conhecimento sobre a área, saber como lidar com isso e saber que alguém se importa e que há saída desse estado, pode ajudar o indivíduo de diversas maneiras, encaminhar quem

peças precisa de ajuda, orientar o mesmo quando ele se encontra perdido. (QUESTIONÁRIO 41, APÊNDICE E).

Pois ajudaria muitos jovens e adolescente que estão passando por isso. E também mostrar para aquelas pessoas ignorantes que isso não é brincadeira. (QUESTIONÁRIO 76, APÊNDICE E).

Por que precisamos debater mais sobre esse assunto, para podermos amenizar os suicídios, ou tentar ajudar uma pessoa que está passando por isso. (QUESTIONÁRIO 63, APÊNDICE E).

Os argumentos apresentados nessa questão foram diversos, contudo, o foco principal fora centralizado na importância de falar sobre a temática, não somente em escolas, mas também em outros espaços a fim de promover uma conscientização generalizada acerca da amplitude do *problema* suicídio.

Nesse quesito, percebo que a defesa dos alunos em falar sobre o suicídio, poderia ser interpretada como destoante da teoria durkheimiana, uma vez que esta parcela do alunado, objetiva com uma maior discussão acerca do tema prevenir os suicídios e, para Durkheim, toda sociedade já possui uma predisposição ao suicídio falando dele ou não. Poder-se-ia dizer assim, que a teoria durkheimiana pouco contribui para pensar o suicídio entre jovens? Entendo que não, uma vez que, pensar o suicídio na sua completude requer explorar o que há disponível sobre o tema nos mais diferentes segmentos. Desse modo, a teoria científica durkheimiana constitui um dos caminhos. Obviamente que, sozinha, ela não contemplaria a complexidade que é o suicídio, uma vez que se trata de um ato praticado por um indivíduo físico, constituído um ser social e parte integrante de uma sociedade que, direta ou indiretamente age sobre ele.

Por fim, a questão 10 foi reservada como um espaço livre para que os alunos pudessem expor situações que não foram abordadas nas questões anteriores e que considerassem importantes quando o assunto é suicídio. Tendo em vista que o público alvo foi de jovens estudantes, utilizaram desse espaço para reforçar algumas questões que já haviam sido apontadas em outras questões: a *solicitação* de maior atenção às pessoas, em especial aos jovens, principalmente das escolas, pois muitos reclamaram que nesse espaço, ao mesmo tempo em que se oferece subsídio, se age com desprezo na prática com alunos que vêm desfrutando de ideação suicida, reforçando assim, ideias preconceituosas e infundadas acerca do suicida; defesa de

debates sobre a temática em vários espaços e, a presença de um psicólogo no interior das instituições escolar.

4.3 Das percepções dos estudantes sobre a análise técnica e científica sobre o suicídio

Terminado o processo de consulta e tabulação dos dados obtidos a terceira etapa do trabalho didático e pedagógico acerca do suicídio foi desenvolvida a partir de uma análise sobre como o suicídio é compreendido e publicado por alguns veículos oficiais e instituições sociais. O intuito dessa atividade foi demonstrar aos estudantes como se produz e como se veicula informações e dados sobre temas estigmatizados, e deste modo, debater em que medida tais veiculações colaboram ou não para a produção de campanhas, ou mesmo, na diminuição dos índices de suicídio que se produzem.

Após trabalharmos os materiais obtidos com os alunos; (os textos e os questionários aplicados) os arquivos das redes sociais e aulas expositivas acerca dos dados; o debate sobre o suicídio enquanto fato social foi direcionado a um estudo de caso em que os estudantes tomaram conhecimento do laudo⁴⁴ emitido pelo IML sobre o suicídio de meu avô, ocorrido na região.

A partir da leitura deste laudo realizada em pequenos grupos, foram pontuadas as querelas argumentativas que se apresentavam neste texto eminentemente técnico. Depois da leitura os alunos tiveram a tarefa de escrever redações contando quais impressões tiveram sobre esta experiência. Numa delas as alunas Natália e Emília (APÊNDICE F) pontuam:

Viés científico do suicídio, funciona?

Ao longo dos anos a ciência vem conseguindo avanços significativos nas áreas médicas, e como sempre tenta responder questões vitais com palavras difíceis.

Analizando o laudo de necropsia do senhor [...], constatamos que mais uma vez que a ciência encobre verdades duras (suicídio) ao utilizar descrições

⁴⁴ ANEXO 3 – LAUDO DO EXAME DE NECROPSIA

vagas ou mesmo ambíguas quando uma palavra poderia esclarecer a causa da morte.

Quando a ciência estuda o ser humano, parece que a individualidade acaba (importa apenas a forma física básica que todos apresentam), como por exemplo a descrição do laudo de necropsia que refere-se as roupas e tantos outros detalhes fisiológicos e a ausência da escolha que a pessoa descrita fez em vida.

Indo além do laudo, percebe-se que não há uma realidade humana dentro da ciência, suicídios viram números, deixam de ser pessoas e quem sobrevive (literalmente sobrevive) precisa conviver com a ausência de qualquer assistência e resposta.

Tal percepção, de uma maneira ou de outra, acaba denunciando o abismo existente entre o discurso técnico, muitas vezes proferido em nome da ciência, que nubla, inclusive, o interesse e o desejo do adolescente em se apropriar deste tipo de linguagem e deste tipo de conhecimento. Consegui perceber com essa experiência, que o diálogo com o público adolescente, muitas das vezes, carece, de significação sentimental, pois é a partir desta que eles podem abrir as portas ao diálogo, que é condição fundamental do trabalho e desenvolvimento do conhecimento humano e filosófico.

Abrindo espaço para algumas constatações que não são de modo algum objetificáveis, mas que são bastante significativas para compreendermos esta complexa teia que é o processo de ensino aprendizagem. Durante as aulas em que analisamos este laudo, não foram poucas as vezes em que os alunos reclamaram a falta de afeto e de sensibilidade por parte do redator do texto em relação a uma vida humana que foi perdida. O suicida deixou de ser sujeito para se tornar um amargo número estatístico dos qual ninguém parece querer se orgulhar. “[...]. Quando os números ganham rostos e nomes, tudo começa a fazer sentido. É mais fácil compreender o problema a partir da história de alguém ou de uma analogia que a maior parte das pessoas domina [...]”, acrescenta Garcia (2018, p.123).

Tais questões, repito, ainda que não quantificáveis me fizeram refletir sobre como posso construir tais vias de diálogo sobre as diversas demandas que se desenvolvem na escola, e por certo capricho técnico, também expõe a falta de sensibilidade e de humanidade ao tratar das querelas e das necessidades que os estudantes possuem.

Retornando as análises desenvolvidas pelos estudantes, João, José e Joel (APÊNDICE F) concluem:

“Analisando o laudo podemos perceber que não fica claro em momento algum que a causa da morte foi suicídio.

Infelizmente, este é um assunto que é tratado ainda como tabu, evita-se falar a respeito, evita-se mostrar os dados, a verdade é que esse assunto é mais comum do que pensamos e está cada vez mais presente na vida das pessoas.

Mesmo que talvez não haja divulgação dos muitos casos existentes, por trás dos panos são muitas pessoas que tiram suas vidas, pelos mais variados motivos”.

Nestes relatos, a indagação sobre a veracidade dos dados científicos (que certamente incomodariam Émile Durkheim) é exposta pelos estudantes de uma maneira até inocente, mas que na sua inocência denunciam o perigo que há neste distanciamento abissal entre o discurso científico e a linguagem comumente aceita e vivenciada pelas pessoas dentro da sociedade.

Como tentativa de aproximação entre estas duas esferas, foi lançado o desafio de entrevistar algumas pessoas representantes de instituições diversas que, convivem com os dados referentes ao suicídio, para tentar compreender por que este tema, ou mesmo esta palavra assombram tanto.

Neste sentido selecionamos várias pessoas da comunidade, profissionais de diversas áreas (professores; agentes educacionais: serviços gerais, cozinheiros e técnicos administrativos; médico; enfermeiros; policiais; agricultores; vendedores; do lar; estudantes; bombeiros; radialista; instrumentadora cirúrgica; padre/pastor), que pudessem ser ouvidos pelos estudantes. Atendendo as sugestões dos estudantes, dentre estas pessoas, algumas com algum grau de parentesco com suicidas.

Destas entrevistas, que foram elaboradas em conjunto e que depois foram gravadas, ou anotadas e posteriormente socializadas com o restante da turma, algumas perspectivas se fizeram latentes. Novamente alguns detalhes já observados, 90% dos entrevistados citaram a depressão como principal causa do suicídio, e entre os jovens a depressão e o uso de drogas.

O debate sobre as entrevistas se deu de duas maneiras: em sala de aula onde fizemos as anotações relevantes e, também, um grupo restrito aos alunos participantes (nem todos optaram por entrar no grupo), onde foram postadas as entrevistas e realizados comentários pelos colegas. Ao ser realizado o debate acerca das percepções colhidas nas entrevistas realizadas pelos alunos, foram notadas

algumas colocações: a maior dificuldade apontada por eles foi justamente sobre o tema, afirmando que muitos, simplesmente não quiseram falar sobre o suicídio, ou então deram respostas simplistas e vagas. Desse modo, alguns alunos que fizeram a entrevista de maneira gravada, perceberam o *medo* dos entrevistados em falar durante a gravação e logo após, quando desligados os gravadores, o papo fluiu melhor que anteriormente. Disto, uma conclusão, as pessoas evitam falar sobre o tema, principalmente quando se visa um objetivo sobre e ele entende que é um participante.

Outra ponderação foi a respeito da contradição expressa entre a informalidade dos comentários do dia a dia e a formalidade com base no questionário. Os alunos apontaram que, normalmente, e como já foram apresentados em outros momentos anteriormente, a sociedade, em sua maioria, apresenta comentários preconceituosos sobre o suicídio ou o atrelam a falta de Deus, principalmente, segundo eles, em suas famílias. Contudo, não perceberam isso ao entrevistarem os pais, os quais tentaram, ao máximo, serem polidos e mostrarem-se *neutros* com relação ao tema. “Foram respostas curtas, talvez por ter pouco conhecimento sobre o assunto, por ser pouco comentado, mas a forma com que ele falou mostra que possivelmente ele não tem preconceito sobre o assunto”, (COMENTÁRIO 1, APÊNDICE G).

Nesse mesmo sentido, segue o parecer da aluna acerca da entrevista com radialista: “Por estar falando usando a profissão como veículo, faltou a opinião do mesmo, ele preocupou-se muito com a parte profissional, talvez essa era a ideia mesmo, trazer o profissionalismo”, (COMENTÁRIO 2, APÊNDICE G).

A seguir, outra aluna fala sobre a entrevista concedida pelo médico que atendia a comunidade próxima a escola:

Eu gostei e concordo quando ele diz que o uso em excesso de algumas substâncias (álcool, drogas) poderia ser considerado como uma forma de suicídio, no meu ponto de vista quem tem esse tipo de atitude, se entrega totalmente a essa vida do alcoolismo ou da dependência química, está “adiando” o seu suicídio.

Achei importante quando ele cita que uma das medidas para reduzir os dados tão alarmantes do suicídio, seria informar a população, porque na maioria das vezes o povo fala tanto sobre o assunto mas nem procura entender o que se passa realmente. Acredito que um grande número de pessoas não sabe o que é uma saúde mental, podem deduzir que é a saúde da mente pelo nome né, mas como cuidar dessa saúde? Como não afetar a saúde mental do seu colega? Como lidar com alguém que não está com a sua saúde mental em boa condição? O que falta é informação, se todas as pessoas tivessem um

conhecimento básico da realidade dessas situações, ficaria bem mais fácil de lidar com elas.

Eu concordo quando ele diz que para o tratamento de um suicida, só a psicologia agindo pode ficar difícil de “fazer efeito”, mas acho que apenas em casos extremos isso se aplicaria. Porque a partir do momento que você envolve medicação no tratamento tem uma série de riscos. Imagine que uma pessoa vive a base dessa medicação antidepressiva, quando esse remédio lhe faltar, os pensamentos suicidas virão novamente? É como se a pessoa vivesse dopada. Nessa parte, eu acho que seria essencial tentar amenizar e até solucionar essa situação no psicológico da pessoa, pra não ficar uma pessoa dopada de remédios para a vida toda.

Na questão social, voltamos a falar da informação. Uma sociedade mal informada sobre o assunto, ainda trata o suicídio como um tabu. Ainda há um certo receio em falar sobre isso, consideram pessoas suicidas como pessoas fracas, quando na verdade precisa de um ato de extrema coragem pra chegar nesse ponto. As vezes a falta de diálogo (porque preferem não falar sobre esse assunto) desencadeia outros problemas. Por exemplo, muitas pessoas preferem não tocar no assunto com os familiares de suicidas. Na minha opinião, é nesse momento que deveria existir um diálogo com essas pessoas, porque é nesse momento que elas estão muitas vezes se sentindo culpadas, isoladas e conseqüentemente ficariam vulneráveis e propensas a ir pro mesmo caminho.

E nos casos em que tocar no assunto com os familiares se torna algo difícil devido a uma série de fatores, como por exemplo os familiares que se fecham e não conseguem falar sobre o assunto. Acho que deveria ter um acompanhamento com essas pessoas, visando não ter mais um caso de suicídio na família. Porém, algumas pessoas não aceitam o acompanhamento psicológico pela ideia de ter que ir ao psicólogo (que também é um tabu, principalmente para pessoas mais velhas), nesses casos que eu digo a importância da informação. Porque nesse momento, um próprio parente que tivesse um conhecimento básico de como lidar com o suicídio e suas conseqüências, já ajudaria muito.

OBS: espero que tenha dado para entender o que eu quis dizer (COMENTÁRIO 3, APÊNDICE G).

É nítido o emaranhado de *informações* a que são submetidos os alunos no seu dia a dia. Nesse sentido, na execução do projeto, quando tomaram contato mais aprofundado com a teoria durkheimiana acerca do suicídio, e com as *apreciações* durante as entrevistas, as buscas por comentários acerca da temática nas redes sociais, com os familiares, com os educadores da escola a que pertenciam, e os debates sobre todas essas situações, foram realizados no intento de perceber o suicídio para além da estigmatização diária sobre o fato social e o indivíduo que o pratica, mas como um fato social, presente em todas as comunidades existentes para além das vontades individuais.

4.4 O contato com o *Projeto União Pró-Vida*

Por fim, o contato com o grupo do *Projeto União Pró-Vida*, um grupo de apoio e prevenção ao suicídio atuante na região. Entendi, com base nas respostas dos alunos durante a aplicação do projeto, a aflição deles para com o tema, como sendo algo muito particular. Logo, o contato com uma equipe especializada de prevenção ao suicídio, que atende muitas pessoas na região foi indispensável, tendo visto que, nem sempre é na escola ou na família que estes adolescentes buscarão ajuda. Então, pareceu-me muito viável apresentar-lhes o grupo e o trabalho que vinham desenvolvendo, uma vez que, a todo momento os alunos enfatizaram a necessidade de apoio.

O *União Pró-Vida* foi muito bem recebido pelos alunos. Em uma das turmas a palestra durou quatro aulas e na outra, duas aulas, sendo nesta última mais formal e com baixa participação dos alunos. Contrariamente, na primeira, os alunos questionaram e solicitaram ajuda ali mesmo, e muitos deles me relataram, posteriormente, ter sido esse trabalho em sala de aula o *estopim* para que procurassem a equipe, a fim de buscar ajuda para os *tormentos* que estavam passando.

4.5 Análise conceitual – um debate com Durkheim

Com Durkheim pudemos realizar uma viagem pela história do suicídio. Foi possível perceber que dentre tantos outros fatos sociais, o suicídio é sem dúvidas um dos mais estigmatizados e condenados em diferentes tempos e espaços. Para o autor (2011, p.429), “[...] seja como for, o fato é que, de todas as sociedades que superaram esse estágio inferior, não se conhece nenhuma em que o direito de se matar tenha sido concedido sem restrições ao indivíduo. [...]”.

Analisando os relatos advindos dos nossos estudantes algumas questões ainda permanecem vivas: Por que o suicida é tão perseguido? Seria fruto de uma genuína preocupação social para com a vida do sujeito que se vai? Para Durkheim

(2011, p.431) a resposta é não, e “[...] é porque, ao se matar, o homem se furta a suas obrigações para com a sociedade. [...]”.

Para a aluna Eva (APÊNDICE B),

O tão chamado “ato de loucura” como muitos conhecem o suicídio, na minha opinião é apenas retrato da sociedade [...], pois mesmo que inconscientemente a sociedade contribui para que isso aconteça, muitos dos que cometem suicídio recebem mais atenção pela forma que morreram do que pela forma como viveram.

Nos regimes primitivos em que a existência do indivíduo não era tão reconhecida quanto a do grupo isso não era significativa. Entretanto, com o advento da modernidade o sujeito ao ser admitido na sociedade adquire importância social atrelada a uma função social. Eis a era de uma nova percepção de ser humano a partir de sua utilidade e função. Nesse contexto, a percepção apontada por Josefa é que:

O suicídio ocorre em virtude um problema, de uma determinada situação, certa angústia, ou coisas relacionadas a isso, mas certeza que são sentimentos individuais provocados pelo próprio indivíduo ou por outras pessoas. A pessoa que comete suicídio deve pensar que seus problemas não tem solução e também na pressão da sociedade, pois é a sociedade que determina o que é certo ou errado, e a maioria dos indivíduos segue essa linha, e quando algo ou alguém foge de determinada linha é extremamente julgado e criticado”.

A modernidade deu ao homem um novo estatuto pautado nos valores socialmente reconhecidos (trabalho, mérito, posses, honra, etc.). Quando se afronta tais premissas se estigmatiza o sujeito em nome do valor social incrustado no processo de socialização. Deste modo, “o suicídio, portanto, é reprovado por transgredir o culto à pessoa humana no qual repousa toda a nossa moral. [...]” afirma Durkheim (2011, p.432). Não é o ato suicida do indivíduo em si que causa reprovação social, mas o ataque a compreensão e aos valores morais dispostos dos outros indivíduos que condiciona o processo de reprovação e estigmatização social.

Essa transformação do homem útil em um “deus” a ser preservado, lhe designa um caráter que, incide no indivíduo enquanto homem a necessidade de prezar um ideal humano. Durkheim (2011, p.436) que “[...] o homem que assim se propõe ao amor e ao respeito coletivos não é o indivíduo sensível, empírico, que é

cada um de nós; é o homem em geral, a humanidade ideal, tal como a concebe cada povo em cada momento de sua história. [...]”.

Por outro lado, Durkheim tentou mostrar que a propensão ao suicídio encontrada em uma sociedade é tal qual qualquer outra propensão. Ele visou descartar o tratamento do suicídio como uma patologia e, atribuir-lhe o caráter de ordinário, pois toda sociedade possui uma propensão ao suicídio como teria ao homicídio ou a qualquer outro fato social. Contudo, sobre o suicídio se desenvolveu o estigma de uma prática social intolerável e sobre a segunda e os demais, corriqueiramente aceitáveis como normais, quiçá, necessários. Seria o fato da criação de métodos de punição para a segunda que lhe atribui um caráter de normalidade? Para Durkheim, tratam-se de dois atos de mesma proporção, a diferença está no fato de que a violência se destina a si ou ao outro. Enquanto o suicídio se caracteriza pelo desgosto pela vida, pela sociedade, o homicídio o seu contrário, condiz a um ato violento e apaixonado. Ambos são normais e pertencentes a todas as comunidades.

A fé religiosa e a política intensa, por exemplo, inspiram homicídios. “[...]. Quando se é treinado para desprezar a própria existência, não se pode estimar muito a dos outros. Por essa razão, homicídios e mortes voluntárias estão igualmente em estado endêmico entre alguns povos primitivos. [...]”, (DURKHEIM, 2011, p.464). Entre *mim* e o outro, o valor atribuído a mim, por mim, é sempre maior que pelo outro. Esse é o paradigma do homem moderno revestido pelo valor moral da vida acima de tudo.

A fala de Pedro (APÊNDICE B) ilustra essa passagem:

Eu já perdi um amigo para o suicídio ao ler a carta que ele deixou eu percebi o quanto ele precisava de ajuda, muitas das vezes a família o criticava por ele beber todos os dias, mas ele encontrava na bebida a solução dos problemas que bastava alguém sentar e conversar, no final da carta ele pediu perdão por ter feito aquilo mas isso foi a saída que ele achou pois ninguém gostava dele pelo fato dele ser um “bêbado” e para não dar mais desgosto a sua família o fio de luz era o seu último abraço.

Sendo assim, a anomia moderna, na visão durkheimiana, é que leva ao suicídio e, combinada ao homicídio, poderia provocar o ato violento contra si próprio (o suicídio) ou contra o outro (o homicídio). Desta forma, a anomia, condiz a um estado onde homens medíocres poderiam matar e se matar. Para Durkheim, no estado anômico impera a falta de feios morais que poderiam ser aplicados aos dois atos, pois,

“[...] o homem bastante sensível à disciplina moral para renunciar a se matar por respeito à consciência pública e suas proibições será muito mais refratário ainda ao homicídio, que é estigmatizado e reprimido com maior severidade. [...]” afirma o autor (2011, p.467).

Em suma, entendo que essas duas situações (suicídio e homicídio) pertencem a esferas diferentes, contudo, elas são regadas por uma mesma problemática moral, por isso, não se pode atribuir um caráter de patologia a uma e não a outra. Na modernidade, a luta pela vida ou o seu contrário, a solidariedade dos grupos entre outros fatores, não podem ser considerados anormais justamente por pertencerem a um contexto ético intrínseco aos ideais da modernidade. Para que esse caráter anômico não se torne um empecilho ao progresso social, é necessário, segundo Durkheim, encontrar um novo modelo de regulamentação para um constante porvir, já que os conflitos são sempre oriundos da desregulamentação social.

Poder-se-ia considerar normal altos índices de suicidas em sociedades civilizadas? Para Durkheim (2011, p.482):

“[...] As mudanças que a estatística dos suicídios contemporâneos supõe não podem, pois, ser normais. Mesmo sem saber precisamente em que elas consistem, pode-se afirmar de antemão que essas mudanças resultam, não de uma evolução regular, mas de um abalo doentio que pode ter desenraizado as instituições do passado, porém nada colocando em seu lugar, pois não é em poucos anos que se pode refazer a obra de séculos. [...]”.

Corriqueiramente consideramos anormal o que é imoral segundo Durkheim (2011), pois se choca com nossa consciência moral, e deste modo, consideramos determinado fato como patologia social. Por exemplo, considera-se que o crime precisa existir, como uma imperfeição necessária, mas não como uma doença. Algumas circunstâncias são úteis, mas para serem úteis precisam ser reprovados, reprimidos. Se é normal que haja crimes, é normal que sejam punidos. Se não for assim, abrem margem para mais crimes. Entretanto, esse afrouxamento é anormal, pois, a punição é a legitimidade da normalidade.

Nesse sentido, o suicídio é efetivamente normal. É notória a sua presença, das sociedades mais primitivas até as mais refinadas. Não é normal nutrir as causas que o impulsionam. Para Durkheim (2011, p.474):

[...]. Ora, não sabemos se em toda parte o suicídio foi objeto de uma regulamentação jurídica. Mas podemos afirmar que é o caso mais geral. Ora ele é prescrito, ora é reprovado; ora a interdição que o atinge é formal, ora comporta reservas e exceções. Mas todas as analogias permitem acreditar que nunca o direito e a moral permaneceram indiferentes a ele, ou seja, o suicídio sempre teve bastante importância para atrair o olhar da consciência pública. [...].

Toda sociedade comporta indivíduos apegados demais a normatização geral. O pouco valor a si vincula o suicídio altruísta. Do mesmo modo, todos possuem em si um pouco de individualismo, capaz de aproximar ao suicídio egoísta e, da mesma forma, os ideais de ordem e progresso irão gerar um certo grau de anomia e despertar o suicídio anômico. A constituição das sociedades superiores pode estimular correntes suicidógenas. Como afirmar que ele não é normal?

Durkheim (2011) não imobiliza as consequências *negativas* que o estado de progresso pode gerar, contudo, para ele esse agravamento não se deve à natureza inerente ao progresso, mas às maneiras isoladas em que se dá a sua execução atualmente, e isso sim pode carregar um status de anormalidade. Logo, é admissível, é até provável, que a mobilidade ascendente dos suicídios derive de um estado patológico que, hoje, siga junto com o avanço da civilização, não sendo, porém, sua condição necessária. Isso acontece devido algum distúrbio do organismo social de uma tal intensidade pessimista capaz de provocar uma vontade de destruição da realidade ou então de fuga dela.

[...]. Com efeito, se renunciamos a proibir legalmente o suicídio, é porque sentimos muito debilmente sua imoralidade. Deixamo-la desenvolver-se livremente porque ele já não nos revolta tanto quanto outrora. Mas não é por disposições legislativas que se conseguirá despertar nossa sensibilidade moral. [...]. Quando a lei reprime atos que o sentimento público julga inofensivos, é ela que nos indigna, não o ato que ela pune. [...]. (DURKHEIM, 2011, p.486).

Neste caso, para Durkheim o afrouxamento dos sistemas repressivos não condiz com a diminuição das taxas suicidas por não contemplar uma evolução moral da sociedade. Para Durkheim a educação, com seu caráter formativo, seria a única capaz de modificar essa realidade, desde que os próprios professores já não tivessem cedendo a essa moral corrompida. Sendo assim, enfatiza Durkheim (2011, p.487):

Porém, isso é atribuir um poder a educação que ela não tem. Ela a imita e a reproduz em tamanho reduzido; ela não a cria. A educação é sadia quando os próprios povos estão saudáveis, mas ela se corrompe com eles, sem ser capaz de se modificar sozinha.

Enfim, a educação só poderá ser reformada quando a sociedade também o for. E, “[...] a única maneira de remediar o mal é devolver aos grupos sociais consistência suficiente para que apoiem mais vigorosamente o indivíduo é para que ele próprio se apoie neles. [...]” assegura Durkheim (2011, p.488). Em visão oposta à de Durkheim, a aluna Valéria (APÊNDICE B) afirma:

Para mim o suicídio nunca vai acabar, porque nós seres humanos não damos a mínima para os outros, principalmente quando não temos muito vínculo com a pessoa, e muitas vezes para nos satisfazer ou simplesmente para ganhar vantagem nas costas dos outros fazemos de tudo para conseguir alcançar nossos objetivos, independente se vamos machucar alguém.

E quais grupos seriam capazes de fomentar esse sentimento de solidariedade pergunta Durkheim? Ao analisar as condições dispostas pelos grupos afirma que não é na esfera política, pois a ideia de pátria ainda persiste, e uma crise política nunca é constante, logo atos intermitentes não conseguirão provocar mudanças necessárias. O indivíduo precisa a cada instante perceber que o que ele faz tem um objetivo dentro do grupo social. Também não seria da religião, pois só auxilia o indivíduo na medida em que o impede de pensar livremente. No mais, é nada além de um idealismo simbólico, não tem a influência necessária sobre os homens, conseqüentemente não será o discurso de vida eterna ou castigo eterno que freará o ser humano de seu desejo de se matar. Contudo, não é o que pensa a aluna Maria (APÊNDICE B) quando assegura que “Para tudo isso existe solução é só ir na igreja, rezar e ponha na cabeça que você vai consegui saí dessa situação e ter fé e procurar ajuda de uma que te escute que te entenda e possa te ajudar”. O entendimento aqui é que existe uma solução e ela se encontra na figura da instituição religiosa, uma agente reguladora com capacidade de inibir as taxas suicidógenas na visão da aluna. Na mesma linha, mas em defesa agora da instituição familiar, no questionário 45 (APÊNDICE E), em relato sobre um familiar, afirma que por:

[...] sorte de "deus" e talvez pelo fato dele ainda ter um filho pequeno e uma família q o ama muito e muitos outros fatores ele se libertou desse seu pensamento suicida...eu via ele assim eu nao tinha reacao alguma o meu unico medo era q ele se suicidasse ou nunca conseguisse sair dessa sua vida sombria q estava vivendo... sorte de "deus" pensou q poderia deixar um filho pra tras e muitas pessoas tristes e resolveu salvar sua vida e se ajudar...

Nesta mesma perspectiva, uma aluna que tentou o suicídio afirmou o seguinte:

Acho que o tratamento com remédios ajuda bastante, tem me ajudado muito, os pensamentos suicidas vem, as vezes ainda da vontade de desistir, e na verdade só não tentei de novo por causa das minhas filhas, mas continuo achando esse mundo detestável. Ninguém se importa com ninguém. São poucas as pessoas que ainda se importam. (LUCIMARA, APÊNDICE H).

Nesse contexto, quando Durkheim assim alerta ao fato de funcionar ou não, ele não está se referindo aos sentimentos que as variadas instituições promovem nos seus interiores, mas ao fato de serem essas instituições que compartilham de uma coesão e impedem os indivíduos de colocarem suas ambições e paixões pessoais a frente do coletivo. Portanto, qualquer instituição que tenha em si desejos comuns, defesas de mesmos sentimentos, desenvolvem essa função social. Deste modo, é a corporação,

[...] composta por indivíduos que se dedicam aos mesmos trabalhos e cujos interesses são solidários ou até idênticos, não há terreno mais propício a formação de ideias e de sentimentos sociais. [...]. Não há razão para que o interesse corporativo não adquira, aos olhos dos trabalhadores, o caráter respeitável e a supremacia que o interesse social sempre tem sobre os interesses privados numa sociedade bem constituída. DURKHEIM (2011, p.496)

A corporação, para Durkheim é o ápice do sistema de solidariedade social, pois, a família não consegue manter tanta cooperatividade quanto a corporação, já que esta, se faz presente em todos os espaços em uma mesma constituição, a família pode e irá se adaptar, o filho que constitui sua família poderá fazer lá diferentemente do que seu pai, mas às regras que dominam uma corporação, os deveres, o direito, será o mesmo em todos os lugares. Para Durkheim (2011, p.496), “[...]. A corporação tem, portanto, tudo o que é preciso para enquadrar o indivíduo, para tirá-lo de seu

estado de isolamento moral e, dada a insuficiência atual dos outros grupos, só ela pode cumprir esse ofício indispensável”.

Consequentemente restaria ao Estado a tarefa de definir e reconhecer a importância dessa instituição, já que ele, tal qual as outras instituições, encontra-se falido. Por outro lado, Durkheim entende que, sozinho, o Estado não alcançará êxito na intenção de efetivar a solidariedade necessária a fim de concretizar a ordem e garantir o progresso social. Nesse sentido, o Estado deveria atuar como um aliado nesse propósito, pois que só, não daria conta da diversidade e a corporação, por sua vez, sem um aliado que lhe conferisse um status de instituição necessária e eficaz, também não obteria o efeito desejado. “A única maneira de resolver essa antinomia é constituir, fora do Estado, embora submetido à sua ação, um conjunto de forças coletivas cuja influência reguladora possa exercer com maior variabilidade. [...]”, (DURKHEIM, 2011, p.497).

Enfim, Durkheim assegura constantemente que, se ao destituir algo nada o substitua, as consequências serão drásticas, prova disto seria isso foi o rompimento da força coletiva, onde a individualidade tomou seu lugar. Por isso acredita que, atualmente, somente a corporação, a seu modo, conseguiria abater essa crise formalizada em um estado de desorganização geral. Careceria ainda regular as funções sociais e econômicas, posto que, a corporação, ao mesmo tempo em que organizaria a sociedade, reestabelecendo a organização, manteria da mesma forma, a individualidade de cada um de seus componentes. Cada um poderia escolher o que melhor se adaptasse, podendo vir a mudar, mas tudo isso sob a naturalidade de uma instituição reguladora com autoridade superior, necessária e suficiente para colocar ordem, reclamar sacrifícios e condições imprescindíveis para sua eficácia, a fim de não permitir exceder aquilo que o sujeito tenha escolhido para si que viesse interferir na ordem social.

Porém, para Durkheim, essa não seria ainda a medida cabível quando com relação a anomia conjugal, pois, somente tornando-o indissolúvel, possível somente quando não existirem mais as diferenças entre o casal, cuja moral atual aceita um tipo de ação quando por parte de um mas renega por parte do outro, não funcionará, ou a relação matrimonial nunca será vantajosa para ambos. Tudo isso porque, segundo Durkheim, os dois sexos não participam igualmente da vida social. E como mudar tudo isso quando a séculos se age de tal maneira?

Tendo passado mais de um século das considerações durkheimianas elas ainda são válidas e coerentes com a atualidade, pois assim como enfatizou a sua época, as pessoas se matavam porque não sabiam mais quais eram suas legítimas necessidades. Menos ainda conseguiam encontrar sentido nos seus esforços, essa constante sociedade do *desespero* perdura, permanecem ainda tão e qual ou talvez ainda piores. Atrocidades permanecem só mudam suas facetas, a corporação ainda não se firmou, e a diversidade de profissões não é vista como necessária para a sobrevivência do todo, mas como alvo de competição e disputa social de poder. No pensamento durkheimiano, isso retrata, única e simplesmente a miséria moral, capaz de desenvolver o estado de anomia atual e, se não freado, o fim da humanidade?

A *cura* para o problema da estrutura social, só virá quando se *curar* a moral. A atualidade propiciou ao sujeito, a rapidez dos meios de comunicação, ao mesmo tempo que a falta de formação advinda com o excesso de informação. Os problemas mudaram de faces, porém ainda não se havia resolvido os anteriores. O Estado sobreviveu a tudo isso, mas por si só não deu conta e ainda cedeu a própria desmoralização das pessoas, resquício do distanciamento dele para com as pessoas, que necessitam, antes do Estado, serem submetidas a algo mais próximo de si, no caso, a corporação. É como o caso da prisão por exemplo, ela não irá resolver o problema dos crimes se não forem pensadas medidas eficazes de combate ou pensar a própria constituição social.

[...]. Os avanços anormais do suicídio e o mal-estar geral que atinge as sociedades contemporâneas derivam das mesmas causas. Esse número excepcionalmente elevado de mortes voluntárias prova um estado de perturbação profunda de que sofrem as sociedades civilizadas, e atesta sua gravidade. [...]. (DURKHEIM, 2011, p.512).

A questão não é fazer vigorar o que já funcionou um dia, mas buscar neles germes de vida novas e capazes de se reestruturar e desenvolver. É preciso pensar a situação, mas também agir, ou o contínuo estado de desorganização social persistirá, assim como o avanço da corrente suicidógena. O suicídio enquanto fato social independe da nossa vontade ou julgamento, essas opiniões são alheias ao que propõe Durkheim, uma vez que, mesmo em sociedades onde aparentemente tudo

está *normal*, ainda assim irá existir suicídio, porque ele é um fato social e cada sociedade possui um potencial, indiferente da sua estrutura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É árdua a tarefa de finalizar um trabalho acadêmico. As arestas deixadas ao longo do percurso expõem, demasiadamente, nossas carências tanto de pesquisadores como de seres humanos. Esta investida no debate sobre suicídio dentro da sala de aula me levou enquanto educadora a diversos questionamentos que transcendem aos problemas metodológicos ou mesmo didáticos inerentes ao ensino de filosofia.

O Prof-Filo é um programa que, por ter uma extensão de possibilidades de pesquisa considerável, permitiu que os trabalhos pudessem dialogar com diversas outras áreas do pensamento que não apenas a filosófica. De certo modo, esta condição gerou um leque de possibilidades muito vasto que permitiu a esta pesquisa chegar a lugares e assuntos que nem sempre alcançaram os maiores prestígios dentro do cenário acadêmico. Neste sentido, entendo que meu trabalho adquiriu uma característica de marginalidade, pois, dialogou incessantemente com as ciências sociais, com um autor que por muitos foi tachado como retrogrado, conservador, ou mesmo desatualizado, e que tratou de um tema profundamente estigmatizado e dialogou com uma parcela da sociedade historicamente alienada do desenvolvimento científico tanto do ponto de vista da pesquisa quanto de sua posição social: os alunos filhos de trabalhadores.

Diante deste cenário marginal, e que certamente importou da estrutura social um sem número de impedimentos a realização deste trabalho me lancei numa pesquisa audaciosa que pretendeu analisar criticamente e coerentemente sobre a relevância que os apontamentos de um sociólogo europeu deslocado no tempo e no espaço poderia trazer para compreender por que, ou por quais razões o suicídio ainda é estigmatizado e problematizado na minha realidade social.

Se por um lado Camus foi cirúrgico ao dizer que o suicídio é de fato o mais importante problema filosófico, por outro, Durkheim se tornou fundamental ao entendimento das raízes sociais do suicídio. Não há meio de passarmos ilesos a este tema. Nossa jornada de pesquisa junto aos adolescentes estudantes nos deu esta dimensão, profundamente rica e lindamente provocativa que parece ser uma necessidade inegociável do pensamento e da aprendizagem filosófica. Durante o

desenvolvimento da pesquisa pude perceber que as angústias dos estudantes são profundamente enraizadas em suas experiências de vida e de mundo social. Muitas das vezes nosso trabalho docente não é suficiente para estabelecer um diálogo coerente e de fato vivo com estas características. Entretanto a pesquisa-ação se mostrou muito rica em diversos momentos, uma vez que possibilitou a estes sujeitos exporem suas querelas, desejos e anseios de uma maneira muito franca e honesta.

Percebi com Durkheim, que o espaço da sala de aula, se pensado sob a *batuta* do conhecimento científico pode suscitar perspectivas interessantes de conhecimento filosófico inclusive no ensino médio. Embora tenha cometido determinadas *heresias* em relação a uma interpretação mais rígida do método de trabalho desenvolvido pelo autor, especialmente no tocante a perspectiva de neutralidade científica, é importante frisar aqui que conseguimos junto aos alunos compreender a dimensão estritamente social envolta ao debate sobre o suicídio. Como pude explicitar na análise dos resultados se tornou verificável quando por diversas vezes estes estudantes, dentro de seus lugares de fala na escola, expuseram a compreensão dos efeitos coercitivos exercidos pela sociedade sobre as escolhas que comumente se interpretam como exclusivamente individuais. Neste caso, a fundamental tese do autor esclarecida a exaustão em sua obra *O suicídio*.

As características apresentadas por Durkheim em relação aos aspectos sociais imanentes ao suicídio puderam ser debatidas com realidades sociais específicas, e com o trabalho dialógico que desenvolvi com os estudantes foi possível averiguar que existe uma lacuna e uma necessidade evidente de trabalhos preventivos em relação ao suicídio na escola que não se resumam a normativas e tablets de aconselhamento. O suicídio requer mais diálogo, abordagens que valorizem os sujeitos e suas subjetividades e que não os trate de maneira objetificada. Portanto, se por um lado cometi a heresia epistemológica com uma interpretação mais dogmática do autor, por outro, conseguimos dialogar de maneira mais franca com os estudantes acerca dos resultados destes apontamentos frente as suas angústias evidenciadas e apresentadas.

É pertinente também reiterar o agradecimento aos estudantes envolvidos bem como as instituições de ensino que abriram suas portas a realização desta pesquisa. Entendo que essas instituições e estas pessoas foram fundamentais aos

resultados aqui descritos uma vez que tornaram o trabalho ainda mais gratificante e inspirador.

Diante do exposto, pude concluir que para além de falar sobre suicídio na escola, é fundamental contextualizá-lo em suas mais variadas facetas sociais. Uma vez que, os estudantes explicitaram seus desejos sobre a partilha de informações sobre o tema, surge a urgência de se integrar e conhecer ele. O estigma social sobre o suicídio e sobre o suicida não colaboram em nada neste debate e foi notável que os argumentos durkheiminianos se tornaram sensíveis aos estudantes principalmente quanto a avaliação dos laudos e das pesquisas de levantamento de dados aviltados.

Foi perceptível que embora o suicídio não possa ser trabalhado sob uma única da perspectiva, e isso também vale para a perspectiva científica do século XX advinda do positivismo durkheiminiano, é possível desenvolver um debate filosófico com relevância e intensidade. Ainda que ciente que este ideal de cientificidade não é suficiente por si só para o desenvolvimento tanto de práticas preventivas em relação ao suicídio quanto de compreensão do tema, ele se tornou um elemento propiciador de um rico debate sobre a dimensão filosófica envolta ao tema.

Deste modo, encerro este trabalho com a certeza de que a vivacidade do ensino de filosofia está calcada nas questões fundamentais que significam a vida. A escolha pela morte, paradoxalmente, exacerbou esta questão.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BASTOS, Cláudio Roberto Fontana; PETRAGLIA, Izabel. **Morte, Complexidade e Educação**. *Revista Notandum (USP)*. ISSN: 1516-5477. Volume 1. 2009. 21-28.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. **Socialização: Como Ser um Membro da Sociedade**. IN: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BOTEGA, Neury José. **Crise Suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BRANCALEONE, Cassio. **Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies**. *Revista de ciências sociais*. V. 39. Nº. 1, 2008. P. 98-104.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução**. São Paulo: Blucher, 2017.

CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes. **Introdução ao Pensamento Sociológico**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1976.

CORPO DE BOMBEIROS. **Registro Geral de Ocorrências**. PMPR/CCB/2ºGB/3ºSGB/3ªSB – União da Vitória, 2018.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1987.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Trad. Walter Solon. São Paulo: Edipro, 2012.

_____. **Da Divisão do Trabalho Social.** Tradução de Eduardo Brandão. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Educação e Sociologia.** Tradução de Stephania Matousek. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Coleção Textos Fundantes de Educação).

_____. **O suicídio: Estudo de Sociologia.** Trad. Monica Stahel. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FERNANDES, Florestan. **A Herança Intelectual da Sociologia.** IN: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia.** Rio de Janeiro: LTC, 2016.

FERNANDES, Florestan; Ianni, Octávio. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura: na Idade Clássica.** Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.

GARCIA, Cleisla. **Sobre viver: como ajudar jovens e adolescentes a sair do caminho do suicídio e reencontrar a vontade de viver.** São Paulo: Benvirá, 2018.

GIDDENS, Antony. IN: VARES, Sidnei Ferreira de. **A Importância das Corporações-Profissionais no pensamento político de Émile Durkheim.** Qualit@s Revista Eletrônica ISSN 1677 4280. Vol.10. N°4, 2010.

GIDDENS, Antony. **Sociologia.** Tradução de Sandra Regina Netz. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

INSTITUTO MÉDICO LEGAL – Secretaria de Estado de Segurança Pública – Polícia Científica. **Relação de óbitos da data de 01/06/2013 a 01/06/2018.** União da Vitória – PR, 2018.

INSTITUTO MÉDICO LEGAL – Secretaria de Estado de Segurança Pública – Polícia Científica. **Laudo do Exame de Necropsia.** União da Vitória – PR, 2013

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4 ed. Atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª Ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

MACHADO, Daiane Borges; SANTOS, Darci Neves. **Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012**. J Bras Psiquiatr. 2015;64(1):45-54.

MARCUSE, Herbert. **Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social**. Tradução de Marília Barroso. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARTINS, José de Souza. **Introdução**. IN: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

MARUCO, Fábila de Oliveira Rodrigues; RAMPAZZO, Lino. **O Suicídio no contexto escolar: o complexo e emergente fenômeno através do bullying dos desdobramentos do jogo virtual baleia azul**. 2017. Obtido em: http://www.lo.unisal.br/sistemas/conise/publicacoes/artigos/149_13500657_ID.pdf - Acesso em 25/08/2020.

MINOIS, Georges. **História do Suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

OUTHWAITE, Willian; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do Século XX**. Tradução de Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PAIXÃO, Alessandro Ezequiel da. **Sociologia Geral**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

PINHEIRO, Wilzacler Rosa e Silva. **Comportamento suicida na escola**. São Paulo: All Print Editora, 2015.

PORTAL VVALE. **Jovem comete suicídio em Paula Freitas – Corpo foi encontrado em uma mata nas proximidades da residência da mãe do rapaz** – Obtido em: <http://radionajua.com.br/noticia/noticias/policial/jovem-comete-suicidio-em-paula-freitas/36309/> - Acesso em 12/09/2018.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2 ed. Revisada e ampliada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SEIBT, Cezar Luís. **Sêneca e a finitude da vida – o que a finitude pode ensinar sobre o viver**. Revista Integração. ISSN 1413-6147. Ano XV. out./nov./dez. nº 59. 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

STEINER, Philippe. **A sociologia de Durkheim**. Tradução de José Benevides Queiroz. Revisão da tradução de Juarez Lopes de Carvalho Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva. **A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes – relato de experiência**. Publicado em 2007. *Revista Inter Ação*, 27(1), 99-114. <https://doi.org/10.5216/ia.v27i1.1509>.

VARES, Sidnei Ferreira de. **A Importância das Corporações-Profissionais no pensamento político de Émile Durkheim**. *Qualit@s Revista Eletrônica* ISSN 1677 4280. Vol.10. N°4, 2010.

VARES, Sidnei Ferreira de. **O problema do suicídio em Émile Durkheim**. *Revista do Instituto de Ciências Humanas* – Vol.13, n.18, p.13-36, dezembro 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing suicide: A global imperative**. Genebra, 2014.

**ANEXO 1 – REGISTRO GERAL DE OCORRÊNCIAS.
PMPR/CCB/2ºGB/3ºSGB/3ªSB**



ESTADO DO PARANÁ
POLÍCIA MILITAR
COMANDO DO CORPO DE BOMBEIROS
2º GRUPAMENTO DE BOMBEIROS
3º SUBGRUPAMENTO DE BOMBEIROS
3ª SEÇÃO DE BOMBEIROS



Ofício nº 061 – 3ª SB

União da Vitória, 21 de junho de 2018.

Assunto: Solicitação de atendimento a estudante.

Senhor Diretor:

Cumprimentando-o cordialmente, tem o presente expediente a finalidade de atender a solicitação de coleta de dados registrados por esta OBM na modalidade tentativas de suicídios.

2. Informo que de janeiro de 2015 à junho de 2018 registramos aproximadamente 47 (quarenta e sete) ocorrências relacionadas a tentativas de suicídios, sendo 8 (oito) óbitos confirmados no local.

3. Informo que tais dados podem conter algumas divergências com a realidade, pois nem todas as tentativas de suicídios entram como tal, algumas podem ficar registradas como ferimentos por armas, quedas de altura e intoxicações por veneno e/ou medicamentos não sendo computadas para este levantamento.

4. Era o que tínhamos para o momento, aproveitando para reiterar nossos votos de elevado estima e consideração;

2º Ten. QOBM Marcelo Aleixo Cordeiro,
Cmt. da 3ª SB/3º SGB/2º GB.

Anexo: Planilha de dados registrados.

Exmo Senhor,
Valderlei Garcias Sanches,
Diretor Geral do Campus,
União da Vitória - PR
FB/FB

dia	tipo	vítima	descrição
13/06/2018	altura	ilesa	
30/05/2018	altura	não localizada	
14/05/2018	Arma branca	ilesa	filha que possui problemas depressivos, se trancou em um quarto com uma faca.
13/05/2018	Arma branca	ilesa	Solicitação para dar atendimento á uma tentativa de suicídio.
12/05/2018	altura	não localizada	Segundo a solicitante havia uma mulher no meio da ponte com sinais suicidas.
04/05/2018	altura	ilesa	Solicitante disse que uma pessoa estava tentando pular da ponte.
27/04/2018	Arma branca	ferimentos leves	Informou que uma pessoa havia tentado cortar os pulsos.
24/04/2018	Arma branca	ilesa	apoio á PMPR, em ocorrência de tentativa de suicídio.
08/04/2018	altura	não localizada	Solicitado atendimento para vítima de uma possível tentativa de suicídio na Ponte de Ferro.
18/03/2018	altura	ilesa	Segundo solicitante um homem estaria em cima da ponte do arco, indicando que iria pular.
17/03/2018	objeto cortante	não localizada	Solicitante disse que havia uma pessoa com uma tesoura em mãos, tentando suicídio.
15/03/2018	objeto cortante	não localizada	Segundo solicitante seu irmão estaria tentando cometer suicídio.
08/03/2018	altura	não localizada	recebemos ligação de um rapaz que havia um homem querendo pular de cima de um viaduto
27/02/2018	medicamentos	ilesa	Segundo Sd guilherme Sra haveria tomado medicações e fora encontrada passando mal.
28/01/2018	altura	não localizada	solicitante informou q viu um veiculo parar e o condutor pular da ponte
17/12/2017	altura	ilesa	solicitante encontrou uma pessoa na ponte chorando e dizendo que queria se matar.
10/12/2017	veneno	ferimentos leves	Segundo a solicitante, uma menina tentou o suicídio ingerindo veneno.
07/11/2017	enforcamento	ilesa	
17/10/2017	medicamentos	ilesa	Segundo a solicitante, uma adolescente se intoxicou com remédios.
12/10/2017	sem natureza	ilesa	Solicitação feita pelo enfermeiro do Pronto Atendimento para dar atendimento á uma vítima de tentativa de
04/10/2017	sem natureza	ilesa	Fomos informados de uma tentativa de suicídio.
30/09/2017	altura	não localizada	segundo solicitante havia uma pessoa em cima do viaduto dizendo q pularia.
18/09/2017	enforcamento	óbito	Segundo a solicitante um rapaz foi encontrado enforcado, próximo ao Colégio São Cristóvão.
12/09/2017	altura	ilesa	Segundo a solicitante uma vítima de sexo feminino estaria tentando o suicídio na Ponte
18/08/2017	altura	não localizada	Segundo solicitante havia uma pessoa na Ponte do Arco tentando suicídio.
03/04/2017	enforcamento	ferimentos graves	
27/02/2017	enforcamento	óbito	
18/02/2017	enforcamento	óbito	
18/01/2017	enforcamento	óbito	
10/01/2017	enforcamento	óbito	
26/11/2016	enforcamento	ferimentos leves	
22/11/2016	enforcamento	óbito	
07/06/2016	enforcamento	ferimentos graves	
06/06/2016	sem natureza	não localizada	
27/04/2016	altura	ferimentos graves	
14/04/2016	altura	ilesa	
08/04/2016	altura	ilesa	
27/03/2016	altura	ilesa	

12/03/2016	sem natureza	ferimentos leves	
29/02/2016	sem natureza	ílesa	
28/02/2016	sem natureza	ílesa	
16/11/2015	sem natureza	ílesa	
21/08/2015	enforcamento	óbito	
02/07/2015	enforcamento	óbito	
10/05/2017	medicamentos	ílesa	sua mãe havia ingerido grande quantidade de medicamentos com bebida alcoólica.
19/03/2015	altura	ferimentos leves	
24/02/2015	medicamentos	ferimentos leves	vítima havia ingerido vários comprimidos e que no momento estava desmaiada.

ANEXO 2 – RELAÇÃO DE ÓBITOS DA DATA DE 01/06/2013 A 01/06/2018 – IML

RELAÇÃO DE ÓBITOS DA DATA DE 01/06/2013 Á 01/06/2018

UNIÃO DA VITÓRIA	PAULA FREITAS	PAULO FRONTIM	GENERAL	BITURUNA	SÃO MATEUS	ANTONIO OLINTO	CRUZ MACHADO	MALLET
AFOGAMENTO (48)	02	00	02	01	07	01	01	02
AGRESSÃO FISICA (17)	00	00	02	02	00	01	03	00
CARBONIZADO (03)	01	00	00	01	01	01	00	00
ENFORCAMENTO (40)	00	01	00	05	12	01	05	04
ARMA BRANCA (42)	00	00	01	07	02	01	04	02
ARMA DE FOGO (47)	01	00	02	06	05	00	05	01

CAUSAS PROVÁVEIS DAS MORTES

AFOGAMENTO: DEPRESSÃO / TÉRMINO DE NAMORO / DIVIDAS / IMPRUDENCIA / ETC.

AGRESSÃO FÍSICA: VINGANÇA / ROUBO SEGUIDO DE MORTE.

CARBONIZAÇÃO: ACIDENTES / INCENDIO CRIMINOSO.

ENFORCAMENTO: DEPRESSÃO / TÉRMINO DE NAMORO / DIVIDAS / ETC

ARMA BRANCA: VINGANÇA / ROUBO SEGUIDO DE MORTE / ETC

ARMA DE FOGO: DEPRESSÃO / ROUBO SEGUIDO DE MORTE / VINGANÇA / ETC

ANEXO 3 – LAUDO DO EXAME DE NECROPSIA



LAUDO DO EXAME DE NECROPSIA Nº 73/2013 - LTR

Ao(s) trinta dia(s) do mês de agosto do ano de dois mil e treze, às oito horas, no necrotério deste Instituto, e atendendo à requisição do(a) Polícia Civil - Delegacia Geral, o(a) doutor(a) infra-assinado(a), cumprindo a missão de médico(a) legista designado(a) por ato do Sr. Diretor, realizou exame de necropsia no cadáver de _____, nacionalidade brasileira, lavrador, estado civil viúvo(a), identificado(a) por RG nº 1.2/R. 35.283-9, nascido(a) em Xanxerê/SC aos 22/11/1940, filho(a) de _____, residente na cidade de Paula Freitas, identificado(a) por meio de Termo de Reconhecimento deste Instituto datado de 30/08/2013, cuja Ficha de Acompanhamento Funeral Nº 16712407-2 de 29/08/2013. Terminado o exame, elaborou o presente laudo e respondeu, ao final, aos quesitos propostos por lei.

HISTÓRICO

O corpo de I _____ deu entrada neste Instituto às vinte e duas horas e treze minutos do dia vinte e nove de agosto de dois mil e treze. Das informações colhidas consta Relato de que a vítima foi encontrada caída em um terreno ao lado do cemitério apresentando ferimento por arma de fogo no tórax e que segurava uma na mão direita.

DESCRIÇÃO

Em temperatura ambiente, procedeu-se ao exame do corpo, que se processou segundo as normas e técnicas habituais, com a constatação do seguinte:

1. EXAME EXTERNO

A) Vestes: Jaqueta preta, camisa e blusa azul, calça social marrom, ciroula preta, cinto preto, cueca azul, par de meia preta, bota marrom, boné azul.. B) Características físicas: trata-se de cadáver do sexo masculino, raça branca, olhos castanho-escuros, cabelos grisalhos, com cento e sessenta e seis centímetros de estatura, apresentando bom desenvolvimento osteomuscular, e em bom estado de nutrição, aparentando idade compreendida entre setenta e dois e setenta e três anos. C) Dados tanatológicos: Cadáver apresentando os seguintes sinais de morte: rigidez presente, hipóstases verificadas nas regiões dorsal e lombar, pupilas dilatadas e resfriamento corporal. D) Lesões: Constatou-se externamente: 1) ferimento perfuro-contuso lateral e inferior ao mamilo esquerdo, ao nível do sexto espaço intercostal, (FIGURA I) caracterizando-se por um orifício circular com área de tatuagem e de negro-de-fumo circundando o orifício de entrada, presença de área de contusão, área de enxugo apresentando escarificação e descolamento dos tecidos e halo equimótico..

2. EXAME INTERNO

C) Praticada a incisão em "Y" acrômio-esterno-umbilical, abertura da cavidade torácica através secção da junção condro-esternal bilateral e retirada do esterno, abertura da cavidade abdominal e afastamento do gradil costal, constatou-se: 1) pneumohemopericárdio, 2) pneumohemotórax a esquerda, 3) ferimento perfuro-contundente no lobo pulmonar superior esquerdo áreas de contusão pulmonar, 4) ferimento perfuro-contundente pericardio; 5) abertura do pericárdio e observa-se lesão perfuro-contundente transfixando o ventrículo esquerdo do coração; 6) lesão do ducto torácico; 7) hematoma paraaórtico e anterior a coluna vertebral; 8) Fratura do corpo vertebral de T9; 9) projétil de arma de fogo localizado plano muscular em posição paravertebral direita de T9-T10; 10) Ausência de lesão nos órgãos intra-abdominais.

DISCUSSÃO

O projétil de arma de fogo entrou no sexto espaço intercostal esquerdo lateral e inferiormente ao mamilo esquerdo (Figura I) dirigindo-se de anterior para posterior, da esquerda para direita e de superior para inferior alojando-se no plano muscular da região paravertebral direita de T9-T10. No trajeto o projétil causou lesão no lobo pulmonar superior esquerdo, lesão transfixante do ventrículo esquerdo, lesão do ducto torácico e fratura da vértebra T9. O disparo do projétil de arma de fogo tem característica de disparo a queima-roupa.

CONCLUSÃO

Diante dos dados colhidos durante o exame de necropsia, conclui o(a) legista que a morte de _____ foi produzida por choque hemorrágico resultante de ferimento perfuro-contuso no ventrículo esquerdo do coração.

RESPOSTAS AOS QUESITOS

Ao Primeiro: Houve morte?

Resposta: Sim.

Ao Segundo: Qual a causa?

Resposta: Choque hemorrágico resultante de ferimento perfuro-contuso no ventrículo esquerdo do coração.

Ao Terceiro: Qual o instrumento ou meio que a produziu?

Resposta: Instrumento perfuro-contundente.

Ao Quarto: Foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por meio



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIENTÍFICA
INSTITUTO MÉDICO-LEGAL



insidioso ou cruel? (resposta especificada).

Resposta: Não.

OBSERVAÇÃO

Foi retirado do corpo um projétil de arma de fogo e enviado à POLICIA CIVIL - DELEGACIA GERAL por meio do Ofício nº XXX, datado de 06/09/2013. Este Laudo se acompanha de uma folha de diagrama.

União da Vitória, 06 de setembro de 2013

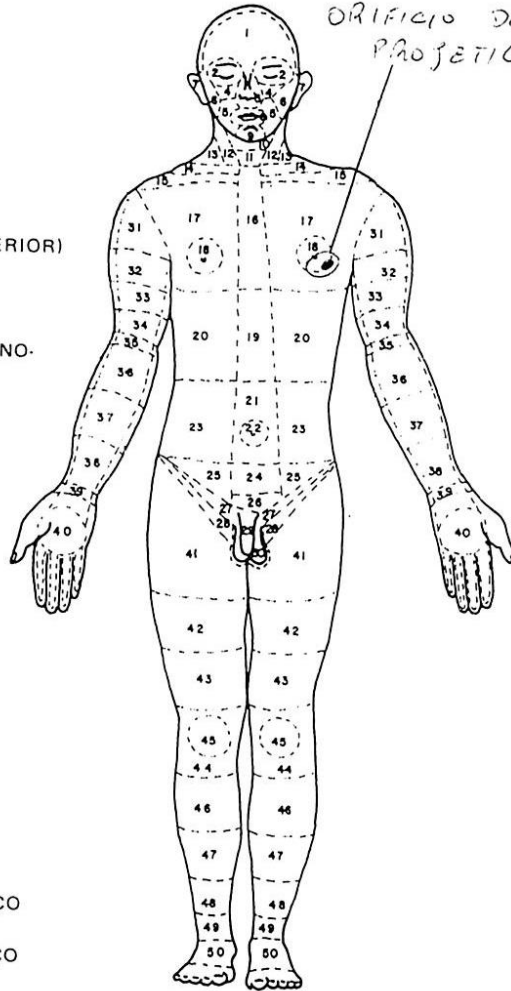
Médico(a) Legista

LAUDO SML Nº

FACE ANTERIOR DO CORPO

REGIÕES:

1. FRONTAL
2. ORBITAR
3. NASAL
4. MALARES
5. BUCINADORAS
6. MASSETERINAS
7. AURICULARES
8. LABIAIS (SUPERIOR e INFERIOR)
9. MENTONIANA
10. SUPRA-HIOIDÉIA
11. INFRA-HIOIDÉIA
12. CAROTIDIANAS (ou ESTERNO-CLEIDOMASTOIDÉIAS)
13. SUPRACLAVICULARES
14. CLAVICULARES
15. INFRACLAVICULARES
16. ESTERNAL
17. TORÁCICAS
18. MAMÁRIAS
19. EPIGÁSTRICA
20. HIPOCÔNDRIOS
21. MESOGÁSTRICA
22. UMBILICAL
23. FLANCOS
24. HIPOGÁSTRICA
25. FOSSAS ILÍACAS
26. PUBIANA
27. INGUINAIS
28. CRURAIAS
29. PENIANA
30. ESCROTAL
31. DELTOIDIANA
32. TERÇO SUPERIOR DO BRAÇO
33. TERÇO MÉDIO DO BRAÇO
34. TERÇO INFERIOR DO BRAÇO



ORIFÍCIO DE ENTRADA DO PROJÉTIL.

35. DOBRA DO COTOVELO
36. TERÇO SUPERIOR DO ANTEBRAÇO
37. TERÇO MÉDIO DO ANTEBRAÇO
38. TERÇO INFERIOR DO ANTEBRAÇO
39. PUNHO
40. MÃO
41. TERÇO SUPERIOR DA COXA
42. TERÇO MÉDIO DA COXA
43. TERÇO INFERIOR DA COXA
44. JOELHO
45. ROTULIANAS
46. TERÇO SUPERIOR DA PERNA
47. TERÇO MÉDIO DA PERNA
48. TERÇO INFERIOR DA PERNA
49. TORNOZELO
50. PÉ

APÊNDICE A – Questionário com o radialista

Este questionário é parte da pesquisa intitulada *Uma análise sócio filosófica de discursos acerca do suicídio à luz de Émile Durkheim e Michael Foucault*. Sua participação é muito importante para o andamento dela. Desde já, agradeço a sua compreensão e a sua participação.

Radialista:

- Idade: 42
- Sexo: masculino

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio?

Pelo acompanhamento feito por mim como repórter, a maioria dos casos está relacionada a depressão, alcoolismo, consumo excessivo de drogas ou problemas relacionados a fim de relacionamentos.

2. Entre os jovens esses números também veem aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária? E quanto a você, o que o(a) levou a tomar tal decisão?

Aí posso dizer que está dividido na maioria dos casos a relacionamento pessoais não correspondidos ou terminados, ou seja, ao fato de não aceitar o fim de relacionamentos e ao uso de drogas ilícitas como maconha, cocaína e crack.

3. Existe um código de ética que regulamenta notícias relacionadas a suicídios?

Não. Vale o bom senso no Portal VVale, FM Verde Vale e Jornal O Comércio. No caso da Rádio CBN ao qual eu trabalho há o manual de conduta que veda o uso da palavra suicídio, ou a divulgação explícita sobre esses fatos. Esse manual é nacional e vale para todas as emissoras da rede.

4. Por que alguns casos são expostos na mídia e outros não? Acredita estar relacionado à questão sócio econômica do suicida?

Não. Os casos são relatados de acordo com o pontencial chamado por alguns como apologia ao suicídio. Há uma discussão antiga em torno do assunto; Alguns especialistas dizem que deve-se divulgar para alertar a sociedade, outros afirmam que divulgando o veículo pode estar influenciando outras pessoas a cometer suicídio. Um estudante por exemplo, causa comoção pela idade tenra, já um doente comprovadamente depressivo provoca o sentimento de divulgar para alertar que as pessoas precisam e devem procurar ajuda profissional.

5. Quais os cuidados que devem ser tomados ao divulgar uma notícia sobre casos de suicídio?

O primeiro e mais óbvio é não divulgar sem o conhecimento da família com o intuito de divulgar primeiro. Outros fatores são a investigação rápida sobre a que perfil pertence o suicida e se possível os motivos, as circunstâncias que levaram a vítima a tal extremo.

6. Você acredita que o suicídio é uma escolha individual de quem o pratica ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida?

Nunca é uma iniciativa isolada, a condição emocional, psiquiátrica, patológica, o apoio familiar e a escolha por consumo de drogas são "stars" para quem busca o fim de um determinado sofrimento. Ninguém acorda, toma café e diz 'Vou me matar e pronto. Sempre tem um fator inicial, de meio ou final para tal iniciativa.

7. Considera importante travar debates sobre o assunto? Se sim, como e onde eles devem acontecer? Se não, por quê?

Muito importante, porque o jornalista quando se envolve com esse tipo de pauta pensa. Se eu divulgar, vou alertar a outras famílias a prestar mais atenção e dar apoio necessário aos seus. Por outro lado, o impacto da notícia pode ser interpretado como sensacionalismo do veículo, ou pior, como alguns defendem, influenciar outras pessoas a cometer o mesmo ato.

8. Qual o papel da mídia quando o assunto é Suicídio?

É de levar esclarecimentos de profissionais sobre o assunto, alertar quanto a males como a depressão, o tráfico e consumo de drogas e fomentar a consciência coletiva sobre o suicídio.

9. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente.

- Associar os fatos com políticas de saúde mental, como os CRAS;

- tratar o assunto de maneira pedagógica com crianças em idade escolar do ensino primário e fundamental (até 8ª Série);

- Abordar a associação entre consumo de drogas, marginalidade social e o caminho até o suicídio.

- Criar políticas de prevenção ao suicídio. Políticas públicas sobre tudo o que envolvem o assunto.

APÊNDICE B – Produções dissertativas dos alunos

CARMEM

Bom, pra começar tenho que confessar que faz semanas que estou me enrolando pra escrever isto. Primeiro que não é um assunto "fácil" particularmente falando. Segundo que o tema é SUICÍDIO, um tema que por si só já é polêmico e extremamente delicado. Mas pq toda está problemática envolto do suicídio, sendo ele uma "prática" que sempre existiu? Creio que a principal resposta seria porque estamos falando de VIDA, ou no caso a perda dela, sendo ela sempre zelada e protegida. Afinal quem não é Deus, não é digno de "destruir" aquilo que ele criou, não é mesmo? (risos) Mas agora, acredito que posso ser um pouco mais íntima neste "relato". Até porquê falar sobre a decisão do outro, não me parece nem se quer ético. É horrível precisar escutar, "julgamentos" de terceiras pessoas, que direito eu tenho de fazer isto? É impossível sentir a dor do outro! Seja qual for o seu motivo, o motivo era DELE!

Não temos como generalizar também, suicidas não criam padrão (na sua grande maioria). Digo isto por experiência própria, já ouvi de meus mais próximos afetos "ah, suicídio é apenas pra chamar atenção, depressão é frescura!" Ah, quem me dera fosse mesmo... Essas pessoas ao dizer isto se quer imaginavam que EU, estaria passando por SÉRIOS problemas mentais.

Sim! Eu, aquela que sempre foi olhada como "exemplo", como perfeição, como "cabeça no lugar". Ao atingir este assunto, prefiro aqui me conter em alguns detalhes, pois ao contrário do que já ouvi, não eu não quero chamar

atenção! E fiz isso de forma esplendida a vida toda, a minha depressão não começou na adolescência, ela me acompanha desde a minha péssima infância. Hoje, eu consigo falar sobre isto, alguns de meus amigos já sabem, porém minha família NUNCA acompanhou tal doença. Foi sempre o meu segredo, a minha dor, as minhas tentativas de tirar a vida. Quero afirmar aqui que Depressão não tem cura! Sinto muito em informar, mas é a mais pura verdade, muitos já disseram "agora me curei da depressão", mas não, você apenas superou uma mera fase do jogo. Fases estas que já passei por muitas, dentre elas: anorexia, bulimia, arrancar os cabelos, cortar o corpo, isolamento, negação, remédios ... a lista é enorme.

Hoje meus paradigmas mudaram e a morte não me parece mais uma opção, e tortura se limita ao psicológico. Mas posso me contar sem dúvidas muito melhor, aceitei quem sou, aceitei a depressão e aceitei viver! Sei que parece muito vago, falar que tenho depressão, sei pra quem estou escrevendo isto e a sua imagem sobre a minha pessoa kkk mas eu sempre fui doente. E não escolhi isto, infelizmente além de tudo, hoje tenho que aguentar dores físicas. Tenho fibromialgia decorrente da depressão. Oque sempre me faz lembrar de tudo que ocasionou esta maldita dor.

As experiências que tenho me fazem pensar de tal forma, com o paradigma que tenho hoje, a morte não se apresenta como uma solução ou alternativa. Isso acaba influenciando muito

a morte não se apresenta como uma solução ou alternativa. Isso acaba influenciando muito na decisão de qualquer pessoa, entre viver ou morrer, a questão é o que te motiva. Muitos se apegam na fé e isso lhes motiva a continuar tentando, para outros a vida é apenas o que podemos ver e quando morrer acaba tudo. Oque sem sombra de dúvidas é um "conforto" ao suicida, pois acabado tudo acaba-se ali também a dor.

Acabei de ler este último parágrafo e me parece palavras de alguém religioso... Mas olha que infelicidade, eu não fui agraciada com a fé, nunca tive tal privilégio. Sim! Ter fé é um privilégio, ela deixa tudo mais "simples", é uma alternativa mais fácil. Este é outro ponto que gostaria de comentar, desde criança eu já sabia que era atea, as catequeses nunca me convenceram, e acabei sendo taxada como ovelha negra da família. Este foi mais um ponto de solidão, era muito mais fácil acreditar em Deus e em toda a sua bondade, porém isto nunca fez sentido pra mim. A sua bondade nunca me atingiu. Estou triste comigo mesma no momento por este texto estar sendo escrito já faz três dias e sem coerência alguma. Então me desculpe por isso ...

... a minha ideia é tentar apresentar-lhe talvez uma outra visão sobre o "porque" morrer. O mais irônico é que estou pela primeira vez escrevendo e relatando, para alguém que realmente existe. Digo isto porque durante Toda a minha vida, escrevi desabafo ou simplesmente tentativas de me explicar. Pensei em enviar elas junto com este texto, porém só achei duas e não sei ainda se será necessário

acreditar em Deus e em toda a sua bondade, porém isto nunca fez sentido pra mim. A sua bondade nunca me atingiu. Estou triste comigo mesma no momento por este texto estar sendo escrito já faz três dias e sem coerência alguma. Então me desculpe por isso ...

... a minha ideia é tentar apresentar-lhe talvez uma outra visão sobre o "porque" morrer. O mais irônico é que estou pela primeira vez escrevendo e relatando, para alguém que realmente existe. Digo isto porque durante Toda a minha vida, escrevi desabafo ou simplesmente tentativas de me explicar. Pensei em enviar elas junto com este texto, porém só achei duas e não sei ainda se será necessário. Mas voltando ao suicídio em si, eu penso nas consequências que ele deixa, penso na família, nas pessoas próximas, é exatamente isto que muitas vezes nos segura vivos. Se formos de observar o suicídio está se tornando uma situação de doença pública, com números de mortes crescendo a um ritmo alarmante. Isso não pode ser tratado como normal, a sociedade está cada vez mais doente. Mas porque?

Bom, eu não sei responder e não aguento mais "tentar" escrever sobre. Só te peço desculpas pelos erros, e pelo "formato" de texto. Estou decepcionada comigo mesma. Mas foi tudo que consegui ... Boa sorte! Espero que consiga tirar coisas BOAS desse mestrado, e que todas essas experiências lhe ajudem de alguma forma... aliás pare de assistir a série lkkk isso não vai lhe ajudar. Beijos se cuida.

12:51

☺ Digite uma mensagem

☺ Digite uma mensagem

☺ Digite uma mensagem

☺ Digite uma mensagem

MÁRCIO

SUICÍDIO

Falar em suicídio é um assunto sério, muitos acham que é brincadeira, mas na verdade, na minha opinião, é um dos assuntos mais sérios. Tenho vários conhecidos que possuíam por isso, e também que foi o meu caso. Aos 34 anos de idade eu perdi o meu pai, para mim foi muito pois eu entrei em depressão cada vez mais difícil, até que cheguei em um ponto que eu via a morte para mim não tinha mais valor e tentei cometer o suicídio, apenas eu queria matar a minha dor, mas não consegui passar o tempo, e me internaram para fazer um tratamento fiquei 3 meses fechado dentro de uma clínica sem sair para ver o dia, entrei vez tentei cometer o segundo suicídio, depois me internaram em outra clínica, daí foi melhorando fui aconselhado por psicólogo e cada dia que passava ia cada vez mais melhor, hoje estou bem não penso mais no suicídio mas eu perdi vários amigos que cometeram suicídio, na minha opinião quando a pessoa vai cometer o suicídio ela não quer se matar, mas sim matar a dor, aquela angústia que a pessoa sente.

EVA

Uma questão vital.

As vezes estamos em casa assistindo tranquilamente um noticiário e o repórter começa a contar a história de uma pessoa que se suicidou, essa notícia muitas vezes nos chama a atenção e pensamos automaticamente o que levou essa pessoa a uma atitude tão extrema.

Mas o que eu acho é que cada pessoa é diferente sendo assim logicamente os motivos serão divergentes, alguns irão achar cometendo suicídio em decorrência de depressão, do uso de drogas, do negligência familiar, ou quem sabe ainda por uma rejeição por parte de outra pessoa há ainda aqueles que farão isso por problemas financeiros por se acharem incapazes de superá-los.

No entanto, independentemente dos motivos que levam ao suicídio duas coisas no meu ver são certas: é preciso muita coragem ou muito desespero.

O tão chamado "ato de loucura" como muitas conhecem o suicídio, no meu opinião é apenas o retrato da sociedade, pois ela é e sempre será, no caso, cominheiro ao lado do loucura e o suicídio nada mais é do que a consequência de quando esses cominheiros se encontram, pois mesmo inconscientemente a sociedade contribui para que isso aconteça, muitos dos que cometem suicídio recebem

mais atenção pelo forma como morreram do que pelo forma com que viveram.

Por isso acho que as escolas, universidades e empresas locais que mais concentram pessoas) promovem palestras com psicólogos para amenizar o caos que passa no cabeça das pessoas mesmo sabendo que é praticamente impossível distinguir os que serão capazes de cometer e os que não serão.

SAMUEL

Suicídio

O suicídio é um assunto muito polêmico, onde pode ser visto uma grande variedade de pensamentos distintos, que atribui ao assunto discussões presentes entre outros, as quais complicam a argumentação.

Tem a oportunidade de conhecer algumas pessoas que cometeram suicídio e outras que tentaram mas não conseguiram.

Para mim, o ato de cometer suicídio é muito triste, mas o que se pensa na vida da qual a pessoa totalmente seja a explicação de porque busca com tanta relutância este ato.

No mundo em que vivemos há tantas coisas que pressionam as pessoas, não tanto querer e não poder, não tantas dúvidas, que deprimem tanto as pessoas fazendo perderem o sentido da vida.

Por que menos casos atestam é necessário mais apoio ^{psicológico} das entidades governamentais as pessoas necessitadas.

VALÉRIA

Suicídio sem tomada conta cada vez mais de nossa sociedade, as pessoas comtem esta ação por diferentes motivos, por injustiças feitas contra elas, homofobia, racismo, e muitos outros casos.

Hoje em dia o desrespeito está presente em todos os lugares do mundo, fazendo muitas pessoas sofrerem.

Para mim o suicídio nunca vai acabar, porque nós seres humanos não damos o mínimo para os outros, principalmente quando não temos muito vínculo com o pessoa, e muitas vezes por nos satisfazer ou simplesmente para ganhar vantagem nos custos dos outros fazemos de tudo para conseguir alcançar nossos objetivos, independente se vamos machucar alguém.

Para mim esse tema deve ser abordado em muitos lugares não só em palestras, ou no escola, porque hoje pode ser alguém que não suportou tanto pressão, mas outro dia pode ser você o injustiçado!

VILMAR

Suicídio

Na minha opinião, o suicídio é algo extremamente grave, algo que deve ser percebido e ter a compreensão de todos, algo que deve ser debatido em sala de aula e junto com a família, para casos mais graves seria necessário a ajuda de alguém profissional.

É um estado em que a pessoa não está bem psicologicamente com ela mesma, talvez por doenças com ansiedade e depressão, bullying, preconceito, chantagem, entre outras coisas, a pessoa não se destrói, acaba levando tudo mais pro lado pessoal e acaba vendo como a única opção a morte, o suicídio, a pessoa não abre seu campo de visão para achar outro saída, não procura ajuda.

Muitos vezes a própria família tem alguma culpa, muitos vezes por causa de brigas, problemas, separações, entre outros. Também existe o suicídio por cunha, algo que envolve a religião ou para defender uma coisa, como um homem bomba.

NATACHA

Suicídio, uma saída?

Survivemos às vemos notícias com muita frequência de que pessoas se suicidam; ~~uma~~ ^{na} grande parte dos casos essas pessoas são diagnosticadas com uma doença, a depressão.

O ato de suicidar-se é visto como uma válvula de escape, ~~um~~ ^{uma} saída para essas pessoas. Porém vejo isso como um grande problema da nossa sociedade, porque algumas pessoas tratam esse assunto como algo sem importância.

~~Por~~ Existem países que "excedem" os casos de suicídio, pois tem medo de que se mostrarem, indignem a população a cometerem muito mais suicídios. Para mim isso é errado, porque se abriremos ao diálogo um assunto como esse, conscientizando e dando apoio às pessoas, como acompanhamento psicológico, os casos diminuiriam.

Temos que deixar bem claro que isso não é só uma saída por parte dessas pessoas. Pois a maioria das pessoas que veem o suicídio como uma saída, são várias coisas de que não estão bem, que estão passando por momentos difíceis, mas elas também sorriem, brincam, levam uma vida "normal" diante dos demais.

MARIVALDO

Suicídio

O suicídio na minha opinião vem a partir de um pensamento excessivo no suposto "perfeição" que uma sociedade impõe; Fazendo assim com que o indivíduo ache em si vários defeitos, quanto com seu corpo quanto com seu modo de pensar; assim ficando cada vez com mais pensamentos negativos. Chegando a um momento em que seu psiquismo não aguenta mais, achando seu melhor opor o suicídio.

Outros teóricos e os profissionais de saúde (médicos) que dizem que este comportamento provém do falta de uma substância que dá a pessoa infelicidade, insatisfação etc... segundo eles o uso de um medicamento pode amenizar estes efeitos.

Em alguns casos (at) apenas conversas com pessoas que entendam sobre o assunto e o auxílio pode resolver; já em outros casos o uso de medicamento é indispensável.

JOCIVALDO

Suicídio

No meu ponto de vista o Suicídio é um modo de suicídio, eu acho que a pessoa comete o suicídio pois ele não se sente bem fisicamente e psicologicamente.

A vida é da pessoa se ele quer se matar ele se mata, pois se não ficar pensando no bem dos outros não precisa vir fazer as que você quer.

Se o termo no meu ponto não precisa ser discutido pois é uma opinião da pessoa.

GENOVEVA

Suicídio

O suicídio é um problema que atinge pessoas de todas as faixas etárias, principalmente jovens que talvez por problemas familiares, desilusões amorosas, por sofrer preconceito ou racismo resolvem tirar sua própria vida para se livrarem do sofrimento.

Pessoas que tomam depressão e não se tratam, podem começar criar ideias de se matar, e o pior de tudo que as pessoas que tomam depressão escondem esse problema, e não recebem nenhuma ajuda.

Infelizmente na sociedade de hoje em dia, a visão que temos sobre o suicídio é muito preconceituosa, não tentamos ajudar a pessoa antes dela cometer isso, e após isso geralmente a julgamos.

A igreja católica julga muito o suicídio, pois ali se faz uma vida sem a vontade de Deus. Mas não é bem assim a igreja com o tanto dinheiro que recebe dos fiéis poderia criar um centro de ajuda para pessoas com depressão, pois a igreja julga pessoas que tomam essa doença, dizendo que é por falta de Deus, etc. Tem caso de padres com depressão, não tem como dizerem que isso é falta de Deus.

Quando percebemos que uma pessoa está se isolando, é sinal de depressão que pode levar ao suicídio, então devemos estar junto com essa pessoa, procurar ajudá-la para que ela não queira fazer isso e se livre desses pensamentos negativos.

OSVALDO

Suicídio:

Para mim o ato de cometer suicídio é suicida, pois hoje existem pessoas que se dispõem a ajudar quem sofre depressão ou pensa em suicídio.

No mundo opinioes denunciam ou mais felizes sobre esse assunto por que epidemia muitas pessoas a ver que o suicidio nao e unico coisa.

JUVENAL

Suicídio

Para alguns Suicídio é pra pessoas fracas, pessoas que não tem controle de si próprias, pessoas com depressão ou sem pontos ab corpo tem seus motivos, pois ninguém infelizes ou não conseguem fazer coisas do dia a dia a dia igual a outros pessoas saudáveis. Uma pessoa com saúde boa, com uma vida normal, não tem necessidade de se matar por decepções, como eu falei muito fraco.

JUAREZ

O Suicídio

O suicídio não é um tema muito abordado, o suicídio geralmente ocorre com pessoas que não tem o que fazer, pedida muito bem estar trabalhando, hoje em dia quando entra em uma rede social é difícil não encontrar alguém pensando algo sobre o suicídio, geralmente isso se ocorre nas redes, na vida real as pessoas simplesmente se cortam como se isso resolvesse alguma coisa. Essas pessoas se fingem, algumas pessoas realmente possuem depressão e isso é uma coisa séria, mas como eu disse tem essas pessoas que nas "redes sociais" se passam por suicidas.

ESMERALDA

Tema: Suicídio

Falar sobre o suicídio é complicado pois a pensamentos muito diferentes sobre esse tema. Acho que o suicídio está dividido em várias etapas, começando com uma pequena tristeza que se transforma em uma horrível escuridão. Não sou a favor do suicídio pois há várias maneiras de se "suar", existem amigos, familiares, professores, centros para pessoas com depressão, nem sempre foi assim, com todos esses recursos mas agora que tem sou a favor de usá-la.

A depressão não é brincadeira, mas hoje em dia com todas estas evoluções acho que muitas pessoas não querem ser ajudadas por se sentem sozinhas, elas nunca estão mas não aceitam outra opinião a não ser a dela.

Antigamente não era abordada nas escolas, mas hoje acho importantíssimo abordar este tema, para tentar evitar que mais alguém se (mãe) machuque | morra.

MARICILDA

Suicídio

Vou começar dizendo que era um pouco preconceituosa em relação ao suicídio, mas isso acabou quando esse fato aconteceu na minha família, até porque quando o problema é com o outro ou melhor na família do outro, a primeira coisa que fazemos é julgar, porém o caso muda totalmente quando afeta a nós mesmos. Mas confesso que ainda não entendo o porque, muitas pessoas leram para a questão religiosa, de que não tinham fé as pessoas que fazem isso, ou que o diabo tomou conta de seu ser. Enquanto outras pessoas dizem que a pessoa que comete o suicídio é egoísta, que não pensa na sua família e amigos. Mas acredito que cada um tem a sua opinião para tentar entender o suicídio.

Na minha opinião há vários fatores que colaboram para esse fato acontecer. Alguns deles: a questão familiar, brigas, desestruturamento dentro dos lares, a questão viciada em drogas, bebidas alcoólicas e vários outros. O desprezo, o preconceito tanto sobre os homossexuais quanto aos negros e vários outros tipos. O bullying, e até mesmo a questão do trabalho.


Algumas pessoas expõem nitidamente o que sabem, enquanto outras vivem no seu mundo parecendo não se importar com a opinião dos outros mas por dentro elas se remolem até isso causar algo pior. Já outros parecem viver normalmente, até felizes, nem nos passa pela cabeça que tenham tantos problemas para fazer isso.

Muitos deixam cartas se explicando e se desculpando, mas no meu ver as pessoas que sabem essa "contadinha" não procuram ajuda para que as pessoas que ficam não se sintam culpadas.

No geral tento entender o porque que muitas pessoas lutam pela vida, enquanto outros tiram suas vidas tão jovens, mas não acontece só com jovens, mas sim com todas as idades.


MANOEL

O Suicídio, na sociedade em que vivemos é visto como um "tabu", tornando difícil de se debater, devido aos inúmeros pontos de vista possíveis. Muitos defendem esta ação, outros a rejeitam, mas de forma alguma pode-se dizer se é certo ou errado, pois o fato é que existem os pessoas a realizar tal ato, muitas das vezes não nos dizem respeito. Em alguns casos a pessoa até busca algum tipo de ajuda, seja ela de amigos, familiares ou até mesmo em casos extremos, de psicólogos ou psiquiatras.

A maior parte dos suicídios, ocorre pelo fato de pessoas estar com depressão e ansiedade em um nível elevado, ocorrendo assim, por impulso o suicídio. Grande parte das pessoas se suicidam por motivos psíquicos, como por exemplo: uma briga com familiares, com namorado, ou às vezes por achar que sua vida é "uma droga", e inúmeros motivos mais. Para quem não está vivendo de acordo com o seu ideal de vida 

portar, é mais fácil ainda, julgar a pessoa. Muitos das vezes "deberiam ter um pouco mais de empatia, ou seja de colocar no lugar do outro, ou melhor ainda, tentar se meter no lugar do outro.

JOSEFA

O que dizer sobre suicídio? É fato que quando alguém comete suicídio a reação mais comum das pessoas é julgar, todos julgam mas ninguém procura entender. O suicídio ocorre em virtude de um problema, de uma determinada situação, certa angústia, ou coisas relacionadas a isso, mas certeza que são sentimentos individuais provocados pelo próprio indivíduo ou por outras pessoas. A pessoa que comete suicídio deve pensar que seus problemas não tem solução, e também na pressão da sociedade, pois é a sociedade que determina o que é certo ou errado, e a maioria dos indivíduos segue essa linha, e quando algo ou alguém foge de determinada linha é extremamente julgado e criticado. Muitos fatores levam uma pessoa a cometer suicídio, coisas que talvez só ela saiba, e que faz com que seus familiares que o amam se sintam culpados, pensando que deveriam ter evitado ou feito algo para impedir. O suicida procura dar um fim nos seus problemas, e às vezes não tem conhecimento e reação sobre o que está fazendo, pois a morte é uma ida sem volta. Na maioria das vezes sempre  há uma solução, mas no momento do impulso essa possibilidade não passa pela cabeça do suicida, e em função de segundos ele tira sua vida. Muitas pessoas tem distúrbios mentais e não sabem o que é de fato a morte, o fato é que o suicídio ocorre por muitos motivos, e é muito complexo entender esses motivos e o que se passa no cabeça dessas pessoas, mas posso dizer que para mim a morte não é a solução, sempre devemos procurar alguma saída e ter esperança, e como diz a música "tenho fé em Deus, tenho fé no vida, tenho outra vez".

PEDRO

suicídio

O suicídio sempre existiu, mas de uns anos para cá houve um grande aumento, mesmo com várias campanhas contra o suicídio isso acontece todos os dias em todas as partes do mundo.

As principais causas de suicídio são a depressão, o bullying, a homofobia e várias vezes as pessoas criticam quem comete suicídio falando que é fúria, falta de apoio dos pais mas ~~bravo~~ muitas pessoas não sabem o que aquela pessoa pensa, o que ela sente, muitas dessas pessoas cometem suicídio como uma saída de seus problemas.

Por isso cuido de meu filho que só fica no quarto, do sobrinho que no abrigo de família fica retirado, às vezes uma conversa, um abraço, um amigo pode salvar uma vida.

Eu já perdi um amigo para o suicídio ao ler a carta que ele deixou eu percebi o quanto ele precisava de ajuda, muitas das vezes a família o criticava por ele beber todos os dias mas ele encontrava na bebida a solução dos problemas que tentava alguém tentar e conversar, no final da carta ele ~~me~~ pediu perdão por ter feito aquilo ~~mas~~ mas isso foi a saída que ele achou pois ninguém gostava dele pelo fato dele ser um "bebido" para não dar mais desgosto a sua família e ficar de luz em seu último abrigo.

MARIA

♥ Sobre o Suicídio:

Tudo começa com a depressão a pessoa começa a questionar pra ela o que sente, os seus sentimentos ela começa a ver as coisas bem ver bem animado. É lá fica pra baixo seu auto estima fica baixo, ela já não tem mais ânimo pra fazer as coisas. Algumas pessoas demonstram que tá com depressão e outras já não demonstram.

Muitas ficam a noite pensando em uma forma de cometer o suicídio.

É muitas pessoas acham que cometer o suicídio é uma forma de alívio com tudo com o sofrimento, com o auto estima baixo sem ânimo pra viver.

É muitas pessoas falam que vão se matar e se matam. 🚫

Para tudo isso existe solução é só ir na igreja, rezar e pedir na oração que você vai conseguir sair dessa situação e ter fé e procurar o ajuda de uma que te escute que te entenda e possa te ajudar.

VIVIAN

Suicídio

Em relação ao suicídio penso que muitas coisas podem levar alguém a tentar contra a própria vida, coisas que nem passam pela nossa cabeça, mas que levaram alguém a se matar. As coisas que me vêm na cabeça é algum tipo de doença, onde não há mais prazer em viver e por quê, a pessoa ter cometido algum crime, estar sobre efeito de álcool ou drogas, ter algum problema psicológico ou mental ou até mesmo ter sofrido algum tipo de violência, são fatores que quem sofreu ou possui por isso chegou em um ponto onde o que restou foi acabar de uma vez por todas com a própria vida. Mas são coisas onde a sociedade acaba julgando, como o fato de alguém se matar por ter acabado algum relacionamento amoroso e não aceitava isso e a escolha que teve foi acabar com a vida. Mas em relação a isso penso que não é a melhor escolha pois quem fica, pode carregar a culpa, que é um sentimento muito diferente do amor e talvez se a pessoa não tivesse morto, tudo poderia com o tempo se resolver e os indivíduos poderiam até reatar esse relacionamento. Também há vezes que a pessoa nem merecia tanta atenção e quem morreu, pode estar cometendo um grande erro, onde o preço, chegou a tal ponto que restou a morte ou seja não foi a melhor escolha.

A sociedade acaba julgando muitas vezes por estar relacionado a religião onde quem tem o direito de tirar ou ver que chegou a hora de determinada pessoa é Deus, sim pode ser, mas vai sobre o que tal indivíduo estava pensando no momento em que se **redeal**

matou. É ninguém se põem no lugar do outro, pois quando não é consigo, por que vai ligar ou deixar de julgar. Na sociedade existe muito isso nós mesmos sem querer julgamos e parecemos em várias situações.

Então essa é a minha opinião pois não tenho conhecimento sobre suicídio, mas afirmo que jamais me mataria pois tenho muito medo da morte, coisa que muitos devem ter, porém penso que não devemos julgar ninguém, pois vai saber o que na verdade estava acontecendo com quem se matou.

MARGARIDA

Tema: Suicídio

Acredito que o suicídio é uma opção para quem tem pensamentos pequenos, pois para tudo tem uma solução. Mas esse tema é um tanto difícil de se falar e entender, a pessoa que pensa em se suicidar (acredito eu) não procura ajuda pois em algum momento alguém ou alguma coisa vai te trazer a vontade de viver.

Com este tema envolve muito a religião (pelo menos a minha que é Católica), pois na minha acredita-se que quem se matou fica em um purgatório sofrendo até chegar o dia que a pessoa deveria morrer.

Sou contra o suicídio, mas tem muita gente que acha que suicídio é uma solução para um problema. Então alguém que pode ser um suicida no futuro às vezes na sua adolescência apresenta alguns "sintomas" e com isso pode (talvez) ser ajudado a tempo.

APÊNDICE C – Questionário com o bombeiro

Este questionário é parte da pesquisa intitulada *Uma análise sócio filosófica de discursos acerca do suicídio à luz de Émile Durkheim e Michael Foucault*. Sua participação é muito importante para o andamento dela. Desde já, agradeço a sua compreensão e a sua participação.

Policial/Bombeiro

- Idade: 26 anos;
 - Sexo: masculino;
 - Cargo: Bombeiro Militar;
 - Hierarquia/insígnia: Soldado.
1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio?
R: Os motivos mais comuns são problemas ligados a relacionamentos.
 2. Entre os jovens esses números também veem aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?
R: Com relação aos jovens, além de problemas de relacionamentos há também problemas com sua entrada no mercado de trabalho e a cobrança dos demais sobre seu “sucesso profissional”
 3. O procedimento realizado pela polícia/corpo de bombeiros em casos de suicídio é o mesmo praticado em outros casos? Qual é esse procedimento?
R: O procedimento realizado depende do cenário encontrado no local da ocorrência, vítimas em óbito é acionado o IML e a Polícia Civil, não tendo nossa interferência. vítimas que chegaram a praticar a tentativa são atendidas e levadas ao hospital para tratamento de suas lesões. vítimas que estão ameaçando tentar o suicídio são as mais complicadas para nós pois cada caso requer um tipo de intervenção, e cada intervenção trás um risco tanto para os bombeiros quanto para a pessoa que está abalada psicologicamente, a intervenção geralmente começa em uma conversa amigável para tentar descobrir o motivo que está fazendo aquela pessoa tentar tirar sua vida, ao mesmo tempo é realizado um “plano B” que seria uma intervenção forçada, arrombamento de uma porta, decida com rapel, etc.
 4. A equipe da polícia militar/corpo de bombeiros realiza algum trabalho de conscientização e ou prevenção ao suicídio: se sim, quais?
R: O Corpo de Bombeiros não realiza nenhuma atividade específica, porém sempre participa

de campanhas como o Setembro Amarelo, mês de prevenção ao suicídio realizado em parceria com diversos órgãos.

5. Você acredita que o suicídio é uma escolha individual de quem o pratica ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida?

R: Acredito que as questões sociais são as principais responsáveis, relacionamentos amorosos ou até familiares e insucesso profissional.

6. Considera importante travar debates sobre o assunto? Se sim, como e onde eles devem acontecer? Se não, por quê?

R: Sim, deveriam acontecer nas escolas e universidades, pois são talvez os únicos lugares que teríamos atenção necessária para tratar de um assunto delicado como esse.

7. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente.

R: Em União da Vitória não temos um lugar específico para encaminhamento de vítimas dessa natureza, acabamos por levar para casas Hospitalares e Unidades de Pronto Atendimento onde a vítima é atendida e posteriormente devolvida a sociedade sem um tratamento mais aprofundado na real causa daquela ocorrência, exemplo disso temos vítimas que já foram atendidas mais de 3 (três) vezes para a mesma situação: tentativa de suicídio.

APÊNDICE D – Questionário

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Questionário Estudantes:

- Idade:
- Sexo:
- Instituição: () pública () privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória (PR), foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios vizinhos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

- a. () sim b. () não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

- a. () não b. () sim, uma única vez c. () sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

6. Você acredita que o suicídio é:

- a. uma escolha individual de quem o pratica
- b. ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida

Justifique sua resposta.

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- a. egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- b. altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- c. anômico (acontece porque o indivíduo não se “enquadra” naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Por que?

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- a. sim
- b. não

Por que?

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente.

APÊNDICE E – Questionários dos alunos

QUESTIONÁRIO 11

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

17 _____

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

A causa do suicídio não pode ser generalizada, pois cada indivíduo possui as suas razões, dores e paradigma. No caso dos jovens, é fato que a depressão se tornou uma doença em crescimento exponencial, ao meu ver, uma das principais causas da doença é a carência afetiva. Mas não se pode apenas apontar "uma razão", afinal existem vários motivos e ninguém está "protegido". _____

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

Creio que DEPRESSÃO, seria a resposta mais conveniente. _____

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

Questão de paradigma . _____

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim, porque ninguém merece passar pelo inferno e continuar vivo, trata-se de uma tortura mental. Recebendo alguma ajuda, (pode)acontecer das coisas melhorarem, é muito difícil procurar ajuda mas seria a melhor escolha.

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Depende do Que seria considerado esse "comportamento suicida", já presenciei vários casos de pessoas com depressão, passando por dias desesperadores. A minha reação foi tentar ajudar, conversar, mostrar que eu estava ali e que poderia contar comigo, aconteceram várias vezes e ainda acontece.

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

Na verdade, é uma questão pessoal, E os fatos sociais estão intrinsicamente ligados. Creio que está afirmação não necessita de explicação, é a realidade social.

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

"Nenhuma das alternativas", a mais coerente seria "anônimo", porém as pessoas não se matam apenas pq não se encaixam, existem casos de pessoas "encaixadas no padrão" que apenas não suportaram viver mais. Mas jamais será egoísmo!

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

A sociedade tem um certo tabu com a situação, muitas vezes é considerado "falta de Deus", egoísmo, mimado", não entendendo que se trata de uma doença, que é sério, e precisa de toda atenção.

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

QUESTIONÁRIO 38

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

16

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

A rejeição, não aceitação, problemas familiares, desgosto pela Vida real

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim,pois desabafar pode salvar uma vida

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Já, Não pensei que uma pessoa que pode ter tudo poderia querer se matar

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

É um fato social, a pessoa não se suicida por procurar prazer em morrer, e sim como alternativa de fugir dos problemas que uma sociedade impõe como meio corretos

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

Ser excluído do padrão social, ou desenganado por sentimentos , o indivíduo toma uma decisão drástica

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

Na maior parte alguém q não acredita em Deus, Ou alguém cm problemas psicológicos.Eu avalio a tentativa de suicídio como pedido de Socorro, e um suicídio uma maneira q um indivíduo não tratado acha "solução " de seus problemas

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

Muitas pessoas podem vir a perceber q não são os únicos que sofrem aquele tipo de problema, e assim se ajudar

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

Atenção diferenciada a essas pessoas, não julgando, procurando entender , enquanto jovens, todos possuem uma maneira sensível de percepção do mundo

QUESTIONÁRIO 41

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

16 _____

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

A pressão sobre o indivíduo em diversas áreas, na escola, trabalho ou até mesmo em outros meios, o desrespeito e um julgamento muito rígido, entre outros fatores

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

Não sei ao certo, desespero, angústia, tristeza, incertezas entre outros

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

Falta de coragem, medo de não conseguir e ser julgada posteriormente e também as pessoas que poderiam ficar tristes caso eu conseguisse de fato

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim, todos precisamos de ajuda em determinadas coisas, a busca pela ajuda é essencial para que o indivíduo conclua essa fase e supere os obstáculos

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
 - Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
 - Outro
-

Justifique sua resposta.

Creio que seja uma junção, do indivíduo como pessoa tendo problemas psicológicos ou não, é da sociedade contribuindo para que ocorra um sofrimento que leve o indivíduo a cometer tal ato

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
 - Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
 - Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)
-

Justifique sua resposta.

Não se baseia apenas nisso, porém é uma grande forma de pressão, onde o indivíduo se vê encurralado

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

Geralmente de forma negativa, como se o indivíduo estivesse querendo chamar atenção, ou fosse fraco, minha visão é a de que para alguém chegar a este ponto o sofrimento é muito grande, esse tipo de comportamento é muito sério e merece atenção

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
 - Não
 - Talvez
-

Justifique.

Com base em falas sobre o assunto, um conhecimento sobre a área, saber como lidar com isso e saber que alguém se importa e que há saída desse estado, pode ajudar o indivíduo de diversas maneiras, encaminhar quem pessoas precisa de ajuda, orientar o mesmo quando ele se encontra perdido.

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

QUESTIONÁRIO 45

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

15 _____

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

A falta de atencao tem sido uma das muitas causas dos suicídios,terminos de namoros,a vida que nao esta ocorrendo como foi planejada ou esta sendo difícil de ser enfrentada,ou ateh mesmo pelo simples fato de nao verem mais sentido pra viver e assim acham melhor tirar as suas proprias vidas...

O suicidio na juventude pode ter muitas causas mais uma delas eh a falta de atencao,a falta de uma simples palavra amiga,de uma mae junto com seu filho dando lhe a atencao q ele precisa,o bullying infelizmente tambem eh um dos meios de suicídios na juventude.

a esse jovem,o bullying tambem pode ser causa de um suicidio para um jovem,entre outros fatores.

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim. Porque muitas vezes a pessoa que for procurar uma ajuda terá melhores resultados e até pode mudar seus pensamentos, um médico por exemplo pode receitar remédio a essa pessoa que pode ajudá-lo muito nessa situação, e se continuar seu tratamento pode até parar de ter esses pensamentos e se livrar desses números de suicídios que só vêm aumentando em nossa sociedade.

sociedade

nessa situação

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Não e sim ao mesmo tempo porque eu tenho um membro em minha família que tentou se suicidar e ele todos os dias vinha em minha casa trabalhar então na hora do almoço quando ele estava sentado esperando servir o almoço eu via que ele só chorava vivia triste, dava pra ver em seu rosto que ela não tinha mais sentido pra viver, sempre retirado das pessoas o que isso não era o normal dele, tentamos levá-lo ao médico mas ele nunca queria ir, até que um certo dia ele foi ao médico receitou medicamentos, os quais ele não queria tomar porque achava que não iria fazer a mínima diferença, então depois de muitas conversas ele resolveu fazer o tratamento e ir ao médico e hoje ele está bem e saber que hoje ele talvez não estivesse aqui me comove muito, mas por sorte de "deus" e talvez pelo fato dele ainda ter um filho pequeno e uma família que o ama muito e muitos outros fatores ele se libertou desse seu pensamento suicida... eu via ele assim e não tinha reação alguma o meu único medo era que ele se suicidasse ou nunca conseguisse sair dessa sua vida sombria que estava vivendo... sorte de "deus" pensou que poderia deixar um filho pra trás e muitas pessoas tristes e resolveu salvar sua vida e se ajudar...

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

Não há uma coisa certa para que uma pessoa cometa o suicídio são muitos os fatores: falta de atenção, bullying, vida social de cada um, família talvez, ou até mesmo uma simples depressão, e muitas outras coisas cada um é cada um, todos têm os seus problemas mas tem uns que gostariam de pôr um fim em seus problemas da pior forma se suicidando...

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anônimo (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

Porque talvez não haja uma influência de pessoas não pelo fato de para a pessoa cometer o suicídio mas sim provocando-o, falando coisas absurdas sobre ele e que muitas vezes leva uma pessoa a cometer o suicídio

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

A sociedade ve como uma coisa muito louca uma coisa nada a ver como a pessoa se suicidou soh por falta de deus pq nao vai a igreja nunca reza,nao sabendo e quanto menos conhecendo a pessoa dai fica tao facil julga lo...

Fico muitp triste por ver esse indice cada dia almentando mais e mais,mais nao julgo um suicida porque nao conheco a vida dele de verdade,nao sei oq esta ou estava se passando em sua cabeça e os problemas q ele estava enfrentando,porque eh facil de julgar uma pessoa pelos seus atos mas conhecer o seu interior oq se passa ou passava dentrp dele ou dela q eh bom isso nada e assim preferem julgar os outros soh pelas suas aparencias...entao nao devemos julgar os outroa se nao os conhecemos de verdade... mais conhecer o seu interior oq se passa dentro dele ou dela eh tao dificil...nao temos q julgar os outroa pelos seus atos se nao os conhecemos...

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

Porque sempre devemos falar disso em escolas pelo simples fato de talvez ter um aluno q tem o pensamento de se suicidar e pode ser q debates possam mudar seus pensamentos,ou ateh mesmo procurar alguma ajuda.

Muitas vezes pode haver um aluno dentro de uma sala de aula q esteja presente mas nao esteja vivo dentro de si...

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

Eu acho q em todas as escolas deviam ter varios debates,trabalhos sobre o suicidio,para mostrar a verdadeira realidade disso o porque,oq se passa em suas mentes,pq fazem isso.

Nao se deve deixar esse assunto de maneira alguma de lado porque eh algo q sempre vivenciamos em nossa sociedade

QUESTIONÁRIO 54

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

20

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Depressão,ela é a maior causa de suicídio no mundo.

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

Rejeição da minha vó.

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

Pensei no meu destino,porque acredito que existe céu e inferno,confesso que por causa disso não tive coragem,e resolvi lutar contra essa dor da rejeição,e hoje me sinto muito feliz,e me arrependo de ter pensado em suicídio.

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Muito importante, pois cada um tem um problema diferente, e tem pessoas que não suportam levar aquele fardo no dia a dia, e precisam desabafar com alguém, todos precisamos na verdade, mas nem sempre somos compreendidos pelas pessoas, em vez de ajudar, só julgam, e por esse fato que existe muito suicídios, um minuto antes de alguém tentar se matar pode ser salva por uma conversa, um abraço pode mudar o pensamento de alguém, uma conversa pode salvar uma alma.

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Sim, eu implorei para que ela não fizesse isso, disse que essa pessoa podia contar comigo, conversei bastante, perguntei o porquê daquela ação, e chorei junto com ela. Depois nos abraçamos e ela mudou de idéia.

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

Cada pessoa tem um problema diferente que fica a torturando, e muitos desses problemas são relacionados a sociedade, a "padrões", por exemplo, muitas pessoas não são como a sociedade insiste em impor. A magreza é uma dessas "belezas" na sociedade, e ninguém é magro o suficiente para seguir esse padrão, somos todos diferentes, e mesmo assim algumas pessoas se importam tanto com isso, que chegam a ser preconceituosas com os outros, e se culpam por não andar no padrão. E por isso existe bullying nas escolas principalmente, até mesmo por raça, classe social, e por isso acontece tantos suicídios, as pessoas julgam umas as outras, e nunca se colocam no lugar do outro, são egoístas e ignorantes.

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

Cada um sente uma dor diferente, não podemos julgar o grau dessa dor, cada um tem um problema diferente, a sociedade é injusta.

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

A sociedade aponta essas pessoas como depressivas, e que são mimadas. Eu já vejo esse comportamento como um jeito que as pessoas pensam para aliviar a dor de alguma decepção, ou perda de um parente, está relacionado a depressão muita das vezes também.

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

Precisamos conversar sobre isso, falar sobre isso para tentar ajudar as pessoas antes que o suicídio aconteça.

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

Sim

QUESTIONÁRIO 63

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

15 _____

Sexo

- Feminino
 Masculino
 Outro: _____

Instituição

- Pública
 Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

- Sim
 Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Brigas de família, motivo dos pais não deixar namorar, bullying etc.

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

- Não
 Sim, uma única vez
 Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim. Procurar uma psicóloga para falar dos seus problemas, talvez ela pode recomendar um remédio, ou talvez uma amizade.

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Não

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

Essas pessoas que pensam em suicídio, ou praticaram, elas não querem tirar a vida, elas querem matar a dor.

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

A sociedade ve o suicídio como uma forma de frescuras, que foi pra chamar atenção. Pra mim essas pessoas que se suicidam são pessoas que estão com problema de saudade, e que tiram a vida por não aguentar mas a dor.

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

Por que precisamos debater mais sobre esse assunto, para podermos amenizar os suicídios, ou tentar ajudar uma pessoa que está passando por isso.

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

QUESTIONÁRIO 73

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

17 _____

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Depressão _____

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim pois a melhor saída para tal coisa séria a conversa principalmente com parentes e amigos, pois assim podem relatar o problema dando oportunidade a quem está ouvindo de ajudar de alguma forma.

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Sim tentar o diálogo, tentar mostrar que não valeria a pena pois poderia levar a família a um trauma os levando também a algum tipo de depressão.

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
 - Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
 - Outro
-

Justifique sua resposta.

Muitas coisas podem evar a essa escolha, porém, um dos fatores que mais influencia e algo decorrente a sociedade ou família a família como preconceito ou racismo por exemplo já que talvez algumas escolhas feitas pelo indivíduo não seja aceita pela sociedade.

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
 - Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
 - Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)
-

Justifique sua resposta.

Talvez se a sociedade entendesse as opções de todos o suicidio diminuiria muito pois há muito preconceito até na hora de pedir emprego como por exemplo vestimentas, tatuagens, cultura ou até modo de falar.

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

A sociedade julga como se fosse alguém que teve essa opção por si só ou como um egoísmo . Já eu vejo como um problema no qual engloba muitas pessoas e o mal que fazem a vida alheia.

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

Pois poderia ser como uma "prevenção" para o ato passando a visão de que o suicídio e algo que prejudicaria a todos em sua volta.

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

Tratamentos terapêuticos juntamente com o auxílio dos familiares para tratar o problema.

QUESTIONÁRIO 74

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

17

Sexo

- Feminino
 Masculino
 Outro: _____

Instituição

- Pública
 Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

- Sim
 Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Depressão e estresse

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

- Não
 Sim, uma única vez
 Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

Estresse

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

Não ia mudar as pessoas que estavam me atormentando e sim dá motivo para eles sorrirem com o fato de desistir de tudo.

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim, muitas vezes estamos tão perturbados pela dor e por querer acabar com ela q esquecemos que precisamos de ajuda, sem ajuda é mais difícil, até menos encontrar um motivo pra não cometer o ato.

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Sim, aconselha na hora, falei q a dor que a pessoa queria matar seria em vão, pois ela não mataria o gerador da mesma e sim a ela, se privando das felicidades e vitórias q a vida pode proporcionar.

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

O suicida não quer se matar e sim matar a dor, um dos fatores das causas dos suicídios são fatores sociais, por pressão psicológica, falta de afeto, depressão, estresse... etc. Isto demonstra que as pessoas são diariamente influenciadas pela opinião alheia e como vivem socialmente. Podem em algum momento,por conta desses fatores, vir a causar o suicídio.

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

Por exclusão

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

A sociedade vê o suicida como mais um estatística, eu vejo o suicida como a realidade do estado mais cruel que que mente humana leva uma pessoa com seu emocional afetado a comete-lo, por inúmeros fatores que não nos cabe muitas vezes a compreender. Mas que muito menos nos cabe julgar, pois em algum momento todos já pensamos em desistir de tudo.

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

A escola é a base da vida na sociedade, nela que temos as primeiras relações sociais. Porém a família é a base mais importante, a partir do apoio dela que cada ser tem forças pra enfrentar os piores dos fatores que poderiam ocasionar o suicídio. Então a relação do indivíduo com a família e a escola, com o conhecimento e compreensão dos debates sobre esse tema, que muitos suicidas mudaram de ideia e ainda podem mudar.

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

O suicida não é uma vítima, é um ser normal como todos nós, todos nós temos pensamento alto destrutivo, porém o suicida tem um barreira no seu emocional, um dor, que o faz cometer o ato. Nada justifica cometer, pois temos q administrar quaisquer situações que passaremos na vida, cada momento seja fácil ou difícil. A falta desse desenvolvimento(administrar ou fazer a gestão dos sentimentos) no seu interior, que as fazem cometer o suicídio.

QUESTIONÁRIO 76

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

17

Sexo

- Feminino
- Masculino
- Outro: _____

Instituição

- Pública
- Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

- Sim
- Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Q estão cansados da vida e querem botar um fim. As principais causas q levam ao suicidio geralmente é a depressão

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

- Não
- Sim, uma única vez
- Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim, para tentarem desabafar e explicar o que está sentindo, ele precisa de alguém que lhe ajude, que lhe dê atenção. Por que normalmente as pessoas só sabem julgar quem está passando por isso mas poucos tentam ajudar

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Sim. No começo fiquei sem reação, fiquei muito preocupada. Mas tentei de tudo para ajudá-lo

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

Penso que não é um egoísmo da pessoa mas sim da sociedade que o faz levar a isso

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

Acho que o suicídio acontece quando um indivíduo não se encaixa na sociedade e ele é julgado e não é aceito, por exemplo uma opção sexual

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

Muitos julgam falando que ele foi egoísta de pensar só nele e não na família por exemplo. Eu não julgo em nenhuma situação, porque só quem estava passando por aquilo sabe o tamanho do seu sofrimento

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

Pois ajudaria muitos jovens e adolescente que estão passando por isso. E também mostrar para aquelas pessoas ignorantes que isso não é brincadeira

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

QUESTIONÁRIO 77

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

17

Sexo

- Feminino
- Masculino
- Outro: _____

Instituição

- Pública
- Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

- Sim
- Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Talvez a pessoa não se encaixe nos padrões da sociedade e não encontre sua identidade. Ou talvez passa por um momento de dificuldade e não vê solução para isso. A solidão também pode influenciar nestes casos.

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

- Não
- Sim, uma única vez
- Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim, é importante "desabafar" pois ajuda a tirar o peso das costas e é mais fácil caminhar com alguém ao nosso lado, principalmente quando passamos por momentos difíceis.

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Não

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

Às vezes as pessoas podem ser cruéis sem perceber, e nem sempre é fácil conviver em sociedade, isso pode afetar seriamente a vida de alguém que não tem um preparo para lidar com essas situações

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

Situações difíceis que parecem não ter solução podem levar alguém a tomar certas decisões.

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

A sociedade geralmente rotula o suicida como um louco e raramente procura entender o que o levou a fazer isso. Eu particularmente procuro entender o que aconteceu com a pessoa e tento não julgar, afinal, ninguém sabe o que estava se passando com a pessoa.

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

É importante falar disso para que possamos compreender melhor o que pode levar alguém a cometer o suicídio, e conseqüentemente até ajudar as pessoas que precisam.

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

É necessário ter uma atenção com as pessoas, nas escolas, no trabalho, na sociedade como um todo. Vivemos em um mundo em que as pessoas são apáticas e egoístas, isso não deveria existir, é como se houvesse uma competição entre as pessoas, falta solidariedade e fraternidade.

QUESTIONÁRIO 78

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Talvez a pessoa não se encaixe nos padrões da sociedade e não encontre sua identidade. Ou talvez passa por um momento de dificuldade e não vê solução para isso. A solidão também pode influenciar nestes casos.

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim, é importante "desabafar" pois ajuda a tirar o peso das costas e é mais fácil caminhar com alguém ao nosso lado, principalmente quando passamos por momentos difíceis.

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Não

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

Às vezes as pessoas podem ser cruéis sem perceber, e nem sempre é fácil conviver em sociedade, isso pode afetar seriamente a vida de alguém que não tem um preparo para lidar com essas situações

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

Situações difíceis que parecem não ter solução podem levar alguém a tomar certas decisões.

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

A sociedade geralmente rotula o suicida como um louco e raramente procura entender o que o levou a fazer isso. Eu particularmente procuro entender o que aconteceu com a pessoa e tento não julgar, afinal, ninguém sabe o que estava se passando com a pessoa.

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

É importante falar disso para que possamos compreender melhor o que pode levar alguém a cometer o suicídio, e consequentemente até ajudar as pessoas que precisam.

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

É necessário ter uma atenção com as pessoas, nas escolas, no trabalho, na sociedade como um todo. Vivemos em um mundo em que as pessoas são apáticas e egoístas, isso não deveria existir, é como se houvesse uma competição entre as pessoas, falta solidariedade e fraternidade.

QUESTIONÁRIO 91

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

15

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Por relacionamentos que não dão certo, acham que não são importantes para o mundo, brigas com a família, depressão, falta de vida social, não sair de casa, etc.

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim, para não cometerem suicídio.

Para verem que não é necessário acabar com sua vida por motivos muitas vezes fúteis.

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Sim. Tentei ajudar, aconselhando, e conversando, deixando a pessoa desabafar e por tudo o que pensa pra fora.

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
 - Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
 - Outro
-

Justifique sua resposta.

É uma escolha, muitas vezes pelos motivos de depressão, ou falta de vida social.
É uma escolha errada a ser tomada, mais ainda é uma escolha.

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
 - Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
 - Anômico (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)
-

Justifique sua resposta.

O indivíduo não se enquadra nos "padrões" sociais, aí não vê outra escolha a não ser se matar.

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

A sociedade vê isso como um ato besta, que é feito por pessoas que querem aparecer.

Eu vejo como um ato besta, porém, acontece por motivos de depressão e não porque eles querem.

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
 - Não
 - Talvez
-

Justifique.

Sim, pois se debatemos mais, as pessoas se conscientizam e procuram ajuda nesses casos, então devemos quebrar esse tabu e debatemos mais isso em sala de aula

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

QUESTIONÁRIO 92

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

16

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Eu acho que é porq acontese alguma coisa na vida da pessoa e ela começa a ter depressao e ela começa a querer cometer suicidio eu acho que é quando acontese alguma coisa grave na vida da pessoa.

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicidio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

Por causa que havia muitas brigas me proibiam de fazer muitas coisas eu tinha medo de muitas coisas nada dava certo nao tinha amigos na época

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

Pensei na minha mae que ela ia sofrer muito e me apeguei a Deus

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Acho importante sim que ela pode desistir de cometer suicídio e existe varias coisas que podem ajudar essas pessoas

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Sim. Eu pensava em ajudar mas nao sabia como eu fala que essa nao seria a solução para os problemas dela

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

Que muitas pessoas falam para as pessoas suicidas porque nao se mata de uma vez isso é so drama e essas coisas

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anônimo (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

Que a pessoa faz por vontade própria a vontade vem de dentro dela

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

Nao tem como avaliar porque muitas pessoas nao demonstram os seus comportamentos suicidas

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

Porque muitos tao naquela fase de suicidio e nem ligam o que os outros falam eles so querem sabe da opiniao deles que o suicidio é uma solução

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

QUESTIONÁRIO 102

Alunos(as)

Este questionário é parte da pesquisa intitulada O CONCEITO DE SUICÍDIO PARA ALÉM DO ESTIGMA: UMA REFLEXÃO SÓCIO FILOSÓFICA. Sua participação é muito importante. Desde já agradeço!

Idade

18

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Instituição

Pública

Privada

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e ao Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Você tem conhecimento desse fato?

Sim

Não

2. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio? Entre os jovens, esses números também vêm aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Fim de relacionamento

3. E quanto a você, em algum momento pensou em cometer o suicídio?

Não

Sim, uma única vez

Sim, duas ou mais vezes

Se sua resposta for sim, apresente quais motivos o levaram a tomar tal decisão:

Tive uma desmotivação por parte de relacionamento

E o que o fez mudar você mudar de opinião quanto a praticar o ato?

Pq tem pessoas que sofreriam por mim por causa de problemas meus queridos podem ser superados

4. Você considera importante que as pessoas que estejam passando por momentos conturbados procurem ajuda? Por quê?

Sim , pois há sempre uma solução que pode vir por uma ajuda

5. Você já se deparou com alguém apresentando comportamento suicida? Qual foi sua reação?

Não

6. Você acredita que o suicídio é:

- Uma escolha individual de quem o pratica
- Ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida
- Outro

Justifique sua resposta.

Pois nunca é só um problema individual , a sociedade colabora para isso

7. Você caracterizaria o suicídio com sendo um ato:

- Egoísta (acontece devido a um individualismo exagerado)
- Altruísta (acontece porque o indivíduo está tomado pela obediência e força coercitiva do coletivo)
- Anônimo (acontece porque o indivíduo não se "enquadra" naquilo que a sociedade lhe oferece no momento, por exemplo, o desemprego)

Justifique sua resposta.

Pois é a única coisa que mais motiva as pessoas a cometerem esse ato

8. Como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar? E você, como avalia o comportamento suicida?

Cm alguém problematipo, exilado

9. Considera importante travar debates sobre o assunto no interior da instituição escolar?

- Sim
- Não
- Talvez

Justifique.

Pois é onde ocorre boa parte das motivações para o querer fazê-lo

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente

APÊNDICE F – Análise do laudo de necropsia

NATÁLIA E EMÍLIA

Viés científico do suicídio, funciona?

Ao longo dos anos a ciência vem conseguindo avanços significativos nas áreas médicas, e como sempre tenta responder questões vitais com palavras difíceis.

Analisando o laudo de necropsia, do senhor Pedro Gomes do Silveo, constatamos que mais uma vez que a ciência encobre verdades duras (suicídio) ao utilizar descrições vagas ou mesmo ambíguas quando uma palavra poderia esclarecer a causa da morte.

Quando a ciência estuda o ser humano, parece que a individualidade acaba (importa apenas a forma física básica que todos apresentam), como por exemplo a descrição do laudo de necropsia que refere-se às roupas e tantos outros detalhes fisiológicos e a ausência de escolha que a pessoa descrita fez em vida.

Indo além do laudo, percebe-se que não há uma realidade humana dentro do científico, suicídios viram números, deixam de ser pessoas e quem sobrevive (literalmente sobrevive) precisa conviver com a ausência de qualquer assistência e resposta.

Trabalho de filosofia

Analisando os laudos podemos perceber que não fica claro em momento algum que a causa da morte foi suicídio.

Infelizmente, este é um assunto que é tratado ainda como tabu, evita-se falar a respeito, evita-se mostrar os dados, a verdade é que esse assunto é mais comum do que pensamos e está cada vez mais presente na vida das pessoas.

Mesmo que talvez não haja divulgação dos muitos casos existentes, por trás dos portões há muitas pessoas que tiram suas vidas, pelos mais variados motivos.

APÊNDICE G – Debate sobre as entrevistas

COMENTÁRIO 1

Achei interessante ele citar a não aceitação da própria imagem, são vários fatores interligados, começa com um e vai envolvendo outros até a panela de pressão estourar e o indivíduo resolver por um fim na vida! Foram respostas curtas, talvez por ter pouco conhecimento sobre o assunto, por ser pouco comentado, mas a forma com que ele falou mostra que possivelmente ele não tem preconceito sobre o assunto. Creio que por meio de suas aulas ele pode trabalhar o assunto também, pois vários atletas famosos podem já ter cometido o ato e a mídia tratado como uso excessivo de anabolizantes, doping, etc.

Curtir · Responder · 1 a

COMENTÁRIO 2

Por estar falando usando a profissão como veículo, faltou a opinião do mesmo, ele preocupou-se muito com a parte profissional, talvez essa era a ideia mesmo, trazer o profissionalismo.

Concordo que quando se trata da vida pessoal do indivíduo devemos manter a ética.

Discordo quando ele falou que o suicídio é um extremo, pois é tratado assim por conta do grande tabu que algumas pessoas têm com o assunto, o manual de conduta veda a palavra suicídio, talvez por esse mesmo motivo. O tabu sobre o assunto leva a conflitos quando se é divulgado, o que pode gerar um grande "pepino" para as rádios.

Creio que ele deve ser muito neutro em seu trabalho, porque ele mostra os dois lados da moeda quando se trata de "divulgar o suicídio" e a consequência da divulgação.

Curtir · Responder · 1 a

COMENTÁRIO 3

Eu gostei e concordo quando ele diz que o uso em excesso de algumas substâncias (álcool, drogas) poderia ser considerado como uma forma de suicídio, no meu ponto de vista quem tem esse tipo de atitude, se entrega totalmente a essa vida do alcoolismo ou da dependência química, está "adiando" o seu suicídio.

Achei importante quando ele cita que uma das medidas para reduzir os dados tão alarmantes do suicídio, seria informar a população, porque na maioria das vezes o povo fala tanto sobre o assunto mas nem procura entender o que se passa realmente. Acredito que um grande número de pessoas não sabe o que é uma saúde mental, podem deduzir que é a saúde da mente pelo nome né, mas como cuidar dessa saúde? Como não afetar a saúde mental do seu colega? Como lidar com alguém que não está com a sua saúde mental em boa condição? O que falta é informação, se todas as pessoas tivessem um conhecimento básico da realidade dessas situações, ficaria bem mais fácil de lidar com elas.

Eu concordo quando ele diz que para o tratamento de um suicida, só a psicologia agindo pode ficar difícil de "fazer efeito", mas acho que apenas em casos extremos isso se aplicaria. Porque a partir do momento que você envolve medicação no tratamento tem uma série de riscos. Imagine que uma pessoa vive a base dessa medicação antidepressiva, quando esse remédio lhe faltar, os pensamentos suicidas virão novamente? É como se a pessoa vivesse dopada. Nessa parte, eu acho que seria essencial tentar amenizar e até solucionar essa situação no psicológico da pessoa, pra não ficar uma pessoa dopada de remédios para a vida toda.

Na questão social, voltamos a falar da informação. Uma sociedade mal informada sobre o assunto, ainda trata o suicídio como um tabu. Ainda há um certo receio em falar sobre isso, consideram pessoas suicidas como pessoas fracas, quando na verdade precisa de um ato de extrema coragem pra chegar nesse ponto. As vezes a falta de diálogo (porque preferem não falar sobre esse

assunto) desencadeia outros problemas. Por exemplo, muitas pessoas preferem não tocar no assunto com os familiares de suicidas. Na minha opinião, é nesse momento que deveria existir um diálogo com essas pessoas, porque é nesse momento que elas estão muitas vezes se sentindo culpadas, isoladas e consequentemente ficariam vulneráveis e propensas a ir pro mesmo caminho.

E nos casos em que tocar no assunto com os familiares se torna algo difícil devido a uma série de fatores, como por exemplo os familiares que se fecham e não conseguem falar sobre o assunto. Acho que deveria ter um acompanhamento com essas pessoas, visando não ter mais um caso de suicídio na família. Porém, algumas pessoas não aceitam o acompanhamento psicológico pela ideia de ter que ir ao psicólogo (que também é um tabu, principalmente para pessoas mais velhas), nesses casos que eu digo a importância da informação. Porque nesse momento, um próprio parente que tivesse um conhecimento básico de como lidar com o suicídio e suas consequências, já ajudaria muito.

OBS: espero que tenha dado para entender o que eu quis dizer

Amei · Responder · 1 a



APÊNDICE H – Questionário de aluna que tentou suicídio

LUCIMARA

Alguém que tentou o suicídio

Este questionário é parte da pesquisa intitulada "Uma análise sócio filosófica de discursos acerca do suicídio à luz de Émile Durkheim e Michael Foucault". Sua participação é muito importante para o andamento dela. Desde já, agradeço a sua compreensão e a sua participação.

Idade

24

Sexo

Feminino

Masculino

Outro: _____

Profissão

Só estudo

1. De acordo com dados coletados junto ao Instituto Médico Legal (IML) e Corpo de Bombeiros de União da Vitória, foram muitos os casos ou tentativas de suicídio em União da Vitória e municípios próximos nos últimos 5 anos. Quais motivos você acredita serem os mais comuns e capazes de levar o indivíduo a cometer o suicídio?

Podem ser vários motivos , mas a Depreção junto com problemas pessoais , ainda são a maioria dos casos .

2. Entre os jovens esses números também veem aumentando, quais seriam as principais causas relacionadas a essa faixa etária?

Eu acho que é o mal da nossa geração, a tecnologia aproximando quem está longe e afastando quem está perto. Cada vez mais jovens com Depreção e todos em volta achando que é frescura.nao tem como dizer exatamente porq existem milhões de motivos que podem levar alguém a não querer viver mais.

3. E quanto a você, o que o(a) levou a tomar tal decisão? Essa decisão foi tomada uma única vez ou não?

Na verdade eu tenho depreção desde os 11 anos, sempre tive muitos problemas com a minha mãe, recentemente perdi a guarda da minha filha maior, problemas com pensão, o único horário que eu tenho para fugir de tudo isso é quando estou na escola, mas da meio dia e eu tenho q voltar para uma realidade cheia de problemas, eu tentei suicidio umas 5 vezes, com 11 anos eu ia tomar veneno, mas não tive coragem, duas vezes tentei me inforçar , mas também não tive coragem, até que uns meses atrás tomei 5 cartelas de comprimido , mas ninguém ficou sabendo fora o meu marido que na época também achava ser frescura, e por último me joguei da ponte mas os bombeiros me pegaram no ar. Eu fiz isso porque estava esgotada de tudo oque estava acontecendo, não aguentava mais, e esse mundo não tem nada que me atraí , eu só não tinha mais vontade de nada, muito menos de viver. Olhava para a minha vida e não via motivo nenhum de estar aqui, cercada por pessoas e ao mesmo tempo invisível, como se eu nao fizece falta para ninguem, tudo que deixa os outros felizes, não tinha graça pra mim, eu só queria ficar no meu quarto. sem ver ninguém, sem falar com ninguém, sem ter que sorrir para as pessoas pra fingir que está tudo bem. Esse mundo é uma droga, esse é o verdadeiro motivo de tantos suicídios, agente só não quer mais estar aqui.

4. Você chegou a conversar com alguém sobre o momento conturbado que estava vivendo? Se sim, qual foi a reação dessa pessoa? Se não, o que o fez com que não desabafasse com ninguém? Qual era sua idade quando isso aconteceu?

Antes de tentar suicidio cheguei a conversar com algumas pessoas mas falava pouca coisa, muitas vezes não conversamos com ninguém por que as pessoas não se importam , cada um tem seus problemas , suas vidas acabei não falando com ninguém. Nessa última tentativa de suicidio eu estouv com 24 anos a primeira vez foi com 11 anos.

5. Você acredita que após o indivíduo ter decidido por suicidar-se ele pode reverter esse quadro? Como isso seria possível? E quanto a você, quais motivos foram determinantes para não tentar praticar o suicídio novamente?

Acho que o tratamento com remédios ajuda bastante, tem me ajudado muito, os pensamentos suicidas vem , as vezes ainda da vontade de desistir, e na verdade só não tentei de novo por causa das minhas filhas, mas continuo achando esse mundo detestável. Ninguém se importa com ninguém. São poucas as pessoas que ainda se importam.

6. Você já se deparou com alguém apresentando o mesmo comportamento que você? Qual foi sua reação?

Já conheci pessoas com depreção , mas nenhum suicida , não cheguei a conversar muito sobre o assunto.

7. Você acredita que o suicídio é uma escolha individual de quem o pratica ou questões sociais estão atreladas a opção de pôr fim à vida? E com relação a você, o que “pesou” mais ao decidir pelo suicídio?

Depende, mas acho que na maioria dos casos questões sociais sempre estão atreladas , para mim oque me fez perder a graça na minha própria vida foi esses conflitos familiares o tempo todo, é uma bomba atrás da outra , de tanta preção eu entrei em desespero , e perdi a noção de tudo oque eu estava fazendo.

8. A partir da sua experiência, como a sociedade vê um suicida ou alguém que tentou se suicidar?

Bom, minha família acha que foi para chamar a atenção, oque é uma idiotice , porq se eu quisece só chamar a atenção eu não colocaria minha vida em risco, chamaria a atenção de outro jeito, mas fora minha família, meus professores amigos e conhecidos me vêem como alguém que realmente não estava bem, e precisava de ajuda. Então me ajudaram e me apoiaram muito.

9. Considera importante travar debates sobre o assunto? Se sim, como e onde eles devem acontecer? Se não, por quê?

Acho que é muito importante, isso deveria ser debatido principalmente nas escolas, hoje em dia aos adolescentes de 10 ,11 anos ja pensam em suicidio , se cortam, e todos ainda acham que é para chamar a atenção, se fosse trabalhado mais isso na escola, se os alunos se sentissem mais seguros , e apoiados muitos suicídios seriam evitados, pois sempre antes de tentar suicidio agente sempre procura alguém pra conversar e não encontramos, pedimos socorro mesmo que indiretamente e muitos ignoram , até que chega um dia que é tarde de mais.

10. Esse espaço foi reservado para apontar contribuições que você julga necessárias e que não foram abordadas anteriormente.

Eu queria que as pessoas entendessem que depreção é uma doença, não é frescura, e que dizer que é frescura só aumenta nossa vontade de não estar mais aqui. Um suicida só chegou nesse ponto porque não vê outra saída. Já perdeu a vontade de tudo, para um suicida nada importa mais, a não ser a vontade de não estar mais aqui.

